
CHERYL HOLT
A RAINHA DO ROMANCE SENSUAL
LIGAÇÕES
proibidas
Ele ensinou-lhe o significado da paixão...
Quinta Essência

Ficha Técnica

Título original: Love Lessons
Título: Ligações Proibidas
Autor: Cheryl Holt
Tradução: Margarida Malcato
Revisão: Domingas Cruz
Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.
ISBN: 9789895558599
QUINTA ESSÊNCIA
uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, 2
2610-038 Alfragide
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01
© Cheryl Holt, 2001
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com
www.quintaessencia.com.pt
www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

1

LONDRES, 1812

James Stevens entrou no seu escritório e fechou levemente a porta. Não se deu ao trabalho de trancá-la. Os seus empregados estavam bem treinados e ninguém se atreveria a entrar enquanto ele conduzia a entrevista vindoura. Não porque temessem a sua ira, caso o interrompessem, mas porque nenhum deles queria testemunhar a sessão de *súplica* que ele estava prestes a suportar. As reuniões eram sempre desagradáveis, mas ele aprendera cedo que os encontros eram apenas uma das muitas facetas desagradáveis do dono de um estabelecimento de jogo.

A mulher que o esperava na pequena sala não se sentara nem se servira do tabuleiro de chá que o criado lhe deixara. Tal como quase todos os outros que apareceram antes de si, estava demasiado ansiosa para desfrutar do conforto que a comida e a bebida ofereciam. Permanecia junto à janela, observando a rua alcatroada e movimentada, com os olhos a observar, sem realmente ver, a multidão e as carruagens que passavam. A rigidez dos seus ombros denunciava a sua determinação.

A aborrecida chuva de março batia suavemente na janela e o céu cinzento sombreava-lhe a figura de um modo muito interessante. Ao chegar, ela removera a capa, pelo que ele podia estudá-la abertamente com os olhos a absorver todas as curvas e vales acentuados pelo corte do dispendioso vestido azul-escuro. Era um vestido simples – que ela provavelmente passara horas a escolher antes de decidir que era apropriado para a ocasião –, contudo, a

excelência do corte dizia que levava uma vida de riqueza e de privilégio incompreensíveis.

Era baixa, o topo da cabeça dava pelos ombros dele, e mais magra do que normalmente ele gostava que as mulheres fossem. No entanto, era possível que a tensão do atual momento da sua vida lhe tivesse provocado uma perda de peso recente. A cintura era fina; provavelmente ele conseguia contorná-la com as mãos, pois o espartilho estava bastante apertado. Embora o resto do tronco curvilíneo estivesse escondido debaixo do arco da saia, ele tinha uma imaginação fértil. Era fácil visualizar a forma das ancas, as longas, longas pernas, os pés delicados.

Estreitando os olhos, olhou para a nuca dela, imaginando qual seria a cor do seu cabelo. A maior parte estava tapada pelo chapéu, apesar de um caracol perfeito cair livremente. Era louro, o que o fez pensar que os olhos seriam azuis. Via-se um pouco da pele nua do pescoço, pálida e cremosa, do género da das senhoras ricas que podiam pagar os caríssimos cremes e pós necessários para mantê-la suave e jovem. Um aroma delicado a rosas, francês, pelo cheiro, pairava ao longo da sala e aguçava-lhe as emoções masculinas.

Desde a pena do chapéu, ao tecido do vestido, aos sapatos de pele, ela era a imagem perfeita da nobreza e riqueza inglesas.

Os dedos enluvados tocavam distraidamente na reticula e provocavam-lhe, decerto, cenas terríveis na mente. Cenas de ruína, de pobreza, de desgraça. De não ter um teto sobre a cabeça, nem comida para os filhos. De perda de todo o seu estilo de vida.

Devia estar absolutamente aterrorizada, contudo, tal como todas as outras senhoras inglesas que ele conhecera ao longo dos anos, era demasiado educada para revelar qualquer sinal de emoções fortes que deviam ser mantidas por debaixo da superfície. Além disso, se havia alguma coisa que ele tinha aprendido nestes diálogos de partir o coração era que as mulheres com quem falava não tinham a mais pequena ideia do que realmente as esperava. A

falta de agitação dela era provavelmente um indício da sua incapacidade de compreender a gravidade da situação.

Ela podia prever, a todo o momento, o tipo de horrores que poderiam afetá-la, todavia, os destinos em que pensava ainda não passavam de meras hipóteses. O seu medo não era evidente, pois continuava a não querer acreditar que o pior ainda estava para vir. No seu mundo, nunca aconteciam coisas más.

Ele não podia culpá-la; não podia culpar nenhuma delas. Todas estavam seguras de que o que quer que os seus caprichosos maridos tivessem cometido, poderia ser solucionado com uma discussão racional. Se a conversa não chegasse, sempre havia outros meios. Por mais nojento que parecesse, ele quase se deleitava ao ver até onde as suas visitantes chegariam para salvaguardar os seus domínios.

Já lhe tinham passado diante dos olhos todos os tipos de suborno: dinheiro, joias, a prata da família, obras de arte de valor incalculável. O que quer que as mulheres possuíssem, estava pronto para ser oferecido de modo a manterem as suas existências seguras. As mais desvairadas acabavam sempre por se oferecer a si próprias. Quando as reuniões pendiam para esse lado, ele desejava ter seguido o conselho do pai e ter comprado uma comissão no exército.

Qual o grau de desespero da mulher de pé, no outro lado da sala? Quem seria o seu marido e o que perdera ele no jogo? A casa? Os fundos? A herança dos filhos? O que valia a pena fazer para adiar um futuro que se dirigia a ela como uma carruagem a alta velocidade? Que ato humilhante estaria disposta a fazer, nas suas tentativas falhadas, para se salvar a si própria e à sua família?

Como ele odiava aquilo!

Quando os encontros terminavam, ele ficava tão irritado que o seu irmão Michael lhe dizia que devia parar de receber as mulheres que vinham implorar a sua ajuda. No entanto, James não as podia mandar embora sem que elas lhe dissessem o seu preço. Apesar de

nunca ter sido admirador do tipo de mulheres gentis que o procuravam, não conseguia deixar de apreciar a pouca coragem que revelavam ao arriscarem tudo numa tentativa fútil para resolver os seus dilemas.

Era preciso uma grande coragem para virem nas suas lindas e anónimas carruagens alugadas. Batiam suavemente à porta da entrada dos criados, vestidas de maneira discreta, com chapéus de véu no rosto, enquanto faziam os educados pedidos para uma reunião. Só o facto de aparecerem sozinhas naquele bairro, onde uma verdadeira senhora não tinha nada a fazer, era a prova da sua determinação. Ele sentia-se obrigado a falar com elas e convenceu-se que lhes estava a prestar um bom serviço.

Poucas tinham a noção exata da realidade da sua situação. Normalmente, não detinham o controlo das suas vidas. Eram tão protegidas por pais, irmãos e maridos que não faziam a mínima ideia do valor do dinheiro, de onde vinha, para onde ia. Acreditavam piamente que podiam reparar o dano causado pelos familiares de sexo masculino.

Se nada de mais substancial ocorresse durante as discussões de coração aberto, ele normalmente era capaz de abrir-lhes os olhos para a verdadeira realidade dos seus problemas. Apesar de não ser uma pessoa intencionalmente cruel, exibia modos rudes no tratamento das suas hóspedes. Não era gentil, não era paciente e não se podia dar ao luxo de o ser. Não havia nada que pudesse fazer por elas, e elas precisavam de compreender isso. Devido ao seu comportamento em situações como aquela, ganhara a reputação de homem bruto e difícil.

Não o era, mas não podia mostrar nenhuma fraqueza, ou as mulheres partiriam a pensar, erroneamente, que a salvação era possível. Todas tinham de se preparar para a calamidade que se aproximava. Se ele as assustasse com a confrontação dos seus dramas atrozes, então o seu esforço seria bem sucedido.

– Boa tarde, minha senhora – disse ele. Não teve intenção de lhe perguntar o nome. Naquela altura, era raro alguma dar o nome verdadeiro. Era óbvio que ela não reparara que ele tinha entrado, pelo que se virou ao ouvir a saudação. – Sou James Stevens. Disseram-me que deseja falar comigo.

– Boa tarde, Mister Stevens. Obrigada por me receber.

A voz dela era baixa e rouca, profunda, como se tivesse acabado de suspirar algo deliciosamente erótico. O timbre evocava imagens de uma sala quente, de troncos suados, de lençóis manchados, de cheiro a sexo no ar.

Os seios dela captaram-lhe a atenção; não conseguiu deixar de reparar neles. Apesar de o vestido ser muito modesto, o decote era baixo de acordo com a moda em vigor, o espartilho elevava-os e espetava-os até presenteá-lo com uma vista de carne tentadora. Os montes perfeitos eram cheios e redondos, saindo do corpete como se se quisessem transbordar para que ele os examinasse. Conseguia imaginá-los a preencherem-lhe as mãos, a pele dela quente contra a sua, os mamilos rosáceos duros e alongados a pressionarem-lhe as palmas.

A possibilidade improvável fê-lo soltar uma gargalhada para dentro.

O que pensaria a aflita criatura se lhe conseguisse ler a mente naquele momento? Estava ali numa missão infeliz, na esperança de proteger a família, e ele imaginava-a nua, esticada sob si e servindo as suas necessidades carnais.

Mas a vida era assim. Ele já passara por muitas situações daquelas, sabia como acabavam – mal – e preferia concentrar-se em tópicos bastante mais interessantes. Como o fabuloso peito dela. O decote que exibia era tremendamente tentador.

O rosto dela estava coberto pelo véu do chapéu. Tudo o que era visível era a boca, com uns lábios exuberantes, molhados e carmesim, como cerejas maduras. Era o género de boca que fazia com que um homem perdesse a concentração. Só de olhar para ela, começou a imaginar os vários usos que lhe podia dar. Era capaz de

visualizá-la muito claramente a ajoelhar-se, a tomá-lo, a dar-lhe um prazer espantoso.

Nervosa, ela passou a língua pelo lábio superior, a ponta rosa visível quando a usou delicadamente. Enquanto ele observava, sentiu um desejo ardente que o levou para além da fantasia até ao reino das potencialidades. Para sua grande consternação, conseguiu ver-se a participar no que ela acabaria por sugerir quando as palavras já não servissem. A descoberta era extraordinária.

Desde que tinha o estabelecimento de jogo, havia dez anos, nunca se aproveitara de nenhuma abertura que as mulheres desesperadas haviam feito. Não que nunca se tivesse sentido tentado, pois sentira. Muitas delas eram incrivelmente bonitas e negar as suas propostas – para se tornarem suas amantes, para lhe proporcionarem favores sexuais frequentes em troca de cheques, para se transformarem no que ele quisesse – era, muitas vezes, difícil. Afinal, tratava-se apenas de um ser humano. Ainda para mais, tendo em conta as suas experiências de vida, não se podia culpar por querer metê-las no devido lugar.

Ainda assim... pensar em quebrar a regra que se impusera a si próprio não era algo que normalmente fizesse, o que o intrigava. O que tinha aquela mulher? Era óbvio que emitia sinais invisíveis aos quais o seu corpo reagia. Estava tão preso a ela como um homem poderia estar. Preso ao aroma, ao mais pequeno movimento dos seus músculos, ao calor da sua pele. Como um animal domesticado, parecia ter consciência de tudo acerca dela, como se fosse o primeiro a saber que escolhera a fêmea principal da sua manada.

Por algum motivo, sentia uma grande curiosidade em relação à cor dos seus olhos. Achava que seriam azuis, mas precisava de ter a certeza, o que o deixava extremamente irritado. Os seus devaneios mentais não o tinham conduzido a lado nenhum, pelo que se forçou à tarefa mais aborrecida que tinha em mãos.

– Levante o véu – ordenou. Nunca permitira que nenhuma das suas convidadas escondesse a identidade. Assim que chegavam ao seu escritório, tinham poucos segredos que valesse a pena esconder.

– Perdão?

– Levante o véu – repetiu, avançando para trás da secretária e pegando na sua garrafa preferida de brande. Encheu metade do copo, bebeu-o de um trago e virou-se para ela. – Presumo que queira ter uma conversa sobre um tema delicado, mas recuso fazer o que quer que seja a não ser que veja os seus olhos.

– Não compreendo por que razão é necessário ver os meus... os meus olhos.

– Ajudar-me-á a julgar se está a ser cândida. – Ela hesitou o mais que pôde, até que ele percebeu que iria recusar. Então, ele acrescentou: – Se não fizer o que peço, mandarei o meu criado acompanhá-la à porta. Que desperdício seria ter vindo de tão longe... – Deixou que o pensamento ficasse suspenso, que a implicação perdurasse.

Nova onda de silêncio. Ele quase podia ver a batalha interna a decorrer: fora suficientemente corajosa para enfrentá-lo, mas esperara poder manter o fraco anonimato que o chapéu lhe proporcionava. Só quando ele resolveu colocar um ponto final na charada e pedir que a acompanhassem à porta é que ela voltou a falar.

– Tenho um assunto muito sério para falar consigo – disse ela –, mas, se negar o meu pedido, preferiria que não me reconhecesse depois de me ir embora.

– Eu sei.

– Então talvez eu pudesse...

– Não. – Sentindo pena, acrescentou: – Já conversei sobre muitos assuntos *sérios* nesta sala. O que quer que tenha a dizer não me irá chocar, nem surpreender. Nem nunca será repetido a vivalma. Tem a minha palavra.

Ela avaliou-o, tentando decifrar a veracidade da sua última declaração. Guardaria o seu segredo? A sua palavra teria valor? Afinal, a sua ascendência era deplorável: bastardo de um nobre, filho de uma atriz famosa. Ganhara a vida da melhor maneira que soubera, tendo-se até saído muito bem. Contudo, pelo caminho, conhecera as sarjetas pela mão dos piores vermes possíveis e nenhum pertencia às classes baixas.

Diariamente, jogava, bebia e confraternizava com mulheres de reputação duvidosa – o único tipo de que gostava – e o seu modo de subsistência requeria que se misturasse constantemente com as espécies mais desprezíveis de seres humanos. Já tinha visto e feito coisas que teriam matado alguns mortais, no entanto, persistira. Que impressão poderia alguém como ele causar à mulher que o olhava tão meticulosamente? Seria de confiança?

Uma segunda luta interna assolou-a durante algum tempo. Depois, tomou uma decisão.

– Muito bem – disse, resignada. Agarrando no alfinete que prendia o chapéu à nuca, retirou o objeto ofensivo e atirou-o para um sofá próximo.

Os seus olhos não eram azuis. Eram verdes, de um esmeralda profundo, tão profundo e vibrante como a relva acabada de cortar num dia de verão, rodeados por pestanas longas, de cor clara, e por sobrancelhas em forma de asas. A sua pele era suave como seda, as maçãs do rosto vermelhas do frio, o nariz arrebitado e com algumas sardas. O cabelo, que ele num primeiro momento pensara ser louro, era muito mais do que isso: louro com reflexos ruivos e dourados. Apesar de estar preso no cimo da cabeça, ele podia imaginá-lo solto, espalhado pelos ombros e pendurado sobre as suas costas.

O homem da sua vida, que a enviara para suplicar em seu nome, escolhera bem. Ela era uma feiticeira encantadora. Qualquer que fosse o pedido, seria difícil de recusar, no entanto, ele fá-lo-ia.

– Como poderei ajudá-la? – perguntou ele.

– Tenho uma proposta para lhe fazer.

– Deveras? – Ela não estava com rodeios! A maior parte delas queria conversar eternamente sobre os horários aborrecidos ou sobre os filhos, ocultando por completo o motivo que as levara sorrateiramente ao escritório dele. Não se conseguiu conter. – Que tipo de proposta?

– Poderá parecer estranho – retorquiu ela, sem responder à questão e elevando mais o nível da curiosidade dele. – Aliás, tendo em conta que não me conhece, pode considerá-la verdadeiramente surpreendente.

– Duvido. Como disse, já conversei sobre os assuntos mais impressionantes neste escritório.

– Sim, bem... não espero que já tenha ouvido algo como isto.

– Como o quê?

– Antes de começarmos – olhou pela janela, subitamente envergonhada por olhá-lo nos olhos –, tenho de admitir que ouço os boatos. Os outros afirmam que o senhor é muito circunspecto.

– Sou.

– Há pouco, prometeu que nunca revelaria o que conversarmos, mas devo pedir-lhe, de antemão, a sua garantia de que o que estou prestes a dizer será mantido na mais estrita confidência.

– O que ouviu da boca dos outros é verdade. Jamais divulgarei os seus segredos a ninguém. Como não nos conhecemos, não sei como convencê-la para além de repetir que sou discreto.

Ela encontrou a coragem necessária para olhá-lo novamente. Ao fazê-lo, tirou-lhe as medidas.

– Sim – acabou por dizer –, consigo ver que consegue sê-lo.

– Porque não facilitamos as coisas e não me conta quem é o seu marido. Assim, terei um ponto de referência sobre o quê, ou sobre quem, estamos a falar.

– O meu marido? – inquiriu ela, com um atrevido franzir de sobrancelhas. – Eu não sou casada.

– Oh, compreendo. – Talvez um irmão ou o pai lhe tivesse pedido para vir. – Então, quem lhe pediu que viesse suplicar tão elegantemente em seu nome?

– Estou sozinha. Ninguém sabe que estou aqui.

– Então... esta missão de piedade é exclusivamente sua. Bem, o que deseja que faça? Que a reembolse de dinheiro? Que rasgue os cheques? – Quando pareceu que ela estava prestes a fazer um comentário, ele ergueu a mão de modo a detê-la. – Antes de responder, deixe-me dizer-lhe que é muito improvável que eu possa fazer alguma destas duas coisas. Tenho poucas fichas e todas elas são para pequenos montantes. O que quer que a sua família tenha perdido, não me cabe a mim devolver-lhe.

– Penso que talvez o senhor...

– Está a ouvir-me? – Interrompeu-a cruelmente, zangado com o à-vontade que ela demonstrava em sacrificar tudo, preparando-se para se humilhar completamente perante um homem que não a merecia. – Duvido que possa servir-lhe, mas, se puder, qual será a minha recompensa por lhe ter concedido tal favor?

– Não estou aqui para lhe pedir um favor – declarou, visivelmente ofendida. – É minha intenção pagar a totalidade dos seus serviços. Percebo que é um homem ocupado e nunca sonharia gastar o seu tempo de forma gratuita. Pensei que cinquenta libras fosse um preço justo. – Aparentemente preparada para pegar no dinheiro e entregar-lho, olhou para a mala.

– Cinquenta libras? – Ele não sabia se tinha ouvido corretamente.

– Bem, o meu máximo são setenta e cinco, mais não.

Depois de pensar que já nada o surpreenderia, ficou chocado. Ela queria pagar-*lhe*?

– Creio estar confuso. Estamos a falar de quê?

– Preciso de contratá-lo para um encargo deveras pessoal.

– Contratar-me? – Dando a volta à secretária, encostou-se à ponta, diretamente em frente a ela. Ela estava apenas a alguns metros de distância e, caso ele desejasse, poderia tê-la facilmente alcançado,

tocado na sua cintura ou agarrado na sua mão. Devido à proximidade repentina, ele sentiu uma espécie de formigueiro percorrer-lhe a pele ao ver a forma como os olhos dela se abriram, como ela lutava para manter o ritmo da respiração. Era óbvio que a mulher sentia a mesma estranha atração que ele e que também não era imune a bizarras sensações físicas.

– Para que me quer contratar? – inquiriu ele.

– Preciso que o senhor... – começou ela, parando depois, engolindo em seco e recomeçando. – Ou melhor... preciso do seu conhecimento e das suas capacidades.

– Sou bom em tantas coisas – disse ele, bem-humorado. – Em que área necessita da minha preciosa ajuda? Pugilismo? Tiro ao alvo? Esgrima? Jogo? Bebida? Qual?

– Não me provoque. Por favor – pediu ela, calma e intensamente. – Só o facto de aqui estar já é suficientemente difícil.

– Tem razão, claro. – Assentiu com a cabeça. – As minhas desculpas.

– Não. Sou eu quem pede desculpa. Estou a lidar mal com o assunto. – Suspirando, frustrada, acrescentou: – Talvez me devesse explicar.

– Talvez devesse.

– Sei, em boa autoridade, que tem muito jeito com as senhoras.

Um músculo do seu rosto contraiu-se, contudo, ele não respondeu de imediato.

A sua reputação com as mulheres do círculo social dela era chocante, abjeta e muito precisa. Depois da morte da mulher, pusera em prática uma vingança carnal, certificando-se que desfrutava da companhia das mulheres que a tinham evitado durante a sua curta vida. Despedaçara corações, destruíra casamentos e corrompera inúmeras mulheres de forma intencional e sem qualquer arrependimento.

Fizera-as pagar, e bastante, pela morte prematura da mulher.

– O que quer dizer com isso? – perguntou ele.

– Gostaria... isto é... bem... – Ela contorcia as mãos, desconfortável. – Oh, isto é tão difícil!

– Creio que é mais fácil se disser apenas o que lhe vai na mente. Qualquer que seja o assunto, não poderá ser tão terrível como parece.

– Está bem. – Respirou fundo e virou-se para a janela, brincando com o cortinado enquanto olhava lá para fora, tal como fazia quando ele entrara. – Tenho vinte e cinco anos. Nunca casei e, por isso, não estou muito familiarizada com a interação entre homens e mulheres, mas... Mas necessito de instrução no que respeita ao que acontece entre eles nos momentos privados.

– A que momentos *privados* se refere?

– Quando estão... estão... – Gaguejou, corou e suspirou. – Na intimidade. – Virando-se novamente para ele, ainda que mantendo os olhos no chão, massajou a cana do nariz com o polegar, como se estivesse com uma dor de cabeça súbita e tremenda. – Como vê, encontro-me numa posição muito constrangedora e não sei como resolvê-la a não ser que arranje um tutor. O conhecimento que procuro não é do tipo que possa adquirir com as pessoas que conheço.

Não havia dúvidas de que o encontro deles se tornava cada vez mais estranho! Ele cruzou os braços e observou-a.

– O que espera aprender?

– Tudo! – De súbito agitada, a sua cabeça elevou-se, fazendo-o sentir-se trespassado por aquele olhar honesto. Os olhos dela estavam muito abertos, como duas pedras preciosas verde-esmeralda. Ela movia o braço, gesticulando como se quisesse abraçar o mundo inteiro. – Quero conhecer todos os pormenores. Saber tudo o que acontece. Como começa. Como acaba. O que sucede pelo meio.

Ao longo dos anos, as mulheres tinham-no convidado a fazer inúmeras coisas, contudo, ele nunca recebera um pedido comparável àquele. Franziu o sobrolho, pensando não ser a pessoa

indicada para ensinar a uma mulher inexperiente as complexidades do amor físico. Ela dissera que conhecia a sua reputação, mas era evidente que não ouvira os factos verdadeiros. Se tivesse, nunca faria uma solicitação tão escandalosa. O tipo de *lições* que ele podia fornecer não tinham nada que ver com as que uma senhora sofisticada como ela devia ter.

– Creio – afirmou ele – que não compreende na totalidade a espécie de homem que sou.

– Não tenho ilusões. – Os olhos verdes pareceram penetrar-lhe o espírito, o olhar astuto furou diretamente o seu coração negro. Ele não gostou da sensação e sentiu desejo de se esconder do juízo dela, quando prosseguiu. – Sei o tipo de canalha que é. É por isso que aqui estou.

Ele aclarou a garganta, não sabendo se o comentário fora um elogio ou um insulto.

– Não tem amigas que possam instruí-la ou aconselhá-la?

– Nem uma. Mesmo que lhes pedisse, não sei se me dariam as explicações que procuro.

– Está noiva? – Um noivado pendente devia ser o motivo da estranha proposta. – Se sim, o seu marido – ela emitiu um som de escárnio e revirou os olhos ao ouvir a palavra *marido* – irá instruí-la naquilo que quer saber. Não tem de ter medo quando...

– Não – interrompeu ela. – Nunca me casarei. Faço este pedido por razões pessoais.

– Que razões são essas?

– Não desejo revelá-las.

– Então... gostaria que fôssemos amantes. – Esperara que ao empregar a palavra *amantes* ela ficasse chocada, no entanto, enganou-se.

– Bem, amantes, especificamente, não. – A resposta dela foi tão casual como se estivessem a conversar sobre o tempo. – Como mal o conheço, tamanha familiaridade não seria apropriada, pois não?

– Então, o que pede, em concreto?

– Pensei que poderíamos... conversar... e que me pudesse explicar o... o mecanismo e a ordem das coisas que ocorrem.

– O *mecanismo*...

– Sim. E a sequência dos acontecimentos.

Ele passou uma mão cautelosa pelo cabelo, ponderando, calculando e avaliando todas as palavras que ela dissera, apesar de não compreender o seu plano. À medida que pensava no assunto, ocorreram-lhe várias hipóteses.

Seria aquele episódio uma brincadeira? Talvez o irmão estivesse por detrás daquilo. Seria que, naquele momento, Michael e os outros estavam numa sala ao lado, impacientemente à espera, prontos para ouvir como ele lidaria com a abertura excecional da mulher?

Talvez a vinda dela fosse uma tentativa de vingança pela devastação que ele causara na sua punição destrutiva contra inúmeros membros da sociedade. Apesar de não interagir com eles há algum tempo, as suas memórias eram longas e violentas.

Ou podia ser apenas como ela dissera: uma súplica de ajuda por parte de uma linda mulher que precisava de um tipo de assistência sexual que só ele podia fornecer. A simples ideia contraiu-lhe os órgãos reprodutivos.

Se o pedido dela era genuíno, as possibilidades eram infinitas. Podia começar por falar com ela sobre carnalidade, desejo, bocas, mãos e línguas. A fascinada aluna seria uma estudante ansiosa e entusiasta, que haveria de querer aprender tudo o que ele tivesse para lhe ensinar. Era óbvio que faria grandes progressos, de ouvinte passiva a participante ativa que precisaria de uma instrução mais pormenorizada.

Que homem não se sentiria excitado com tal proposta?

Levantando-se, avançou para ela até ficarem frente a frente, de olhos nos olhos. As suas saias enrolavam-se e emaranhavam-se nas pernas dele. Ela manteve-se firme, recusando-se sentir

intimidada pelo tamanho dele, pela proximidade, pela masculinidade.

– Diga-me a verdadeira razão por detrás do seu pedido – insistiu ele, calmamente.

– Não desejo revelar-lhe o que me motiva.

– Não é uma resposta aceitável, pelo que se concordar em ajudá-la... – Meu Deus, de onde viera aquilo? Era claro que não ia aceitar uma tarefa tão arriscada e absurda. Ou aceitaria? À medida que olhava para o lindo rosto e para o físico invejável, sentiu uma agitação entre as pernas, um ardor no sangue, um tremor nos dedos.

Estes pairavam, tocando na forma do vestido dela. O seu aroma único encantava-o. Cheirava a flores frescas e, ao mesmo tempo, a limões ou maçãs azedas. Se se tivessem encontrado numa sala pejada de gente, e se ele estivesse com os olhos vendados, facilmente a descobriria apenas pelo perfume.

O aroma tocou-o a um nível inconsciente, no entanto, ele era suficientemente inteligente para perceber que atingia o centro da sua masculinidade. O estado elevado da sua perceção era animalesco, uma espécie de reação química à qual era impossível resistir, por isso, para quê contrariá-la?

Olhou demoradamente para os penetrantes olhos verdes, forçando-se, depois, a olhar para outro lado, mais para baixo, descansando a vista no peito branco, na pressão do decote. A dificuldade da respiração dela aumentara com a sua proximidade, pelo que o peito subia e descia de forma rápida. A cada inalação de ar, os seios dela empurravam a borda do espartilho, lutando para se libertarem. Os mamilos estavam eretos devido à fricção excessiva e, mesmo com tantas camadas de tecido a envolverem-na, ele conseguia distinguir as pontas salientes.

Foi capaz de imaginar explicitamente o peito soberbo, vendo os dois cumes pela primeira vez. Acariciá-lo-ia de forma gentil e

brusca, antes de os chupar com a boca. O êxtase seria refinado e ela gemeria e suspiraria de prazer.

Sim, ele conseguia imaginar-se a fazer tudo aquilo e muito mais.

– Se eu concordar – reiterou –, não poderá haver segredos entre nós. Porque quer isto de mim? Qual é o verdadeiro objetivo que a faz ter vontade de começar algo tão impetuoso como isto?

– Não é *impetuoso* – respondeu ela, ofendida com a opinião que ele demonstrava perante as suas capacidades. – Há meses que me pergunto como hei de resolver este dilema. Só há pouco tempo formulei este plano, embora, deva dizer, tenha levado algum tempo a encontrar a coragem necessária para vir falar-lhe. Passei por muitos momentos difíceis, debatendo se havia ou não de ir avante com isto.

– Tenho a certeza de que tem sido difícil. Não é o tipo de discurso que alguém esperaria de uma senhora.

– Então, talvez seja o momento de eu parar de me comportar como habitualmente faço. Estou disposta a percorrer todos os passos necessários para obter a informação que procuro.

A confissão pareceu cheia de promessas e insinuações sexuais, mas também de alguma ameaça. Ele sentiu um arrepio.

Se não a aceitasse, contactaria ela outra pessoa? Não suportava a ideia de ela pedir isso a outro homem do seu círculo. O simples pensamento de que outros pudessem usar e abusar dela, falar e espalhar conversas sobre ela, aterrorizava-o. Ela poderia ver-se numa situação desesperada, sem perceber o que fizera para a provocar.

Melhor do que ninguém, ele compreendia a rudeza do ambiente no qual ela vivia. Mesmo o mais pequeno indício de escândalo acabaria com a sua vida. Surpreendentemente, ele não queria que nada de mal lhe acontecesse. Para além de ela lhe inspirar uma estranha atração sexual, também lhe incendiava os instintos protetores, os que ele pensara ter enterrado havia anos. Estar perto dela fazia-o querer ser um cavalheiro, querer deixar emergir a sua delicadeza.

Precisava de protegê-la do mal e da desonra e a única forma que encontrou de o fazer foi ajudá-la na sua busca de conhecimento.

Se não o fizesse, a quem recorreria ela?

Fosse como fosse, uma pergunta continuava a assolar-lhe a mente.

– Como nunca nos conhecemos, porque decidiu recorrer a mim em vez de a outra pessoa?

Ela sorriu, iluminando a sala.

– Detesto dizer-lhe.

– Porquê?

– Porque não creio que o seu orgulho masculino necessite de mais bajulação. – Sorriu com ar presunçoso e admitiu: – Inadvertidamente, ouvi várias mulheres falar de si. De forma explícita, devo acrescentar. Disseram algumas coisas que me deixaram muito intrigada.

– Que coisas? – perguntou ele, ao perceber que ela não ia desenvolver a resposta.

Ela franziu o sobrolho.

– Que é um homem com experiência em paixões, um amante dramático e minucioso e que as mulheres correm para junto de si por causa das suas capacidades amorosas.

Ele ficou cheio de curiosidade em saber quem é que ela ouvira e, exatamente, o que fora dito sobre si que a fizera encher-se de coragem para ali estar.

– Creio que me sinto lisonjeado.

– Não sei se deva sentir-se. – Ela contraiu os lábios numa repreensão suave. – Para os meus ouvidos inocentes, as suas escapadelas pareceram bastante marotas. No entanto, segundo as histórias delas, parece a pessoa perfeita para o que eu procuro. – Voltou a sorrir. – Bem, depois de ter conseguido enaltecer a sua vaidade em relação ao sexo feminino, posso ter a esperança de que o convenci a fazer-me este serviço vital?

Ele sorriu perante o sentido de humor dela, o orgulho, a capacidade de o ler tão bem. Continuavam de pé, sem falar, enquanto o sorriso que partilhavam se desvanecia e o silêncio imperava. Ele olhou demoradamente para os olhos dela, procurando mentiras ou candura.

Apesar de poder não ter reconhecido o que viu e apesar de poder estar a ser enganado, pareceu-lhe que ela era sincera. Aquela mulher tinha algo – uma força de caráter e de decisão – que lhe dava a sensação de a conhecer desde sempre, como se pudesse decifrar o que ela pensava e sentia, pura e simplesmente por estar ao seu lado e por partilhar um período de silêncio e contemplação. Era uma mulher a ser admirada. Em quem se podia confiar. No entanto...

O seu instinto de autopreservação era forte, pelo que ele precisava de se certificar que não cairia em nenhuma espécie de armadilha carnal da qual não pudesse sair. Embora agora fosse um homem adulto que nunca sucumbiria aos tipos de pressão social do pai ou de outros que levassem ao seu casamento, não tinha intenção de se ver envolvido em nenhum género de calúnia pública por causa de outro membro virginal da alta sociedade. As pressões de tal ocorrência seriam demasiado opressivas. Para além do mais, tinha de pensar na saúde mental da mãe, pelo que precisava de tempo para ponderar todos os ângulos e consequências.

– Vou precisar de alguns dias para refletir sobre o seu pedido. Como posso contactá-la quando tomar uma decisão?

Ela retirou um cartão da bolsa e deu-lho. Ele examinou o endereço que ela anotara.

– Conhece essa zona de Londres? – perguntou ela.

– Sim.

Tratava-se do bairro do teatro, uma área movimentada, animada, cheia de atores, músicos e artistas sempre a correr de um lado para o outro. Aliás, ficava perto do seu próprio domicílio. Parecia a

localização mais bizarra para a mulher que ele acreditava que ela seria.

– Está livre na próxima quinta-feira à tarde?

– Sim – voltou ele a responder, sem se preocupar em verificar a agenda. Sabia que, caso a sua decisão fosse afirmativa, haveria de arranjar tempo para todos os seus afazeres.

– Arranjei um pequeno apartamento nas redondezas para o caso de decidir ajudar-me. Apareça na porta indicada às duas horas da tarde e irei dar-lhe as boas-vindas. É tão simples quanto isso. – Ela pegou no chapéu e, com um movimento eficaz, colocou-o na cabeça. – Se depois de refletir achar que não pode ajudar-me, esqueça este encontro. Ficarei desapontada, mas compreenderei. Percebo que o que peço não é fácil.

Estava pronta para partir. Curiosamente, ele não queria que ela se fosse embora tão depressa. Queria fazer-lhe imensas perguntas sobre o motivo por que ela fazia aquilo. Infelizmente, ela não iria confessar as suas razões, mas pouco importava. Existiam outras maneiras de descobrir o que precisava de saber.

– Como devo chamar-lhe? – inquiriu ele, embaraçado por um estranho desejo de saber o nome dela, mesmo que fosse falso.

Ela inclinou a cabeça para um lado e depois para o outro, pensando na resposta.

– Se o vir na quinta-feira, dou-lhe um nome. Se não o vir, o meu nome não tem importância.

– Pois, creio que não.

De repente, ele foi assolado por uma enorme vontade de lhe tocar antes que ela saísse. Avançou e pegou-lhe na mão, desejando que estivesse nua, que a luva desaparecesse, para sentir a pele macia e quente contra a sua. Levou-a à boca, os seus lábios demoraram-se nas costas da mão enquanto os olhos permaneciam colados aos dela. Para sua surpresa e deleite, ela não a puxou nem se foi embora, mas permaneceu inquisitiva, como se tentasse decidir o que fazer com a ligação íntima.

– *Au revoir*, minha senhora – disse ele.

– Adeus, Mister Stevens. Obrigada por me ter recebido.

– Acredite, minha cara, foi um prazer interessante e esclarecedor.

Ele deu umas palmadinhas nas costas da mão dela, depois largou-a e ela deixou-a cair para o lado.

Um criado eficiente apareceu com o casaco dela e acompanhou-a à porta. Ele ficou a observá-la até ela sair para a fria chuva miudinha de março, indo depois para a janela, vendo-a a atravessar a rua e encaminhar-se até uma carruagem alugada.

Nesse momento, o seu irmão mais novo, Michael, entrou na sala, motivado pelo desejo de informações sobre a última visita secreta. Tinham dois anos de diferença, James com trinta, Michael com vinte e oito, muitas parecenças e inúmeras diferenças. Ambos tinham a altura do pai, ombros largos e tez escura, mas os olhos azuis da mãe tornavam-nos muito mais interessantes.

– Como correu? – perguntou Michael. – Espero que não tenha sido muito perturbador.

– Não. Nada teve de perturbador – respondeu James virando-se para olhar o irmão. – Aliás, foi fascinante.

– A sério? – Michael sorriu de alívio. – E pensar que estive à espera no corredor, pronto a reconfortar-te com brande assim que ela saísse.

– Desnecessariamente – murmurou James, distraído. – Aproxima-te – ordenou. Michael foi para junto da janela. – Vês aquela mulher junto da carruagem? – Apontou para a rua.

– Aquela ali?

James assentiu, mantendo os olhos nela e no veículo.

– Tens alguma ideia de quem seja?

– Por acaso... sim. – James voltou-se com ar inquisitivo e Michael retribuiu-lhe o olhar penetrante. – Não podes culpar-me por ter espreitado quando ela passou pelo meu escritório.

– Pois, acho que não... – James voltou a olhar para a rua no momento em que a mulher entrava na carruagem. O condutor

preparou-se para entrar no trânsito. – O nome dela?

– Lady Abigail Weston.

– A irmã do Marbleton?

– A mais velha. Há alguns anos que vive no campo. Acabou de chegar à cidade.

Não admirava que Michael soubesse que Abigail Weston estava em Londres. O irmão mais velho dela, o conde de Marbleton, era um participante frequente das suas mesas de jogo e Michael gostava de saber os pormenores triviais das vidas de todos os clientes. Mais cedo ou mais tarde, essas informações acabavam por dar jeito.

James meditou cuidadosamente sobre a identidade da mulher, tentando esmiuçar as possibilidades do motivo pelo qual ela viera e o que realmente pretendia alcançar. Marbleton era um homem de caráter detestável, um pedante convencido que os dois irmãos não suportavam. O facto de a sua irmã ter feito aquela abordagem chocante, um pedido tão impressionante, era, sem dúvida, intrigante

– Diz-me o que sabes sobre ela – pediu ele, ansioso. – Não te esqueças de nada.

2

Abigail Weston vagueava de um lado para o outro na sala da casa que alugara para se encontrar, clandestinamente, com James Stevens. Era quinta-feira à tarde e faltavam cinco minutos para as duas. Ouviram-se rodas de uma carruagem na rua, lá em baixo, e ela não se conseguiu controlar e correu para a janela para ver quem chegara.

Não era ele.

A carruagem passou sem parar. Não soube dizer se ficou aliviada ou desapontada.

– Mais cinco minutos – murmurou, olhando para o relógio por cima da chaminé, apesar de já ter decidido que esperaria mais uma hora, antes de desistir dele por completo.

Será que iria aparecer?

Nervosa, examinou a mobília da residência simples. A sala era limpa e organizada, com um conjunto de chá em cima da mesa, diante do sofá. Um fogo alegre crepitava na lareira. Ele ingerira álcool durante o breve encontro no escritório e, ainda que fossem duas da tarde, ela colocara uma garrafa de brande na mesa, só para o caso de ele querer algo mais forte do que chá.

Apesar de tudo parecer pronto para a sua chegada, Abigail desejou estar num ambiente familiar em vez de naquela casa desconhecida e usada. O espaço estranho deixava-a ainda mais desconfortável, apesar de ser demasiado tarde para se preocupar. Não havia nada que pudesse fazer em relação ao sítio que escolhera.

Não tinha outra escolha senão pagar pelo lugar temporário e secreto para o encontro planeado. Antes de ir ter com ele, quase enlouquecera ao tentar encontrar uma solução viável para o caso de ele concordar em alinhar no seu esquema louco. Mesmo assim, não conseguia pensar num sítio onde os dois pudessem falar abertamente.

No seu mundo protegido e artificial, uma mulher não se metia com um homem como Mr. Stevens. Ele era uma personagem demasiado desinibida, infame e escandalosa para se relacionar com uma senhora distinta. Por isso, não teria sido fácil pedir a alguém que os apresentasse. Nem se poderiam ter cruzado, por *acidente*, na rua, no parque ou num dos estabelecimentos mais conhecidos da cidade, onde as pessoas de bem gostavam de ver e serem vistas. Os boatos chegariam aos ouvidos do seu meio irmão Jerald ou – pior ainda – da mulher deste, Margaret, e nunca mais se veria livre do pandemónio que qualquer associação ao nome de Mr. Stevens provocaria.

Enquanto conde de Marbleton, Jerald era enfadonho e rude; a mulher era virtuosa, vaidosa e egoísta. As suas vidas giravam em torno das propriedades e do estatuto social e nenhum deles era capaz de entender a necessidade que Abigail tinha de misturar-se com pessoas de classes inferiores. Se fosse apanhada com Mr. Stevens, mesmo nas circunstâncias mais inocentes, não havia desculpa que pudesse dar pelo seu comportamento.

Como célebre filho bastardo do conde Spencer, James Stevens era, aos olhos de Margaret e de Jerald, o tipo de pessoa mais insultuosa, indecente e imprópria que podiam imaginar. Pouco importavam as suas qualidades humanas, para eles o estatuto social era tudo.

Todavia, ela estava disposta a ser bem sucedida e acabou por decidir alugar uma casa no bairro de má fama, onde poderiam entrar e sair com relativo anonimato. Aliás, até gostara da sensação de risco que sentira ao assegurar o esconderijo e imaginou, ansiosa, o

que ocorreria durante os seus encontros, acabassem eles por ser muitos ou poucos.

Não fazia ideia de quantas visitas precisaria, mas pensou que talvez fossem necessárias duas ou três sessões para aprender tudo. Se carecessem de mais tempo, tê-lo-iam. Alugara o apartamento por seis meses, mas isso não importava. O dinheiro não era problema e a ninharia gasta valeria a pena se a ajudasse a adquirir a informação que procurava.

O *rendez-vous* no escritório dele fora a experiência mais excitante da sua aborrecida vida. Apesar de também ter sido a mais difícil, ela achou que se saíra muito bem. Embora estivesse nervosa e apreensiva, conseguira ocultar o medo e parecer segura e confiante.

Esperara que ele acreditasse que ela era uma mulher madura e distinta, capaz de conversar sobre assuntos importantes sem gaguejar nem hesitar, e não o que realmente era: uma solteirona com uma ideia muito vaga sobre a interação entre mulheres e homens. Tinha a certeza de que parecera uma pessoa atrevida, apesar de ter achado que nada podia ter sido pior do que olhá-lo nos olhos e fazer o seu estranho pedido.

No entanto, tal como assimilara nos últimos dias e horas, pedir a ajuda dele fora a parte mais fácil. Manter os encontros clandestinos era outra história. Aparecer para o segundo encontro requerera mais coragem do que no primeiro.

Oh, mas que loucura a possuíra para achar que se tratava de uma boa ideia?

Durante vinte e cinco anos, seguira, insegura, sem saber os pormenores das relações conjugais. Era provável que o fizesse por mais vinte e cinco.

Só de pensar no que aí vinha ficava com o coração acelerado e passou a mão pelo peito de forma a acalmar os batimentos furiosos. O movimento fez o pulso entrar em contacto com o seio direito, o que a levou a parar imediatamente. Desde que se encontrara com Mr. Stevens na segunda-feira anterior, os seus seios estavam

bastante sensíveis. Encontravam-se inchados, mais pesados, com os mamilos a manifestarem-se constantemente na renda das camisas, a pressionarem de forma irritante os espartilhos dos vestidos.

Nos momentos mais estranhos, dava consigo a sentir-se demasiado quente quando não havia razão para tal. Refrescava o rosto enquanto os outros se queixavam do frio. Acabou por ficar claro que aqueles momentos de calor excessivo coincidiam com os seus pensamentos sobre Mr. Stevens.

Exausta e dorida, sofria em locais do corpo que nem reparara que existiam. Sentia a pele demasiada retesada, como se precisasse de a alargar. De noite, não dormia, agitava-se na cama e virava-se de um lado para o outro, pensando nos assuntos travessos sobre os quais teriam, inevitavelmente, de conversar.

Continuou a imaginar Mr. Stevens, e a sua aparência, naquele dia, no escritório. Quando ele lhe beijara a mão, na despedida, uma onda de calor subira-lhe pelo braço. Nunca experienciara uma sensação assim. Como desejava não ter usado a luva para que os lábios dele lhe tivessem tocado diretamente na pele!

No início de janeiro, depois de ter chegado a Londres, vinda da residência familiar, a sua única saída desde o seu debute com dezassete anos, ouvira o nome de Mr. Stevens pela primeira vez assim que chegara à casa de Jerald. Dois dos criados tinham estado a falar sobre ele, quando pensavam que ninguém os ouvia. Ao que parecia, ele gozara muitas vezes da companhia de uma viúva, uma antiga patroa de um deles. Como Mr. Stevens acabara a relação, a viúva estava fora de si e fazia de tudo para lhe chamar novamente a atenção.

Os criados eram da opinião de que a viúva não ia conseguir fazê-lo. Quando Mr. Stevens terminava com uma mulher, nunca voltava atrás. E já se dizia que tinha outra.

Se o nome dele não tivesse sido mencionado em cinco ocasiões desde a sua chegada, não teria sido difícil para Abigail esquecer o

boato. Inúmeras mulheres pareciam conhecê-lo na intimidade e as outras não tinham escrúpulos em falar dele. Ela estivera numa sala, escondida e sem dar nas vistas, quando ouvira alguns pormenores sórdidos.

Duas mulheres aos risinhos – ambas já um pouco ébrias – falavam dos seus encontros prévios e de como tinham ido parar à cama dele ao mesmo tempo. A maior parte do que disseram estava fora da sua compreensão, contudo, não conseguiu parar de as ouvir. Algum tempo depois de se terem ido embora, ela permanecia de pé, no mesmo sítio, chocada e, por algum motivo, estimulada pelo que aprendera, embora não soubesse dizer porquê.

Normalmente, ficava cheia de dúvidas. Porque é que duas mulheres iriam para a cama de um só homem? Porque é que a experiência fora boa para elas? O que era exatamente aquilo que elas lhe fizeram com a boca? De onde vinha aquela alegria que as fazia falar disso de forma tão indiscreta?

Apesar de ter escutado atrás da porta, estava assustadoramente agradecida pelas dicas sexuais que descortinara, escondida atrás das plantas. Até esse momento, acreditara ingenuamente que homens e mulheres partilhavam a cama de casal para procriar – se bem que o «como» continuava a ser um mistério – e para mais nada. Era evidente que estava enganada, o que a fez compreender que muita informação fora ocultada e inventada durante a sua exclusiva educação no que à procriação dizia respeito.

Era óbvio que havia pessoas no mundo que gostavam do ato sexual e que o abraçavam de forma regular com o único propósito de encontrarem prazer. As mulheres que ouvira pertenciam a famílias de estatuto elevado, pelo que não podia atribuir o seu prazer a naturezas vulgares. Eram ambas senhoras da alta sociedade que encontraram um homem que não era o seu marido e com quem tinham cometido atos inomináveis e mal podiam esperar para estar outra vez com ele.

Durante a conversa, tinham enaltecido muito a boa aparência e o físico de James Stevens. Por isso, quando se virara para olhá-lo, no escritório, esperara encontrar um cavalheiro atraente. De imediato, foi evidente que as palavras não faziam jus à verdade. Ele era o homem mais belo que alguma vez vira.

Alto, com, pelo menos, um metro e oitenta, cabelo escuro, tão escuro que parecera preto à fraca luz da tarde chuvosa. Estava muito bem aparado à frente, com as madeixas de trás a enrolarem deliciosamente por cima da nuca. Um estilo que servia apenas para enfatizar a sua linda face, as maçãs do rosto, o nariz aristocrático. E os olhos!

Eram de um azul bastante profundo, safiras brilhantes e intensas que a sugavam e enfeitiçavam. Quando a olhara, diretamente, com aqueles olhos magníficos, ela sentira que ele conseguia chegar-lhe ao centro, onde repousavam todos os seus desgostos e solidão. Parecia saber tudo acerca dela, mesmo o que os outros não suspeitavam. A sensação era desconcertante, embora nova e interessante, e, por isso, bem-vinda naquele período da sua vida.

Olharia assim para todas as mulheres? Seria um dom especial que possuía? Seria por isso que era tão popular junto das senhoras?

Talvez fizesse com que todas sentissem ter algo único e especial, em que mais ninguém reparara. Ela própria saíra do apartamento com a estranha impressão de que tinham partilhado uma afinidade distinta, que lhe podia contar segredos que nunca se atreveria a mencionar a vivalma. E, como ele a compreendia tão bem, não a julgaria, nem condenaria...

Novamente o som de rodas de carruagem a soar lá em baixo. Correu para a janela, olhando furtivamente para a rua no momento em que alguém bateu à porta. Embora tivesse arranjado uma mulher para cozinhar e fazer a limpeza da casa, Abigail combinara horas específicas para que ela nunca os encontrasse, caso Mr. Stevens comparecesse. A sua mão voou até à garganta. Terminou

de imediato o movimento. Nunca fora uma pessoa *nervosa* e não ia começar a ser naquele momento.

Respirando fundo, dirigiu-se para as escadas e começou a descer, aliviada por ele ter chegado a horas e poupando-lhe, assim, minutos intermináveis de tormento. Após descer os degraus, deteve-se um instante diante do espelho e verificou uma última vez a aparência.

O vestido verde-escuro que escolhera para o encontro da tarde era simples, porém, elegante, com decote subido e mangas compridas. Passara horas a agonizar em relação ao vestuário, mas acabara por escolher uma cor rica e um corte simples na esperança de que pudessem ajudá-la a parecer calma e segura. Como não se sentia nem uma coisa nem outra, toda a ajuda era bem-vinda, incluindo a do modesto vestido.

Tinha o cabelo impecavelmente entrançado e apanhado no cimo da cabeça e as maçãs do rosto vermelhas devido ao nervosismo que a fizera andar de um lado para o outro durante a hora anterior. Tendo tudo em conta, estava bastante apetecível, o que a consciencializou mais acerca das suas intenções.

Com uma sensação trémula a atravessar-lhe o corpo, forçou um sorriso, avançou para a porta e abriu-a.

– Boa tarde, Mister Stevens – disse ela, satisfeita por descobrir que soava calma e controlada. – Fico muito contente por ter decidido juntar-se a mim. Entre. – Desviou-se para lhe permitir a passagem.

Com o seu casaco azul-claro de corte perfeito e confortáveis calças castanhas, era mais bonito do que ela se lembrava. A gravata de um branco intenso tinha um nó perfeito e as botas altas pretas tinham sido engraxadas até parecerem um espelho. Parecia um autêntico cavalheiro que saíra para uma tarde de passeio. Não havia o mais pequeno indício de que se tratava do filho bastardo de um conde, de que a sua mãe era, alegadamente, uma mulher sem valores morais, e que vivia dos rendimentos de um estabelecimento de jogo. Elegante e distinto, parecia perfeitamente à vontade com a

ideia de se encontrar com uma mulher desconhecida para umas horas de conversa sexual.

Ao entrar, maravilhosos aromas masculinos a ar fresco, cavalos e tabaco pairaram no ar, pelo que ela não conseguiu evitar a repentina fantasia feminina de que estava a recebê-lo em casa depois de um dia de trabalho.

Como seria ter um homem na sua vida, por quem esperar impacientemente depois de um longo e árduo dia de labuta? Até àquele momento, não tinha percebido como gostava de ter o seu próprio marido e a sua própria família. Talvez os calmos anos que passara no campo lhe tivessem incutido uma falsa sensação de serenidade pessoal.

Ele trazia consigo uma pequena capa de pele, uma espécie de portefólio, com as abas atadas por uma fita preta. Ela tentou não mostrar uma curiosidade excessiva. Quando ele começou a tirar o casaco, segurou na pasta com uma das mãos. Os seus olhos nunca se desviaram dos dela, nem mesmo quando Abigail pendurou o casaco húmido num cabide perto da porta e pousou o chapéu numa cadeira. Gerou-se uma certa intimidade pelo facto de ela ter tomado conta dos seus pertences, o que a deixou muito satisfeita.

– Se nos voltarmos a encontrar – disse ele, a sua voz de barítono a aflorar-lhe a pele e a reverberar nas suas terminações nervosas –, deve deixar a porta destrancada para eu entrar. Não é aconselhável eu esperar à entrada, mesmo que por breves momentos.

– Tem razão. – Ela fez um gesto na direção das escadas, achando incrível que pudessem falar normalmente como se nada de invulgar estivesse a acontecer. – Vamos lá para cima?

– Primeiro as senhoras – respondeu ele, educado.

Ela subiu até à sala e, apesar de ele a seguir, apercebia-se de todas as coisas acerca dele. De como cheirava. De como se movia. Ela desenvolvera um sentido extra que lhe dava uma consciência dele como não tivera por mais ninguém.

Uma vez dentro da sala, James fechou e trancou a porta atrás de si e ela não soube se havia de ficar assustada ou de se sentir segura. Devido às características que descortinara em relação ao caráter dele, nunca lhe passara pela cabeça ficar com medo. Agora, estavam completamente sozinhos. Ouvindo o som da misteriosa pasta a ser pousada na mesa, ela arranjou forças para enfrentá-lo. Virou-se.

– O seu nome – disse ele, sem rodeios – é Abigail Weston.

Ela arquejou. Com os joelhos subitamente fracos, deixou-se cair no sofá.

– Como sabe?

– O seu meio-irmão – continuou ele sem responder – é Jerald Weston, conde de Marbleton. Têm o mesmo pai, mas mães diferentes. A senhora tem vinte e cinco anos. Nunca casou, apesar de ter ficado noiva, por pouco tempo, aos dezassete anos. O seu noivo morreu de gripe pouco tempo depois de o noivado ter sido anunciado. Ao que parece, nunca teve outro *beau*. A sua mãe morreu quando tinha dezoito anos e, a partir de então, permaneceu no campo para acabar de educar, com sucesso, a sua irmã mais nova, Caroline.

– Oh, meu... – Ela pressionou as pontas dos dedos na boca, sentindo-se capaz de vomitar sobre a carpete alugada.

– A Caroline tem agora dezassete anos. A senhora veio para Londres e está instalada na casa citadina do conde, onde a irá acompanhar e supervisionar durante a sua apresentação à sociedade e à corte. Espera-se que ela seja uma das *belles* da próxima temporada e que fique noiva nos próximos meses. Sob a sua direção, é suposto fazer um excelente casamento devido às ligações da sua família, à sua beleza, boas maneiras e grande dote. – De forma casual, avançou para a mesa e serviu-se de um brande. Bebendo um longo gole do líquido âmbar, ficou a observá-la através do vidro. Depois, perguntou: – Esqueci-me de alguma coisa?

– Oh, santo Deus... – murmurou ela, sem saber o que fazer. Não sabia como lidar com aquela situação, nem como enfrentar um homem daquele tipo. Devia saber que não podia entrar no domínio dele sem sair escaldada. Ficou completamente mortificada.

Tinha de sair dali! Já! Precisava de fugir para o seu mundo seguro e protegido, onde sabia as rotinas de cor, as regras e condições segundo as quais tinha de viver. Levantou-se, sem se atrever a olhar na direção dele.

– Sente-se! – ordenou James, num tom calmo, mas imperativo e como ela passara a vida a obedecer a ordens masculinas, obedeceu, empoleirando-se na ponta do sofá como um animal encurralado, esperando poder escapar.

Ele deixou o silêncio prolongar-se até se tornar tão insuportável que ela temeu envergonhar-se ao gritar de frustração. Mantinha os olhos pregados ao chão, apesar de sentir o olhar dele como um objeto tangível, percorrendo-a e avaliando a sua fragilidade, o seu espírito derrubado. Como desejava poder simplesmente desvanecer-se no ar! Que o chão se abrisse e a engolisse!

– Como descobriu a minha identidade? – perguntou ela, ao não conseguir tolerar mais o silêncio.

– A senhora é uma personagem ilustre. O meu irmão reconheceu-a assim que entrou no nosso estabelecimento.

As palavras dele magoaram-na como uma traição e atingiram-na como um golpe. Encolheu-se. Como fora estúpida, crendo-se esperta, desconhecida, anónima! Como ele se devia ter rido quando ela saíra do escritório!

Lembrou-se de uma possibilidade perturbadora.

– O que irá fazer com a informação que recolheu?

– Nada – respondeu ele, firmemente. Aquela simples palavra fê-la desejar ter coragem de olhá-lo nos olhos, contudo, não foi capaz de o fazer. – Dei-lhe a minha palavra de que o nosso encontro era privado, pelo que cumprirei.

– Então, porque...

– Porque sou um homem cuidadoso que gosta de esclarecer todos os factos antes de tomar uma decisão. Depois de descobrir a sua ascendência passei muitas horas a agonizar, tentando descortinar o verdadeiro motivo por detrás do seu pedido. Devo confessar que a sua intenção me escapa. – Bebeu outro gole de brande. – Por isso, diga-me, Abigail Weston, qual a verdadeira razão pela qual me pediu que viesse?

– Já não importa. – Levantou-se, trémula. – Devo retirar-me e espero, aliás, peço-lhe que, caso me volte a encontrar, tenha a decência de fingir que nunca me conheceu.

Com um movimento rápido e gracioso, como o de um predador, ele meteu-se à frente dela, bloqueando-lhe o caminho da porta.

– O seu desejo por conversas carnais desapareceu subitamente?

– Temo que sim – admitiu ela. – Agora, se me dá licença... – Tentou passar por ele, mas James acompanhou-a, detendo-a.

– *Não* lhe dou licença – respondeu. – Tenho vontade de instruí-la. Tudo o que tem de fazer é responder à minha pergunta. Qual é o motivo por detrás do seu pedido?

De forma um pouco imprópria, colocou a mão na cintura dela. Ela encolheu-se perante o calor que o toque lhe causou. O choque fê-la tremer, o que a enfureceu.

– Agora já não importa – repetiu ela, com maior veemência.

– Importa-me a mim.

A seriedade da declaração dele deu-lhe a força de que ela necessitava para olhá-lo nos olhos.

– Porquê?

– A descoberta do seu elevado estatuto social só serviu para confirmar a minha suspeita de que isto é muito importante para si. Que uma mulher da sua posição procure um homem como eu... que me peça conselhos sexuais... O seu comportamento mostra-me que leva isto a sério e que está decidida e a precisar de ajuda. Por isso, estou contente por poder ensiná-la. Mas *tem* de responder à minha pergunta.

Ela hesitou, sem saber o que fazer. Ele parecia sincero. Porque não confidenciar-lho? Como ele antes referira, se embarcassem na aventura não haveria segredos entre eles. Decerto poderia divulgar-lhe um pouco da verdade.

Perplexa, suspirou.

– Oh, não sei o que é melhor.

Vendo que Abigail estava confusa, James inclinou-se sobre a capa que pousara na mesa, ao entrar. Passou a mão pela pele suave, acariciando-a como se fosse um animal de estimação.

– Estou pronto para começar a primeira lição – disse ele. – É com certeza o que ainda quer, a razão por que está aqui. – Os seus dedos eram hipnóticos, massajando a pele. – Partilhe essa razão comigo e o conhecimento será seu.

Como ele não a deixava alcançar a porta, ela virou-se e encaminhou-se para a janela, olhando para o dia cinzento, para a rua movimentada. O vidro era frio contra a sua palma, enquanto pensava na sua situação.

Que mal fazia? A pergunta não lhe saía da cabeça. Já que tinha chegado até ali. Que mal fazia?

– Diga-me – insistiu ele, do fundo da sala. – Não trairei a sua confiança. Juro pela vida da minha mãe.

A simples ideia de ele invocar a mãe durante aquela conversa desarmou-a. Pelos vistos, ele tinha uma visão diferente da do resto do mundo sobre o caráter da mãe, o que tornava a sua promessa dramática e inquestionável. Ela não podia desacreditá-lo. Além disso, pensou, o mal já estava feito. Se por acaso ele quisesse chantageá-la, já tinha os pormenores de que precisava para lhe arruinar a vida. Tinha de confiar nele. O que mais podia fazer?

– Tem razão – disse ela, ainda de olhos postos lá fora –, sobre a vinda da minha irmã Caroline para fazer o debute. E sim, espero sinceramente que ela tenha uma grande receção e que encontre um marido maravilhoso. Foi por isso que recorri a si.

– Por causa do casamento dela?

– Porque sou irmã dela, mas também sua amiga. – Enchendo-se de coragem, enfrentou-o. – Ela espera que eu a guie na questão do marido e já me tem feito algumas perguntas.

– Sobre quê? – interrogou ele, gentilmente.

– Sobre os homens e respetivas mulheres. O que fazem quando estão sozinhos. Como será. – Ele aceitou a explicação tão calma e facilmente que ela se sentiu encorajada a continuar. – Dou comigo perdida, sem saber como aconselhá-la.

– Nunca ninguém lhe explicou?

– Creio que poderia dizer-lhe o que a minha mãe me disse a mim.

Ficou muito vermelha, pensando que aquele iria passar a ser o seu estado normal sempre que estivesse na companhia dele.

– E o que lhe disse ela?

Ela não podia acreditar que ia falar de semelhante assunto, mas, como viu curiosidade e compreensão nos olhos dele, prosseguiu.

– A minha mãe disse que o meu marido se poria em cima de mim de um modo muito sujo e nojento.

– Oh, por amor de Deus... – Ele conteve uma imprecação.

– Explicou que a minha experiência de *esposa* seria dolorosa e humilhante, mas que era meu dever sofrer todas as indignidades a que o meu marido quisesse submeter-me. Vejamos... que mais? – Bateu com o dedo no lábio, lembrando-se de todos os pormenores da horrenda conversa. – Oh, sim... que as suas atenções ofensivas ocorreriam com muita frequência e que eu precisaria de me recompor mentalmente durante os meses precedentes ao casamento para não me envergonhar, nem a ele, na noite de núpcias.

James voltou a encher o copo, refletindo em silêncio sobre o impressionante relato. Acabou por abanar a cabeça em reprovação.

– Nunca deixo de me chocar com as mulheres da sua posição, Lady Abigail.

– Nem eu, Mister Stevens.

Partilharam um olhar penetrante que quebrou a tensão. Timidamente, ela avançou para o sofá e equilibrou-se no assento, levando algum tempo a ajeitar as saias.

– Há pouco tempo, uma amiga da Caroline casou-se – declarou ela. – É um ano mais velha do que a minha irmã e fez o seu debute na temporada passada. Contudo, ao que parece, não tinha qualquer preparação para os seus deveres de esposa. Como não somos casadas, não pudemos visitá-la, mas correram boatos de que ficou tão chocada com o que aconteceu na noite de núpcias que desde essa altura está sob os cuidados de um médico. Retirou-se para o campo.

– Sim, também ouvi esse boato.

– Há alguma história sórdida de que não tenha conhecimento? – perguntou ela, sorrindo.

– Gosto de estar a par da vida dos meus clientes – respondeu ele, encolhendo os ombros.

– Percebo como isso pode ajudar um homem da sua posição. – Brincou com as saias, deixando mais uma vez que o silêncio se prolongasse até ter coragem para admitir o seu desejo mais profundo. – Quero que a Caroline encontre alegria, Mister Stevens. – Deixou os olhos pousarem nos seus olhos astutos, cor de safira, precisando que ele compreendesse o quão importante era aquele objetivo. – A minha irmã é uma menina fantástica e deveria casar por amor, ser feliz ao lado de quem escolher. Quando vem ter comigo e me faz estas perguntas, rezo para conseguir dar-lhe as respostas corretas e as ferramentas necessárias para que o lado mais privado do seu matrimónio possa florescer.

– Creio que é muito sensata.

– A sério? – Ficou contente e sobressaltada.

– Sim.

Ficou tão entusiasmada por ter a aprovação dele que teve a sensação de que todos os seus ossos se haviam liquefeito.

– Crê que é possível uma mulher como Caroline gostar daquilo que se passa na cama de casal?

– Tenho a certeza que sim.

– Sempre suspeitei disso – ela quase escorregou para o chão, de alívio –, apesar de tudo o que ouvi nos últimos anos. Pode dizer-me os pormenores para que eu partilhe a informação a tempo do casamento?

– Claro que sim – respondeu ele sem hesitar –, mas só com uma condição.

O coração dela parou. Iria chantageá-la? Impor-lhe condições?

– Qual?

– Farei de tudo para que ninguém saiba dos nossos encontros. No entanto – bebericou pensativamente a bebida –, se a nossa ligação se tornar pública, será um grande escândalo.

– Estou ciente disso.

– Se acontecer o pior, não farei nada para salvar a sua reputação. Não travarei duelos pela sua honra. Não me casarei consigo. Não farei nada.

– Compreendo. – Ela abanou a cabeça afirmativamente. – Sou uma mulher adulta. Como foi um pedido meu, não espero nenhum salvamento da sua parte.

– Então, estamos de acordo?

– Estamos de acordo – repetiu ela, levantando-se. Ele aproximou-se tanto que, se ela esticasse os braços, tocar-lhe-ia no peito. Gostava de o ter ali, gostava de estar sozinha com ele, de o cheirar e de ver como ele a acariciava com os olhos. Estes vaguearam, sem vergonha, pelo seu rosto, seios, barriga. Ela devia ter ficado desconfortável com o olhar, mas isso não aconteceu. Havia uma aprovação na sua avaliação que a fazia sentir-se feminina e linda.

– Esta casa é sua? – perguntou ele.

– Não. Aluguei-a para que tivéssemos um local para conversar.

– De quanto tempo é o contrato?

– De seis meses.

Ele franziu o sobrolho e deu uma gargalhada sonora, que a enervou.

– Esperava a necessidade de um prolongamento das aulas, ou achava que ia ser uma aluna lenta?

– Foi o período mais curto que consegui negociar. – Ela sorriu, de maneira sedutora. Na companhia dele, apareciam novos comportamentos a todo o instante!

A covinha na face dele apareceu, tornando-o parecido com o próprio diabo.

– Muito bem. Proponho que nos encontremos duas vezes por semana. Segundas e quintas-feiras, à tarde. No próximo mês.

– Oito vezes.

Ela suspirou, pensando que *oito* vezes não era muito tempo. Era óbvio que desconhecia uma parte de si, pois ansiava pela aventura secreta, por algo que só partilhariam entre eles. O que mais lhe dava prazer era estar na sua companhia, mas, como tudo aquilo ia contra a sua natureza modesta, não poderia propor um acordo mais duradouro.

– Muito bem, oito vezes – concluiu.

– Se decidirmos que não chega, a senhora ainda terá a casa, por isso, podemos encontrar-nos mais vezes.

Ela mal conseguia acreditar no seu entusiasmo: era uma mulher prestes a afogar-se e a quem tinham lançado uma corda!

– Gostaria muito – admitiu, fingindo uma calma que não sentia.

– Se, a meio, quiser cancelar os encontros, basta que envie um bilhete para o meu escritório.

– E se *o senhor* quiser cancelar – repetiu ela –, preferia que não me contactasse. Basta-me ver que não vem para perceber que não quer continuar.

– Como quiser.

– É mais seguro. Para os dois.

– Sim, é verdade – não tinha remédio senão admiti-lo. – Bem, então... está pronta para começar?

Com o coração acelerado e a pele quente, contorceu-se de ansiedade.

– Sim, estou pronta.

Na verdade, sentia-se como se toda a vida tivesse estado *pronta* para aquele momento.

3

– Tem alguma ideia do que acontece quando um homem e uma mulher estão sozinhos? – James permaneceu junto da mesa, vendo-a sentar-se no pequeno sofá.

– Nem por isso – respondeu Lady Abigail com sinceridade. – Sei que se deitam na mesma cama e que os bebés são criados como que por magia. – Moveu-se, desconfortável. – No entanto, sempre pensei que tivessem de fazer mais qualquer coisa.

Ele soltou uma risada.

– Já alguma vez viu um homem nu?

– Certamente que não! – disse ela, com firmeza. – Quando deveria ter visto?

– E um quadro? Uma estátua, talvez? – Ela abanou a cabeça. – Talvez um dos seus irmãos, ao tomar banho quando era criança?

– Nunca me deixaram ver ou ajudar. Isso não acontecia lá em casa.

James atravessou a sala e instalou-se junto dela, sem lhe tocar, mas sentindo a carícia dela percorrer-lhe o corpo. O aroma único de Abigail preencheu o espaço à sua volta, fluindo sobre ele como uma nuvem carnal e estimulando-lhe os sentidos.

De perfil, o seu rosto era perfeito. A testa alta e lisa, as longas pestanas, o nariz adorável, os lábios grossos. Juntamente com a elevação dos seios, a cintura fina e a curva da anca, era uma mulher terrivelmente bonita que o fizera fantasiar, mais do que uma vez, nos últimos dias e noites.

Surpreendentemente, ele sofrera inúmeros momentos de tormento físico e psíquico ao ponderar o pedido dela, onde os encontros os poderiam levar e no que significava o seu consentimento. Não conseguia deixar de pensar no assunto, sobretudo após Michael lhe ter falado sobre a sua posição nobre. Ela até lhe aparecera em sonhos, sendo os lençóis emaranhados, ao acordar, a prova viva de como se movera e fantasiara com ela, tanto consciente, como inconscientemente, durante a noite.

Como compreendera quando se conheceram, ajudar a mulher representava inúmeras possibilidades eróticas – às quais não tinha intenção nenhuma de resistir. Sempre fora apelidado de filho da mãe, sem ser por razões de nascimento, e pelos planos que fizera a pensar nela, muitos considerariam que iria mostrar a sua verdadeira personalidade. Mas não se importava.

Queria-a. Tão simples quanto isso. E tencionava tê-la – numa das sessões.

Desde o início que se sentira bastante atraído por ela. Ela fascinava o seu temperamento masculino de uma forma que raras mulheres tinham conseguido fascinar. Era um homem com uma vasta experiência em mulheres, possuído por um forte impulso sexual, e que raramente declinava o que lhe era oferecido, por isso sabia bem o que estava acontecer sempre que se aproximava de Abigail Weston.

Eram muito compatíveis intimamente, isso não podia negar. Não sabia se se tratava de um aroma que ela emanava, de uma vibração, de uma química, porém, tinha consciência de que era diferente de todas as outras mulheres que o rodeavam, o que lhe agradava. Há muito tempo que procurava uma diversão diferente das aborrecidas reuniões carnais a que normalmente ia. As amantes a quem se unia sabiam muito bem o que faziam. Podiam e faziam as coisas mais flagrantes, devassas, e até perversas, para lhe agradar, no entanto, e muito sinceramente, já estava um pouco farto de todas elas.

Descontente e infeliz com as suas relações pessoais, procurava de forma constante o tipo de desejo erótico que tão facilmente o assolara quando era mais novo, quando os encontros sexuais ainda eram uma novidade. Sem exceção, todos os momentos desses encontros tinham sido impressionantes. Queria descobrir o caminho de volta a esses tempos excitantes e não conseguia deixar de pensar que talvez o tivesse encontrado naquela loura elegante que se encontrava agora a seu lado. Tudo o entusiasmava em relação a ela.

Mesmo naquele momento, só pelo facto de estar ao pé dela, sentia as calças apertadas, um desconforto nas virilhas, e mal tinham começado. Simplesmente não conseguia parar de pensar nela e no que gostaria de lhe fazer, não tendo qualquer intenção de parar de desfrutar dos prazeres que poderia encontrar. Obviamente ela não tinha conhecimento do seu plano; pensava que estava ali para aprender as variações das relações conjugais para poder transmiti-las à irmã mais nova.

Mas a especialidade de James eram as mulheres e gostava sempre do que acontecia no final das suas conversas inocentes. Ela era uma virgem ingénua de vinte e cinco anos, com o corpo pronto para a descoberta sexual. Ele, com um enorme prazer, estava preparado para se certificar de que ela a experienciava.

Pela postura direita e o constante abrir e fechar das mãos, James via que a perturbava. Eram ótimos sinais do futuro sexual que acabariam, inevitavelmente, por partilhar.

– Nunca viu um homem nu? – perguntou ele, outra vez. – Nem mesmo quando estava noiva?

– Claro que não! – afirmou ela, corando divinamente. – Como pode imaginar que algo assim teria acontecido?

– Há muitos casais prometidos que decidem não poder esperar até à noite de núpcias.

– Eu não. E decerto que o meu noivo também não! – Atreveu-se a olhar de soslaio, observando-o através das pestanas. – Que tipo de

mulher pensa que sou?

– Penso que é uma senhora de princípios – respondeu ele com sinceridade, enquanto contemplava a sua extraordinária beleza de perto. Pele suave, lábios húmidos, maçãs do rosto coradas. – Não faço nenhum juízo de valor através das minhas perguntas. Só quero determinar por onde devemos começar e pensei que talvez a senhora e o seu noivo...

– Não. – Riu suavemente. – Mal o conhecia e nunca fiquei sozinha com ele.

– Muito bem – disse ele, intrigado pela vida de reclusa que ela levava. Apesar de ser apenas cinco anos mais nova, tinha, em muitos aspetos, a inocência de uma criança. A sua educação fora muito diferente da dele. Como a sua mãe era atriz, James fora criado junto de pessoas do teatro e de outros artistas, sendo sempre associado a mulheres com consciência dos factos da vida desde tenra idade. Excetuando a sua mulher, todas as mulheres com quem se dava eram desinibidas e hábeis.

A ingenuidade dela cativava-o e hipnotizava-o também. Ele adorava a oportunidade de ser o seu tutor. Que espécie de aluna dedicada seria ela?

– Vamos começar – disse ele – pela explicação básica. Vamos evoluir a partir daí.

– Parece-me uma boa ideia.

Um dos cantos da sua linda boca ergueu-se na tentativa de um sorriso, dando a entender que não sabia verdadeiramente se queria ouvir o que ele tinha para dizer ou não. Apesar da insistência de que se sentia pronta para aprender tudo, estava prestes a ficar chocada – talvez até alarmada – com o que ele lhe iria transmitir.

– É provável que isto seja difícil para si. Vamos falar sobre coisas que nunca imaginou, tal como partes do corpo e funções corporais. Não quero que se sinta demasiado embaraçada ou envergonhada com estes temas. Por favor, pergunte-me tudo o que lhe vier à mente. Consegue fazê-lo? Consegue fazer-me perguntas?

– Creio que sim – murmurou ela, calma. – É muito fácil falar consigo.

– Ótimo. Prometo que darei o meu melhor para lhe dar uma resposta franca e aberta. – Ela assentiu com a cabeça de forma hesitante, aceitando o seu gesto. Ele prosseguiu. – Um homem e uma mulher não têm o corpo igual – disse ele. – Nas partes privadas, entre as pernas.

– Porquê?

– Porque as suas partes privadas são usadas para as relações sexuais. Nus, o homem e a mulher têm um aspeto completamente diferente.

– A sério? – Com coragem, ela fixou os olhos nele, mas James sentiu que o seu desejo era olhar para baixo e ver através das calças para se certificar que a sua declaração era verdadeira. A ideia de ela o ver nu e de admirar a sua ereção causou-lhe um calafrio de desejo e ele teve de reprimir um gemido de luxúria. Surpreendentemente, ela conseguia provocar aquele desejo, não por fazer algo, mas apenas pelo facto de estar ali.

– Sim – acabou por responder, parando depois por um longo período, para pensar nos seus impulsos rebeldes. Demorou tanto que ela quebrou o silêncio com um risinho.

– Penso que a sua hesitação quer dizer que está a ter tanta dificuldade com isto como eu, não é?

– Não, não é isso – respondeu ele, sorrindo enquanto mentia. – Só estou a tentar pensar na maneira adequada de descrever este processo.

Inclinando-se para a frente, colocou os cotovelos nos joelhos, pensando que seria mais fácil contar os pormenores se não a olhasse nos olhos.

– O corpo do homem é diferente do da mulher. Principalmente, entre as pernas. Ele tem uma espécie de... – Concentrado, olhou para a parede em frente de forma a escolher as palavras corretas.

Como é que podia explicar o maldito funcionamento a alguém que nunca vira? – Uma espécie de saliência.

– Como se chama... essa saliência?

– Tem muitos nomes. Falo, pénis, pila. – Havia outros nomes, mas não se conseguia lembrar de mais nenhum.

– Como se refere a ele?

James aclarou a garganta.

– Creio que lhe chamo *pila* na maior parte das vezes.

– Então, acho que também usarei esse nome.

Ele ficou instantaneamente duro. Era insuportável ouvir aqueles lábios puros pronunciar tal palavra. Deu consigo a mudar de posição, numa tentativa de apaziguar o inchaço nas calças.

Forçou-se a continuar.

– Uma pila é, normalmente, flácida durante o dia, quando o homem faz a sua vida diária, e fica dura e ereta durante o período de estimulação sexual. É deste membro *duro* que sai um creme branco aquando da relação. Esse creme branco tem as sementes que fazem a mulher engravidar. A libertação desse... desse creme é o desenvolvimento de uma grande sensação de prazer, algo que os homens nunca se cansam de experimentar.

– O que provoca a *erupção* desse creme do corpo do homem?

– O homem coloca o pénis entre as pernas da mulher. – Olhou-a nos olhos, compreendendo que o passo seguinte seria provavelmente o tema mais bizarro que ela alguma vez ouvira e queria ver o modo como ela se comportava. No mundo de Abigail, se um cavalheiro percebesse de menstruação, ou se a comentasse, era o ser mais inoportuno de todos. – Ele empurra a ponta para o sítio de onde, todos os meses, escorre sangue – nenhuma reação visível –, onde existe um buraco que dá para o ventre, no qual ele enterra o pénis...

– Lá dentro? – Pareceu incrédula, pasmada.

– Sim... lá dentro e, movendo-se para a frente e para trás, cria uma fricção agradável que o faz libertar a sua semente.

Seguiu-se um longo silêncio. Ela acabou por murmurar.

– Compreendo – embora, pela sua expressão de perplexidade, ele tenha ficado convencido que ela não compreendia de todo. Nervosa, lambeu o lábio inferior e fez uma pergunta. – As duas partes estão nuas?

– Às vezes, sim – respondeu ele. – Às vezes, não.

– Porquê?

– Eles estão tão possuídos pela paixão que, com a pressa de atingir o ato, não perdem tempo a despir-se.

– E em circunstâncias mais normais?

– Se um marido deseja preservar a modéstia da esposa, pode simplesmente levantar-lhe a bainha da camisa de dormir. No entanto, não conheço nenhum homem que se comporte assim durante o prazer marital.

– Porque não? – perguntou ela, outra vez. Tantos «porquês».

– Bem... a maioria dos homens gosta do prazer extra que o toque na pele das mulheres provoca. Ficam mais excitados quando elas estão nuas.

– Então é mais provável que a mulher esteja completamente nua logo desde início.

– Sim.

Ela inalou, deixando o ar sair lentamente, quase como um sacrifício.

– Creio que deve soar mal, mas tenho de admitir que me sinto absolutamente fascinada. E surpreendida. Não fazia ideia de que...

– Realmente, é espantoso – concordou ele. – Imagine quão chocada deve ficar uma menina bem-comportada na noite de núpcias.

– Tal como a amiga de Caroline diz ter ficado.

– Sim. Tal como ela e como a sua irmã poderá ficar. A experiência marital de uma noiva pode ser bastante assustadora, caso o marido não seja um amante carinhoso. Como já disse, penso que é muito sensata por planear essas coisas atempadamente.

Ela procurou a verdade da declaração nos olhos dele e encontrou-a.

– Obrigada.

– De nada.

– Tenho uma dúvida – disse ela, de súbito ansiosa por continuar. Pelos vistos, a pequena explicação aguçara-lhe a curiosidade. Desejava saber mais. – Não compreendo muito bem como é que o homem e a mulher encaixam...

– Pensei que pudesse ter dúvidas nesse ponto, por isso, trouxe algo para mostrar-lhe. – Pegou na capa que tinha em cima da mesa e colocou-a no colo. Os olhos dela seguiram-lhe todos os movimentos. – Tenho aqui algumas imagens que ilustrarão o que estou a dizer-lhe.

– Que tipo de imagens? – inquiriu ela.

– Imagens sexuais. Foram pintadas por um amigo meu em Paris, há alguns anos. São bastante esclarecedoras.

– O que mostram?

– Retratam um homem e uma mulher a progredirem nos passos de uma junção sexual. – Mudou de posição no sofá, para que os braços e as coxas de ambos estivessem encostados, o tecido da saia dela a flutuar sobre a perna e a bota dele. – É óbvio que se trata de uma interpretação sem movimento, pelo que não pode dar-lhe a exata precisão de como as coisas evoluem. Mas os desenhos são muito pormenorizados.

– Porque haveria um artista de desenhar imagens como estas? – Ela semicerrou os olhos perante a aba do envelope, como se fosse capaz de obrigar a visão a ver através do couro de forma a puder observar o primeiro esboço.

Ele declarou o óbvio.

– Por dinheiro.

– Não!

– Existe um mercado enorme para este género de coisas. – Ele sorriu pensando em Pierre, em Paris e nos dias maravilhosos que lá

passara quando era mais novo. – A procura destas imagens é muito maior que a das aguarelas inócuas das esquinas de Paris.

– Porquê?

– A maior parte dos homens considera os desenhos eróticos um grande estímulo. As imagens aumentam os seus impulsos sexuais.

– Também é o que lhe acontece quando olha para elas?

Ficou extremamente orgulhosa com a sua capacidade de fazer uma pergunta daquelas, sem hesitar.

– Sim. Creio que se deve à minha natureza animalesca. Sou um homem e os homens são como animais, prontos para copular a qualquer momento.

– Foi isso que me disseram toda a vida. – Riu com gosto. – Acredita mesmo nisso?

– Sem dúvida – respondeu ele, sorrindo. – Por muito que finjamos, só pensamos em sexo. A natureza dotou as mulheres de inúmeras qualidades que nos atraem. Pele nua, lábios, peito, o cabelo crespo que rodeia a fenda sedutora… – fez uma pausa e concentrou-se em todos os locais que mencionava. Ela moveu-se no sofá, desconfortável. – É tudo muito estimulante para os homens. Basta vermos a curva do peito de uma mulher para pensarmos no ato sexual.

– Talvez seja por isso que nos vestimos de forma tão severa, para não mostrar nem uma ponta da nossa feminilidade que possa ser apreciada por olhos masculinos.

– Estou certo de que tem razão – disse ele, encorajado pela forma descontraída como ela aceitara a conversa. – Se fôssemos obrigados a olhar para mulheres nuas o dia todo, passaríamos o dia a fornicar como animais.

Ela riu-se novamente e abanou a cabeça.

– Nem acredito que esteja aqui sentada a debater isto consigo. Se me conhecesse... saberia que a minha vida é...

– Faço uma pequena ideia. – Observou o cabelo penteado, a pele pálida, as unhas arranjadas, as mãos que nunca tinham visto um dia

de trabalho. Dos pés à cabeça, ela era a mais distinta das senhoras.

– Posso ver?

Abigail estendeu a mão e James tirou o conteúdo do portefólio. Continha apenas vinte desenhos, cada um feito em pergaminho duro e especialmente executado para o efeito. As figuras tinham sido originalmente esboçadas em linhas de tinta preta, tendo-lhes sido adicionadas cor e sombras para um resultado mais dramático. Ele passou-lhe a primeira imagem e ela estudou-a com minúcia. Para os olhos experientes de James, a imagem era simples, todavia, para uma mulher com o passado de Lady Abigail, devia ser absolutamente espantosa.

Uma mulher nua estava deitada sobre uma cama, encostada a uma pilha de almofadas. Era roliça, com seios grandes e pesados, e mamilos grandes e alongados. Tinha uma mão atrás da cabeça e a outra na parte de baixo da barriga, como se tivesse acabado de se tocar ou estivesse prestes a fazê-lo. Não tinha pelos debaixo dos braços, nem na zona genital. Pelo brilho dos olhos e pela pose provocadora, era evidente que esperava o seu amante.

Lady Abigail observou longamente a imagem. Ele esperou, impaciente, pensando no que lhe iria na mente. O silêncio tornou-se opressivo e James chegou à conclusão que ela nunca faria um comentário. Então, tocou na ilustração e começou a estimular o mamilo da mulher, tal como faria na vida real, fazendo círculos demorados à volta da ponta cor de pêssego.

– Já viu o peito de uma mulher? – perguntou ele.

– Não. – Ela estava hipnotizada com os movimentos dele.

– Já viu o seu?

– Não! – respondeu ela com veemência, ficando corada, o rubor começando algures internamente, depois alastrando-se aos ombros, pescoço, faces e couro cabeludo. Estava completamente ruborizada e ele teve imensa vontade de abandonar a conversa e abanar um leque junto do rosto dela, contudo, não o fez. Queria-a quente... mas sem perceber bem porquê.

– Os seios de uma mulher – continuou ele – são a parte mais sensível do seu corpo. Um homem acaricia-os, morde-os e belisca-os. Os mamilos, especialmente, respondem a esses movimentos, pelo que um homem os chupa, tal como um bebé faria, só que o faz com mais brusquidão, usando os dentes e a língua de forma abrasiva.

– E essa abrasão... esse chupar... dá prazer?

– Muito. Tanto para o homem como para a mulher. – Ele olhou para o peito dela, que subia e descia rapidamente, devido à respiração arquejante. Conseguia ver-lhe as pontas dos mamilos, mesmo através de todas as camadas de tecido. Estavam irritados e pressionavam o corpete do vestido.

– É tão difícil de imaginar... – suspirou ela.

– A sério? – inquiriu ele, desejoso que ela imaginasse tudo com grande pormenor.

Quase que lhe conseguia ouvir o cérebro trabalhar enquanto olhava para o vazio. Finalmente, falou.

– Ela não tem pelos... na parte de baixo...

– Não. É moda em França.

– Como é que se tira?

– Algumas mulheres têm uma criada especial que os tira, outras vão a sítios especializados em cera e a outros locais. Há vários métodos de os tirar.

– Porque faria ela isso?

– Muitos homens acham incrivelmente estimulante sentir a pele suave e desobstruída da mulher. – Tocou nos genitais rapados da imagem. – Gostam de beijá-la aqui, entre as pernas...

– A sério? – interrompeu Abigail, os seus olhos perturbados a encontrarem os dele.

– Sim.

– Porquê? Porque haveria um homem de querer fazer algo tão atroz?

– Prazer, minha senhora. Tem tudo a ver com prazer.

– Já alguma vez...

Engoliu em seco. Fez uma pausa. Ele percebeu perfeitamente a pergunta que ela lhe queria fazer e considerou-a muito corajosa por atravessar águas tão profundas sem fazer a mais pequena ideia de onde se estava a meter.

– Quer saber se eu já alguma vez beijei uma mulher aqui.

– Sim – suspirou ela e as suas faces adquiriram outro encantador tom de vermelho. James ainda não tinha percebido que a pele de uma mulher podia mudar de tom conforme o grau de embaraço.

– Pergunte-me. – Quando ela hesitou, ele prosseguiu. – Vá lá. Não faz mal.

– Já alguma vez... beijou... – Parecia que se ia atirar de um precipício e ser levada pela corrente de um rio. – Já alguma vez beijou uma mulher entre as pernas?

– Sim. Faço-o muitas vezes com as minhas amantes.

– E dá-lhe prazer?

– Muito.

– E as suas... as suas... amantes também sentem prazer com isso?

– Bem, gosto de acreditar que sim. – Riu-se, não conseguiu evitá-lo. – Não é falsa modéstia quando digo que sou famoso pelas minhas façanhas sexuais.

Ela abanou a cabeça, cética.

– É difícil para mim acreditar que uma mulher concordaria em tolerar tal atenção, mesmo que o homem tenha muita experiência. Parece demasiado pessoal.

– Essa é uma das razões pela qual é tão excitante. – Sorriu-lhe de forma matreira. – Também é um pouco indecente. Geralmente, reparo que quanto mais indecente uma coisa é, mais prazer dá.

– O senhor é terrível – respondeu ela com um risinho. Depois, franziu o sobrolho. – Contudo, quero esclarecer uma coisa.

– O quê?

– Todas estas carícias, beijos, chupadelas... Calculo que sejam preliminares necessários ao coito?

– Bem... – meditou ele –, não diria *necessários*, mas, sim, torna o que se segue muito mais interessante.

– Mas, porque é que todas as... carícias inicias… ocorrem?

– Porque é mais estimulante. Mesmo assim, a mulher não se excita tão facilmente como o homem, pelo que pode ser doloroso para ela se ele decidir introduzir o pénis ereto demasiado depressa.

– Ah... – disse ela, pensativa. – É dessa *dor* que tenho ouvido falar.

– Do que ouviu falar é da dor de uma virgem na noite de núpcias. A mulher nasce com uma fina camada de pele na entrada para o seu ventre. Chama-se hímen. Rasga-se quando o homem a penetra pela primeira vez. Esse momento pode ser terrível caso a mulher não esteja devidamente descontraída. Mesmo com estimulação, pode ser... desagradável.

– Então, essa *estimulação* é o resultado das carícias?

– Sim – assentiu ele com a cabeça. – A mulher tem muitos locais sensíveis no corpo. Quando estão convenientemente excitados, significa que está pronta para acasalar.

– E enquanto o homem está ocupado a fazer todas essas coisas, o que faz a mulher?

– Beija-o e toca-o, também. Normalmente, a mulher envolve o pénis com a mão ou com a boca – os olhos dela ficaram muito abertos –, de forma a acariciá-lo com um ritmo sexual. É bastante estimulante e aumenta a antecipação do homem para o que depois se segue.

– O homem espera que a mulher lhe toque nas partes privadas?

– Talvez não nos encontros iniciais, mas... Sim, ele desejaria que isso acontecesse frequentemente depois de a mulher aprender a cumprir os seus deveres de esposa.

Os olhos dela voltaram-se de novo para a imagem, não sem antes percorrerem depressa o corpo dele, com curiosidade de verem a zona das virilhas. Felizmente, James continuava inclinado para a

frente, pelo que ela não viu o inchaço que provocara. Continuava ereto como um mastro, sem que o seu desejo diminuísse.

Enquanto fantasiava sobre a possibilidade de ela, um dia, introduzir os dedos finos e compridos dentro das suas calças para lhe tocar ou, até, de chupá-lo com os lábios carnudos e cor de rubi, aquele momento não era apropriado para ela descobrir de que tamanho ficava o falo de um homem quando estava excitado. As ilusões que pudesse ter sobre isso ficavam para uma lição onde já estivessem mais à vontade um com o outro.

Colocou a primeira imagem em cima da mesa que se encontrava diante do sofá e passou-lhe a segunda para a mão.

– Olhe para a próxima.

A mulher voluptuosa pusera-se de lado e um homem nu juntara-se a ela. Quase não se via na imagem, mas estava deitado atrás dela, com uma perna por cima da sua anca e uma mão a torcer-lhe o mamilo. Lady Abigail observou durante alguns minutos até compreender o óbvio.

– É o senhor! – sussurrou, olhando-o com ar acusador. – O homem da imagem é o senhor!

– Sim.

– Está nu!

– Sim – repetiu ele.

– Aparece mais vezes?

– Em quase todas as ilustrações.

Ela estendeu o braço como se fosse folhear os desenhos rapidamente, todavia, algo a impediu de o fazer.

– Então, vou ver... o seu corpo todo?

– Receio bem que sim.

Fora por essa mesma razão que ele se questionara se haveria de levar os desenhos ou não. Não se importava que ela o visse nu. Aliás, tinha esperança de que ela visse tudo numa das próximas lições, contudo, sabia que as imagens a deixariam pouco à vontade. Depois de refletir, resolveu levá-las porque, simplesmente, não tinha

mais nada para mostrar. Possuía mais duas coleções semelhantes, nas quais também tinha o papel principal, mas eram muito mais picantes.

– Não se importa que eu o veja assim? – Ela passou a mão pelo desenho, sem lhe tocar, indicando a sua nudez.

– Nem por isso. – Ele encolheu os ombros. – Já muitas mulheres me viram nu. Não tenho grandes preocupações com isso.

Ela estudou a aparência dele.

– Era bastante mais novo.

– Dezanove anos.

– Porque concordou em fazer isto?

– Era impulsivo. Idiota. Não tinha juízo. Como disse, o artista era um amigo meu e pediu-me esse favor. Na altura, pareceu muito divertido. – Mais uma vez, riu-se com as memórias de Paris. Ah... que vida levara ao crescer no Continente! – Devo referir que a minha mãe me trouxe de volta para Inglaterra pouco depois de ter descoberto o que eu andava a fazer. Achou que me tinha adaptado muito rapidamente ao estilo de vida francês e que o meu comportamento se tornara bastante indecente. Pensou que era melhor para mim o mundo socialmente restrito que encontrei aqui.

– E foi?

– Já passaram dez anos e diria que ainda não decidi – respondeu com um sorriso travesso.

– Penso que a sua mãe foi bastante sensata em trazê-lo de volta. – Soou demasiado autoritária, enfadonha e muito mais velha do que realmente era.

– Não sei se concordo consigo – disse ele. Sem acreditar que dissera tal coisa, acrescentou –, parece que tenho sempre problemas com as mulheres, independentemente do país onde me encontro.

– E a mulher? – acabou ela por perguntar, depois de observar durante algum tempo a forma como a mão dele manipulava o peito dela. – Como se chamava?

– Lily. Era a mulher do artista. – Os olhos dela abriram de choque ou, talvez, de consternação.

– E o seu amigo não se importou?

– Éramos jovens. Em Paris. Os tempos eram mais liberais. Ele considerou o episódio totalmente erótico.

Sem responder, Abigail fez deslizar a imagem para cima da mesa, pegando, depois, na terceira. O casal movera-se e Lily estava agora deitada de costas com James em cima de si. Estavam envolvidos num beijo animado, com os lábios encaixados e as línguas coladas. A mão de James apertava-lhe o peito, enquanto os dedos pressionavam o mamilo.

– A sua língua está na boca dela – comentou, depois de um longo exame.

– É a forma mais apaixonada de beijar uma mulher – respondeu ele, fixo no seu perfil. Todavia, a atenção de Abigail estava fixa no abraço entusiasta. – O homem move a língua para dentro e para fora da boca da mulher a um ritmo que simula o coito.

– Mais *preparação*?

– Sim. – Estava tão concentrada na imagem que ele se atreveu a aproximar-se um pouco mais. – Já foi beijada? – perguntou.

– Uma vez – respondeu ela, sorrindo com a lembrança. – O meu noivo teve permissão para beijar-me, na cara, logo após o pedido de casamento.

– Foi essa a única ocasião? – Ele inalou lentamente o aroma do cabelo dela, o cheiro da sua pele.

– A única...

Finalmente, conseguiu desviar os olhos da imagem e, quando o fez, o seu peito tocou no braço dele e a sua anca premiu a dele. James conseguiu ver os reflexos dourados nos seus olhos de esmeralda, assim como o seu reflexo neles. As pupilas dela dilataram-se, as narinas abriram-se por o encontrarem tão perto.

– Então... nunca foi beijada como deve ser?

– Não – admitiu.

Permaneceram sentados, muito quietos, paralisados com a promessa do que poderia acontecer.

– Gostava de ser? – O olhar acalorado dele deslizou para a boca dela, demorando-se aí.

Abigail pareceu surpreendida com a sua resposta.

– Creio que sim.

– Gostava de ser beijada por mim?

Parecia que ele a tinha picado com uma agulha, pois ela levantou-se rapidamente e foi para a janela, o sofá tornando-se uma barreira entre eles. Encostou-se à janela e olhou-o com ar acusador, como se realmente a tivesse beijado em vez de lhe ter feito a pergunta.

– Isto não tem a ver comigo! – insistiu ela. – Tem a ver com a Caroline e com a necessidade que tenho de prepará-la com a informação correta.

– Mas como lhe irá dar a informação *correta*, se não tem experiência própria?

– Disse que podia ensinar-me!

– E posso. Estou apenas a dizer que o seu conhecimento pude ser maior caso experimente, por si própria, algum desejo físico.

– Não – declarou ela, abanando a cabeça. – Não é isso que quero. Ou porque estou aqui.

– Tem a certeza?

– Absoluta – retorquiu, firme, depois de uma pequena hesitação que indicou a James que se sentia confusa sobre o que estavam a iniciar.

Ele olhou-a calmamente, como se não se importasse com a sua escolha, apesar de estar ansioso por sentir os lábios dela nos seus. Contudo, era um homem paciente. Tinha muito tempo para dar-lhe a volta.

– Venha – pediu. Não esperava sentir tanto a ausência dela ao seu lado. Bateu no lugar onde ela estivera sentada no sofá. – Tenho mais algumas imagens para lhe mostrar. – Todavia, como um animal

assustado, ela não se aproximou, portanto ele acrescentou: – Dou-lhe a minha palavra de que não farei nada, a menos que me peça.

– Prometa – pediu ela, decidida.

– Prometo.

Infelizmente, a sua promessa não surtiu efeito e ela manteve-se onde estava. Tinha o peito acelerado, as maçãs do rosto a escaldar, os dentes a morderem o lábio inferior e uma mão na barriga como se estivesse doente.

– Penso – acabou finalmente por dizer, encontrando a voz –, que chega por hoje.

Ele pretendeu discutir a decisão, precisando de mais tempo para fazê-la mudar de ideias. Depois, olhou novamente para ela e pensou que, para uma primeira lição, Abigail já ouvira mais do que poderia suportar.

– Como quiser. – Assentiu com a cabeça, levantou-se e preparou-se para sair, não sem antes recolher as imagens e guardá-las no portefólio. A coleção era demasiado preciosa para ficar esquecida e ele não suportaria perdê-la. Além disso, malandro como era, queria estar com ela aquando do visionamento de todas as imagens. – Encontramo-nos na segunda-feira, como combinámos? – Tentou acalmar-lhe os ânimos com um sorriso. – Ou já teve o suficiente?

Susteve a respiração enquanto aguardava pela resposta. Se ela dissesse *não*, ele tinha de arranjar uma forma de se infiltrar no seu mundo, porque *iria* vê-la novamente.

– Sim – acabou por concordar –, gostaria que nos encontrássemos de novo na segunda-feira.

Os joelhos dele fraquejaram de alívio, conseguindo suprimir um sorriso de satisfação. Tal como suspeitara, a mulher estava a ser gradualmente atraída para o prazer obscuro que tão facilmente a tentava. Pensava que fazia tudo pela irmã mais nova, mas era uma mulher adulta – uma mulher que queria saber tudo. O que significava que ele podia passar alguns limites.

– Acho-a muito bonita, Lady Abigail.

– Mister Stevens... – Grunhiu o nome dele.

– Nada de segredos, minha senhora, nem vergonha. Não quando está aqui, assim, comigo.

– O seu comentário é bastante pessoal... e não tem nada que ver com a Caroline.

– Não, não tem. – Deu um passo como se fosse partir, mas deteve-se. Ela ainda se encontrava perto da janela. – Esta noite, depois de dizer à sua criada para se ir deitar, vá pôr-se em frente do espelho. Nua. Quero que toque nos seus seios...

Ao ouvir a sugestão chocante, Abigail susteve a respiração.

– Jamais poderia!

– Poderia, sim – contra-argumentou ele. – Aperte os seus mamilos. Descubra como se excitam fácil e dolorosamente.

Antes que ela pudesse contestar ou protestar, ele saiu, descendo dois degraus de cada vez, agarrando nos seus pertences e saindo para o dia húmido. Já contava as horas que faltavam para voltar a vê-la.

4

Abigail olhou para a multidão ao almoço, tentando seguir as conversas que se mantinham à sua volta. No entanto, era impossível concentrar-se. Só conseguia pensar em James Stevens, pelo que desistiu de escutar o discurso dos que se sentavam ao pé de si e de dar respostas interessantes aos comentários que lhe faziam, perdendo-se nas lembranças da tarde que passara na casa alugada.

Apesar de só terem passado poucas horas desde que se separara de Mr. Stevens, nesse curto período de tempo parecia que tudo tinha mudado. Até o chão parecia inclinar-se levemente, pelo que teve de se agarrar à mobília para não perder o equilíbrio.

Nada era o mesmo.

Com as descrições sexuais que ele fizera ainda frescas na sua memória, deu por si na sala de estar antes de a refeição ser anunciada, olhando furtivamente para todas as roupas dos cavalheiros, à procura de indicadores de inchaço escondidos nas calças. Não podia acreditar que nunca reparara em tal diferença.

Uma vez na sala de jantar, o seu estado não melhorou. Continuava a observar os vários casais, sem conseguir deixar de imaginá-los juntos na agonia da paixão. A noção de que os homens parcialmente calvos e com gota, e de que as mulheres obesas e mesquinhas pudessem encontrar prazer na companhia despida uns dos outros era tão rebuscada que teve de se concentrar no prato com medo de ser apanhada a olhar indiscreta e desconcertadamente.

O olhar pousou no meio-irmão, Jerald, sentado à cabeceira da mesa. Com mais vinte e três anos que ela, era baixo e gordo, com cabelo fino e patilhas enormes a atravessarem-lhe as bochechas e a cobrirem a compleição vermelha que desenvolvera devido ao excesso de bebida. A barriga transbordava-lhe de tal forma da cintura das calças que a sua cadeira tinha de ser colocada um pouco afastada da mesa para que ele coubesse. Apesar de não ter sido belo em jovem, fora mais ou menos bem-parecido, no entanto desleixara-se, e ela não conseguia deixar de pensar no que a cunhada, Margaret, pensava sobre a sua aparência atual. Já estavam casados havia quase trinta anos. Repararia nele ainda?

Margaret encontrava-se sentada na outra ponta da mesa, majestosa como uma rainha. Os seus caracóis cinzentos estavam apanhados no cimo da cabeça e adornados com penas. O estilo acentuava-lhe a cara redonda, as bochechas e o segundo queixo. O corpete do vestido roxo-escuro apertava-a muitíssimo e evidenciava-lhe o peito enorme.

Visitaria ainda Jerald a cama de Margaret? Rebolariam num êxtase tórrido, nus?

A ideia era tão estapafúrdia que ela teve de pegar no copo e bebericar um pouco de vinho para não dar uma gargalhada. Na sua pressa, engoliu mais do que desejava, tossindo e fazendo com que todos olhassem para si. Para disfarçar a torrente de riso, pressionou o guardanapo nos lábios e inspirou calmamente.

Como reagiriam todas aquelas senhoras e cavalheiros se percebessem onde ela tinha a cabeça? Apesar de todas as suas meditações serem inapropriadas, não era capaz de deixar de pensar naquela gente despida e nas suas paixões sexuais. James Stevens abrira a porta secreta para um mundo completamente diferente e, tal como a pior espécie de *voyeur*, ela também não resistia a espreitar.

Uns lugares abaixo, a irmã Caroline conversava alegremente com dois possíveis maridos. Caroline era uma rapariga muito bonita, loura, de olhos azuis, pele macia, feições perfeitas, voz agradável e

atitude jovial. Contrariamente à opinião que Abigail tinha em relação aos outros convidados, conseguia facilmente imaginar a irmã nos braços de um ou dois cavalheiros, tal como a ela própria. Tê-lo-ia negado antes, mas não depois do seu encontro com Mr. Stevens.

Desde a lição efémera, fizera uma descoberta chocante: a sua personalidade tinha um lado terreno e lascivo do qual nunca suspeitara. Nunca percebera que sentia falta do tipo de interação física que o casamento proporcionava. Agora, não compreendia como fora possível ter sobrevivido sem ela.

Surpreendentemente, tinha uma capacidade impressionante para fantasiar. Sempre que fechava os olhos, via as imagens de nus que Mr. Stevens lhe mostrara, com ele próprio deitado no sofá na companhia da mulher chamada Lily. No entanto, a mulher em que pensava não era Lily, mas ela mesma! Era *ela* a mulher que estava enredada com Mr. Stevens. As *suas* pernas e línguas emaranhavam-se, o peso dele afundava-*a* nas almofadas, a mão pousava-lhe no peito, apertando e manipulando-*lhe* o mamilo ereto.

Para seu choque, as suas imagens mentais pareciam tão reais que ela conseguia sentir o calor da pele dele, o sabor do brande na sua língua, a grossura do cabelo enquanto lhe passava a mão pela cabeça. Desconfortável, mudou de posição na cadeira. A fricção nas coxas e no rabo provocou-lhe um estranho remoinho de agitação.

Oh, como era possível que Mr. Stevens tivesse provocado tamanha agonia? Teria o canalha percebido que a breve aula a deixaria naquele estado? Não era capaz de tirá-lo do pensamento! O verme! Todos os segundos do encontro se repetiam exasperadamente na sua cabeça: tudo o que ele dissera, tudo o que fizera e tudo o que ela dissera, também.

Sobretudo, continuou a voltar ao momento em que debateram o beijo, quando ele lhe perguntara se ela gostaria de ser beijada. Sinceramente, ansiara pela oportunidade de sentir os lábios dele contra os seus. Queria-o de uma forma desesperada e assustadora.

Essa possibilidade enfraquecia-lhe as pernas. Estava dorida e inquieta. E os seus lábios...

Formigavam e ardiam, pelo que os molhava repetidamente com a língua, sentindo-os como nunca antes os sentira. Por mais tolo que soasse, sentia-os secos e virgens, como se tivessem estado guardados e lhe tivessem sido colados para serem utilizados para o seu objetivo principal. Isto é, beijar Mr. Stevens.

A noção aguçou-lhe os sentidos. Como seria ser beijada por ele? Ele dissera que ela tinha de o pedir, se quisesse que acontecesse. E se fosse suficientemente corajosa para dar esse passo?

Não conseguia pensar em mais nada.

Enquanto refletia sobre o *rendez-vous* seguinte, foi obrigada a reconhecer um impulso repentino de querer usar o cabelo solto, mas, como nunca nenhum homem lhe vira os caracóis caídos, era uma ideia quase escandalosa. Ainda assim, era capaz de imaginar Mr. Stevens a tocar-lhes e a brincar com eles, deixando os fios passarem-lhe por entre os dedos. Encostá-los-ia ao rosto, sentiria o aroma forte do seu sabonete, prenderia a madeixa loura ao pulso e puxá-la-ia para mais perto, mais perto...

Abafando um gemido, olhou em volta e ficou desconcertada ao perceber que o jantar tinha terminado sem que desse conta. As senhoras dirigiam-se para a sua sala e, felizmente, Abigail conseguiu esquivar-se sem ter de falar com ninguém. Desde que regressara à casa citadina que não dispusera de um único momento tranquilo para si. Os criados andavam de um lado para o outro. Margaret andara num rodopio por causa dos lugares à mesa. Caroline insistira em falar com entusiasmo e sem parar sobre a sua primeira festa londrina.

Embora Abigail aparentasse a sua paciência e resignação típicas, tivera de fazer um enorme esforço para não se irritar com toda a gente. Ansiava por ir para os seus aposentos, onde poderia atormentar-se e preocupar-se com a informação carnal que

recebera, mas retirar-se seria uma atitude de grande falta de educação.

Ocupou o pequeno sofá do canto na esperança de que ninguém se juntasse a si. Todavia, para seu espanto, a cunhada encaminhou-se depressa na sua direção. No estado transtornado em que Abigail se encontrava, seria incapaz de suportar os disparates de Margaret.

– Acho que o jantar foi um êxito – declarou Margaret, ajustando as saias amplas até se conseguir sentar direita.

– Foi uma delícia – mentiu Abigail. Estava tão confusa que já não sabia o que fora servido. Lembrava-se vagamente de ter bebido vinho, que agora gorgolejava e fermentava no seu estômago vazio.

– Acabei de receber excelentes notícias. – Margaret inclinou-se. – Tinha de as partilhar imediatamente contigo.

– O que aconteceu? – Abigail ficou quase alarmada com o brilho nos olhos de Margaret.

– O conde Spencer vai casar outra vez.

O corpo de Abigail ficou tenso. O conde era o pai de James Stevens. A referência ao homem, pouco tempo depois de ter estado na companhia do seu filho ilegítimo, deixou-a em pânico. Durante um instante frenético, pensou nas coisas mais estapafúrdias, deixando-a preocupada com a possibilidade de a presença do conde poder desmascarar o seu esquema bizarro. Com um esforço determinado, afastou esse tipo de pensamentos. Era impossível que alguém soubesse onde passara a tarde, pelo que tinha de controlar melhor as suas emoções.

Tentando acalmar-se e estabilizar a respiração, acabou por perceber que não tinha entendido o significado do comentário de Margaret ao dizer que o conde ia casar novamente.

– E daí?

– Seria perfeito para a Caroline.

Apesar de Abigail nunca ter conhecido Edward Stevens, sabia muito sobre ele. Era um viúvo que acabara de cumprir um ano de luto pela falecida esposa. Três décadas antes, tivera dois filhos

ilegítimos com a atriz Angela Ford, para além dos quatro legítimos que tinha com a mulher. Embora não soubesse ao certo a sua idade, imaginava que o homem devesse andar na casa dos cinquenta.

– Com franqueza, Margaret – repreendeu ela –, o que te levou a pensar em tal união?

Margaret olhou-a como se ela fosse uma idiota.

– Nome e fortuna, claro.

– Claro – murmurou Abigail, mordendo a língua para conter muitas respostas tortas. – Mas a Caroline só tem dezassete anos.

– Um homem mais velho pode ser exatamente o que ela precisa. – O olhar de Margaret vagueou pela sala na direção de Caroline, que falava alegremente com vários amigos. Abigail lutou contra o impulso de ranger os dentes. Margaret sempre achara que Caroline era demasiado bonita, alegre e desinibida.

– Vai dar-se muito bem com alguém da sua idade – insistiu Abigail. – Além disso, não consigo imaginar que um viúvo esteja interessado numa rapariga com idade para ser sua neta.

– Cavalheiros mais velhos gostam de mulheres jovens. Consideram-nas mais obedientes. Mais fáceis de treinar.

– Por amor de Deus, Margaret! – irritou-se Abigail. – Falas de Caroline como se ela fosse um animal de estimação. – Um criado passou a oferecer vinho. Ansiosa para fazer algo com as mãos, de forma a evitar colocá-las à volta do pescoço de Margaret, Abigail aceitou um copo.

Nada abalada com o tom severo de Abigail, Margaret prosseguiu.

– As raparigas têm muitos deveres conjugais para aprender e alguém tão... – fez uma pausa, procurando a palavra apropriada, com Abigail à espera, tensa – *alegre* como a Caroline poderia beneficiar da mão firme de um marido maduro.

– A Caroline vai ter um excelente marido. Não te preocupes com ela. – Contudo, fez uma nota mental para falar com Jerald o mais rapidamente possível. Embora fosse algo demasiado moderno e

muito diferente do seu caráter, ela conseguira fazer com que ele concordasse que Caroline fosse consultada sobre qualquer proposta e que pudesse recusar quem não lhe interessasse. Com o tipo de determinação que só uma rapariga de dezassete anos podia exibir, Caroline estava determinada a casar apenas por amor.

A decisão de Jerald nunca agradara a Margaret. Na opinião da mulher, Caroline devia casar com quem lhe dissessem para casar, sem queixas, pelo que o maior medo de Abigail era que Margaret convencesse Jerald a renegar a promessa que fizera. Se Jerald mudasse de ideias agora, seria um desastre incalculável.

Sorriu, esperando tranquilizar a cunhada autoritária.

– Não nos preocupemos com isso agora. Acabámos de iniciar a nossa busca. Temos muitos serões para decidir quem será melhor para ela.

– Sim, é verdade – concluiu Margaret. – Sabes, se o conde não gostar da Caroline, pode ser que repare em ti.

– O quê? – engasgou-se ela. Como se fosse capaz de casar com o pai de James Stevens! A ideia era ridícula! O seu temperamento impelia-a a negar veemente a hipótese, esforçando-se para parecer indiferente. – Estás a brincar.

– Porque dizes isso? Quais são as tuas intenções? Tens vinte e cinco anos. A Caroline está criada. A tua obrigação para com a família terminou. Tencionas voltar para o campo e viver a tua vida como uma solteirona? É óbvio que deves querer algo mais do que isso.

Abigail olhou em volta. Os cavalheiros tinham acabado os cigarros e o vinho do Porto e começavam a retirar-se. Imaginou-se como mulher de um deles, contudo, a imagem não era clara na sua cabeça.

Depois de descobrir a verdade sobre os compromissos íntimos de uma esposa, duvidava que alguma vez pudesse caminhar em direção ao altar. Pelo menos, não com nenhum dos homens que conhecia. Por amor, era capaz de arriscar. Mas somente por amor.

O seu marido teria de ser alguém atrevido e espirituoso. Alguém que a excitasse e cativasse.

Teria de ser alguém como... como Mr. Stevens, pensou, com as maçãs do rosto a ficarem rosadas.

– Não sei quais são os meus planos – contra-argumentou ela. – De momento, estou concentrada nesta temporada e no futuro da Caroline. Quando tudo estiver resolvido, começarei a pensar em mim.

– Bem, ótimo. Fico contente que tenhas decidido ser sensata. – Margaret deu-lhe umas palmadinhas no braço. – O Jerald prejudicou-te muito ao não te deixar casar depois do... – A sua voz falhou quando entrou um novo grupo de convidados e ela se levantou para cumprimentá-los. Não sem antes sussurrar: – Reparei que os teus lábios estão muito gretados. Tenho um ótimo hidratante que é capaz de ajudar. Pede-mo mais tarde.

Margaret saiu e Abigail passou as mãos por baixo das saias, sentando-se em cima delas para não massajar distraidamente a boca. Não percebera como estivera a lamber e a esfregar os lábios, sem cessar, com as pontas dos dedos, como se estivesse a ruminar um beijo de Mr. Stevens.

De forma irracional, sentiu-se furiosa em relação a Margaret por esta levantar o assunto do casamento, quando Mr. Stevens ainda lhe assolava os sentidos. Não queria pensar em homens, casamentos ou deveres matrimoniais. Só queria pensar em Mr. Stevens e no que a sua aparência pressagiava e não queria Margaret a perturbar as suas divagações.

Ao longo dos anos, tivera inúmeras discussões com Jerald e Margaret sobre se haveria ou não de ficar noiva outra vez. Margaret achava que não era natural Abigail ser solteira, pelo que os argumentos iam e vinham. Contudo, ela levara sempre a melhor. Criar Caroline mantivera-a ocupada a tempo inteiro, por isso, nunca se proporcionara ter um marido e família própria.

Agora, Caroline já era crescida e Abigail reconhecia que Margaret tinha razão. O que faria ela? Não conseguiria ocupar o seu tempo na propriedade rural de Jerald, Marbleton, sem ter o que fazer ou o que supervisionar.

Casar era a única opção para uma mulher da sua posição. No entanto, à luz do conhecimento recentemente adquirido, não via como poderia escolher um marido. Seria impossível tomar uma decisão. Comparados com Mr. Stevens, todos os outros cavalheiros que conhecia pareciam positivamente domados e, como tal, completamente descartados como possíveis cônjuges.

Numa simples questão de horas, os seus gostos tinham mudado. Ao que parecia, agora preferia homens divertidos e completamente desenfreados. Nenhuma das suas ligações sérias e aborrecidas eram suficientes. Ela desejava calor e emoção, assim como o género de saudade intensa que sofria sempre que se lembrava de Mr. Stevens. Como conseguiria encontrar uma pessoa igualmente maravilhosa no meio daquela multidão era um mistério que resolveria num outro dia.

Caroline esvoaçou para junto de si, uma linda visão de cetim branco e renda cor-de-rosa.

– O que achas? – perguntou ela, muito alegre.

– O jantar foi excelente – mentiu, de novo. – E a festa está ótima.

– Não é da festa que estou a falar, tolinha – disse Caroline. – O que achas dos rapazes que vieram?

– Oh, desculpa. – Abigail sorriu. – Deves tentar analisar os aspetos *verdadeiramente* importantes desta noite.

– Exato – respondeu Caroline, sorrindo também.

– Vejamos... – Abigail olhou sorrateiramente para o sítio onde se encontrava um grupo de rapazes elegantes e robustos. O seu mundo era pequeno e todos se conheciam uns aos outros. Normalmente eram amigos que tinham andado juntos na escola. Provinham todos de famílias aristocráticas de grande fortuna e

quase todos acabariam por deter títulos, pelo que qualquer um seria um bom partido para Caroline.

– Suponho que sou um pouco parcial em relação ao rapaz de cabelo escuro – declarou Abigail, depois de os examinar cuidadosamente.

– É um querido, não é? – reconheceu ela. – Chama-se Charles.

Caroline suspirou com tanta afeição que Abigail quase não conseguiu disfarçar a sua inveja deleitosa. Que maravilha ter uma previsão de aventuras amorosas.

– É encantador – concordou ela.

– Convidou-me para andar a cavalo com ele, amanhã à tarde. Aliás, todos me fizeram convites. Posso?

– Claro – consentiu Abigail. – Pela forma como os convites deverão chegar, aconselho-te a fazer uma agenda para marcares os próximos pedidos.

– É uma grande ideia. Vou começar logo amanhã de manhã.

– E acho que devias aceitar o maior número de convites que puderes.

– Vou tentar incluir todos os que puder. – Caroline sorriu, com os olhos azuis a brilhar.

Tinham discutido os rituais de corte centenas de vezes – talvez milhares – e Abigail estava decidida a que ela não se interessasse cedo de mais por nenhum rapaz em particular. Depois de conhecerem Caroline, nenhum dos seus admiradores conseguiria resistir-lhe e ela receberia muitas ofertas, por isso, Abigail insistira para que ela conhecesse todos os candidatos, tanto quanto possível, de forma a assegurar-se de que tomava a decisão certa.

– Que tarefa tão complicada deve ser – comentou Abigail, espirituosa – ter de decidir como preencher os teus dias com rapazes lindos.

– É um fardo terrível – respondeu a irmã –, mas acho que sou capaz de dar conta do recado.

Chegaram mais convidados, de entre os quais dois jovens. Abigail acenou na direção do grupo.

– O teu grupo de belos acabou de aumentar.

– Oh, o louro é muito bonito.

– Vai lá. – Abigail riu, ajudando Caroline a erguer-se. – Sê encantadora!

– Sempre!

Afastou-se, rodopiando, majestosa como uma princesa. Quando Abigail a olhou, sentiu-se um pouco triste. Teria alguma vez sido tão inocente? Alegre e despreocupada?

O seu debute era uma recordação nebulosa de danças, vestidos e festas, vista através de um filtro desbotado ao longo dos anos. Sentira a mesma ansiedade e esperança em relação ao futuro, mas nada se concretizara e acabava de perceber que se contentara com muito pouco. Sem família nem casa próprias, não vivia, existia, forçada a ver o sucesso de Caroline em direção ao matrimónio em vez de ela própria fazer essa viagem.

Como tinha chegado àquela situação?

Parecia velha e desgastada, uma mulher aborrecida e desinteressante para quem o descontentamento era tudo. Apesar de ter apenas vinte e cinco anos, sentia que tinha *cento* e vinte e cinco e, ao olhar para trás, via uma história muito deprimente. Que destino a esperava?

O que seria dela quando Caroline casasse?

A sua atitude era tão desencorajadora que não suportava mais avaliações pessoais, então, abandonou o seu porto de abrigo e flutuou na multidão, esperando que a atividade mantivesse as suas reflexões perturbadoras a quilómetros de distância. No entanto, por mais que tentasse apaziguar-se percebia que nada funcionava. Aos poucos, atravessou o *hall* em direção às salas mais reservadas da família nas traseiras da casa. Entrou na biblioteca de Jerald e deu as boas-vindas à solidão. Ao fechar a porta, percebeu que não

estava sozinha. Um homem desconhecido estava de pé, na sombra, atrás da secretária. Virou-se, depois, para ela.

James! Quase gritou o nome dele, mas conseguiu engolir em seco, o que a deixou satisfeita, pois o cavalheiro *era* James Stevens – dali a vinte, trinta anos.

Pela semelhança impressionante, só podia ser o pai de James, o conhecido conde Spencer, Edward Stevens. Tinha a mesma altura, graciosidade, rosto encantador e olhos penetrantes, embora fossem castanhos em vez de azuis. O cabelo escuro também era o mesmo, se bem que o seu já começava a ser grisalho. Um homem mais velho, impressionante, era do tipo que ficava melhor com a passagem dos anos.

– Se tiver a gentileza – disse ele, numa voz que era a exata réplica da do filho –, importa-se de abrir a porta? E depressa, por favor.

O pedido fora feito com amabilidade, mas era, evidentemente, uma ordem que ela cumpriu logo.

– Peço desculpa. – Abriu a porta o mais que conseguiu. – Não percebi que esta sala estava ocupada.

– A sério?

– Sim, *a sério*. – Ficou com o orgulho ferido devido à clara desconfiança. – Porque haveria eu de me querer trancar, de propósito, com... – Depois, lembrou-se da conversa com Margaret e ficou alerta. Muitas mulheres solteiras planeavam encontrar-se com ele em privado, pelo que ele não podia dar-se ao luxo de ser apanhado com nenhuma delas, se não seria um escândalo. – A sério, Lorde Spencer – disse ela, honesta. – Não esperava que estivesse aqui alguém.

– Conhece-me?

– Já *ouvi falar* de si.

– Vejo que compreende o meu problema – disse ele, depois de uma avaliação cuidadosa.

– Estava apenas a tentar escapar à multidão de visitas.

– Tal como eu. A cada temporada, menos paciência tenho para este disparate.

– Eu sinto o mesmo.

– Ah... um espírito semelhante.

Ela sorriu e, quando ele retribuiu o sorriso, o seu coração derreteu. Com aquelas covinhas nas bochechas e o ar matreiro nos olhos – muito parecidos aos do filho – que mulher resistiria? Parecia que partilhavam um segredo valioso, o que os tornava íntimos e confidentes, em vez de estranhos.

– Se detesta assim tanto estes encontros – perguntou ela –, porque está aqui?

– Não tinha intenção de vir, mas o meu filho insistiu.

– O seu filho? – Entrou em pânico e ficou sem forças para evitar olhar em volta para ver se James Stevens saía de trás dos cortinados.

– Sim, o meu único rapaz, Charles, queria ser apresentado a Lady Caroline.

Oh, esse filho! A pulsação dela ficou novamente estabilizada.

O filho legítimo, Charles, era um convidado e Abigail compreendeu a razão pela qual o conde o proclamava como *único* filho. No entanto, não foi capaz de evitar amaldiçoar a sociedade.

Como seria para o conde ser pai de um magnífico homem como James e ser forçado a negar a sua existência a toda a hora? Como seria para James ser descendente daquele aristocrata vibrante e astuto e ver os seus laços cortados? Como seria a relação deles?

– Como é que o Charles o convenceu? – perguntou ela, com um sorriso que a força do hábito ajudava a manter.

– Arrastou-me para fora de casa.

– Aos murros e pontapés?

– Bem, a resmungar e a grunhir – admitiu ele. – Recusei aparecer no jantar, mas ele foi inflexível quanto a virmos à gala. – Dirigiu-se ao aparador, preparou um brande e um copo de xerez e

encaminhou-se para ela. Passou-lhe o copo de vinho. – Já nos conhecemos?

– Não, oficialmente. Sou a irmã mais velha de Lady Caroline, Abigail.

– A sério? – Analisou-a cuidadosamente. – Provavelmente, não se lembra, mas passei uma semana em Marbleton quando a senhora tinha uns oito ou dez anos. Meu Deus... como o tempo voa.

– Pois é, realmente passa a correr. – Ela chegara à mesma odiosa conclusão, razão pela qual fugira para a biblioteca. Precisava de pôr as ideias em ordem antes de se reunir aos restantes convidados. O filho do conde – o filho *ilegítimo* – provocara-lhe muitos tormentos.

– Já não a via há cerca de...

– Sim, permaneci no campo depois de a minha mãe morrer. Como estava a supervisionar os criados do Jerald e a tomar conta da Caroline, não vinha à cidade.

– E não perde nada, suponho.

– Nada de nada.

Ele suspirou profundamente.

– Não consigo suportar a ideia de ter de voltar para a festa. – Surpreendendo-a, perguntou: – Quer sentar-se enquanto tomamos as bebidas?

– Sim, gostaria muito.

Contente, ela aproveitou a oportunidade. Gostava da solidão, mas, mais importante do que isso, era não deixar escapar o pretexto de ficar a saber mais sobre o pai de James Stevens. Quem era Edward Stevens? O homem que seduzira a mãe atriz de James e que a abandonara com duas crianças para criar?

Encaminhou-se para a lareira, onde estavam duas cadeiras, porém, o conde contornou a mesa e posicionou-se atrás do enorme bloco de mogno.

– Duvido que o Jerald se importe – declarou ele – e lamento ter de dizer, mas se alguém aparecer, devo ter a maior quantidade de mobília possível entre si e eu próprio.

Ela fez uma careta.

– Se não tiver cuidado, pensarei que está a questionar as minhas intenções.

– As suas e as de toda a gente – murmurou, enojado. Assim que as palavras lhe saíram da boca, ficou muito corado. – Perdoe-me, Lady Abigail, não o queria ter dito tão rudemente.

– Não faz mal. E, por favor, trate-me por Abigail.

– Só se me chamar Edward.

– Assim farei. – Ela gostava do seu estilo informal, dos seus modos diretos. – Ouvi dizer que estava novamente na sociedade. As senhoras estão a dar muito trabalho?

– É terrível! Não pode imaginar... – Reprimiu um tremor de nojo. – Fui casado durante vinte e oito anos e, agora que sou viúvo, toda a gente pensa que vou dar o nó outra vez. De imediato.

– O que obviamente não deseja fazer...

– Como se saltasse novamente desse precipício! – De repente, deteve-se, ficando de novo encarnado. – Desculpe. Não sei o que me está a dar. Não ligue ao que digo.

Ela ficou espantada com o desabafo tendo em conta os anos que passara casado. Que divertido era estar com os homens da família Stevens!

– É natural pensar assim quando ainda se está um pouco desorientado – consolou ela. – Este também não está a ser o melhor dia da minha vida. Afinal, estou aqui escondida consigo. – Ele sorriu perante a observação. – Talvez seja do tempo.

– Sim, culpemos o tempo – concordou ele, alegre –, se bem que no meu caso também possa ter a ver com o facto de, mal cheguei, a sua cunhada me ter apresentado logo à sua irmã Caroline, começando a contar todos os seus pormenores suculentos.

– Está a brincar!

– Não! Sei agora qual o valor do seu dote até ao último tostão.

– Que vergonha! Eu disse à Margaret para não o incomodar.

– Pelo menos alguém na sua família é sensato. – Inclinou-se para trás, cansado e exasperado. – Sem ofensa, Abigail, pois a Caroline é uma menina muito querida. Mas, por amor de Deus, é uma *menina*. E poderia dizer o mesmo de si também, independentemente do tipo de fantasias que tenha.

Ele disse aquilo com tal veemência que ela não conseguiu deixar de rir.

– Tudo bem, não estou à procura de marido.

– Deve ser a única mulher de Londres que não está! Tenho cinquenta e seis anos. No que estão as pessoas a pensar?

– Elas não pensam, Edward – respondeu ela, gentilmente, gostando de usar o seu nome.

– Tem razão! – Olhou para a lareira. – Tenho perdido algumas coisas, como o teatro, mas não suporto ser perseguido onde quer que vá. Tem alguma recomendação sensata?

– Não. Eu própria tenho refletido no que eu e a Caroline vamos fazer. A Caroline só pensa em divertir-se, mas o Jerald é um homem ocupado, pelo que não podemos esperar que ele largue tudo para nos levar a algum lado.

Ficaram em silêncio, desfrutando a bebida, assim como a solidão. Lorde Spencer observava-a e, quando as rugas na sua testa se alisaram, ela percebeu que tinha passado um teste interno ao qual ele a submetera.

– Tenho uma ideia – disse ele.

– Sim?

– O Charles está muito interessado em acompanhar a Caroline a vários eventos. Talvez pudéssemos acompanhá-los. Assim, eu poderia frequentar algumas das distrações mais agradáveis desta temporada.

– Teria uma mulher no seu braço – ela assentiu, pensativa –, mas teria mais liberdade de movimentos.

Era evidente que ela aceitava a louca proposta. Tendo em conta o que fazia secretamente todas as segundas e quintas-feiras, deveria

fugir a sete pés da esfera de influência de Edward Stevens, no entanto, parecia não ser capaz de se afastar dele.

Quase contra a sua vontade, estava a ser arrastada para o círculo de James e Edward. E, quando desse por isso, teria sido encurralada e incapacitada de se mover em qualquer direção sem chocar com o pai ou o filho.

Isto é errado, errado, errado!, gritava-lhe uma voz interior. Contudo, ela ignorou o seu aviso. A sua ligação futura com Edward não podia ser evitada nem mudada.

– Gostaria muito de ser a sua acompanhante – disse ela, sem conseguir evitar o impulso.

O sorriso dele, juntamente com o seu, selaram o acordo. Eram agora amigos, sócios, conspiradores contra todos os pais e filhas ansiosos da alta sociedade. Com muito mais prazer do que o esperado, estava desejosa de o conhecer melhor e já maquinava alguns esquemas para sacar informações sobre James.

Tinham ficado ali demasiado tempo, portanto, regressaram à festa. Em separado. Não tiveram mais nenhum momento a sós, mas Abigail olhava de vez em quando para Edward e dava com ele a olhar para si como se partilhassem uma piada secreta.

Eram quase três da manhã quando subiu para o quarto. Depois de se despir rapidamente, mandou a criada exausta para a cama e aninhou-se entre os lençóis frescos. Como estava bastante cansada pensou que adormeceria num instante, contudo, ficou às voltas como acontecia todas as noites desde que conhecera James Stevens. Não conseguia parar de pensar no quanto ele quisera beijá-la e no perto que estivera de dizer *sim*.

Vá pôr-se em frente do espelho. Nua, dissera ele, naquela maneira sensual que lhe dava vontade de obedecer a tudo o que pedisse. *Quero que toque nos seus seios... que aperte os seus mamilos...*

Perturbada com as imagens negras, destapou-se e encaminhou-se, pé ante pé, para o espelho. Havia uma vela ao lado, que ainda pensou em acender, mas não foi capaz. Entrava pela janela um

pouco de luar que iluminava de forma bastante satisfatória o seu comportamento chocante.

Olhou muito tempo para o seu reflexo, tentando ver-se como James Stevens a via. Como uma mulher. Como uma mulher sedutora. Lentamente, soltou a fita na parte da frente da camisa de dormir; depois, antes de encontrar coragem para se deter, descobriu um dos ombros.

Nas sombras de prata, olhou para o seio. Era bonito, redondo. O ar fresco excitara-lhe o mamilo e ela examinou-o, fascinada, à medida que este crescia e endurecia. Com cuidado, como se estivesse a observar outra pessoa, levantou a mão, envolvendo o peso, analisando a abundância. Em seguida, delicadamente, tapou o centro com a palma.

O mamilo contraiu-se mais, de forma irritante e intrigante. Escrupulosa, avaliou a nova sensação, registando-a de forma adequada antes de colocar o dedo e o polegar à sua volta. Com cuidado, apertou-o levemente e o gesto provocou-lhe uma vaga de prazer tão grande pelo corpo que ela deixou cair a mão como se se tivesse queimado.

Precipitando-se, correu para a cama e tapou-se com os lençóis. Tinha o coração aos pulos e os mamilos vibravam a cada batida. Os seios pesavam e estavam muito tensos sob a pele que os prendia. E tudo por causa de uma mera carícia!

Mas queria tocar-se novamente! Continuar até... não sabia o quê!

Com medo de ceder à tentação, colocou as mãos debaixo das almofadas e manteve-as lá ao longo da interminável noite de insónia.

5

James estendeu a mão para a porta da casa alugada de Lady Abigail. Tal como tinham combinado, estava destrancada. Entrou, fechou-a rapidamente e deixou o resto do mundo do lado de fora. Sozinho no vestíbulo, despiu rapidamente o casaco e os acessórios de inverno e subiu as escadas, muito mais ansioso do que deveria estar.

Quatro dias!

Tinham passado quatro dias desde a última vez que a vira e, como um jovem enfeitiçado, passara quase todo o tempo a lamentar o facto de estarem separados. As saudades que sentia eram bastante despropositadas tendo em conta a situação, contudo, não conseguia controlar-se.

Nas alturas mais estranhas, lembrava-se dela, perguntando-se onde estaria, o que estaria a fazer. Durante a noite, tentava concentrar-se no fluxo de dinheiro, na comida, no álcool, nos jogos e entretenimento dos clientes. No entanto, muito frequentemente, olhava para o vazio e imaginava-a na cama. Fantasiava com o aspeto do seu quarto, da camisa de dormir, de como seria o seu corpo nu.

Devido à distração, perdera mil libras numa única jogada de cartas – um montante que poucas vezes apostava – simplesmente por não conseguir concentrar-se. Era tão raro perder, que o seu irmão, Michael, lhe perguntara se se sentia bem, se estava a trabalhar demasiado e se precisava de umas férias.

Quando acompanhou a mãe ao teatro, não olhou nem uma única vez para o palco. Em vez disso, examinou com cuidado os camarotes como um rapaz apaixonado, à espera que Abigail Weston estivesse na assistência e que pudesse, ao menos, vê-la.

Era uma loucura! No entanto, subiu as escadas depressa, leve, muito excitado. As horas intermináveis tinham finalmente acabado!

Por alguma razão, continuava a repetir que o seu desejo por ela aumentara de forma despropositada e a dizer a si próprio que o segundo encontro mataria a sede que ela gerara. A sua lembrança dos acontecimentos da quinta-feira anterior *tinha* de ser incorreta e, quando voltasse a vê-la, aquela sensação intensa de vazio seria lentamente preenchida pela assimilação da ideia de que ela não detinha nenhum poder especial sobre si.

No entanto, à medida que avançava para a salinha privada, foi obrigado a reconhecer que aquele parecer não passava de um disparate. O seu coração acelerou ao vê-la. Havia algo naquela mulher que o tocava como nunca nenhuma outra fizera. Desejava-a ferozmente e queria saltar já para a sua futura relação carnal. A um nível primitivo, pressentia que a necessidade bizarra só poderia ser satisfeita quando a possuísse por completo.

Ela estava de pé junto da janela, do outro lado da sala. Os raios do Sol atravessaram as nuvens e iluminavam o sítio onde ela se encontrava, banhando-a num halo de luz âmbar. Trazia outro vestido verde-escuro, embora este fosse de tecido mais leve, cosido com uma linha exótica que brilhava com reflexos prateados de cada vez que ela se movia. A cor intensificava o verde-esmeralda dos seus olhos, dando-lhe um ar etéreo e misterioso, como se conseguisse ver mais do que devia. A sua pele era translúcida, as faces e os lábios vermelhos. E o cabelo...

Usava-o solto! Com uma admiração incontida, ficou a observá-lo. A massa dourada fluía livremente ao longo das costas, com as pontas onduladas a tocarem-lhe nas ancas. Para não chocar tanto, fizera um rabo-de-cavalo largo que prendera com uma fita verde.

Ele avaliou furiosamente o significado do gesto. Era uma espécie de capitulação, um sinal, uma indicação de confiança. Enquanto pensava até onde poderia obrigá-la a ir durante a lição, o seu membro endureceu, tornando as calças desconfortáveis. Com um simples movimento do pulso, ver-se-ia livre da fita, deixando os fios sedosos livres para uma exploração desimpedida. Ficava nervoso só de pensar em massajá-la através dos cabelos.

Foi capaz de imaginá-la na enorme cama do seu quarto – um local privado onde nem sequer as amantes iam! – deitada sob ele, com os caracóis espalhados nas almofadas. Que visão seria!

Ela estava tão treinada a ocultar as suas emoções que, quando ele entrou na sala, olhou para ele casualmente como se o esperasse a ele ou a outra pessoa qualquer. Contudo, a sua indiferença durou apenas um instante; os seus olhos ensombraram-se, a sua bela testa franziu-se de preocupação, as mãos brincavam com um lenço.

– Olá, Mister Stevens – disse ela, numa voz rouca que o excitava sempre. – Fico muito contente por ter vindo.

– Eu também. – Ele deu alguns passos, hesitante. Como fizera da outra vez, fechou a porta e trancou-a, encurralando-os ali, não por se preocupar com intrusos ou invasores, mas por gostar da ideia de intimidade que uma porta trancada dava.

Querendo alongar a saudação inicial, pousou languidamente a pasta na mesa, mantendo o olhar preso ao dela. Tal como acontecera nos dois encontros precedentes, parecia que ele a conhecia havia milhares de anos e que podia derrubar as barreiras de decoro que existiam entre eles e ir direito àquilo que a perturbava.

– Está nervosa.

– Receio que sim. Eu... – Tentou sorrir. – Seria muito despropositado se eu dissesse que fico muito aliviada por estar aqui?

Então... ela também a sentia, a tal sensação poderosa de ligação e expectativa. Talvez ele não fosse o único a ter passado os dias a

sonhar e a dar voltas no colchão solitário.

– Tenho pensado em si. Não consegui controlar-me – divulgou ele.

– Eu também não consegui parar de pensar em si.

– O seu cabelo…

Corando, ela tocou na têmpora numa tentativa de endireitar o que não precisava de ser endireitado.

– Nunca o soltei antes... por ninguém... – murmurou ela, como se confessasse um terrível pecado.

– Mas soltou-o por mim. – Uma grande onda de esperança veio à superfície, pelo que ele endureceu o corpo contra a tempestade de excitação que crescia em todas as partes do seu corpo. – O seu cabelo é muito bonito. *A senhora* é muito bonita.

Ela ficou evidentemente satisfeita, mas também surpreendida, o que o fez perceber que nunca nenhum homem lhe fizera tal elogio.

– Obrigada – murmurou ela, visivelmente nervosa. Em seguida, vagueou na direção do aparador. – Mandei preparar um chá, mas depois lembrei-me que não é admirador de *chá*, pois não? Talvez prefira um brande? Terei muito gosto...

Lá estava ela, a falar à velocidade da luz. Nervosa e apreensiva, perdera a confiança serena e ele observou-a, curioso, a mexer nas garrafas. Calmamente, foi ter com ela, aproximando-se por trás. O cheiro do seu perfume e a alfazema do sabonete invadiram-lhe as narinas. Semicerrou os olhos e inalou deliberadamente, deixando-se dominar por todos os aromas que a tornavam tão única.

Aproximou-se ainda mais, as saias dela a enrolarem-se nos seus tornozelos, as pontas dos sapatos a esconderem-se sob a bainha, as pernas sentindo as dela através das camadas de roupa. Estendeu o braço, pegou-lhe na mão ocupada e prendeu-a gentilmente.

– Acalme-se – sussurrou-lhe por cima do ombro, mantendo a boca perto da orelha, o hálito quente a tocar-lhe na pele, a fazer esvoaçar os cabelos junto ao pescoço. – O que a deixou neste estado?

Sem querer, ela encolheu os ombros. Depois, virou-se para ele.

– Tudo mudou. Estes encontros vão ser muito difíceis.

– Porquê?

– Não são nada como pensei.

Ela mudou de posição e uma das suas coxas ficou entre as dele. Apesar de as múltiplas camadas de roupa proporcionarem uma grande proteção, ele conseguiu discernir forma e substância. O seu pénis endureceu; desejou apertá-la contra si de modo a apaziguar alguma da pressão repentina. No entanto, não o fez, optando por escolher o caminho inocente e deixar a mão pousada na sua cintura fina.

– Como assim?

– É muito mais pessoal do que imaginei. E físico. Pensei que pudéssemos apenas... apenas...

O olhar de Abigail pousou nos lábios dele, demorando-se. Quando a sua testa se franziu, ele percebeu a razão do seu estado. Tal como suspeitara no início, o fervor do corpo dela ultrapassava o desejo da mente de conversas aborrecidas. Todavia, essa descoberta não lhe proporcionou a alegria que esperara. Ela parecia destroçada, agitada e aflita e ele sentiu pena do seu dilema.

Teria dado o primeiro passo de imediato com qualquer outra mulher do seu meio, todavia, como tinha uma afinidade especial com ela, não pôde aproveitar-se de nada. O afeto que nutria por Abigail ultrapassava os seus impulsos masculinos, levando-o a querer protegê-la e acarinhá-la, em vez de explorá-la. Não podia ter-se portado mal diante dela, tal como não podia cortar o seu braço direito.

– Eu sabia que isto seria difícil para si – admitiu ele.

– A sério?

– Sim. – Sorriu-lhe e a atenção dela continuou na sua boca. – Talvez tenhamos avançado muito depressa da última vez.

– Não. Não é isso, de todo. – Com um grande esforço, voltou-se de novo para as garrafas, virando-lhe as costas. – Presumo que soe muitíssimo moderna, mas estou ansiosa por algo mais do que

meras palavras. Preciso de experimentar o que me diz. Desejo muito compreender como se sente uma mulher quando um homem... quando ele... – Um rubor começou nos seus ombros, subindo depois para o rosto. – Oh, mas o que digo! – exclamou e ele não pôde deixar de sorrir perante o drama.

– É normal.

– O quê? Pensar e agir como uma devassa desavergonhada?

– Não. – Ele sorriu de novo. – É normal que esteja curiosa. – Com as duas mãos na cintura dela, fê-la virar-se, relutante, para si. Abigail pareceu fascinada com a parte da frente da camisa dele. – Tal como o homem, a mulher também precisa de estimulação sexual – explicou ele. – O seu corpo tem estado à espera há muitos anos. Só que apenas percebeu isso agora. A descoberta perturba-a, mas lidaremos juntos com ela.

– Quero que me beije – sussurrou ela, com as pestanas baixas. – Com a sua língua na minha boca. Como fez à Lily naqueles desenhos eróticos.

Um gemido de frustração surgiu à superfície. Ela oferecia o primeiro passo em relação a tudo o que ele esperara receber pelo que não pôde deixar de pensar que tinha enlouquecido por completo ao dizer:

– Vamos falar sobre isso.

De imediato percebeu que fora o comentário mais errado a fazer. Ela ficou tensa, muito corada e virou-se novamente para o aparador.

– Oh, não quer fazê-lo! Não me acha... – Tocando nas faces coradas, murmurou: – A ideia nunca me tinha ocorrido! Estou tão envergonhada!

– Não, minha senhora, não. – James levou as mãos aos ombros dela. Abigail encaixava bem nele, encostada ao seu peito e às suas virilhas. – Adoraria beijá-la, mas é uma donzela, e isso são águas perigosas. Ambos temos de ter a certeza da profundidade antes de mergulharmos...

Deixou a declaração em aberto à medida que lhe afastava o cabelo para o lado. A sua nuca cor de creme chamava-o. Inclinando-se para a frente, pousou os lábios na pele quente e macia, demorando-se, saboreando, acariciando e provocando até aparecer pele de galinha.

– Então, deseja-me? – perguntou ela, hesitante, e quase sem fôlego.

– Muito. – Perante a confissão, ela suspirou de alívio. Ele prosseguiu: – Mas tenho mais experiência nestes assuntos. Sei bem até onde podem levar os beijos. Podem levar ao descontrolo total num abrir e fechar de olhos, por isso, é melhor aprender mais sobre o que realmente estamos a fazer. – Ele baixou as mãos e colocou-as à volta da cintura dela, abraçando-a gentilmente e adorando a forma como ela cabia no círculo dos seus braços.

– Claro, tem razão – disse ela, rindo de ansiedade. – Não tinha pensado nisso. Tenho andado tão angustiada. Parecia que o nosso encontro nunca mais chegava e tenho tantas perguntas para lhe fazer... – Deteve-se. – Oh, mas a minha imaginação tem dado comigo em doida!

– Eu percebi. – Beijou-lhe o cabelo e a cara, encorajado pela forma como ela aceitava as suas carícias, como se fossem a coisa mais natural do mundo. – Venha sentar-se comigo. Temos de falar. E ver mais imagens.

– Sim.

Ele afastou-se para que ela se pudesse ir sentar no sofá enquanto ele se servia de um brande. Depois, encaminhou-se para ela e deu-lhe o copo.

– Prove isto. Vai acalmá-la.

– Acho que nada me vai ajudar. – Mesmo assim, pegou no copo com a mão a tremer. Os seus dedos pousaram nos dele, enquanto a ajudava a levar o copo à boca. Ela aceitou o gole longo, encolhendo-se depois como se o líquido lhe queimasse a garganta. As lágrimas vieram-lhe aos olhos.

– É horrível. – Tremeu.

Ele pegou na bebida, colocando os lábios no local de onde ela bebera e ofereceu-lha de novo.

– Mais um.

Quando lha passou, ela virou o copo para também pousar os lábios no sítio por onde ele bebera. Uma aluna esperta. O álcool desceu mais facilmente da segunda vez. Já se estava a sentir descontrair; a tensão nos ombros e as sobrancelhas franzidas começavam a desaparecer.

– Outra – insistiu ele. Ela obedeceu, esvaziando o copo.

Abigail suspirou, depois riu-se.

– Com que então, não só me tornei uma devassa, como uma bêbeda. Tem um efeito fascinante em mim, Mister Stevens.

Ele encolheu os ombros, dizendo filosoficamente:

– Alguns maus hábitos nunca fizeram mal a ninguém. Tornam uma pessoa mais interessante.

– É mesmo de si dizer algo assim.

A bebida forte corara-lhe as maçãs do rosto e os lábios, já de si vermelhos. Estavam brilhantes e húmidos e ela olhou para ele de uma maneira tão intensa e inocente, que ele teve de fazer um grande esforço para não se ajoelhar e deitá-la no sofá. No entanto, por uma vez na vida, comportou-se bem, apesar da luxúria crescente. Temia que se começasse a beijá-la não conseguisse parar.

Sentou-se a seu lado, muito mais próximo do que nos encontros anteriores, tocando-lhe nos braços, ancas e coxas – estavam ligados em todos os pontos. Começava a perder o controlo muito mais rapidamente do que o esperado. A fantasia revelava-se muito diferente da realidade. Ela encontrava-se animada e entusiasmada, bastante ansiosa por conhecê-lo mais a fundo. O único obstáculo para a sua ansiada ruína era o sentido de honra dele, pouco usado, bastante abusado e pouco reconhecível.

Quem diria?

Num novo terreno que parecia areias movediças sob os seus pés, pegou no portefólio por uma necessidade de se agarrar a algo tangível.

– Vamos começar do princípio, está bem?

– Sim. Tenho pensado dia e noite no que se seguirá.

Querendo liderar, ela pegou na pasta e colocou-a no seu colo. Não se demorou nas duas primeiras imagens. Olhou brevemente para a imagem nua de Lily, depois para a segunda, onde ele se juntara à rapariga na cama, e avançou rapidamente para a terceira – o desenho onde eles estavam a dar um beijo íntimo. Examinando-a durante muito tempo, estudou as linhas dos seus corpos, o ângulo das ancas, o aperto dos dedos dele no mamilo de Lily. Depois, aparentemente satisfeita, pousou a imagem em cima da mesa e avançou para a quarta antes de ele ter oportunidade de a avisar sobre o que iria ver.

Ele aparecia para uma inspeção mais atenta, reclinado nas almofadas, com um braço atrás da cabeça. O seu pelo corporal parecia áspero e escuro, contrastando com a pele pálida. Rodeava-lhe os mamilos, atravessava-lhe o peito e descia, como uma seta, até abaixo do umbigo.

Na imagem só apareciam as mãos de Lily. Com uma delas, acariciava-lhe os testículos duros. Com a outra, agarrava no pénis sólido, o polegar pousado na ponta sensível. O desenho erótico fez com que ele se lembrasse de como aquelas mãos eram experientes e ágeis, do enorme prazer que lhe haviam proporcionado.

Incomodado com as recordações, fechou os olhos, apercebendo-se de que a mulher que visualizava entre as suas pernas não era Lily, mas Abigail Weston. Eram os *seus* dedos finos que apertavam o seu membro rígido, o *seu* cabelo que esvoaçava no seu abdómen, a *sua* língua que humedecia o seu falo entusiasta. Naquela fantasia, ela era uma participante experiente e as descrições eram tão reais que ele só podia imaginar que, um dia, seriam realidade.

– Oh, céus... – A medo, ela passou o dedo no pénis ereto da imagem. O choque sexual que ele sentiu com o gesto foi tão forte que parecia que ela estava a tocar na sua carne. – É tão... tão grande...

Ela disse aquilo com tanta admiração que ele não conseguiu deixar de dar uma grande gargalhada.

– O que foi que eu disse de tão engraçado? – perguntou ela, alegre e perplexa.

– Oh, minha senhora, é uma querida. – Esforçou-se por conter o seu humor. – Um homem adora sempre ouvir que a sua pila é grande.

– Quer dizer que os tamanhos são diferentes?

A sua pergunta era tão inocente que ele detestou rir-se à sua custa, mas não se conseguia lembrar da última ocasião em que gostara tanto de conversar com uma mulher. Engoliu outra vaga de riso que se preparava para sair.

– Têm quase todos a mesma forma, como o nariz, as mãos ou os pés de um homem. São parecidos, mas não há dois iguais.

– Como descreveria a sua comparando-a com as dos outros? – Quando ele se voltou a rir, ela bateu-lhe com o cotovelo nas costelas. – Pare de rir.

– Desculpe. Não estou habituado a passar tempo com uma mulher tão pouco familiarizada com estas coisas. – Se ele pudesse demonstrar, seria muito mais fácil! – De repente, a nossa situação parece absurda.

Ela franziu as sobrancelhas, preocupada.

– Mas disse que eu devia fazer perguntas.

– É verdade – concordou ele, batendo na coxa dela. – Desculpe a minha explosão. O que quer saber?

– De que tamanho pensa que é? – pressionou ela, mostrando uma coragem extrema.

– Maior do que a maioria. – Ele suspirou, acalmando-se. – Não tão grande como alguns.

Ela assentiu, pensativa. A sua atenção virou-se de novo para a imagem.

– Porque é que um homem gosta de ouvir uma mulher dizer que o seu membro é enorme?

– Vaidade masculina, minha querida – disse ele. – Somos uns animais e todos queremos acreditar que somos o maior touro da manada. Fez-me um enorme elogio sem reparar.

Contra a sua vontade, foi assolado por uma vontade de a proteger. Gostava da sua ingenuidade descarada, originalidade e atrevimento e pensou como seria se a tornasse sua. Claro que a ideia era ridícula. Não tinham qualquer futuro depois dos encontros seguintes. Todavia, não conseguiu evitar o capricho de brincar com o seu bom senso.

Como seria reclamá-la e mantê-la?

Felizmente, a mente inquisidora dela manteve-a concentrada na lição antes que ele estivesse preparado para tal. Por isso, foi forçado a abandonar a oportunidade de especular sobre a possibilidade de um futuro em conjunto.

– O que tem ela na mão?

– Os meus testículos. – Cansado e confuso, respondeu sem rodeios.

A sessão tornava-se cada vez mais difícil. Detestava ter de instruí-la de forma tão analítica. Odiava ter de lhe passar a informação carnal explícita que ela provavelmente poria em prática com outro homem. Para sua grande surpresa, ficou chocado com o desejo de que ela só visse o seu corpo nu e nunca o de outro homem com quem pudesse ter um termo de comparação.

Pela primeira vez, ponderou como seria ser verdadeiramente fiel a uma só mulher, sem se importar com as impressões melancólicas que lhe atravessavam a mente – ela nos braços de outro amante. Já era suficientemente mau ter de ensiná-la, quanto mais pensar com quem ela utilizaria as capacidades adquiridas!

– O que são?

– São dois sacos na base do pénis do homem. Geralmente, são macios, mas, durante a atividade sexual, tornam-se muito duros. Também são bastante sensíveis e é maravilhoso quando os acariciam. – Nada a podia chocar agora, por isso, ele prosseguiu. – É normal uma mulher lambê-los ou chupá-los. É muito excitante.

– Gosta quando uma amante lhe faz isso?

– Há muito pouco coisa na cama de que eu não goste.

Seguiu-se um longo silêncio. Ela moveu-se no sofá.

– O que está ela a fazer com a outra mão?

– A acariciar-me. Num ritmo sexual.

Ele levantou-lhe o pulso e envolveu-lho com os dedos, enquanto a massajava para cima e para baixo.

– Assim – descreveu, mostrando-lhe o ritmo correto.

Não tivera a intenção de o fazer tão explicitamente, contudo, agora que o fizera, parecia não ser capaz de a largar. Ela permaneceu muito quieta, observando o pergaminho, à medida que ele brincava com o seu braço. Cada manipulação lembrava-o de ser acariciado lá em baixo e a sensação era dolorosa.

Acabou por deixar cair a mão dela, apesar de manter o contacto ao entrelaçar os seus dedos nos dela. Lady Abigail olhou para as mãos unidas e inspecionou-as com atenção. A sua pele pálida e macia contrastava com a dele, mais escura e áspera. Percorreu os nós dos dedos. Abrindo a mão, espalmou-a contra a dele, reparando na diferença de tamanhos. A dele era muito maior, mais larga e comprida.

Finalmente, voltou a entrelaçar os seus dedos nos dele e permaneceram em silêncio, tendo como único barulho de fundo o tiquetaque do relógio sobre a lareira e as suas respirações lentas e calmas. Beijou-a, recusando parar para pensar se o que ia fazer era correto ou não.

Segundo a opinião de muitos, aquilo quase não era um beijo, no entanto, mesmo com um impacto mínimo, os seus sentidos despertaram. Roçou levemente nos lábios dela, mal lhe tocando. Ela

era macia, quente, flexível, feita para beijar, pelo que teve de repetir o mais depressa possível. Hesitou, dando-lhe uma última oportunidade de se salvar. Todavia, ela não a aproveitou, por isso, ele encurtou a distância que os separava uma segunda vez e perdeu-se.

Sem esforço, pô-la no canto do sofá, usando apenas a urgência da boca para empurrá-la para trás. Não se atreveu a tocar-lhe com as mãos. Se lhe tocassem no tronco, ele começaria a tirar-lhe a roupa, o que seria um desastre. Então, apalpou o terreno de forma casta – provando. Ela era uma mistura intoxicante de menta e brande e ele saboreou e experimentou a sua doce variedade de prazeres.

Insatisfeito, mergulhou mais profundamente, penetrando com a língua. Pedindo. Pedindo. Ela abriu a boca e deu-lhe as boas-vindas, assolando-o com as mais estranhas perceções: chegara a um lugar especial, finalmente chegara a casa.

Não soube dizer quão demorado foi o beijo. As suas línguas brincaram e divertiram-se, enquanto ele se demorava e deixava que o deleite dela o inundasse repetidamente. Quando acabou por se afastar, foi atingido pelas emoções de perda e arrependimento.

Como a queria! Tudo e mais alguma coisa e, sem esconder a sua surpresa, percorreu com os lábios a face dela, descendo pelo pescoço e pousou a testa na parte de trás do pescoço dela.

– Não pares – sussurrou ela, pousando a mão no pescoço dele, puxando-o para si.

– Oh, Abby – respondeu ele, desesperado por chamá-la pelo nome. – Temos de parar. – Fechando os olhos, respirou fundo e o perfume dela envolveu-o. A um nível primitivo, conseguiu detetar o aroma que ela emitia. Estava pronta para acasalar, o seu corpo ansiava pelo passo seguinte. Tudo o que precisava de fazer era tomá-la, só que não conseguia.

Começando pela anca, permitiu que uma das mãos percorresse o abdómen dela, a barriga, o peito. Ao sentir o seio, tencionava passar por ali depressa, mas ela segurou-lhe o pulso e ele não foi capaz de

resistir à tentação de abrir a palma e de acariciar o monte suave. Mesmo com todas as camadas de tecido que a protegiam, conseguiu sentir o seu mamilo ereto.

– Toquei nos meus seios, tal como me pediste – admitiu ela.

Ele imaginou-a diante do espelho, acariciando o seu volume e forma, observando os mamilos à medida que eles endureciam perante o seu escrutínio visual.

– Quem me dera ter estado contigo.

– Foi muito perturbador para mim.

– Ótimo! Quero-te *perturbada*.

Olhou para os seios dela, imaginando como deveriam ser lindos desnudos, redondos, pálidos e com as pontas cor-de-rosa. Caberiam e transbordariam nas suas mãos. Atormentado pela necessidade que tinha dela, apertou-lhe o mamilo tanto quanto o vestido permitia, e ela moveu-se.

– James... – suspirou.

– Diz outra vez o meu nome.

– James... por favor...

Ele não foi capaz de perceber se ela queria que continuasse ou que parasse. O seu espartilho criara um enorme decote, no qual ele enterrou a cara, deixando que, num fantástico momento, o cheiro da sua pele e suor o inundassem enquanto recuperava algum equilíbrio.

Demorou-se acima dela, um joelho pousado numa almofada do sofá. Ela estava encurralada entre os seus braços e parecia encantada ao tocar-lhe com a palma da mão no centro do peito. Ele agarrou-a, levando-a mais para baixo, para que ela pudesse sentir a dureza da sua ereção, que fazia pressão nas calças. Mostrando-lhe como agradá-lo, usou-a para se acariciar, transportando-a o mais para baixo possível, fazendo-a acariciar os seus testículos e trazendo-a de novo para cima. Ela explorou com habilidade e sozinha o seu enorme inchaço. Cerrando os dentes, ele deixou-se ficar quieto enquanto ela investigava.

As suas calças podiam ser desapertadas com um simples toque do polegar num dos botões, expondo-o por completo ao exame ardente dela – uma ideia perigosa para ambos –, por isso James retirou a mão dela da sua pessoa muito mais cedo do que gostaria.

– Não sei se consigo continuar com estas lições – avisou ele, determinado.

– Porque não?

– Desejo-te demasiado. Sofro de desejo por ti.

Ela ficou alarmada.

– Não pretendo...

– É simplesmente como estas coisas funcionam – interrompeu ele. – Já provei um bocado e vou querer cada vez mais até ter tido tudo.

– Não me importo. Quero a mesma coisa.

– Mas não compreendes realmente aquilo de que estamos a falar.

Durante o abraço fervoroso, a pilha das imagens caíra no chão. Ele apanhou-as, folheando até à imagem seguinte. Lily regressara ao esboço e servia-o com a boca, e ele encontrava-se profundamente enterrado. Ele ficou mais excitado com a lembrança daquele episódio passado. Pierre pedira-lhes que permanecessem nos seus lugares enquanto ele se esforçava por captar as expressões faciais e corporais corretas. No entanto, assim que lhes disse que se podiam mexer, James viera-se brutalmente. Quase de forma violenta. E Lily aceitara de bom grado tudo o que ele tinha para lhe dar. Agora, ansiava por aquele estilo de paixão estridente.

– Quero que te ajoelhes diante de mim. Como fez a Lily – declarou ele com voz rouca, zangado por ela excitá-lo intensamente sem o fazer de propósito. – Quero que me chupes profundamente até te engasgares e me implorares para parar. Exigiria que engolisses a minha semente, depois pediria que lambesses a minha ponta até eu decidir que bastava.

Impassível com a sua mudança de temperamento, ela olhou para o esboço e, em seguida, para ele. Parecia animada com a ideia, para horror dele.

– Gostava de fazer-te isso. Se me mostrares como...

Gemendo de frustração, ele afastou-se do sofá, com medo de aceitar a oferta dela. Arquejando e suspirando como se tivesse corrido quilómetros, foi até à janela e ficou com as costas voltadas para ela. Tentando ansiosamente acalmar-se, empurrou de novo o falo de forma a aliviar a situação penosa. Só se virou quando se sentiu minimamente confortável.

– Tenho de ir andando.

– Vemo-nos outra vez na quinta-feira?

– Não sei – respondeu ele com sinceridade. – Não sei se posso continuar.

– Não te quis desconcertar. Não percebi que estava a fazê-lo.

– Não foi nada que tenhas feito – garantiu ele. – De repente, quero-te independentemente das consequências e sei o que vai acontecer se continuarmos com isto.

– Mas eu também quero que isso aconteça.

– Dizes isso agora, mas um de nós tem de ser sensato.

– Creio que ambos sabemos que não vou poder ser eu – disse ela, com um sorriso fraco.

– Não, não creio que possas ser tu.

Por isso, tenho de ser eu, disse para si próprio, perguntando-se porque estaria tão perturbado. Afinal, quando começara o caso, suspeitara que o corpo dela a trairia e que ele seria capaz de a encaminhar por um caminho carnal.

Contudo, agora, contemplando aquele obstáculo, não conseguia perceber porque não era capaz de continuar. Apesar de mal a conhecer e de ter passado muito pouco tempo na sua companhia, gostava dela pelo que não podia comportar-se de forma vil.

Embora ela pudesse desejar que se tornassem amantes, isso não passava da fantasia romântica de uma mulher inexperiente. Ela não fazia ideia do que propunha e, tendo em conta o passado experiente dele, ele sabia perfeitamente que uma relação física passaria depressa a um desgosto amoroso. Ele era completamente incapaz

de oferecer a uma mulher mais do que sexo, por isso, se a comprometesse deliberadamente, Abigail acabaria por odiá-lo, tal como ele se passaria a odiar a si próprio. Simplesmente não podia portar-se tão mal com ela.

Logo... tinha de acabar com aquilo enquanto era tempo. Todavia, por mais que tentasse, não conseguia imaginar-se a falhar o encontro seguinte. Ela já se embrenhara tanto na sua pele que ele chegara ao ponto de não saber como sobreviveria sem ela.

– Tenho de ir – repetiu ele. – Agora, enquanto posso.

Após um longo período de hesitação, ela assentiu com a cabeça, aceitando a sua determinação como única solução possível.

– Quando vais decidir se queres voltar?

A pergunta incomodou-o. Refletiu sobre ela, mas não havia nenhuma resposta viável que lhe pudesse dar em tão pouco tempo.

– Creio que estarei aqui na quinta-feira... ou não.

Ela assentiu novamente.

Antes que ela pudesse responder, antes que *ele* fizesse algo mais imprudente, James atravessou a sala, agarrou na pilha de imagens eróticas e avançou pelo aposento, descendo as escadas como se estivesse a ser perseguido pelos cães do inferno.

6

James estava à secretária, olhando para os papéis que Michael ali pusera, contudo, não conseguia perceber de que se tratava. Bem podiam ter sido escritos em estranhos hieróglifos, pois ele não era capaz de se concentrar para decifrar os pormenores, apesar de o assunto parecer urgente.

Estava demasiado distraído com outros temas importantes. Com coisas como o perfume de Abby, a cor cremosa da sua pele, a espessura do seu glorioso cabelo louro.

O que estava a acontecer? Teria enlouquecido?

Apesar de terem passado pouquíssimas horas juntos e de não terem conversado sobre mais nada a não ser sexo, ele estava completamente apaixonado. Na sua mente, ela deixara de ser a fria e sofisticada Lady Abigail que mal conhecia e transformara-se na *sua* sensual e atrevida Abby, de uma maneira que era tão invulgar como assustadoramente possessiva. Não conseguia parar de pensar nela por um segundo que fosse. O que aconteceria às suas capacidades mentais se se continuassem a encontrar?

Já para não falar na sua condição física. Comportava-se novamente como um rapaz de treze anos com as hormonas à flor da pele, pronto para derramar de um momento para o outro a sua semente. Ficara tão teso ao beijá-la que, passadas já tantas horas, o seu corpo ainda se sentia dorido. Estava mal-humorado e irritado, os seus testículos doíam e só conseguia pensar que devia ter aceitado a proposta dela e aliviado a sua dor carnal.

Devia ter desapertado as calças! Devia tê-la feito meter a mão lá dentro! Em vez de hesitar, devia tê-la ensinado a acariciá-lo, a lambê-lo, a satisfazê-lo. Com o desespero de um homem faminto, desejava que ela o tivesse tocado e acariciado, talvez até chupado com aqueles lábios rubros. Se um pouco da sua atenção feminina tivesse estado direcionada para ali, ele não estaria a sofrer tanto naquele momento.

Ela parecia ansiosa por acelerar o ritmo calmo que ele iniciara, mas James resistia. Porquê? A única resposta que lhe ocorria era: gostava dela. Por alguma razão, gostava dela e não queria magoá-la.

Se se tornassem amantes, já sabia como tudo aconteceria. Viveriam um clima de romance, um breve crepitar de encontros eróticos, mas a sensação de novidade desapareceria passado pouco tempo. Como sempre, o seu fascínio diminuiria, o desejo por ela arrefeceria e procuraria outra. Fora esse o triste estado da sua vida sexual, uma mulher nunca retinha o seu interesse durante muito tempo.

Mas onde é que isso a deixava?

No mundo dela, as verdadeiras senhoras acreditavam que o amor e o sexo estavam intrinsecamente ligados, que um criava uma responsabilidade inquebrável em relação ao outro. Infelizmente, ela não era como as outras mulheres com quem ele namoriscava, pelo que não percebia que, por vezes, o sexo era apenas uma libertação física e nada mais. Nunca lhe tinham ensinado que a luxúria era um sentimento forte, que consumia, e que podia desvanecer-se de um dia para o outro. Nem compreendia que uma relação física poderia acabar muito mal, com corações destroçados, recriminações, palavras duras.

Não queria que ela sofresse nenhuma desilusão. Logo... o que fazer?

Era evidente que não podia continuar com os encontros; era estúpido. Contudo, ao ponderar como teria sido maravilhoso abraçá-

la e beijá-la, ao lembrar-se do brilho e do desejo nos olhos dela quando perguntara se ele voltaria na quinta-feira, não conseguiu imaginar-se a ir. Era uma impossibilidade nunca mais voltar a vê-la. Continuar, a maior tolice.

Era um homem esperto, que se orgulhava de nunca perder o controlo e que nunca se permitia ver-se em situações impossíveis. Por isso, como poderia encontrar-se agora naquele dilema? E como sairia dele?

Tinha poucas opções. Podia simplesmente nunca mais voltar a aparecer, forçando-a a esperar por ele, triste, até perceber que não ia. Era provável que chegasse à conclusão de que a decisão dele tinha sido culpa sua, que o tinha ofendido em algum modo. Algo que ele odiava considerar.

Ou podia tornar a sua decisão mais clara ao enviar-lhe um presente de despedida. Seria um sinal sem importância do seu afeto, uma quinquilharia qualquer para a qual ela pudesse olhar de vez em quando e lembrar-se do canalha que ele realmente era. Lembrar-se-ia sempre do importante acordo que tinham feito, mas que ele não tivera a coragem de cumprir.

A única alternativa que conseguia discernir era progredir até que ela sentisse já ter visto e ouvido que bastasse. E esses encontros insuportáveis poderiam decorrer de duas maneiras: ou ele usava toda a sua determinação para manter as conversas a um nível intelectual, acabando por ficar sexualmente frustrado, dorido e infeliz, ou podia avançar pelo caminho que o seu corpo lhe pedia que fizesse. Podia começar a sedução dela.

Enquanto sofria o desconforto das suas meditações e escolhas, a porta abriu-se e o irmão, Michael, entrou. Apontou para os papéis que deixara em cima da mesa de James.

– O que achas? Devemos cortar-lhe o crédito? – perguntou.

– Quanto é que Lorde Rosewood nos deve?

James sabia que já devia ter olhado para a pilha de papéis e, se fosse noutra altura, já teria chegado há muito tempo a uma

resposta.

Com um suspiro exasperado, Michael atravessou a sala.

– O que se passa contigo ultimamente? Andas muito distraído. – Avançou para a última página e apontou para a coluna da dívida.

James ficou pasmado com a rápida localização do número substancial.

– Tenho a cabeça cheia de assuntos de trabalho – inventou ele. – Estou preocupado.

– Pois sim! – exclamou o irmão, sem acreditar. – Se não te conhecesse diria que uma nova mulher te deu a volta à cabeça...

James ficou tenso mas engoliu a sua ira. Se desse a entender a mais pequena coisa, o seu irmão mais novo descobriria tudo. Ele e Michael haviam partilhado muita coisa ao longo dos anos e Michael sabia muitos dos seus maiores segredos. Era um amigo inestimável, um confidente valioso e a única pessoa no mundo em que James confiava cegamente. Mas não podia ficar a saber sobre Lady Abigail.

No entanto, apesar de James dar o seu melhor para esconder o seu envolvimento com ela, Michael percebeu logo.

– Oh, por amor de Deus... – Calou-se e mudou de posição para poder ver os olhos de James. – Estás completamente apaixonado!

– Isso é ridículo.

– É? – Ele observou-o, como se o seu olhar penetrante fosse capaz de desvendar a verdade. – Eu conheço-a?

– Estou a dizer-te: não há ninguém.

– Sempre foste um péssimo mentiroso. – Encaminhou-se para o aparador e serviu-se de um copo de brande. Perguntou, espirituoso: – Então, quem é a sortuda? Vais trazê-la cá a casa para a apresentares à família? Para a mãe dar a bênção? O casamento está no teu futuro? – Fez uma pausa, bebericando o líquido âmbar enquanto James permanecia calado. – Bem me parecia que não – murmurou ele. – É a mulher que veio aqui, não é? A irmã do Marbleton. Como se chama ela? Abigail?

– Estás só a dizer disparates – insistiu James, mas com muito menos veemência do que gostaria.

Os seus olhares encontraram-se e Michael perguntou abruptamente:

– Estás doido? Já te esqueceste do que aconteceu da última vez que fizeste algo parecido?

James detestava a capacidade que Michael tinha de ir diretamente ao cerne da questão, principalmente porque sabia que o irmão estava quase sempre certo: ele brincava com o fogo, como já fizera antes, e todos tinham sido queimados pelas chamas flamejantes da derrota que o seu comportamento irresponsável provocara. Pelos vistos, não aprendera nada com as suas ações passadas. Estava pronto – não, ansioso! – para brincar outra vez com um desastre iminente.

Com dezanove anos, não ligara às admoestações do pai nem aos avisos da mãe, em relação às meninas da aristocracia, indo atrás de qualquer mulher que parecesse interessada em si. E todas tinham parecido. Enquanto filho mais velho, embora ilegítimo, do pai, pairara na margem daquele mundo exclusivo, fora visto, conhecido, mas não acolhido. A sua beleza e físico possante atraía-as, contudo, era o estatuto de bastardo de um conde que as cativava.

Era um rapaz perigoso, rico e destemido, sem escrúpulos visíveis. Era daqueles de quem as mães das raparigas lhes diziam para se afastarem, o que só o tornava ainda mais apetecível aos seus olhos inocentes e protegidos.

Demasiado orgulhoso, rebelde e despreocupado com as consequências, arriscara-se muitas vezes, fora apanhado e encontrara-se abruptamente casado com a filha de um duque. Patricia tinha acabado de fazer dezassete anos. Era uma rapariga lindíssima, cheia de si própria, e convencida da justeza do seu lugar no topo do mundo depois de uma vida de mimo.

Fora o prémio dourado da sua temporada, a mais inatingível das mulheres, a mais proibida a um homem da posição dele e, por isso,

a mais desejada por si. Conseguiram encontrar-se algumas vezes às escondidas e, a cada uma dessas ocasiões, ela ficava mais segura de que o queria para marido, apesar de serem praticamente estranhos um para o outro.

Imatura e tola, cheia de noções românticas sem sentido nenhum, Patricia assumira ingenuamente que a paixão deles seria um grande acontecimento para a sociedade. Como estava enganada em relação ao que o futuro reservava!

O primeiro aviso viera no dia do casamento. Até ao último instante estivera convencida de que os pais iam ceder, de que as suas transgressões seriam perdoadas e de que ele seria bem aceite na família. Tinha a certeza de que iria ter a magnífica cerimónia com que sempre sonhara.

Em vez disso, os votos foram trocados numa pequena sala de estar de um clérigo, sem sequer uma jarra de flores para alegrar o ambiente e tendo como único convidado o pai. O duque ficara estoicamente na parte de trás, e saíra logo a seguir, sem sequer parar para se despedir ou desejar-lhes boa sorte.

Seguira-se o fechar de portas.

Enquanto James não se preocupara minimamente com o que os outros pensavam sobre o seu casamento, ela sofrera muitíssimo. Desencorajada e rejeitada, esperara em casa pelos convites que nunca chegavam, pois ninguém queria vê-la, nem falar com ela. Ninguém lhe respondia às cartas e a pedidos de informação. Era ignorada na rua e frequentemente afastada por pessoas que conhecera toda a vida. O golpe final fora numa noite em que ele a obrigara a ir ao teatro. Encontraram os pais dela e foram publicamente ignorados.

Ela nunca mais se aventurara a sair.

No meio de tudo aquilo, Patricia protestara alto e continuamente, acusando-o de ser a fonte do seu sofrimento, a causa de todos os problemas. Ele nunca negou as acusações, sentindo-se culpado e sofrendo, às escondidas, o facto de ser um péssimo marido.

Abandonou cedo qualquer tentativa de apaziguá-la. A tristeza e melancolia dela eram difíceis de suportar. Procurando uma solução que devolvesse a serenidade à família, comprou uma segunda casa e mudou-a para lá. Depois, deixou-a lá com a sua infelicidade.

Quando lhe disseram que ela estava gravemente doente havia vários dias, ele mal pestanejou. Ela era uma mulher desagradável e triste que ele nunca compreendera. No seu leito de morte, cheia de febre e tosse, ela não mostrara qualquer benevolência, nem remorsos ou arrependimento pelo modo como a relação curta decorrera e falhara.

Depois de ela falecer, um médico que a tratara referiu que a doença não tinha sido assim tão grave e que não devia ser suficiente para lhe pôr fim à vida. Ela simplesmente desistira, apesar dos seus esforços, como se não tivesse vontade de continuar a viver.

James ainda acreditava que ela morrera de desgosto e estava triste por causa de tudo o que ela perdera devido aos seus impulsos estouvados.

Agradecia diariamente à sua estrela o facto de não terem tido filhos!

– Não vai acabar como o caso da Patricia – declarou, precisando de dizer alguma coisa.

– Como podes garantir isso?

Michael tinha boas razões para estar preocupado. Fora a pessoa que mais sofrera ao tentar lidar com a noiva mimada e infeliz de James. Ela dirigira-lhe muita da sua melancolia e, quanto mais ele lhe prestava atenção, mais infernal ficava o comportamento de Patricia.

– A senhora e eu decidimos... – James começou a explicar aquela parte do acordo em que Abby prometera não lhe pedir nada, caso fossem descobertos. No entanto, reconhecendo o absurdo da situação, calou-se.

– E, então? – atacou Michael no vazio deixado por James. – O que foi que decidiram? Não comprometê-la? Não a defenderes depois de lhe arruinares a reputação? Não casares com ela depois de a engravidares?

O golpe foi profundo e incisivo. A ideia de que James poderia abandonar uma mulher com um filho bastardo era inconcebível. Ambos sabiam disso. Tendo testemunhado como a mãe lutara para criar dois rapazes sozinha, haviam jurado nunca ter filhos ilegítimos.

– Não fizemos nada – acabou James por dizer.

– E não vão fazer? – gozou Michael. Com mais gentileza, acrescentou: – Tem cuidado, James. Se não pensares em ti, pensa na mãe e como lhe vai ser difícil passar por outro grande escândalo.

– Já pensei e dou-te a minha palavra...

– Oh, poupa-me – interrompeu Michael. – Quando pensas com a pila, a tua palavra não vale nada. Menos do que nada.

Olharam um para o outro, zangados, no meio de um silêncio tenso. James sentia-se um menino admoestado e desprezou o irmão por tratá-lo com desdém e a si próprio pelos seus desejos incontroláveis. A luxúria que sentia por Abby era precária. Ameaçava e obscurecia tudo – a harmonia da família, a sua paz de espírito e até o seu ganha-pão.

– Serei discreto – prometeu ele, esperando acalmar a confrontação tensa.

– Bem, acho que já é alguma coisa – concluiu o irmão, aceitando a tentativa de reconciliação de James e o azedume dissipou-se. Eram demasiado chegados e já tinham passado por muito para se zangarem. – E Lorde Rosewood? – perguntou Michael, apontando novamente para os papéis.

– Já não se senta mais às nossas mesas – concordou James. – Trá-lo cá.

Michael foi buscar o aristocrata e James permaneceu à secretária, tentando acalmar-se enquanto esperava que ele chegasse. Passaram muitos minutos antes de Rosewood bater à porta e

James quase sentiu pena dele. O homem não fazia a mais pequena ideia do que o esperava. Tendo em conta a longa história que os unia, era óbvio que Rosewood pensava que fora convocado para as salas traseiras do estabelecimento para algum divertimento duvidoso, do qual os dois já tinham participado em inúmeras ocasiões.

Contudo, como o pobre nobre arruinado estava prestes a descobrir, James era um homem de negócios implacável. Amigo ou não, conhecido ou não, o negócio era sempre a sua primeira prioridade. A família dependia do rendimento estável que este proporcionava e, para James, as necessidades da família eram lei. Ao dedicar-se ao bem-estar deles, decidira não ser como o pai que os abandonara com quase nada quando ele e Michael eram pequenos. James estava determinado em fazer com que o seu comportamento em relação àqueles que dependiam de si o distinguisse.

– Rosewood. – James cumprimentou o aristocrata enquanto mandava embora o criado que o levara ao seu escritório.

Querendo apenas acabar a tarefa desagradável o mais depressa possível, começou a falar sem rodeios, explicando ao homem a sua dívida exorbitante e vendo-o ficar perturbado com a revelação audaciosa dos seus problemas financeiros. Não era a primeira reunião assim que James tinha, e não seria a última, pelo que exibiu uma paciência controlada e experiente. Quando James chegou ao último ponto, informando o aristocrata de má fama de que não seria bem-vindo novamente, Rosewood ficou furioso.

Depois de explodir de raiva, a conversa foi dar onde era costume. Sem meios para pagar as contas, e sem influência para pressionar James a mudar de ideias, o aristocrata começou a fazer ameaças tal como James esperara.

– Vou tratar de que fiques na penúria por isto! – declarou o conde zangado, mas James nem pestanejou. Ambos sabiam que não passavam de palavras. A pobreza tinha uma forma de torná-los

iguais, de despojar um homem de muito do seu poder. Quando o conde saiu a praguejar, James suspirou longa e lentamente, massajando as têmporas devido a uma dor de cabeça súbita.

Sem se mover, olhou para o relógio, calculando o tempo que Rosewood levaria a sair do estabelecimento. Michael observá-lo-ia discretamente para garantir que ele saía sem causar problemas. Exatamente catorze minutos depois, a porta do escritório abriu-se e Michael entrou mais uma vez.

– Problemas à frente? – perguntou James.

– Não – retorquiu Michael. – E aqui?

– Mais do mesmo. – James abanou o dedo e imitou o tom severo do conde. – Ele vai fazer-nos ficar «na penúria» por isto!»

– Atrevido, hein? – Michael rolou os olhos com desprezo, olhando depois para os papéis que pormenorizavam a enorme dívida de Rosewood. Uma dívida que eles teriam de suportar muitos anos e da qual, provavelmente, nunca recuperariam.

– Não é pior do que os outros da laia dele – respondeu James.

– Um grande elogio, realmente – declarou Michael. Ambos riram. Ele dirigiu-se ao aparador e serviu dois brandes, depois passou um deles a James e fez um brinde. – À recuperação financeira do conde. Que seja substancial e rápida.

James também ergueu o copo.

– E que sejamos nós os primeiros a receber.

– Isso mesmo – disse Michael.

Seguiu-se um silêncio longo, intenso. James contorceu-se na cadeira.

– Tenho de me ausentar por umas horas.

– Então... vai. – Michael encolheu os ombros.

– Ficas bem?

– Claro.

Ficava sempre, mas James sentia necessidade de perguntar.

– Não sei quando volto.

– Não tenhas pressa – aconselhou Michael. Esvaziou o copo, dirigiu-se para a porta e para as salas de jogo. – Demora-te até ficares de bom humor e até a tua pila murchar. Espero que estejas um pouco mais sensato da próximo vez que te vir. Fica fora umas semanas, se é disso que precisas. – Depois de se despedir saiu rapidamente, portanto, não ouviu os comentários sarcásticos de James.

O candeeiro apagou-se e James ficou na escuridão a pensar no seu passo seguinte. Sem refletir muito, concluiu que não havia razão nenhuma para ficar obcecado por Abby – não, Lady Abigail. A relação deles, tal como estava, era a única coisa que ocorreria entre eles. Nunca poderiam ser amigos nem amantes. Eram duas pessoas que se haviam juntado por força de circunstâncias estranhas com um propósito inválido e que se separariam para sempre assim que esse propósito tivesse sido concluído.

O que a senhora merecia e esperava da vida era ser cortejada, depois ter um longo noivado e um casamento feliz que terminasse numa casa cheia de crianças barulhentas. Todavia, James não podia proporcionar-lhe nada disso. Para começar, mesmo que ele desejasse desposá-la – o que não queria –, a família dela nunca o permitiria. Em segundo lugar, ele não era o tipo de marido que uma senhora educada quisesse aturar durante o resto dos seus dias.

Criatura notívaga, fora criado com prostitutas e atrizes. Na maioridade ocupara-se a desfrutar do submundo da boa sociedade, apreciando os divertimentos e a libertinagem que esta tinha para oferecer. Até o emprego condizia com o seu estilo de vida. Dormia durante o dia e trabalhava à noite, chegando à casa de jogos ao pôr do Sol, quando o pior lado de Londres conquistava as ruas. Bebia e convivia com jogadores e bêbedos. Eram o único tipo de pessoas que conhecia e a única existência que compreendia. Era simplesmente impossível para ele conceber uma outra.

Se por um acaso imprudente do destino Lady Abigail Weston lhe fosse entregue, o que faria com ela? *Não* era homem para ela, nem

fingiria ser.

Fosse como fosse, não podia abandoná-la na sua busca por informação carnal. Prometera ajudá-la, e assim faria, contudo, tinha de encontrar um método para lidar com o desejo que ela lhe provocava, pois este começava a tornar-se perigoso, tendo de ser eliminado. Ele era um homem adulto, que podia e conseguiria controlar as suas paixões, tendo vários métodos disponíveis para saciar o seu desejo.

Precisava era de uma grande dose de mulheres decadentes, às quais estava habituado. Já passara algum tempo desde que se permitira tais prazeres. Mais que não fosse, alguns favores sexuais poderiam melhorar o seu mau humor. Se tivesse oportunidade, talvez também conseguisse apaziguar aqueles impulsos sentimentais anormais e invulgares. No encontro seguinte com Lady Abigail já teria limado algumas arestas e poderia chegar ao fim sem sofrer muita ansiedade e angústia.

Decidido, bebeu o brande todo e preparou-se para sair. Sem querer confrontar clientes que poderiam detê-lo, encaminhou-se para uma porta lateral. Uma vez na rua, fez sinal a um coche e o condutor perguntou-lhe o destino.

Havia muitos lugares onde poderia ir para se aliviar. Um bordel era, sem dúvida, uma das possibilidades, no entanto, não tinha vontade de estar com as profissionais do costume. Queria mais do que sexo mecânico em troca de dinheiro. Necessitava de uma parceira entusiasta, selvagem, chocante. Quanto mais irreverente, melhor.

Havia várias *soirées* sórdidas a decorrer. Conhecia a localização de todos os sítios da moda, as suas donas, os clientes, o tipo de diversões indecentes oferecidas. Depois de refletir durante algum tempo, optou pela sua velha amiga Lady Carrington. Podia sempre contar com ela para um grande rol de distrações indecentes e a sua casa estava repleta de mulheres desinibidas, bonitas e agradáveis.

Disse a morada da senhora e, poucos minutos depois, subia os degraus da sua entrada, dando ao mordomo os agasalhos. Avançou

pelas salas do rés do chão, bebericando um forte uísque escocês e murmurando cumprimentos a pessoas que se encontravam nos cantos escuros.

Havia casais por todo o lado, em várias fases de embriaguez e nudez. Nenhum fora capaz de esperar por um quarto disponível e havia ainda a excitação adicional de se estar a ser observado. Para onde quer que olhasse, via peitos nus, carícias, sexo. Num dos salões, uma mulher nua dançava em cima de uma mesa enquanto vários homens a observavam, sentados em círculo à sua volta. Num outro, estava um homem reclinado num sofá com uma mulher debruçada sobre ele a chupá-lo. O amigo do homem ajoelhara-se atrás dela e fodia-a com uma determinação furiosa.

O ambiente carnal só serviu para lhe aumentar o seu desejo de um encontro sexual turbulento e despreocupado. Michael tinha razão: aquela era a cura de que ele precisava. Com uma ajudinha de qualquer uma das mulheres depravadas que ali trabalhavam, acabaria por se libertar da agitação que o consumia quando se encontrava na companhia de Lady Abigail. Ao olhar em redor, percebeu que aquele mundo obscuro de luxúria e pecado, com aquelas pessoas capazes de cometer qualquer ato impróprio, era o seu mundo, o que ele conhecia e onde prosperava. Pertencia ali, com eles, e não conseguia imaginar a razão que o levara a pensar que conseguiria adaptar-se ao ambiente soalheiro e diurno de uma senhora como Abigail Weston.

Era claro que continuaria a encontrar-se com ela, dar-lhe lições e partilhar informação. Fá-lo-ia de forma racional, calma, cuidadosa. Mas, depois... depois, iria a um sítio como aquele.

Ao acabar o segundo copo de uísque, viu Barbara Ritter, uma viúva e ex-amante. Parara de a visitar simplesmente porque não mantinha a mesma amante durante muito tempo. Não pertencia a mulher nenhuma e um caso duradouro poderia fazer com que ela pensasse o contrário. Era arriscado renovar a relação de ambos, pois podia dar uma impressão errada sobre o seu interesse

meramente sexual, embora também houvesse benefícios. O seu pénis já se agitava com a memória dos prazeres proibidos nos quais ela regularmente participava.

Uma vantagem extra era o facto de ela ser alta, rechonchuda e de cabelo preto, o contrário absoluto da sua pequena e loura Abby. Uma mulher mundana e libertina, compreendia – de uma maneira que Lady Abigail nunca seria capaz – que uma pessoa podia fornicar sem estar emocionalmente ligada a alguém.

Era uma plebeia que fizera um bom casamento com um barão mais velho e que se sentia fascinada pelas atrações da noite tal como ele. Conheceram-se nos últimos meses de vida do marido. Enquanto ele perdia a vida no leito de morte, a esposa jovem e bonita circulava pelas festas de Londres e, de forma gradual, permitiu ser atraída para o submundo esquálido da cidade.

Era fácil captar-lhe o olhar. O erguer do copo, um aceno, e ela já estava ao seu lado. Ainda bem que a conversa de circunstância era mínima. Ela sabia o que queria e ele também. De mãos dadas, subiram as escadas em busca de um quarto. Encontraram um vazio. Despiram-se de imediato e começaram os movimentos iniciais.

Contente por deixá-la no comando, ele reclinou-se nas almofadas e ela sentou-se em cima dele. Como já sabia o que ele gostava, pegou-lhe nos testículos e no pénis e acariciou-o. usando todas as artimanhas à sua disposição, que eram bastantes. Finalmente, empalou-se no membro rígido, a sua fenda a espremê-lo, os seus seios grandes oscilando junto ao rosto dele.

Depois, houve apenas sexo. Duro, bruto, sem significado algum.

Quando ela percorreu o peito dele em direção à barriga, e mais abaixo, ele olhou para o teto, à espera da tal sensação, da chama do desejo, mas ela nunca chegou. Susteve a respiração, tenso, preparado, à espera da excitação que ela normalmente proporcionava, mas não se conseguiu concentrar por estar demasiado distraído com a falta de sentimento que a união deles

gerava. Quando ela o rodeou com os lábios e o chupou, ele agarrou-lhe na cabeça distraído e puxou-a para si.

Se pensasse bem no que fazia, reconheceria a sua repugnância em relação a si próprio, as suas fraquezas, a sua incapacidade de se ligar a uma mulher distinta, porém, não quis pensar nos seus abundantes defeitos de personalidade. Em vez disso, centrou a sua atenção no momento presente. Nas mãos, bocas e línguas. Em nada mais.

Era fácil desassociar-se daquele quarto, do comportamento, da mulher depravada com quem copulava. Nada interessava realmente. A viúva morena que o servia de forma tão eficaz, foi desaparecendo gradualmente… para dar lugar a... Abby.

A sua linda Abby estava ajoelhada diante de si, a desejá-lo e a amá-lo com a boca sensual e os dedos talentosos. A imagem da fantasia ganhou vida, elevando a sua paixão a um nível superior que até ali não sentira.

Fechou os olhos e deixou-se levar.

7

Abigail ouviu os passos dele nas escadas e quase desmaiou de alívio. Depois do último encontro, não sabia se ele voltaria. Ficara perturbado e enraivecido com o que estavam a fazer e a sua atitude bizarra deu a Abigail vontade de rir. Tendo em conta o passado dele, era *ela* quem devia estar a sofrer de ansiedade. Não ele. Aquela troca de papéis parecia ridícula.

Ele lutava para salvá-la de si mesma, mas ela não precisava de proteção. Gostava daqueles encontros, ansiava por eles. Por ele. Estava tão maravilhada que não era capaz de se concentrar em mais nada. O seu mundo encolhera para aqueles momentos furtados. As horas aborrecidas passavam numa neblina imprecisa de tarefas monótonas que ela fazia enquanto esperava pelo instante em que ele atravessaria a porta e começariam de novo com a lição secreta.

A sua vida estava virada do avesso. Não conseguia comer, conversar, dormir. As noites eternas eram uma litania incansável de voltas na cama, apimentadas com sonhos eróticos de James Stevens em vários estádios de nudez, da respiração dele contra a sua pele, da face dele enterrada no seu peito. Acordava suada, com o coração aos pulos, os seios cheios e inchados, atraindo-a para uma libertação da agonia física que nunca chegava.

Só conseguia pensar na maneira íntima como ele a deixara tocar na parte da frente das suas calças para que ela sentisse a sua excitação. Era uma aventura estimulante, aquela compreensão inicial do poder que ela tinha sobre um homem. Quem haveria de

imaginar que ela detinha a capacidade de excitar uma criatura sexual como aquela?

Ele quisera-a da pior forma, tal como às outras mulheres, e essa perceção encheu-a de um estranho temor por poder ser tão ardentemente desejada por alguém como James. Nunca se tinha imaginado como o tipo de mulher que conseguisse atrair sexualmente um homem, pelo que a ideia era tão excitante como aterradora. De repente, o seu corpo parecia ter vontade própria e ela não tinha qualquer palavra em relação à direção que ele tomava.

Surpreendentemente, tornara-se um ser descontrolado e sensual e não conseguia alterar a rota e voltar para trás, para a pessoa que dantes fora. Tudo o que podia fazer era esperar que James a beijasse outra vez. Que ele continuasse a beijá-la e não mais parasse. Que as sensações que ele provocava crescessem até ultrapassarem o seu entendimento.

A porta abriu-se e ali estava ele, lindo, digno, incrivelmente viril. Demorou-se na ombreira da porta, em silêncio e composto, e a sua expressão severa fez Abigail hesitar. Contudo, independentemente da sua entrada reservada, ela não conseguiu conter a sua exuberância.

– Olá, James. – Sorriu carinhosamente, adorando a oportunidade de dizer o nome dele e saboreando-a como um vinho adocicado. – Fico muito contente por teres vindo. Tive muito medo que não viesses.

A modesta revelação dela deu cabo do controlo dele. Resignado, encolheu os ombros e sorriu-lhe enquanto estendia as mãos para a receber. Ela correu para ele e ele começou a beijá-la: a linha do cabelo, a testa, as sobrancelhas, os olhos, as faces.

Finalmente, finalmente, encontrou a boca. Os seus lábios fundiram-se e ela foi invadida pelo seu sabor indescritível. Com um movimento de pulso, ele soltou a fita que ela usava para prender o cabelo e os seus dedos emaranharam-se nas madeixas e brincaram

com elas até as prender à volta do pulso e usá-las para inclinar a cabeça dela para trás.

Ele intensificou o beijo, com a língua a mergulhar profundamente na boca dela. Ela encontrou a dele com a sua, incitando-o a entrar mais, estar mais próximo, e ele gemeu de prazer. O som provocou um formigueiro na barriga de Abigail.

Encorajada, ela tomou-o nos braços, adorando a sensação do seu físico robusto. A sua própria forma feminina encaixava nele na perfeição. Ele era firme onde ela era macia, liso onde ela era redonda, e ela sentiu que tinha nascido para abraçá-lo e para nada mais.

Fundiram-se; barrigas, coxas, barrigas das pernas. Os seios dela estavam pesados, os mamilos inchados e a latejar, pressionados contra o peito dele. Sempre que ele inalava, roçavam contra ele, criando uma fricção insuportável.

Ele desceu pelo seu corpo, passou a cintura e premiu os dedos na curva do rabo dela, puxando-a para si de um modo que ela não sabia ser possível. Inclinou-se para ela, e ela respondeu da mesma forma, incapaz de acreditar no sobressalto do seu corpo ao sentir o membro ereto dele a fazer pressão no seu ventre.

Foi como se um relâmpago a atingisse. Sentiu uma explosão de fogo no sítio feminino entre as pernas. A chama elevou-se, percorrendo-lhe as veias, atingindo-lhe os mamilos e passando para outras extremidades. Desejando encontrar mais do mesmo, baixou, com coragem, as próprias mãos, aterrando nas cordas duras dos músculos que rodeavam as costas e as coxas dele.

As suas ancas balançaram juntas. O pénis dele estava duro, sólido, pronto para ela. Ocorreu a Abigail que, naquela altura, faria qualquer coisa por ele. Tiraria a roupa. Daria a sua virgindade. Saltaria de um precipício! O que quer que ele pedisse, ela daria de bom grado – se ele a fizesse continuar a sentir aquelas coisas maravilhosas.

Havia uma loucura explícita ligada àquela conduta que fazia com que uma pessoa quase se esquecesse de tudo o que importava, pelo que ela de repente teve a perceção momentânea de que era por causa disso que as raparigas novas eram tão acompanhadas, vigiadas, protegidas. Os outros já tinham aprendido o que ela descobria: que o desejo não tinha limites. Ela queria e daria prazer àquele homem fosse como fosse, sem qualquer hesitação ou arrependimento.

Ele concluiu o beijo e ela não conseguia acreditar no quanto sentiu logo muito a falta dele, ou no quanto desejava ardentemente que tudo começasse de novo. Os seus lindos olhos azuis olhavam-na, repletos de luxúria, mas também de outro sentimento que ela não reconhecia. Ansiedade, talvez?

– Como me fazes isto? – perguntou ele com voz rouca. – Passei os últimos quatro dias a dizer a mim próprio que me comportaria. Que seria capaz de me disciplinar na tua presença. Só que, quando te vi, todas as minhas intenções voaram pela janela.

– Então... não estás zangado comigo? – perguntou ela.

– Zangado? Contigo? Claro que não. Fiquei irritado comigo mesmo. Continuo a esquecer-me da razão pela qual aqui estou, que tens vontade de aprender o que eu sei e nada mais.

– Eu também dou por mim a esquecer-me disso – confessou ela.

O tormento que a incomodara – a possibilidade de o ter ofendido com o seu descaramento, que agira de uma maneira muito leviana, que o empurrara para lá do seu limite pessoal – fora um suplício. Ficou muito aliviada por perceber que os seus medos não tinham fundamento e encostou-se ao corpo dele, maravilhada com o aroma da sua pele, com a goma e o sabão com que a sua camisa fora lavada.

Durante algum tempo, ele abraçou-a com força, com tanta força que ela mal conseguia respirar.

– Estou completamente apaixonado por ti – disse ele – e parece que não consigo fazer uso das minhas capacidades intelectuais.

Ante aquela confissão chocante, o coração de Abby deu um salto mortal e ela fechou os olhos, desejando que as palavras dele fossem verdadeiras, verdadeiras para sempre.

– Isso não é assim tão mau, pois não? – perguntou ela.

– Oh, Abby... – Ele enterrou o rosto no cabelo dela. Em seguida, afastou-se e entrelaçou os seus dedos nos dela. – Vem sentar-te junto de mim.

Ansiosa, ela assentiu e ele puxou-a para o pequeno sofá. Quando ela se sentou ao seu lado como fizera anteriormente, ele reclinou-se contra o braço do sofá e puxou-a para baixo até ela ficar posicionada entre as suas coxas. Cabia perfeitamente no espaço, com a anca e a barriga contra a ereção dele, os seios contra o peito dele. Os seus lábios estavam apenas a poucos centímetros dos dela, um suspiro quente passou-lhe na cara e, quando ela pensou que ele voltaria a beijá-la, James fê-la encostar-se ao seu ombro.

Oh, que delícia! Que esplêndida delícia! Incapaz de resistir, ela beijou-lhe o pescoço e em resposta ganhou um beijo no cimo da cabeça. Permaneceram juntos enquanto ela se adaptava à nova sensação gerada pelo contacto íntimo, com as mãos dele a massajarem-lhe as costas, o cabelo, a anca, a coxa. Dominada por um grande contentamento, podia ter continuado assim para toda a eternidade. Não queria estar em mais sítio nenhum; o seu lugar era ali.

– Como são os teus dias? – murmurou ela.

– Os meus dias?

– Sim, os teus dias. Quando não estamos juntos, não consigo deixar de pensar em ti.

– Não devias fazê-lo.

– Eu sei, mas faço-o na mesma. Pergunto-me com quem estarás, onde estarás, como passaste o teu tempo.

– Seria uma conversa aborrecida, seguramente. – Riu um pouco, fazendo com que o peito subisse e descesse, pelo que ela pousou a

palma no centro, gostando da sensação de sentir o coração dele bater tão calma e lentamente.

– Para mim, não – insistiu ela. – Parece que já somos muito próximos, mas, na verdade, não sei nada sobre ti e gostava de ter algumas referências para ocupar a minha imaginação.

– O que queres saber?

– Vejamos... – refletiu ela. – A tua casa. Onde moras?

Ele hesitou tanto que ela pensou que ele não lhe ia responder ou que não gostasse que ela ficasse a saber.

– Moro numa casa de três andares, aqui na zona dos teatros – acabou ele por dizer. Como se precisasse de justificar a localização, acrescentou: – É o mais conveniente para a minha mãe.

– Ela é atriz?

Ele ficou impercetivelmente tenso – se ela não estivesse nos seus braços, talvez nem tivesse reparado –, mas pareceu estar a preparar-se para o comentário mordaz que esperava se seguisse. Quando não se disse mais nada, ela foi recompensada com um beijo na cabeça.

– Ela já não representa tanto. Mas o teatro está-lhe no sangue e não consegue abandoná-lo. Está muito envolvida no Chelsey.

– Foi onde começou a carreira?

– Sim – Abigail conseguiu sentir o seu aceno –, faz um pouco de tudo, angaria fundos, encena, ensina. Por vezes representa, quando aparece um papel que lhe interessa.

– Não me lembro de alguma vez tê-la visto em palco, mas ouvi dizer que era fantástica no seu tempo.

– Era mesmo – concordou ele, rindo-se. – E ainda é.

– Como é ela?

– Oh... como é que alguém pode descrever a mãe? – Ele ponderou a sua descrição. – É extremamente dinâmica. Talentosa, forte. Determinada e com uma vontade de ferro.

– Muito bonita?

– Sim, isso também, mesmo depois de tantos anos.

– E na tua casa? O teu irmão vive convosco?

– Sim e ajuda-me a gerir a casa de jogo.

– Como é que começaste a gerir uma casa dessas?

– Foi o nosso pai que no-la deu.

Chocada, ela levantou-se para olhá-lo nos olhos. Não conseguia imaginar como é que um pai era capaz de comprar uma casa de jogo aos filhos. Especialmente Edward Stevens.

– O vosso pai? O conde de Spencer?

– O próprio – proclamou James. – Foi quando voltámos de França. Tinha esperança de que o negócio me afastasse das ruas.

– E afastou?

– Bem, naquele tempo, eu já tinha a reputação de ser um *terror*. – Quando ele sorriu daquela sua forma escarninha, ela foi capaz de imaginá-lo jovem, a fazer travessuras e a desobedecer a toda a gente. – A família do meu pai sempre teve uma percentagem na casa, logo, ele comprou as partes dos outros dois sócios para que nós pudéssemos ter o controlo absoluto do estabelecimento. Como eu tinha acabado de casar, ele pensou que as coisas ficariam mais calmas se eu tivesse um salário estável, só que...

Ele ficou tenso e pouco à vontade, olhando em redor da sala e vendo uma repetição das suas memórias. Estremeceu, encolhendo os ombros.

– É uma história antiga, Abby. Não gosto de falar nela.

Era evidente pela angústia da sua voz que falavam de algo que ele nunca partilhara com ninguém, no entanto, ela queria que o partilhasse consigo. Sentia-se ligada a ele como nunca estivera a nenhuma outra pessoa e, tendo em conta a natureza daquela relação, ele devia ser capaz de contar-lhe o que quer que fosse. Os seus segredos tornar-se-iam de imediato os dela. Afinal, a quem poderia ela revelá-los?

A tentativa dele em evitar falar do casamento dizia muita coisa e, embora ela detestasse ter de reconhecer a sua mesquinhez, ficou contente por perceber que a experiência não fora de todo agradável.

Sem saber como, começava a olhá-lo como propriedade privada, pelo que tinha alguma dificuldade em imaginá-lo com outra mulher, principalmente com uma esposa há muito desaparecida.

– Não tiveste um casamento feliz, pois não? – perguntou ela, gentilmente.

– Não – admitiu ele, abanando a cabeça. – Ela ficou muito triste e inconsolável por ter tido de casar comigo. Descarregou na minha mãe e no Michael. Foi horrível.

– Porque te casaste?

– Era novo – disse ele, como se isso explicasse tudo. – Deixei que os outros me convencessem a fazer o que parecia estar certo. O meu pai, principalmente. Só que acabou por ser uma péssima decisão. Nunca farei nada tão idiota uma segunda vez, seja qual for a pressão ou o preço. – Parecendo confuso com a sua própria veemência, pousou a mão no pescoço dela e abraçou-a, mais uma vez, contra o tronco, enterrando-lhe o rosto na curva do pescoço. – Nem acredito que acabei de te confessar isto tudo. Nunca falo dela nem desse período a ninguém.

– Fico contente que tenhas desabafado comigo. – Ele não respondeu, mas ela não se importou. Permaneceu quieta, deixando que o cheiro dele lhe rodeasse os sentidos e apreciando o facto de ele ter revelado algo sobre a sua vida privada. O silêncio prolongou-se.

– Conheci o teu pai uma destas noites – revelou ela, finalmente.

– O bom e velho Eddy – zombou ele.

– Existe o boato de que vocês os dois são muito chegados. Não é verdade? Vocês não se dão bem?

– Não é que não me dê bem com o conde de Spencer. Prefiro manter uma certa distância.

– É assim que o vês? Eu acho-o bastante agradável.

– É de esperar. Ele consegue ser encantador quando quer. Infelizmente, algumas pessoas raramente veem esse seu lado.

– Ele portou-se mal contigo e com a tua mãe? É por isso que não gostas dele?

– Não gosto *nem* deixo de gostar.

– Posso ver que isso não é verdade. – A opinião amarga que James tinha de Edward não condizia com o cavalheiro divertido que ela encontrara na festa de Caroline, pelo que não conseguia associar as duas versões de Edward Stevens na mesma pessoa. – O que fez ele de tão terrível à tua mãe e a ti?

– Ele não *fez* nada. É muito bom a fugir das suas responsabilidades.

– Estás muito zangado e...

– Um dia... – interrompeu ele, de forma abrupta –, um dia, ele estava lá, a viver na nossa casa e a partilhar a nossa vida, no dia seguinte, já não. Eu tinha cinco anos e mudámo-nos para França a meio da noite. Só o voltei a ver, e a saber dele, quando fiz dezanove anos. – Sem avisar, ele afastou-a e levantou-se, avançando para o aparador e serviu-se um brande. Em seguida, encaminhou-se lentamente para a janela e observou a rua lá em baixo, bebendo pensativo. – Não sei como é que alguém consegue ultrapassar um acontecimento destes, por isso poupa-me a essas tuas tontices sobre o *maravilhoso* homem que ele pareceu ser.

Mortificada por tê-lo aborrecido, percebeu que aquele era exatamente o tipo de comentário que merecia por mergulhar de cabeça nas complexidades da situação sem as respeitar. Ao ficar amiga de Edward, imaginara que pudesse haver consequências e acabava de descobrir algumas delas.

Manteve-se sentada, olhando para ele por cima do ombro.

– Desculpa. Não tive intenção de te aborrecer.

Ele acabou a bebida.

– É apenas uma velha ferida que parece nunca ter sarado. Passaram a vida a dizer-me o quão *maravilhoso* o meu pai é e estou um bocado farto disso. Não pretendo atirar-te com a minha frustração, mas não preciso que me exaltes as suas qualidades.

– Por favor, perdoa-me. Não percebi que era um tema doloroso.

– Como poderia não ser? Ele destroçou o coração da minha mãe. Ela nunca recuperou.

– O que fez ele?

– Casou... com uma da tua espécie.

O insulto foi dito com uma grande perícia, pelo que ela deu por si a baixar o olhar, procurando defeitos e encontrando muitíssimos. O olhar furioso dele transmitia tudo aquilo que de mau era representado pela sua condição social.

– Ele tinha de o fazer, James. Com certeza compreendes os sacrifícios a que a sua posição obrigava.

– Não *tinha* de casar com alguém que não quisesse. Sentiu simplesmente que a minha mãe não era suficientemente boa para ele. Que *nós* não éramos suficientemente bons para ele.

– Oh, James... – murmurou ela, triste. – É nisso que realmente acreditas?

– É isso que *sei*. Que sempre soube. Foi por isso que fomos para a Europa. A minha mãe não conseguia ficar e assistir ao que ele se preparava para nos fazer.

Do outro lado da sala, os olhos dele fixaram os dela e a intensidade do seu olhar alarmou-a. Quando ele voltou a falar, ela ficou com pele de galinha nos braços.

– Tenho pensado nos nossos encontros – disse ele.

– O que têm? – O seu coração bateu com mais força. Iria ele parar de visitá-la só por ela lhe ter perguntado sobre a família e se ter referido ao seu pai? A ideia era aterradora.

– Comprometi-me contigo. Disse que ia ser o teu tutor em relação aos assuntos sexuais. Honrarei a minha promessa. Contudo, devemos fazer algumas alterações.

A sua declaração atravessou o silêncio como uma bala.

– Que tipo de «alterações»?

– Devíamos centrar-nos somente nas lições. Não deves interrogar-me sobre a minha vida pessoal e eu não te faço perguntas sobre os

pormenores do teu dia a dia.

– Porque não podemos saber mais um sobre o outro? – Embora parecesse que implorava por atenção, não podia desistir. – Nunca conheci ninguém como tu. Quero compreender-te. Tu fascinas-me.

– E então? – rosnou ele. – O que tem o teu *fascínio* a ver com o que quer que seja? Connosco? Se nos encontrarmos na rua, paras para conversar comigo? Se estiver com a minha mãe, pedes-me que ta apresente e perguntas-lhe pela sua última peça? Se estiver com o meu irmão, vais escarnecer com a sua falta de perspetivas de matrimónio? O que esperas em concreto?

– Tenho apenas curiosidade em relação a ti – respondeu ela tranquila, tentando manter a calma e incapaz de perceber por que razão ele se agitara tanto com as suas perguntas. – Não é nenhum crime.

– Não, não é – acabou ele por concordar. – Mas porque fazes estas perguntas todas? Nunca poderá existir nada entre nós para além desta sala.

– Sei disso – retorquiu ela, calmamente. Mas seria assim tão terrível fingir o contrário? Quer gostasse ou não, ele era um raio de sol na sua existência aborrecida que iluminara o seu mundo por completo. Para variar, tinha algo por que ansiar e alguém em quem pensar. – Que mal tem conhecermo-nos melhor enquanto estivermos juntos?

– Não é uma questão de «mal», Abby – disse ele com mais gentileza. – Temo apenas que estejas a ceder a sonhos impossíveis.

– Porque achas uma «tontice» eu tentar ser tua amiga?

– Acho que estás a chamar *amizade* a algo que vês com outros olhos. Talvez imagines que me sinta tão arrebatado com estes encontros que acabe por me casar contigo e que vivamos felizes para sempre.

O comentário dele estava tão próximo da verdade que ela não conseguiu negá-lo. Nunca fora uma boa mentirosa, pelo que não tentaria fingir o seu apego crescente. De forma secreta, fantasiava

em proclamar a relação de ambos pelo reino, indo contra as marés da sua sociedade e desrespeitando as convenções à medida que abraçava o que perigosamente desejava.

Era ridículo, quase infantil, mas não conseguia evitá-lo. Não sabia dizer porque se sentia tão convicta das suas hipóteses com ele, todavia, um caso amoroso entre os dois parecia algo que talvez se pudesse concretizar.

Não era altura para ser tímida. Gesticulou em volta, indicando o pequeno aposento e o que ocorrera entre eles lá dentro.

– Seria assim tão terrível esperarmos mais do que isto?

– Oh, Abby... – Ele fechou os olhos, sendo-lhe doloroso ouvi-la. – E se me tivesses? O que farias comigo? – Passou a mão pelo cabelo, distraído. – Já passei por isto com a minha noiva. Ela estava convencida que viveríamos o romance mais belo de todos os tempos...

Ela interrompeu-o.

– Não me compares com ela.

– Está bem, não comparo.

– Foi injusto da tua parte – respondeu ela, com veemência. – Não sabes nada sobre mim.

– E *tu* não sabes nada sobre mim.

– Mas quero saber!

– Não, não queres. A sério. Nestes últimos dias tens deixado a tua imaginação andar à volta das minhas intenções e do que elas poderão vir a ser. Assumo a culpa dos planos caprichosos que tens estado a maquinar, mas enganaste-te redondamente sobre o que estou disposto a fazer por ti. Não fazes ideia do homem que sou.

– Então, diz-me quem és – pediu ela, suavemente.

– Estou a tentar! – declarou ele, irritado. – Para o teu bem, e para o meu, não vai haver nada entre nós a não ser estas discussões. Apesar de eu tentar ser diferente, a verdade é que sou filho do meu pai para o que der e vier. – Pareceu ficar triste com a confissão. – Recuso ser responsável pelo teu estado emocional, pois estou muito

ciente de que sou incapaz de venerar-te com a estima que tu mereces. Se esperas mais de mim, só te vais desiludir e sofrer.

Tentava arduamente convencê-la de que era um canalha e um patife, contudo, ela recusava-se a acreditar que ele fosse assim tão mau, apesar da perceção que ele aparentemente preferia que ela tivesse.

– Não acredito que sejas assim tão cruel.

– Tens de acreditar, Abby – disse ele. – Não sou como aqueles homens educados que bebericam chá nas vossas salinhas bem decoradas.

– Compreendo que não – respondeu ela, frustrada e irritada. – Talvez seja por isso que me sinta tão atraída por ti.

– Também me sinto atraído por ti – confessou ele –, mas sinto-me atraído por *muitas* mulheres. É assim que funciono. *Sempre* foi. Tenho muitas amantes; imensas mulheres me convidam para as suas camas, onde faço coisas inimagináveis com elas. Não peço desculpa pelo meu estilo de vida e não vou racionalizá-lo nem justificá-lo diante de ti. É apenas a forma como desfruto dos interlúdios eróticos que me aparecem à frente.

– Parece tão calculado.

– Procuro prazer físico. Nada mais. Nada menos.

– E as tuas... *mulheres*... – Ela mal conseguiu pronunciar a palavra. No pouco tempo que tinham passado juntos, ela começara ingenuamente a considerá-lo seu. Apesar de compreender que ele tinha um forte impulso sexual, concluíra estupidamente que o facto de conhecê-la lhe modificara algumas atitudes e comportamentos. Oh, como a entristecia perceber que ele quase não se importava! Enquanto passava os dias a pensar nele, ele nunca devia ter gasto um segundo a pensar nela.

– O que têm? – perguntou ele.

– O que acham da tua indiferença?

– São mulheres sofisticadas e aceitam as regras do jogo.

– O que queres dizer?

– Não me comprometo com nenhuma. E não me comprometerei contigo.

– Compreendo.

A sua afirmação foi brutal, mas felizmente ela aprendera a controlar as suas expressões faciais. Como perdera tempo a pensar em possibilidades! Uns poucos beijos, uma quantidade insubstancial de momentos roubados e imaginara-se no início de uma grande paixão. Sentia-se uma idiota.

– Avisei-te desde o princípio… – era quase forçado a deitar-lhe sal nas feridas – que não te poderia prometer nada. Continua a ser verdade. Se formos avante com este plano que elaboraste, só vamos sofrer. Tu não vais recuperar, enquanto eu, por outro lado, dou meia volta sem olhar para trás, sem me preocupar contigo.

Ela abanou a cabeça perante a sua loucura. Escolhera-o por ouvir boatos sobre as suas proezas e impulso sexual. As mulheres deleitavam-se com a sua prestação de serviços, sem se preocuparem se ele desenvolvia algum tipo de afeto por elas. Ao começar a sua aliança com ele, reconhecera que seria simplesmente uma entre tantas outras.

Então porque era assim tão devastador quando ele lhe comunicava as suas propensões de forma tão cândida?

Gostava dela – tinha a certeza disso! – e rejeitava a obstinação dele quando afirmava que dizia a verdade sobre a sua conduta. Estava inclinado a menosprezar-se e ela estava furiosa pela sua má opinião de si próprio. Um homem bom escondia-se por debaixo daquela armadura, pelo que ela ansiava por trazê-lo à superfície.

Talvez ele nunca tivesse estabelecido uma ligação emocional com uma mulher, pelo que a ideia o assustava. Talvez nunca tivesse tido uma amiga e fosse daqueles homens absurdos que pensava que uma relação dessa natureza seria impossível. O mais provável era achar que estava a ser um cavalheiro, ao tentar protegê-la de si própria e dos seus desejos instintivos, quando ela estava ciente de que não precisava de um guardião.

Maldito homem! A decidir qual seria o melhor caminho sem querer saber a opinião dela! No entanto, por mais que ele insistisse, ela não tinha outro remédio senão submeter-se aos seus desejos, caso contrário, ele nunca mais se encontraria com ela. Abigail não suportava a ideia de os encontros acabarem.

Se James se fosse embora, toda a sua alegria iria com ele.

– Peço desculpa – disse ela –, espero que perdoes o meu comportamento pouco sensível.

– Não peças desculpa por seres quem és. Somos como azeite e água, tu e eu. Pura e simplesmente não nos misturamos.

– Acreditas mesmo nisso? – A pergunta pairou no ar, mas ela não insistiu e ele não respondeu. Abigail levantou o rosto para olhá-lo, com as maçãs do rosto muito vermelhas à medida que recontava os seus pecados. – Não tinha o direito de te fazer perguntas sobre a tua família ou de querer saber sobre a tua vida privada. Não sei o que me deu. Suponho que seja esta casa e a intimidade que partilhamos aqui dentro. Pensei que havia uma ligação que não existe. – Engoliu em seco, envergonhada com as lágrimas que lhe ardiam nos olhos. – Desculpa.

– Não peças desculpa.

– Mas abusei horrivelmente de ti e nem sequer sei bem porquê ou como.

– Só perguntaste pelos meus problemas pessoais e não me sinto confortável a falar deles. Não fizeste nada de errado, querida.

Um bálsamo suave, aquele tratamento terno suavizou o seu orgulho ferido. Saberia ele que o utilizara? Se tivesse articulado a palavra inconscientemente, de coração, talvez não estivesse tudo perdido.

– Como devemos fazer a partir de agora? – perguntou ela.

– Como sempre fizemos. Eu ensino-te aquilo sobre que tens mais curiosidade e, quando achares que já chega, vai cada um à sua vida.

O que significava nada de beijos, de abraços, de toques propositados ou de olhares intensos. E se havia uma ponta de arrependimento na voz dele em relação à formalidade dos encontros, ela só podia culpar-se a si própria.

– Como quiseres... – suspirou ela.

– Não vamos discutir mais, Abby – disse ele, tão honestamente que ela ficou com lágrimas nos olhos. – Não suporto ver-te infeliz.

– Não estou infeliz – afirmou ela. Apenas muito desapontada. E terrivelmente triste, como se lhe tivessem acabado de tirar um prémio maravilhoso. – Vamos então à lição, está bem? – disse, forçando um sorriso.

8

James permaneceu junto à janela, observando-a enquanto ela se ajeitava no sofá. Abigail virara-lhe as costas, escondendo os olhos lacrimejantes. Pegou no portefólio com os dedos finos e esculturais, e ele sabia que se devia sentar ao lado dela e começar o diálogo, mas não era capaz. Tendo em conta o seu estado físico e emocional, era perigoso aproximar-se.

Quando é que aquilo se tornara tão difícil? Ao decidir ajudá-la, só tivera a intenção de fugir do tédio que dominava a sua vida, razão pela qual se envolvera naquele esquema louco. Contudo, a dada altura, as suas melhores intenções descarrilaram.

Em vez disso, deu consigo encantado por ela, preso à sua fantasia e imaginando como seria construir um futuro a seu lado.

Estava a ficar louco!

Tinha-lhe falado da mãe e do pai! Confessara candidamente a sua opinião pessoal sobre o comportamento do pai e proclamara em alto e bom som a dor que sofrera em criança e que o acompanhara até à idade adulta.

Nunca tinha revelado os seus pensamentos mais íntimos em relação ao que o pai fizera a ninguém, a não ser ao irmão. Nunca falara sobre o coração destroçado da mãe, que ainda sofria passados vinte e cinco anos, a vivalma. Ela aguentara-se estoicamente depois do abandono de Edward, apesar de o seu mundo estar destruído. Todos tinham lutado, a mãe mais corajosamente, e ele orgulhava-se tanto da sua capacidade de

perseverança que escondera o seu segredo toda a vida. Contudo, sem pensar duas vezes, contara tudo a Abigail Weston.

Sem saber porquê, ansiava pela sua compreensão e desejava a sua empatia. *Queria* que ela soubesse o seu passado e a sua persistência fê-lo compreender que enterrara muitas memórias dolorosas. Conhecê-la fizera com que estas viessem à superfície.

Lembrava-se vivamente do passado. Houvera uma confusão inicial quando tinham fugido para Paris, a melancolia que sentira quando se apercebera que Edward não os ia visitar a casa. Uma escuridão intensa apoderara-se do seu lar alegre. Aos dez anos, a sua dor transformara-se em raiva e ressentimento e, na altura em que a mãe já estava suficientemente forte para regressar a Inglaterra, ele sentia-se frustrado, amargo, sempre metido em sarilhos e encontrava-os onde quer que fosse.

Dos três, ele fora o único que tinha procurado o conde de Spencer. Aproximara-se do pai à saída do clube dele e, para sua surpresa, Edward ficara contente por vê-lo. Esperara pacientemente enquanto James soltara o seu veneno, em seguida, acompanhara o seu incorrigível filho com orgulho para uma refeição agradável, onde passara horas a bombardeá-lo com perguntas sobre todos os temas de conversa que existiam.

Depois, desenvolveram uma relação tensa, mas tolerável. Encontravam-se com frequência para jantar ou tomar um copo e, como um suplicante cheio de sonhos, James pairara à margem da vida do pai, esperando um pouco da atenção de Edward – irritado quando a recebia, e enfurecido quando não a recebia.

O pai perguntava sempre por Michael, mas este recusava-se a comunicar com ele, dizendo que tinha apenas três anos quando ele se fora embora, pelo que não tinha qualquer lembrança. E também não precisava de uma interferência atrasada, nem de orientação.

Quanto à mãe... Edward Stevens, filho da mãe que era, nunca perguntara por ela.

James só se iludia a si próprio ao gostar de acreditar que a renúncia de Edward à sua pequena família não tivera qualquer consequência. A conduta do pai fora decisiva para formar a sua personalidade de homem adulto. Alguém que não se comprometia, que não criava laços. Alguém que não confiava em ligações emocionais e evitava cadeias ardentes.

Nunca se permitira gostar de uma mulher, nunca olhava para além do encontro sexual. Os seus muros defensivos eram altos e fortes e, até então, tinham-lhe servido de muito ao impedir a aproximação dos outros. Sem aviso, Abby derrubara-os.

As sensações aberrantes eram assustadoras e ele não sabia como lidar com elas. Ela era suficientemente forte para reconhecer os seus novos sentimentos, mas ele não conseguia fazer o mesmo.

Era inútil declarar o seu carinho. Qualquer confissão sentimental iria encorajar-lhe os sonhos diurnos, por isso, a sua única opção era mantê-la a uma grande distância durante as lições e dá-las o mais depressa possível.

Enchendo-se de coragem, encaminhou-se para o aparador e serviu-se de um novo copo de brande. Bebeu-o lentamente; depois, com mais confiança, estudou-a. Mesmo enquanto o fazia, tinha a plena consciência de como seria difícil ir avante com a sua decisão. Ela era linda, doce, pura e excitante, e adorava-o com uma afeição inocente que ele nunca detetara em nenhuma das suas amantes cansadas.

O sofrimento pelo qual a fizera passar estava bem escondido e ele sentia-se grato por isso. Se a tivesse feito chorar, vê-lo-ia a balbuciar como um bebé na tentativa de a consolar. Não tivera a intenção de trocar palavras acesas, mas não tinha prática em lidar com o tipo de cataclismo emocional que ela provocava.

Quando ela mencionara Edward, a sua reação inicial fora composta por raiva – raiva por ela conhecer o seu pai, por gostar dele, por Edward gostar de aparecer em público na companhia dela, enquanto ele, James, não o podia fazer – e a sua breve referência

àquele encontro trouxe-lhe à memória tudo o que ele gostava que fosse diferente.

Felizmente para ele, ela não se ofendera com as suas declarações cruéis. Apesar de ainda parecer um pouco abalada, ele ficou com a impressão de que eles pareciam um velho casal que acabara de sobreviver a uma breve discussão. Seria bem feito se ela se levantasse e saísse sem se despedir, no entanto, ainda não estava pronta para se retirar. Ele ainda tinha a oportunidade de fazer algumas correções desesperadas.

Abby retirara a pasta de cima da mesa, abrindo-a e folheando os desenhos até encontrar o lugar onde tinham ficado no encontro anterior. Da posição onde estava, ele conseguia ver parcialmente o desenho onde Lily estava inclinada sobre o seu colo. Abby examinou-a, passando a mão vezes sem conta pelo sítio onde os lábios de Lily se uniam ao seu falo, fascinada.

– Em que estás a pensar? – perguntou ele, quando já não conseguia suportar a reflexão silenciosa de Abby.

Ela fez um som gutural na garganta. As maçãs do seu rosto ficaram vermelhas, a mão parou e empalou-o com os seus eloquentes olhos verdes.

– Estou a *pensar* que não gosto de ver outra mulher com a boca em ti.

Ele foi apanhado desprevenido. Atordoado e – curiosamente – envergonhado, lembrou-se de Barbara Ritter, acompanhada por uma colagem perturbadora de mulheres degeneradas com quem se deitara. Sentiu-se imundo e não merecedor de permanecer na presença de Abby e, pela primeira vez na vida, envergonhado pelo seu comportamento e enojado pelos seus desejos indisciplinados.

– Houve muitas mulheres e será sempre assim – disse ele, com pouca convicção.

– Bem, não imagino que venha a habituar-me a isso. – O olhar dela pousou no dele. – O que te está ela a fazer... Como se chama?

– Um beijo com língua.

– Um marido obriga a esposa a dar este tipo de beijo logo após ela cumprir os seus deveres conjugais?

– Provavelmente não. Em geral, os homens nunca esperam que as esposas façam isto. Outros... só depois de alguma intimidade e em ocasiões raras.

– Porquê?

– É uma técnica exótica, praticada na generalidade por mulheres muito peritas.

– Prostitutas?

– Não só.

– Quando uma mulher te chupa desta forma – ela apontou para a aplicação de Lily –, como te sentes?

O pénis dele endureceu e ela reparou na sua condição estimulada. A sua atenção virou-se para a zona das virilhas, permanecendo ali, a sua observação intensa semelhante a um toque.

– Molhado, quente e apertado. É muito agradável – descreveu ele, com um terrível esforço.

– Pedes às tuas amantes que te beijem desta maneira?

– Não *peço* nada às minhas amantes – respondeu, irritado e incomodado com a frieza com que ela falava das suas preferências sexuais. – Elas é que fazem o que lhes dá mais prazer. Algumas agradam-me com sexo oral. Outras, não. Depende. Não é sempre agradável para a mulher. O meu pénis é grande e, quando estou no auge da paixão, não sou meigo.

– Suponho que seria estranho. Tanta agressividade... – Fez uma pausa, levou os dedos aos lábios como se o provasse.

– É preciso tempo para uma pessoa se habituar. Para além disso, muitas não gostam do sabor da semente de um homem.

– Como é o sabor?

– Indescritível. Como nenhuma outra coisa.

– Suponho que seja quente. Salgado.

– É o que ouço dizer.

– Mas, mesmo que uma mulher não goste do sabor, pode não ir até ao fim?

– Sim, embora eu adore quando elas fazem tudo até ao fim.

– Porquê?

– Prefiro vir-me dentro do corpo da mulher, contudo, nunca despejo a minha semente no ventre de uma amante. No momento do êxtase, retiro-me e acabo contra a barriga ou perna dela.

Ela fez uma expressão consternada.

– Mas, assim... nunca terás filhos...

– Exatamente. Não quero ter filhos.

– Nunca?

Ela parecia estar a fazer mais do que uma simples pergunta acerca dos seus métodos sexuais. Estranhamente, o interrogatório parecia abarcar a própria relação deles, se por acaso chegasse tão longe.

Depois dos danos provocados pela conduta canalha do pai, ele não se considerava como um homem que devesse ter filhos. Não tinha jeito nenhum para crianças, não tivera exemplos de bom comportamento e não tinha tendência para aprender.

– Nunca – afirmou ele com firmeza.

– A tua decisão é muito triste, James. – Ela pareceu melancólica. – Mesmo muito triste.

Olhou para ele com tanta pena e compaixão que ele deu por si a reexaminar a decisão. Estaria errado? A sua mãe afirmava que sim, que os seus dois filhos eram a sua bênção suprema e que ele deixaria passar uma grande felicidade caso evitasse a paternidade.

No passado, abanara a cabeça de forma reprovadora ao ouvir o que considerava meditações maternais e ingénuas, mas um simples comentário de Abby fizera-o duvidar da posição que sempre defendera.

Moveu-se, desconfortável. Como é que ela conseguia incitá-lo a reavaliar todas as facetas da sua personalidade? Não queria, nem precisava, de toda aquela autoavaliação. Maldita fosse, ele estava ótimo da forma como era!

– O mundo pode passar sem filhos meus – insistiu ele. – Olha para a imagem seguinte – ordenou, asperamente.

Ela fez o que ele disse, sem mais controvérsia.

Na reprodução seguinte, ele estava de novo reclinado sob as costas, com a cabeça pousada em cima do braço da *chaise longue*. Lily estendia-se sobre ele, com os seios generosos pendurados na sua cara. Os mamilos estavam firmes e alongados e um deles passava pelos lábios de James. A língua dele era visível, a ponta saliente a tocar nela.

Lily tivera mamilos muito sensíveis; o mais pequeno toque fizera-a sempre retorcer-se e, nesse dia, ele brincara com ela sem piedade, fazendo-a enlouquecer enquanto Pierre tentava captar-lhe a expressão de êxtase. Conseguira. Passados todos aqueles anos, James ainda era capaz de ouvir os murmúrios sensuais da excitação dela, sentir o calor e a humidade da sua vagina que lhe saturara o pénis e a coxa. Era capaz de cheirar o seu almíscar, de ver o calor do seu corpo.

Quando Pierre lhes dissera finalmente que podiam mudar de posição, ela montara-o como uma louca. À medida que ela avançava para o êxtase que, devido à tenra idade, James ainda não experimentara com nenhuma amante, ele fizera amor com ela de forma entusiasta, apesar do nível de agitação dela ser demasiado intenso.

Não tinha mãos suficientes para lhe fazer face, pelo que Pierre se ajoelhara atrás dela e começara também a massajá-la, até ela se vir numa fúria selvagem.

A simples lembrança do orgasmo dela, e do seu logo a seguir, aumentou de novo o seu desejo de forma brutal. Tivera muitas mulheres desde então, no entanto, mas tamanho êxtase verdadeiro era difícil de encontrar. Quanto mais procurava, quanto mais tentava reclamar a felicidade extrema de uma era anterior, mais impossível era de localizar.

Abby estava serena e muito intrigada com a forma como ele manipulava o peito de outra mulher e James teve de levar uma mão atrás e de agarrar o aparador para se impedir de se lançar a ela, de despi-la e de a chupar com força, como o seu corpo comandava.

Ela reparou no seu olhar intenso e retirou os olhos do papel, voltando-se para ele.

– Quando estavas a fazer isto... amaste-a?

– O *amor* nunca fez parte do jogo.

– A vossa conduta gerou algum sentimento em ti?

– Ela era uma boa amiga. – Encolheu os ombros. – O marido dela estava presente, a observar. Foi extremamente erótico. Estimulante.

– Percebo isso, mas... – ela olhou para a imagem –, mas de certeza que sentes alguma coisa por esta mulher.

– Não – admitiu ele. – Não preciso de sentir absolutamente nada. – Ao dizer isto, reconheceu uma ausência aparente na sua personalidade.

As desculpas que sempre usara para justificar o seu comportamento lascivo falharam e, para variar, não conseguiu defender a sua estranha conduta.

– Todos os homens são capazes de se aliviarem sexualmente com esta indiferença?

– Quase todos.

– Então... é por isso que um homem casado e feliz consegue visitar uma prostituta, ou ter uma amante, sem se sentir culpado.

– Sim.

– O que significa – cismou ela – que serias capaz de começar um jogo de amor comigo, independentemente dos teus sentimentos. Ou da *falta* deles.

– Se me apetecesse – respondeu ele, com cuidado.

Ela estudou-o com coragem, com a mente a refletir sobre todas as possibilidades.

– O meu estado virginal não seria posto em causa e eu seria capaz de experimentar algumas das coisas que tu descreves.

– Sim – ponderou ele –, *se* eu estivesse disposto a arriscar as consequências, mas nunca gostei de arriscar nada.

– É um comentário estranho vindo de um homem que é proprietário de uma casa de jogo.

Os olhos dele arregalaram-se ao verem a mão dela subir em direção à gola do vestido.

– O que estás a fazer, Abigail?

– Não tenho bem a certeza.

– Estás a brincar com o fogo!

– Eu sei. – Os dedos dela escorregaram para dentro do tecido. – E acho que, pela primeira vez na vida, não me importo.

– Não percebo o que queres conseguir, mas, seja o que for, não te ajudarei.

– Tens a certeza?

A manga do vestido dela começou a descer o braço. Ele observou, espantado, à medida que o seu seio aparecia gradualmente. O encontro tornara-se de repente uma coisa louca! Ele perdera o controlo da situação; perdera o controlo sobre ela e a sua determinação para continuar naquele rumo nobre e desprendido desmoronara-se.

– O que te deu? – arquejou ele.

– Talvez possamos culpar o tempo que passo na tua companhia – disse ela, casualmente, com o corpete a deixar ver um pouco do mamilo –, mas gostaria de agir livremente. Procuro um *affaire* leviano, sem compromissos e sem expectativas.

– Eu não.

– Porquê? Um homem com a tua reserva e despreocupação não devia ter escrúpulos em relação a entreter-se comigo. É evidente que podes ir à tua vida depois de acabarmos.

Ele não conseguia pensar em maior impossibilidade! Abby não era o tipo de mulher com quem se brincasse ao acaso, pelo que qualquer envolvimento com ela poderia conduzir a um desastre. Oh, onde acabaria aquilo? E quão mal acabaria?

– Não serei responsável por roubar a tua virgindade.

– Não te estou a pedir isso.

– O que queres de mim? – resmungou ele, derrotado. Passando uma mão frustrada pela nuca, percebeu que precisava de ar, de espaço. Tinha de sair dali, do pé *dela*, mas as suas pernas não o transportavam para um local seguro. Como se começasse a criar raízes, ficou ancorado ao seu lugar.

– Não suporto a ideia de te poder magoar, Abby. Simpatizo contigo.

– A sério?

– Sim. – Quando parecia que ela ia contra-argumentar, ele acrescentou: – Sabes que é verdade.

– Não sei nada disso – declarou ela. – Acho que nem pensas em mim depois de sairmos desta sala.

Havia um tom de desafio na sua voz, como se o compreendesse melhor do que ele suspeitava. Ela parecia saber que, se a relação deles progredisse para o nível seguinte, ele nunca conseguiria permanecer distanciado. Era quase como se ela exigisse uma oportunidade para infligir a sua presença no coração dele, completamente consciente de que assim que lá estivesse, ele nunca mais seria capaz de a deixar.

Impaciente para avançar, as pontas dos dedos dela demoraram-se sob a parte da frente do vestido, prestes a fazer o gesto final e desastroso que lhe desnudaria o peito. Sem se dar um único segundo que fosse para refletir sobre o seu impulso, James aproximou-se e pousou as mãos sobre as dela, detendo-a antes de ela poder avançar.

Ele começaria a viagem por aquele caminho imprevisível. *Ele* tomaria a decisão por ela. *Ele* arcaria com a responsabilidade pelo início do caso para que, quando ela se arrependesse amargamente do que planeara, pudesse deitar as culpas nos ombros largos dele.

Ao colocar um joelho no chão, fez com que ficassem frente a frente, os olhos verdes expressivos surpreendidos e excitados. O seio que ela estivera a ponto de mostrar era tentador e ele

acariciou-o através das camadas de tecido, massajando-o num pequeno círculo.

– Quero amar os teus seios.

– Oh, James... – O nome dele escapou num suspiro.

– Deixa-me.

– Sim – sussurrou ela.

Ele cobriu os dois montes deliciosos, moldando-os, beliscando-os e apertando as pontas eretas. Ela começou a torcer-se contra a almofada do sofá com a sensação.

Gradualmente, o arco dos dedos dele expandiu-se, provocando o decote dela, baixando-o para baixo até poder ver a auréola. Com um puxão, o corpete desceu, libertando-lhe os seios. Eram volumosos e redondos, com uma forma perfeita, desenhados para a atenção fervorosa de um homem. A sua pele era de uma brancura leitosa, os mamilos rosados e pedindo alegremente para serem violados. Incapaz de resistir, James apertou um entre o polegar e o indicador.

– Os teus seios são lindos. Tão magníficos como sabia que seriam. – Agarrou o outro, apertando-o também, segurando os dois por um longo momento, deixando que ela se habituasse ao toque íntimo. Quando os ombros dela se descontraíram, ele pressionou-os ainda mais, intensificando o contacto de propósito até ela se agitar contra o assento, mais uma vez.

– Nunca tinha imaginado... É tão, tão...

Incapaz de descrever a sua reação, Abigail inclinou a cabeça para trás e respirou fundo, enquanto ele continuava a brincar. A cada manipulação, ela lutava contra a agitação crescente e esforçava-se para manter a compostura. No entanto, ele não queria distrair-se com a fria e rígida Lady Abigail; queria a sua Abby quente, a contorcer-se, preparada para qualquer exploração sexual dele.

– Vou chupar-te os seios. – Aplicou tensão extra às pontas sensíveis, fazendo-a gemer. – Observa-me – aconselhou ele. – Não feches os olhos.

– Não vou fechá-los.

Ele olhou para os mamilos dela, ávido, depois escolheu o seu deleitável pedaço e lambeu-o ao de leve, antes de o envolver com a boca e chupar. Ávido, espantou-a, provocando-a com a língua, com os lábios e os dentes. Progressivamente mais excitada, as ancas de Abigail começaram a fletir-se de modo automático no ritmo mais antigo do mundo, pelo que ele baixou a mão e empurrou o centro dela.

Beijou-lhe o seio, demorando-se no decote, depois passou para o outro, dando-lhe o mesmo tratamento. Assim que o pôs a latejar e inchado, acariciou ambos e juntou-os para poder passar de um para o outro até ela mal perceber em qual deles se demorava.

– James, por favor, para – suplicou ela, contudo, ele não lhe deu ouvidos. Em vez disso, aumentou a pressão, o prazer e a dor dela a multiplicarem a cada movimento da sua língua, a cada pressão dos seus dedos.

Ela tentou libertar-se, mas, mesmo quando o fez, o braço que tinha em redor do pescoço dele puxava-o para si. A sua mente e o seu corpo estavam em guerra, desejando que ela viajasse em direções distintas, de modo a obter resultados diferentes.

– James... por favor... – implorou ela outra vez, mais insistentemente.

– Não consigo parar – disse ele, ofegante. – Não me peças para o fazer.

– Mas isto... – as palavras dela morreram na garganta enquanto ele enrolava o mamilo entre os dentes, mordendo levemente a carne virgem –, isto é mais perturbação do que uma mulher pode suportar!

Ele afastou-se. Tendo em conta o estado da sua excitação, estava quase no limite. Rapidamente seria impossível a nível físico não avançar até ao fim. Ou paravam imediatamente, ou rumavam a um final no qual ele não tinha a certeza de querer participar.

Elo mais forte, ela decidiu por ele ao reclinar-se contra o sofá, todavia, não o libertou. Os seus braços envolveram-lhe os ombros e

puxaram-no contra o peito. Ele ficou com os olhos ao nível de um seio dela, que lhe pareceu saturado e bem afagado. Soprou contra ele, fazendo Abby agitar-se de novo e sorriu perante a maneira generosa de como ela respondia à mais pequena provocação. Como os mamilos já estavam vermelhos por terem beneficiado do impacte da sua concentração, ele poupou-os a mais tumultos.

Forçando calma, e querendo que a sua onda de luxúria recuasse, ele beijou levemente o peito dela, o pescoço, a nuca, o ombro. Percorreu o caminho até à boca, fazendo amor com ela. Em seguida, seguiu para as faces e testa. Durante a exploração, ela não falou, manteve os olhos fechados, mas recusou-se a deixá-lo ir, enterrando os dedos nos caracóis grossos da nuca dele.

Gradualmente, a pulsação dela baixou e as ancas pararam.

– Já acabaste? – acabou por perguntar.

– Por agora. – Os dedos dele passaram pelos seus braços, pelas coxas. – Estás bem?

– Não – respondeu ela, com honestidade. – Não acho que esteja.

Ele beijou-lhe o nariz arrebitado; depois, suspirando de arrependimento, aconchegou-lhe os seios dentro do corpete do vestido.

– Sinto-me tão bem – disse ela – e tão mal ao mesmo tempo.

– Foi por termos parado antes de eu te levar o mais longe possível. – A sobrancelha dela franziu, interrogativa. – Lembras-te? Uma pessoa atinge um pico de prazer.

– Não chegámos lá? – perguntou ela com uma surpresa genuína.

– Não.

– Como pode haver mais? Como é que alguém suporta?

– Com a pessoa certa, vai ficando cada vez melhor. – Ele entendeu que estava a falar das futuras lições que teriam. Estavam tão sintonizados que cada encontro superaria o anterior em termos de satisfação.

– O meu pico chega quando eu liberto a minha semente.

– Não... o fizeste?

– Não – voltou a responder ele, mas, como quisera fazê-lo! Os seus testículos doíam-lhe, o pénis pingava suco sexual e esperava pela mínima indicação de que poderia terminar o que tão precipitadamente começara. Com meia dúzia de impulsos, poderia aliviar o seu sofrimento.

Guiou-a até às suas calças e os olhos dela brilharam de espanto ao verem o tamanho com que ele estava.

– Há um final... definitivo... – explicou ele através de dentes cerrados, mal conseguindo tolerar o seu toque. – É muito mais dramático. Não ficarias com dúvidas se eu tivesse despejado a minha semente.

– Mas, tu queres-me?

– Como poderia não querer?

Ela tocou-lhe na parte da frente e ele sentiu-se de novo como um rapaz, pronto para ejacular num segundo. Quando deu por si a ponderar se deveria atingir o clímax dentro das calças como um rapaz imaturo, pegou apressadamente na mão dela e beijou-a.

– Desejo-te *demasiado*. É doloroso para mim resistir às tuas carícias, agora.

– Com dores... sim, é exatamente assim que me sinto. Não é nada agradável.

Ele riu.

– Será agradável. Mas não hoje.

– Não podes estar a dizer que me vais deixar assim!

Encantado com a aflição dela, ele riu de novo.

– Vou mandar-te para casa excitada e incompleta. Quando regressares na segunda-feira, estarás pronta.

– Para quê?

– Se ainda estiveres disposta a continuar, mostrar-te-ei como é o orgasmo numa mulher. – Com atrevimento, ele pousou a mão nas virilhas dela, por cima das saias. – Enfiarei os dedos por debaixo do teu vestido e provocarei o teu centro feminino. Talvez to beije, também. Vou acariciar-te até atingires o teu pico. A *petit mort*...

– Chamam-lhe a *pequena morte*? – Ela estremeceu. – Porquê um nome tão horrível?

– Depois verás.

– E se eu... – Apesar de tudo por que tinham passado, ela conseguiu corar. – E se eu não conseguir atingir esse pico?

– Confia em mim, querida. És uma mulher apaixonada e eu sou um amante muito dotado. Vamos conseguir que chegues lá, sem problemas.

– Tens a certeza?

– Absoluta.

Ele olhou para os seus extraordinários olhos cor de esmeralda e ela retribuiu impavidamente o olhar. Acontecera mais do que o simples ato de ele ter saboreado o seu peito. Tinham passado uma ponte, ou chegado a um ponto de viragem, ou ultrapassado um obstáculo, pelo que ela o olhava com um afeto profundo e duradouro que o fez tremer dos pés à cabeça.

Precisando de estabilizar o seu universo, pegou em ambas as mãos dela e apertou-as.

– Vamos parar agora para que os dois possamos pensar nisto.

– Não preciso de *pensar*. É exatamente isto que quero. *Tu* és exatamente o que quero.

– Mesmo assim – disse ele com cautela –, tens de estar absolutamente segura.

Apesar de ela insistir que se sentia preparada para ter capitulado completamente, ele não ficou convencido de que ela percebia de facto os acontecimentos íntimos que se seguiriam. Chupar-lhe o peito era uma coisa. Chupá-la entre as pernas era outra bem diferente.

– Se apareceres na segunda-feira, não haverá volta a dar...

– Não mudarei de ideias – prometeu ela. – Porque não podemos acabar agora?

O sorriso dela era tão encantador que a pulsação dele acelerou. Como fazia ela aquilo? Desequilibrava-o só com um olhar.

– Porque – explicou ele, pacientemente –, passamos tanto tempo a conversar que não tenho tido oportunidades suficientes para te amar como deve ser. Além disso, deves ficar excitada e aborrecida nos próximos quatro dias. Quando nos voltarmos a encontrar, a tua satisfação… e a minha… serão muito mais profundas.

– Parvalhão – queixou-se ela, com graça. – Detesto ter de esperar até segunda-feira.

– Vai chegar num instante.

– É fácil para ti dizê-lo.

– Nem por isso.

Ele pressionou o falo excitado contra a moldura do sofá, encontrando pouco alívio e percebendo, desgostoso, que a escuridão o veria andar pelos corredores da casa de Lady Carrington, à procura de outra mulher desconhecida para lhe aliviar o sofrimento. Até onde mergulharia a autoestima de Abby se ela chegasse a saber que ele era um homem fraco nas suas horas privadas?

Recusando esquadrinhar os seus fracos atributos pessoais, mudou de assunto.

– Na segunda-feira – ele inclinou-se para a frente e sussurrou de forma provocadora –, tenciono que os teus seios estejam nus durante a lição inteira.

– James! – Ela arqueou as sobrancelhas. – Como se eu fizesse isso!

– Os seios nus deixam-me excitado – respondeu ele, de modo casual, sem parar para pensar na forma como as suas palavras soariam nos ouvidos dela. – Gosto que todas as minhas amantes o façam.

– Não esperes que eu me comporte como as tuas outras mulheres – resmungou ela. – E não me agrada que te refiras ao teu passado com elas ou que me ponhas ao mesmo nível de um grupo tão ordinário.

Ao longo dos anos, ele tivera muitas parceiras com intenções possessivas e sempre as enxotara, acreditando que qualquer mulher que se aliasse a ele era uma tola. Contudo, com Abby, não se afastou ante a alusão a uma posse emocional. Com ela, ele estaria sempre em terreno inexplorado, pelo que tinha de se contentar em ver aonde os acontecimentos os levariam.

Ainda assim, os velhos hábitos eram difíceis de largar e ouviu-se cruelmente dizer:

– Habitua-te.

– Não.

Levantou-se, ajustando o inchaço do pénis e massajando os testículos doridos enquanto ela o observava com interesse, e perguntou-se como conseguiria andar naquele estado.

– Até segunda-feira, então – disse ele, sem conseguir mover os pés. Observou-a durante um longo período de tempo.

– Não quero que te vás embora – acabou ela por dizer.

A sua declaração transmitiu-lhe alguma força e ele conseguiu dirigir-se à porta. Era melhor partir enquanto tivesse forças para o fazer. No entanto, ao pousar a mão no puxador, a voz dela fê-lo hesitar e ele olhou por cima do ombro.

– James?

– Sim?

Aparentemente calma, ela continuava deitada no sofá, com o cabelo despenteado, o vestido torto, os lábios inchados e húmidos e as faces coradas.

– Obrigada. Por tudo...

Não havia resposta que ele pudesse dar. O *prazer* fora todo dele. Desceu rapidamente as escadas antes que escolhesse ficar.

9

Abigail recostou-se no banco da caleche, deixando que o balanço do transporte e o galopar dos cavalos a descontraíssem, mesmo enquanto a sua mente vagueava em círculos infinitos. Felizmente, encontrava-se atrás do condutor e virada de costas, não sendo forçada a sorrir e a acenar ao tráfego que passava por si. Podia viajar sozinha em silêncio, refletindo e meditando sobre o seu dilema sem as numerosas interrupções dos transeuntes.

Estava um dia de primavera perfeito para um passeio no parque. O Sol brilhava, o céu era de um azul radioso, o ar era fresco. Sentia o cheiro da terra fértil e das flores que brevemente desabrochariam nos vários canteiros, dando a entender que o verão estava à porta. Contudo, não encontrava alegria no tempo balsâmico.

Edward Stevens estava a seu lado, com o filho Charles e Caroline de frente para eles. Tal como deduzira dos três encontros anteriores, a sua decisão de acompanhar os dois cavalheiros Stevens era um grande erro. Charles era um rapaz divertido e encantador e Edward um homem interessante e gracioso, todavia, ela estremecia sempre que um dos dois olhava na sua direção e era repetidamente forçada a confrontar com a imagem de James. A semelhança dele aos dois familiares era assombrosa, refletindo a forte linhagem dos Stevens.

Apesar de serem apenas meios-irmãos, Charles e James eram suficientemente parecidos para serem... bem, irmãos. Com o cabelo escuro e feições bonitas, eram como duas gotas de água, sendo a única diferença o facto de Charles ser dez anos mais novo, pelo que

o seu rosto e físico ainda continham um pouco da aparência de menino.

Teria Charles conhecido James? Se sim, o que pensara do fascinante e atrevido irmão mais velho? Seria que Charles o considerava, tal como Abigail, a pessoa mais exótica, atraente e incrível de sempre?

Como ela gostaria de poder mencionar o nome dele diante dos acompanhantes! James parecia ser uma quimera a flutuar por cima deles, eclipsando todas as palavras faladas e todas as ideias discutidas. Cada vez que Edward ou Charles viravam a cabeça, ela dava consigo a observar, de boca aberta, os jeitos de James que conseguia testemunhar nos movimentos deles.

Pensar em James – o único tema em que se conseguia concentrar – era um erro, pois o seu corpo traiçoeiro reagia de forma violenta sempre que os seus devaneios se dirigiam a ele. A sua pulsação acelerava, o rosto corava e ficava com bicho-carpinteiro, tentando arranjar uma posição em que a roupa não parecesse tão apertada. Precisava desesperadamente de alargar as fitas dos seus acessórios femininos e de despojar-se de algumas peças de roupa para refrescar a sua pele quente.

Não conseguia deixar de recordar a sensação da boca dele no seu peito, a sucção dos lábios dele no seu mamilo. A ação atingira o mais profundo do seu ser, o centro da sua feminilidade, fazendo-lhe doer sítios previamente desconhecidos. As pontas suaves estavam vermelhas e doridas e, apesar da maciez da camisa que usava, permaneciam irritantemente distendidas, roçando nos vestidos e fazendo-a aperceber-se da sua condição afetada.

O desejo era uma emoção interessante, descobrira ela. Prescindiria de bom grado de comida, água, sono – de qualquer alimento – para desfrutar do êxtase físico que James proporcionava. Não podia ser saudável desejar algo com tanta intensidade e perguntou-se se iria enlouquecer devido a um desejo tão forte.

Enquanto os dias se arrastavam, a sua luxúria por ele devia começar a desvanecer, contudo, aumentava a olhos vistos a cada minuto que a aproximava mais da hora do reencontro.

Como ele próprio admitira, deixara-a deliberadamente perturbada, tensa e ávida devido aos efeitos desconcertantes do que ele iniciara e não concluíra.

Queria matá-lo!

Não era *ele* que tinha de passar uma tarde e um serão com Edward e Charles Stevens. Como podia ela falar com o pai e o meio-irmão dele, quando conhecia tantos segredos seus? Nenhuma mulher de boas famílias deveria passar por tal tormento! Sabia como ele ficava quando se zangava, como os seus olhos brilhavam de travessura quando falava dos seus maus hábitos. Por amor de Deus, até sabia de que tamanho e forma era a sua ereção quando se encontrava excitado!

O canalha! Não era justo deixá-la com os nervos à flor da pele. Não conseguia deixar de especular sobre o seu paradeiro naquele preciso momento, o que estaria a fazer e se, por acaso, partilhava de um pouco daquela angústia. Oh, como desejava que sim!

No entanto, se ele não se sentira afetado, ela pretendia retificar a situação o mais depressa possível. Planeou aprender tudo o que ele tinha para lhe ensinar, depois praticar as técnicas estranhas naquele seu torso fabuloso, até ele passar as horas separado dela a sofrer, tal como ela.

Não tinha a certeza do que esperar da sua relação com James, contudo, aquele desejo era um fogo que ardia de forma cada vez mais fogosa e abrasadora, começando a fugir ao seu controlo. A sua intensidade era agora tão forte que ela pensou que, no final, acabaria louca. Esperava que o hospício tivesse uma cama disponível para quando ela estivesse pronta para ingressar na instituição!

A estrada dava uma curva em volta do lago e Charles viu vários amigos seus, com jovens pelo braço, a darem de comer aos patos.

O condutor fez parar os cavalos e Caroline e Charles desceram para se juntarem ao grupo barulhento. Abigail permaneceu na caleche com Edward, comportando-se como uma velhota a quem só restava olhar para os jovens a rir e a falar.

– Estão a dar-se maravilhosamente bem – reparou Edward, referindo-se a Caroline e a Charles, assim que o casal se afastou.

– Sim, é verdade.

– A Caroline manifestou algum sentimento?

– Diz que ele é muito querido. E o Charles?

– Diz o mesmo. – Ele sorriu e recostou-se. – Talvez acabemos por ficar na mesma família antes de tudo isto acabar.

– Talvez – concordou ela, retribuindo o sorriso, apesar de pensar que um eventual matrimónio entre Caroline e Charles era o pior que poderia acontecer.

Estar tão próxima do homem que dera vida a James, e que a fazia recordá-lo em tantos aspetos, era uma loucura. Se estivesse sempre a olhar para os olhos do pai, a paixão que James provocava nunca poderia diminuir, as suas tendências perigosas nunca terminariam e ela acabaria por olhar tristemente para Edward o resto da vida à espera de apanhar um ocasional vislumbre de James que de vez em quando aparecia.

O hospício estava cada vez mais próximo!

– Sinto-me velho – comentou Edward, melancólico –, como se estivesse numa prateleira enquanto os jovens se cortejam e convivem.

– Estava exatamente a pensar o mesmo.

– Porque não se junta a eles? – Apontou para a água. – Não tem de ficar aqui comigo. Gosto da minha própria companhia; estou habituado a ela.

– Seria incapaz. – Sentia-se um pouco perturbada, mas não sabia muito bem o motivo. – Sou suficientemente velha para ser mãe de alguns daqueles rapazes.

– Abigail, tem apenas vinte e cinco anos – argumentou ele, rindo. Em seguida, demasiado casualmente, perguntou. – Porque nunca casou?

– Boa pergunta. – Ela encolheu os ombros, refletindo na razão.

– O que aconteceu ao seu irmão, que nunca lhe arranjou um marido?

– A culpa não é dele – respondeu ela, cautelosa. – Nunca pedi nenhum.

– Sempre pensei que todas as meninas desejavam um grande casamento.

– Teria concordado consigo há alguns anos. Fiquei noiva uma vez, aos dezassete anos, mas ele faleceu passado pouco tempo e, depois, não sei... Creio que a ideia nunca me ocorreu. – Ela tentou lembrar-se desse período, mas parecia que acontecera há tanto tempo que era quase como se nunca tivesse realmente acontecido. – Sentia-me feliz no campo, a criar a Caroline, mas... – Como poderia explicar a insatisfação e o descontentamento crescentes em relação a todas as facetas da sua vida?

– Mas ela já é crescida, por isso, como vai tratar de si? Quais os seus planos? – A pergunta era a mesma que Margaret passava a vida a fazer-lhe e caiu como uma bigorna entre eles, separando-os. – Tem percorrido as festas com Caroline. Algum felizardo caiu nas suas graças?

Era a oportunidade perfeita para lhe dar a conhecer alguns dos aspetos dos seus encontros com James. Estavam sozinhos e, pelo que ela era capaz de discernir acerca de Edward, suspeitava que ele não se importaria de falar sobre um dos seus *outros* filhos. No entanto, não conseguia aludir a James e a falta de coragem deixou-a envergonhada.

De repente, Edward inclinou-se para a frente, estreitando os olhos e observando a estrada que estava cheia de cavalos e de todos os tipos de veículos. Estudou a multidão, procurando alguém em particular, no entanto, acabou por voltar a recuar.

– O que se passa?

– Pensei ter visto alguém... Eu... – Desanimado, abanou a cabeça. – Não é importante. De certeza que não era ele...

– De quem fala? – Teria ele visto James? Como seria encontrá-lo numa rua movimentada? Reconhecer-se-iam? Seria que Edward os apresentaria? O que poderia ela dizer se se cruzassem num local público?

– Ele é meu... bem... – Edward deteve-se.

– Pode dizer-me – disse ela, gentilmente. – Prometo não ficar chocada.

– Não – respondeu, cuidadoso – Não imagino que ficasse. – Inspirou fundo, depois exalou devagar, com o olhar pousado na multidão. – Tenho mais dois filhos, para além dos que tive com a minha mulher.

– Eu sei que tem; quase toda a gente sabe. – Ela ficou bastante aliviada por ele ter abordado o tópico de uma maneira tão franca. – Vê? – Sorriu e inclinou-se para a frente e para trás para que ele pudesse ver que não ficara chocada com tal revelação. – Não estou minimamente chocada.

– Fico contente – revelou ele. – Sempre tive de agir como se eles não existissem, pelo que nunca pude falar deles a ninguém. Mas desde há muito pouco tempo, tenho pensado muito...

Abigail ficou confusa. Não era apropriado ouvir confissões sobre filhos bastardos ou sobre a mãe que os dera à luz. No entanto, estava desejosa por saber todos os pormenores que ele quisesse partilhar. Gostou da possibilidade de ficar a saber mais acerca dos fatores que tinham moldado James no homem duro e desprendido que era.

– Quem pensou ter visto? – perguntou ela.

– O Michael – respondeu ele, calmamente. – Pensei ter visto o Michael.

Ela não soube se ficara contente ou desapontada por não ter sido James.

– Mas não viu?

– Não. Pelo menos, não acho que tenha visto. Faz vinte e oito este ano, mas vi-o poucas vezes, e apenas à distância. – Parecendo solitário e melancólico a respeito do assunto, suspirou, triste. – Tenho a certeza de que estou a aborrecê-la. Não pode ser um tema que lhe interesse.

Estaria ele a brincar? Ela bebia todas as suas palavras, escutava todas as suas inflexões em busca de significados subentendidos. O conteúdo dizia-lhe respeito, pelo que se sentiu péssima por estar a incitá-lo enquanto ele divulgava as suas tristezas privadas, contudo, não foi capaz de desistir.

– Porque não se aproximam os dois?

Ele inclinou-se para a frente e pousou os cotovelos nos joelhos.

– Ele não tem querido encontrar-se comigo, por isso, decidi não pressioná-lo. O meu filho mais velho, James, diz que é assim porque o Michael não tem recordações minhas, logo não vê razão para me conhecer agora. Tenho de admitir que a ideia magoa. Tem-me feito passar por momentos muito difíceis e pergunto-me se terei tomado as decisões certas no passado...

Estivera quase a renunciar ao seu casamento de longa data. Recompôs-se, percebendo de súbito o quão inapropriado seria tal declaração escandalosa.

– Não ligue ao que digo, Abigail – disse ele, num tom firme. – Tornei-me um autêntico lamechas na velhice.

– Recordar não é sinónimo de *lamechice*. Teve de fazer muitos ajustes para poder ultrapassar este último ano. É natural que tenha feito uma autoavaliação.

– Suponho que tem razão – concordou ele, pensativo. – Tenho refletido demasiado ultimamente. Quando o Charlie se casar, será ainda mais diferente.

– Exato.

Abigail desejou ter mais experiência em desabafos e palavras de consolo. Ao todo, Edward tivera seis filhos legítimos. Quatro tinham

sobrevivido até à idade adulta. As suas três filhas eram casadas e criavam as suas respetivas famílias há alguns anos. Charles, o herdeiro, chegara à idade adulta, por isso, Edward ficaria em breve sozinho na sua casa citadina, com as lembranças por única companhia.

Era triste ele sentir tantos arrependimentos.

– Não tenho jeito para toda esta agitação – declarou ele.

– Vai correr tudo bem – consolou ela, dando-lhe palmadinhas na mão. – Nunca ninguém morreu por algumas mudanças de vida.

– Talvez eu seja o primeiro – disse ele naquele seu jeito triste, fazendo-a rir, mesmo enquanto pensava como era estranho ele e James serem tão parecidos quando, evidentemente, haviam tido tão pouca interação durante a infância de James.

– Tem saudades dos seus dois filhos mais velhos, não tem? – perguntou ela suavemente, incapaz de resistir.

– Todos os dias de todos os anos – admitiu ele com um arrependimento antigo, mas como Caroline e Charles se aproximavam deles, não teve oportunidade de se explicar.

A introspeção de Abigail foi invadida por uma única pergunta: o que diria James se compreendesse realmente a verdadeira extensão do remorso do pai?

Barbara Ritter encontrava-se no quarto, a olhar distraidamente para a rua ao entardecer quando James entrou na carruagem que o devolveria ao seu estabelecimento de jogo. Envergando apenas um roupão curto e transparente, manteve-se fora do alcance da vista dele, escondida do seu olhar inquiridor, para o caso de ele olhar para cima. A última coisa de que precisava era que ele a visse a observá-lo, já com saudades, da janela. Podia pensar que ela começava a ficar obcecada com ele, ou que nutria sentimentos por ele, o que não era verdade.

Paixão? Sim, com certeza. Sentimentos? Não.

Ainda assim, os homens eram criaturas estúpidas, muitas vezes com tendência para interpretarem mal comportamentos ou objetivos. Se ele desconfiasse que ela tinha mais do que um mero interesse passageiro pela sua atenção, fugiria – outra vez – num abrir e fechar de olhos. Ela não sabia ao certo o motivo pelo qual ele partira anteriormente, pelo que levara algum tempo a maquinar como trazê-lo de volta ao seu leito. Agora que ele regressara, estava muito decidida a mantê-lo lá.

Quando enviara o recado umas horas antes, convidando-o com atrevimento a passar por sua casa para outra ronda de brincadeiras de cama em plena luz do dia, não contara que ele aparecesse, mas, com James, uma mulher nunca sabia o que esperar. Ele surpreendera-a ao bater-lhe à porta. Só de recordar os seus jogos sexuais impetuosos, ficou de novo excitada. O seu centro humedeceu e começou a imaginar como atraí-lo para o *rendez-vous* seguinte.

Ele provavelmente acreditava que o seu encontro na casa de Lady Carrington fora fruto do acaso, mas a verdade era que Barbara o seguia havia semanas, meses, tentando forçar uma confrontação. Quando ele a levara lá para cima para horas tórridas de sexo decadente, ela ficara felicíssima e satisfeita com a hipótese de um reatar da relação. Depois de terem feito amor, ela chegara a casa apenas temporariamente apaziguada e com noção de que teria de usar todas as suas artimanhas para conseguir futuros encontros.

Quem teria imaginado que ele cairia em tentação tão facilmente? Ou tantas vezes? Ultimamente estivera tão ardente que era insaciável. Um convite impetuoso escrito à pressa fizera-o aparecer a implorar pelas brincadeiras que só ela sabia como lhe oferecer.

Nenhuma outra mulher seria capaz de compreender o que James desejava, como ele era realmente, ou o que esperava de uma amante. Eles eram duas almas gémeas e ela gostara dessa afinidade desde o início.

Na noite em que se tinham conhecido, o marido dela ainda era vivo – por pouco tempo – e ela vagueara através da escuridão em busca da espécie de ligação que apenas James Stevens lhe conseguia proporcionar. Era um homem irritantemente bonito e viril, que adorava a libertação carnal prolongada. A sua mestria sexual e a vontade de participar nos jogos ousados de que ela gostava tinham-na seduzido, contudo, a sua disposição enigmática fez com que ela continuasse presa a ele.

O seu egoísmo, modos sorumbáticos e longos silêncios atraíam-na como uma traça na direção da luz. Ela gostava da sua maneira independente de ser, das suas manifestações de tédio para com as mulheres que frequentemente se atiravam para os seus braços. Tais características enervantes implicavam necessidades perturbadoras que condiziam exatamente com as suas.

Ela começara um regime de sedução que o tentaria até estar tão apaixonado por si e, seduzido pelo futuro que pudessem partilhar, que nunca mais voltaria a abandoná-la.

Oh, sim, tinha planos para James Stevens.

Apesar da forma abominável como ele a tratava, a sua frieza e falta de atenção mantinham o seu interesse aceso. Ele era autoritário, cruel, imperturbável, e era por essas razões que ela o desejava tão desesperadamente.

Odiava a ideia de possuir um homem frouxo que acabaria por acatar todas as suas ordens. As mulheres volúveis da alta sociedade podiam ter os seus homens aborrecidos e castrados. Ela queria James, com as suas maneiras vulgares e atitude «ou vamos para a cama ou não». A sua indiferença estudada só o tornava mais excitante e um desafio muito mais interessante.

No fundo, ela sabia que era diferente de todas as outras mulheres dele e, apesar de ele lhe dizer repetidamente que aquilo não tinha futuro, ela não aceitara a sua opinião. Já tivera relações com muitos homens e mulheres e compreendia as diversões que ele tinha à disposição. As escolhas dele eram limitadas e, no período em que

tinham estado afastados, ele divagara pelas casas de entretenimento privadas de Londres. Ela ouvira as histórias todas: o que fizera e com quem se deitara. Era óbvio que andara à procura do estilo de sexo tempestuoso que apenas ela era suficientemente atrevida para oferecer e não encontrara nada de semelhante, pelo que recorrera novamente aos seus serviços.

Ela era a única mulher no meio das suas inúmeras amantes que compreendia o seu lado sombrio, a sua personalidade solene, a sua necessidade de afastamento e espaço. O passado dela era demasiado parecido com o dele, pelo que ela lhe dava as boas-vindas com todos os seus defeitos, pois eram o que mais gostava nele.

Um homem sempre apaixonado e vigoroso, por algum motivo os seus impulsos sexuais estavam ultimamente mais assombrosos. Ela estava grata pelos acontecimentos invulgares que deviam estar a criar aquela angústia física. A quantidade de apetite carnal que ele demonstrava era altamente excitante. Com as mãos, a boca, o corpo, ela proporcionara-lhe episódios incontáveis de satisfação e conseguira agradar-se a si própria. Ainda assim, quando ele acabara por decidir partir, ela sentira que poderia continuar. Que nada teria satisfeito por completo o extraordinário apetite dele.

Não sabia o que causara o inferno delirante, nem *queria* saber. Estava simplesmente determinada a ser a única mulher a extinguir a chama que flamejava com tanta veemência.

Ele iria ter com ela, e só com ela, pois não havia mais ninguém que o acolhesse por completo e sem quaisquer reservas. O lugar dele era junto dela, e sempre seria. Não havia nenhuma outra conclusão aceitável. Sem falhar, ela pretendia assegurar a conquista bem sucedida dos sonhos mais profundos.

10

– Tira o casaco.

Abigail hesitou. Vestira-se para aquele momento específico, pensando que James esperaria que ela estivesse despida durante todo o encontro e desejava agradar-lhe. No entanto, como já tinha aprendido, *pensar* de forma atrevida e *agir* de forma atrevida eram duas coisas completamente diferentes. Apesar de secretamente querer rasgar as roupas, não conseguia fazer com que as suas mãos cumprissem a tarefa.

A sua mente procurava sem cessar forças para se despir, mas a coragem tinha-a abandonado por completo. O seu fato de montar verde era composto por duas peças: um casaco e uma saia.

Por baixo, usava a combinação, cuecas, meias e chinelos. Não tinha saiote, corpete, nem outros atavios femininos que limitassem o movimento ou o acesso, por isso, quando removesse a camada exterior, ele poderia vê-la quase na totalidade. A ideia era excitante e aterradora.

– O que se passa? – perguntou ele ao ver a hesitação dela.

– Nada – afirmou ela.

Ele chegara antes dela e encontrara uma forma de entrar. Uma vez lá dentro, trocara a pequena sala de encontros pelo quarto e pusera-se à vontade, preparando a divisão de forma sedutora com a intenção óbvia de que ela não conseguisse resistir aos seus substanciais encantos masculinos.

Os cortinados estavam fechados contra o sol da tarde, velas brilhavam e o fogo da lareira afastava o frio. Em cima da mesa

encontrava-se uma garrafa de vinho aberta e dois copos. A cama, ameaçadora e magnética, chamava por ela do outro lado do aposento. Tinha sido aberta, e era ensombrada, íntima e cheia de possibilidades eróticas.

James estava deitado no centro da cama, descontraído e confortável com as almofadas a aconchegarem-lhe a cabeça. Os seus caracóis longos chegavam-lhe quase aos ombros. Estivera a folhear o seu portefólio de imagens indecentes, mas ela não conseguiu ver em qual é que ele tinha parado, pondo depois o dossiê de lado.

Vestindo apenas um par de calças, tinha um aspeto demasiado atraente, malvado, perigoso. As calças eram bastante justas, o tecido abraçando todas as suas curvas e vales, pelo que ela via mais *homem* do que esperara.

O peito largo estava coberto por uma camada de pelo escuro. Afunilava numa linha que lhe percorria o centro da barriga e ultrapassava a cintura em sentido descendente. Ele desapertara a braguilha e ela pôde ver muito mais para baixo do que devia, enquanto a linha avançava para regiões desconhecidas e excitantes.

Os seus olhos demoraram-se ali, onde a pouca luz e a escassa roupa evidenciavam o volume entre as pernas dele. Com uma onda de entusiasmo, Abigail percebeu que ele estava excitado e, para sua surpresa, o membro dele ficou ainda maior apenas com a força do seu olhar. Entusiasmada por exercer os seus poderes femininos com êxito, prosseguiu, avançando para as coxas musculadas, barrigas da perna expostas e pés.

James continuou na cama, sem pressas, deixando que o olhar dela o abarcasse. Abby percorreu-o visualmente, demorando-se bastante tempo nas virilhas, o que o fez mover-se, desconfortável. Ela não pôde deixar de perguntar-se se era aquele o dia em que ela desvendaria os segredos da sua nudez. Como desejava ter a oportunidade de vê-lo em toda a sua plenitude!

– Tira o casaco – repetiu ele.

– Só tenho a combinação por baixo – explicou ela, bastante corada com a afirmação.

– Eu sei.

– Mas não sei se me sinto pronta...

– Eu sei.

– Mas acho que gostaria de...

– Não – disse ele, com firmeza. – Insisto em observar os teus seios enquanto falamos.

Ela queria rasgar a roupa. Queria mesmo, contudo, despir-se era bastante difícil quando ele a contemplava como se fosse um felino pronto a atacá-la. Ainda assim, aquela intimidade extra era aquilo por que ela ansiava desde o momento em que se tinham conhecido, por isso, acatou a ordem dele e utilizou-a para sustentar a sua decisão. Trémula, desapertou rapidamente o primeiro botão e depois o segundo.

– Mais devagar – ordenou ele. – E olha para mim enquanto te despes.

Ela ergueu deliberadamente os olhos. A mão dele descansava no peito e ele movia-a em pequenos círculos; em seguida, certificando-se que ela lhe prestava atenção, baixou-a até à braguilha e começou a acariciar o falo rijo.

– Não consegui pensar em mais nada que não isto durante dias – admitiu ele. – Tenho estado tão duro por tua causa.

Ela ficou sem fôlego; os seus joelhos enfraqueceram. Os ossos dissolveram-se.

– Não sei se consigo continuar – avisou ela, nervosa.

– Consegues, e vais fazê-lo – insistiu ele. Indicou com a cabeça o casaco. – Outro botão, por favor.

Ela brincou com o terceiro, depois com o quarto. Ele ficou tenso de antecipação à medida que todos os botões deslizavam para fora das casas. Languidamente, ela desapertou o último, demorando-se.

Por fim, o casaco estava aberto e a combinação visível. Recusando-se a refletir, puxou as mangas para baixo. Saíram sem esforço. De repente, os seus braços e ombros estavam à vista e, apesar da temperatura agradável, a sua pele cobriu-se de pele de galinha e os mamilos formaram pequenos botões que pressionavam a seda que os protegia. Olhou para baixo, vendo todos os pormenores do seu peito delineados. Nada era deixado à imaginação, pelo que já poderia estar nua da cintura para cima.

Avançou para uma cadeira que estava próxima, o mais casualmente possível, e pousou o casaco nas costas.

– Põe o pé na cadeira – disse ele – e tira o chinelo.

Ela fez o que ele mandou, deixando cair o chinelo ao acaso, sem ruído.

– Agora o outro.

Ela obedeceu. Depois, virou-se para ele, sentindo os dedos dos pés estranhos e expostos, pelo que os enrolou no tapete.

– A tua saia.

A saia não podia ser despida de forma rápida. Os botões pequenos e ornamentados que a costureira laboriosamente cosera eram cruéis e, à medida que os desabotoava, preocupou-se com a sua lentidão até se atrever a olhar para James e decidir que valia a pena. Ele estava fascinado com todos os movimentos do seu pulso, por isso, ela demorou-se ainda mais.

A saia acabou por deslizar sozinha pelas ancas dela, sussurrando ao descer pelas cuecas. Apesar de ela desejar desesperadamente agarrá-la para a manter no sítio, deteve-se, deixando-a cair até aos calcanhares.

O olhar penetrante de James pousou no cimo da cabeça dela, em seguida, avançou devagar, através do rosto, pescoço, seios. Barriga, virilhas. Coxas, joelhos e pés. Deu uma palmadinha no lugar vazio ao seu lado na cama.

– Chega aqui.

Ela caminhou até à ponta do colchão. Tinha a garganta seca, a pele fria e quente ao mesmo tempo, tremia e estava assustada, mas tão excitada que mal se conseguia manter de pé.

– Solta o cabelo – ordenou ele. Ela desfez o apanhado. O cabelo caiu-lhe pelas costas numa onda loura, com as pontas a roçarem-lhe as ancas. – Passa os dedos por ele – acrescentou James.

Ela obedeceu. Sempre que levantava os braços, os seios erguiam-se e pressionavam, movendo-se por baixo da camisa, e os mamilos raspavam asperamente.

– Muito bem – murmurou ele, avaliando-a quase cruelmente. – A tua combinação... – decretou ele.

Ela inalou.

– Gostaria... a sério... mas

– Consigo ver os teus mamilos – interrompeu ele. A sua voz estava rouca e muito baixa. – Estão estimulados.

– Sim.

– Queres que te beije outra vez aí?

– Sabes que sim. – Um calor assolou-a entre as pernas e subiu-lhe pelo tronco, passando pelos seios, garganta, faces. Ela sentiu-se a arder, como se fosse pegar fogo.

– Então, tira a combinação.

O tempo parecia ter parado. O quarto ficara tão silencioso que ela não conseguiu deixar de especular se o planeta tinha parado no seu eixo. Os únicos sons eram a respiração acelerada de James e o bater furioso do seu pulso.

Ela alcançou o cós das cuecas e libertou a combinação. Depois, puxou-a para cima destapando a barriga, os seios, os mamilos, até removê-la por cima dos ombros e atirá-la para o chão.

Ele não disse nada; a sua atenção fulminante estava centrada no peito dela. O seu escrutínio era tão descarado que provocou uma resposta selvagem nos mamilos dela, fazendo-os latejar a cada batida do seu coração.

– Tens uns seios lindos – disse ele, de modo irreverente. – Foram feitos para serem apreciados por um homem como eu.

Ele levantou a mão e ela agarrou-a como se a sua vida dependesse disso, subindo para o colchão. De joelhos, não conseguiu encontrar o equilíbrio e, com um puxão dele, ela caiu para a frente e espojou-se sobre o seu peito.

Os seus mamilos expostos encontraram a pele tórrida dele e ela não conseguiu fazer mais nada a não ser ficar muito quieta a analisar o tumulto traiçoeiro que o contacto provocava. A sensação era demasiado intensa, pelo que enterrou o rosto na dobra do pescoço dele enquanto ele lhe massajava preguiçosamente as costas.

– Tens consciência do efeito que tens em mim? Sente isto – disse ele, pegando-lhe na mão e pousando-a na parte da frente das calças. – É *isto* que me fazes. – A sua palma encontrava-se por cima da dela, forçando-a a acariciá-lo num ritmo sexual. Ele gemeu numa agonia sem alívio. – Estava desejoso que me tocasses de novo.

– És tão grande... e tão duro...

– Só para ti – jurou ele. – Olha para mim enquanto brinco contigo – pediu. – O teu prazer vai ser muito maior se o fizeres. – Apertou-lhe um dos mamilos, de forma gentil a princípio, e mais agressiva depois. Ela agitou-se.

– James... – Ela gemeu o nome dele.

– É para isto que cá estás, não é?

– Sim, sim...

– Então... olha para mim.

Ele provocou o mamilo dela, apertando-o e puxando-o com diferentes graus de intensidade até os próprios dedos de Abigail ficarem curiosos e responderem do mesmo modo. Ela brincou com os pelos do peito dele. Eram macios e ela explorou-o até ter coragem de inspecionar o pequeno seixo castanho do mamilo.

– São sensíveis como os meus?

– Muito.

– Agradar-te-ia que eu os chupasse?

– Sempre.

Insegura, inclinou-se para a frente e fechou os lábios em volta da pequena ponta e ele retesou-se ainda mais. Ele deu-lhe escassos segundos para que ela o avaliasse antes de a deter.

– Não faças isso agora – avisou ele. Cerrou os dentes e fechou os olhos, como se forçasse uma grande dor a recuar. – Não consigo suportar mais isto.

– Porquê?

– É extremamente doloroso para um homem estar excitado durante tanto tempo. As tuas carícias só aumentam a minha agonia.

– Mas eu não estou preparada para parar.

– Talvez noutro dia... – Ele estremeceu com uma paixão controlada. – Tenho de me conter. Se me excitar demasiado, terei de me ir embora, se não ainda faço algo de que me possa vir a arrepender. – Num tom demasiado frio, ele acrescentou: – Vamos conversar, está bem?

– Conversar? Eu não quero conversar!

– Bem, vamos fazê-lo, minha pequena gata assanhada. – Riu-se. – Vais ter de te controlar por um momento enquanto eu me acalmo.

– Não fiz outra coisa *senão* controlar-me durante os últimos quatro dias!

– Coitadinha – gozou ele, exibindo-lhe um sorriso tão mortífero que ela ficou contente por estar reclinada. – Descontrai-te e habitua-te ao facto de a tua pele estar nua e colada à minha.

Ela espreguiçou-se e moveu-se sobre o corpo dele, cruzando os braços sob o seu peito e equilibrando o queixo nas mãos.

– Podes, ao menos, beijar-me?

Ele passou o polegar pelo lábio inferior dela, mas não fez qualquer esforço para encurtar a distância que os separava.

– Tenho pensado na nossa relação e decidi que não é boa ideia beijarmo-nos.

– O quê?

Ela endireitou-se, sem se importar em revelar os seios. O comentário dele fora o mais idiota que ela ouvira um homem dizer. Agora que sabia como era beijá-lo, só vivia para *beijá-lo*, só sonhava com isso.

– Não me interpretes mal – disse ele suavemente, ao ver o brilho homicida nos olhos dela. – Adoro beijar-te, mas torna tudo muito mais... mais...

– Se disseres *pessoal*, juro que te aperto o pescoço – resmungou ela. – Estou aqui deitada sem as minhas roupas, portanto, nada poderá ser mais *pessoal* do que isto.

– Está bem, não digo *pessoal*. É que... é que... – Ele estudou-a intensamente, o seu olhar tranquilo e sincero até que admitiu: – Quando te beijo, não quero parar.

– Oh, James – suspirou ela –, que querido.

– E quando te beijo… – ficou nervoso e corado ao tentar explicar a sua tonta conclusão –, começo a pensar...

– James?

– Sim?

– Não penses.

Ela inclinou-se para a frente e começou a beijá-lo com meiguice e, como esperara, ele retribuiu. A sua boca encaixava perfeitamente na dela e beijaram-se até ficarem os dois sem fôlego.

– Talvez me tenha enganado. – Ele sorriu, arrependido. – Vou continuar.

– É bom que sim.

Os olhos cor de safira de James brilharam com uma intensidade perturbadora e isso alarmou-a. Se ele começava a sentir algo por ela, se as suas emoções começavam a intensificar-se, como poderia ela esconder as suas? A associação de ambos tinha de permanecer alegre e jovial, caso contrário o seu coração delicado e inexperiente não aguentaria.

– Quero… – ela lutou por alguma frivolidade – que me beijes sempre que quiseres. – Colocou os braços à volta do pescoço dele, desejosa de mais, mas ele limitou-se a rir e a dar-lhe uma palmadinha no rabo.

– És muito natural nisto. – Virou-a para que ela ficasse ao seu lado na cama. – Já te tinha dito que provavelmente vais ser a minha morte antes de chegarmos ao fim disto?

– Acho que sim.

– Bem, disse-o a sério.

Ela pestanejou, fingindo ser uma coquete atrevida.

– Tentarei ser meiga contigo.

– Muito improvável – murmurou ele. Tateou o colchão e encontrou o portefólio.

– Não quero ver desenhos – queixou-se ela.

– Quero eu. – Ele pegou-lhe na mão e pousou-a, com a palma para baixo, no centro do seu peito, onde o coração batia a uma velocidade pouco adequada para um homem que se encontrava absolutamente calmo. – Tenho de descontrair-me. E tu não estás a ajudar.

– Não me importo se estás incomodado; há dias que não me sinto confortável e que quero matar-te.

– Esperava que te sentisses excitada.

– E sinto, seu canalha!

Ele bateu com o dedo na ponta do nariz dela, em ar de brincadeira. Depois, adotou um semblante grave e puxou-a para si.

– Falo a sério, Abby. É difícil explicar, mas um homem pode chegar a um ponto de excitação onde não é capaz de recuar e, se eu estiver demasiado excitado, tenho de ir-me embora antes que qualquer um de nós esteja pronto para me deixar partir.

O seu comentário foi honesto, a sua preocupação pelo bem-estar dela parecia real. Ela tinha de concordar em ser mais responsável.

– Vou comportar-me.

– Linda menina...

– Mas não tenho de gostar da situação.

– Pois não, querida.

Ele folheou distraidamente o monte de desenhos, passando pelas representações nuas de si e Lily nas várias posições sexuais. Quando ele se deteve, ela inspecionou o pergaminho que ele selecionara e pensou no que estava a ver. Parecia ser uma espécie de flor exótica. Tinha um centro cor-de-rosa e o que pareciam ser pétalas.

– O que é?

– É o local entre as pernas da mulher. As suas partes privadas.

Os seios dela incharam; os seus mamilos ficaram eretos. Ela olhou para a estranha imagem. Finalmente, acabou por passar um dedo por ela.

– É a Lily?

– Sim, mas poderia ser outra mulher qualquer. – A sua mão pegou na dela, guiando-a. – Aqui estão os lábios que protegem a abertura. Isto é a fenda onde um homem insere o seu pénis. O hímen da mulher está escondido por baixo destas dobras. Aqui – usou a ponta do indicador para tocar numa pequena mancha de pele mais escura – é o clítoris. É o centro do prazer feminino. Quando um homem o acaricia ou o lambe de forma apropriada, ela atinge o auge...

– A *petit mort*.

– Sim. Hoje vou mostrar-te como deve ser feito. Se ainda for esse o teu desejo.

Ele prosseguiu para a imagem seguinte. Lily reclinara-se, com as pernas completamente abertas. James estava ajoelhado entre elas, tocando-lhe com a boca e com a língua. Tinha uma das mãos no peito dela, beliscando a ponta. As costas dela estavam arqueadas e os dedos agarravam freneticamente a cama. De olhos fechados e lábios separados, a sua expressão era de puro prazer.

Quando James descrevera pela primeira vez aquele tipo de estimulação oral, ela não conseguira imaginá-lo e também não fora capaz de vê-lo como algo agradável. Ainda assim, ao ver a forma

perfeita como o artista capturara o tumulto físico, foi fácil perceber a razão pela qual um homem e uma mulher fariam tal ato.

O prazer de ambos era notório e, surpreendentemente, o facto de os observar excitou-a. No seu centro feminino, sentia-se pegajosa e húmida, o que associou agora a uma luxúria crescente.

Ela queria aquilo, o que Lily tivera com James; queria-o desesperadamente, com um entusiasmo que ia para além da razão. Tal como nas ocasiões em que revira as imagens, fechou os olhos e tornou-se na mulher dos braços de James, desejando a oportunidade de suportar o óbvio êxtase de Lily. Mesmo que significasse que James faria algo chocante como *beijá-la* escandalosamente. Ela tinha de saber como era a experiência.

– Mostra-me – suspirou ela.

– Com todo o prazer.

Com um movimento do pulso, a coleção de imagens desapareceu. Ele afundou-se nas almofadas e puxou-a para cima de si. As suas pernas entrelaçaram-se nas dela, os seus pés encaixados por detrás da barriga das pernas dela, mantendo-a no lugar. A posição forçou-a a abrir-se e a expor-se diretamente ao seu falo ereto.

– Vou fazer amor com os teus seios – anunciou, à medida que eles balouçavam por cima da sua boca ansiosa e desejosa –, até que me implores para parar.

– Nunca! – insistiu ela. – Nunca te pedirei para parares...

O fôlego deixou os pulmões dela num som áspero enquanto a língua ávida dele a puxava habilmente para dentro. Mordiscando, seduzindo, mordendo, chupou com ar faminto, até o mamilo dela estar inchado e vermelho, ultrapassando em muito a linha de conforto.

Quando ela decidiu que não conseguia suportar mais, ele passou para o outro mamilo, dando-lhe a mesma atenção. Assim que ficou carmesim e ereto, ele viajou de um para o outro, usando os dedos para provocá-los e acariciá-los até fazê-la torcer-se.

A sua fenda ficou ainda mais húmida, o ventre contraiu-se e as suas inibições cuidadosamente enraizadas soltaram-se e fugiram, provocando-lhe o desejo de que pudessem fazer um bebé juntos. Todo o seu ser gritou de necessidade, a sensação tão intensa que apenas o sexo poderia mitigar.

Eram pensamentos perigosos e horríveis, ela sabia-o, mas não se importava. Nesse momento, deixar-lhe-ia fazer tudo o que ele quisesse, juntando-se alegremente a ele.

Embora o seu corpo reconhecesse a direção na qual ela devia viajar, as suas ancas fletiram-se na esperança de darem as boas-vindas a James ao seu interior, apesar de a roupa lhe impedir o caminho. Devagar a princípio, e depois mais depressa, a sua pelve moveu-se contra a dele e ela saboreou todos os centímetros do seu pénis rígido, dando por si a ansiar loucamente pelo êxtase que ele lhe prometera que se seguiria.

Ele estava ocupado, lá em baixo, a desapertar a fita na cintura das cuecas dela e a entrar. Moveu-se gentilmente ao longo da barriga e os músculos do abdómen dela contraíram-se à medida que ele se enredava no monte de pelos que lhe protegiam o sexo. Estava húmida, escorregadia e, durante alguns minutos, ele simplesmente manteve a mão ali, cobrindo-a e deixando-a habituar-se às suas carícias.

Quando ela se descontraiu, ele deslizou pelas suas dobras e um dos seus dedos compridos descobriu o seu caminho misterioso. Outro juntou-se a ele, fazendo-a agitar-se na cama, mas ele segurou-a, não lhe permitindo qualquer libertação da sensação brutal que lhe infligia.

– Sente, querida – murmurou. Afagou-a para trás e para a frente e as ancas dela moviam-se na perfeição de acordo com o ritmo antigo. Ela estava a derreter e a torrente do seu centro pingava na mão dele e nas suas coxas.

O ritmo intensificou-se. Um terceiro dedo juntou-se aos dois primeiros e ela gritou. O polegar dele deslizou para o centro do seu

sexo e desenhou círculos profundos de forma deliberada. Ela saltou com o impacto, contudo, James manteve-a segura para que ela não escapasse ao seu tormento bárbaro.

Começou a formar-se uma pressão estranha dentro dela, irradiando do estômago e do peito diretamente para as extremidades. Os seios estavam rígidos, os mamilos demasiado sensíveis, a carne tensa, os dedos agarravam os lençóis, os dedos dos pés enterravam-se no colchão. Parecia estar à beira de um precipício, pronta para cair no espaço.

– Está na hora, Abby – disse James. – Deixa-te ir.

Aumentou as atenções ao mamilo dela, chupando-o com violência e o gesto empurrou-a do precipício para o qual ele a guiara. Ela deixou-se ir, desamparada e a voar, livre e desimpedida, através do universo. De algum sítio longínquo, ouviu uma voz gritar de prazer e, num rasgo confuso de discernimento, percebeu que se tratava da sua própria voz.

A onda de prazer continuou até diminuir de forma gradual. Ela recompôs-se, os músculos acalmaram, a respiração frenética diminuiu. Deu consigo novamente no quarto, aninhada nos braços de James. Como se soubesse que ela não era capaz de tolerar mais carícias, James retirou a boca dos seus seios e a mão dos seus genitais. Os seus dedos húmidos roçaram-lhe a barriga.

Ela esperou que ele dissesse algo, mas ele não o fez. Limitou-se a olhar para ela; em seguida, indo quase contra aos seus desejos, inclinou-se para baixo e beijou-a. Foi quase casto e ela retribuiu o beijo, enquanto concluía que aquele final mais calmo, depois do excesso de entusiasmo, era mais maravilhoso do que o ato em si.

Ele acabou por se afastar, mas continuou a olhar para ela com carinho, quase como se realmente gostasse dela. Os olhos de Abby encheram-se de lágrimas e algumas escorreram-lhe pela cara. O rescaldo era muito mais perturbador do que ela pensara, muito mais especial do que uma pessoa podia pensar sem o ter vivido.

Sentiu-se envergonhada por mostrar as suas emoções. A sua inocência era humilhante e evidente, pois com certeza nenhuma das outras mulheres com quem ele estava agia assim e ela temia que a sua revelação de sentimentos o irritasse. Com medo de que ele pudesse sair de rompante, esforçou-se por manter as suas paixões sob controlo.

Oferecendo-lhe um meio sorriso, tentou aliviar o ambiente.

– Desculpa – disse ela. – Deves achar que eu sou uma tola.

No entanto, quando ela o olhou só conseguiu ver afeto, algo que deveria estar muito próximo de amor e talvez ainda um pouco de orgulho masculino por tê-la deixado naquele estado.

– Não me importo – insistiu ele. – Tudo isto é muito novo para ti. Pode ser avassalador. – Beijou-a novamente com suavidade, depois levantou um dos lençóis e limpou-lhe as lágrimas que tinham conseguido escapar. Voltou a aconchegá-la no peito.

Com a orelha encostada ao peito dele, ela ouvia a estável batida do seu coração e o som acalmou-lhe os nervos. Se tivera dúvidas, já estavam dissipadas: amava-o, de alma e coração, e amá-lo-ia para sempre.

11

James segurou Abigail nos braços enquanto tentava lidar com a intimidade do momento. Alguma coisa acontecera entre eles durante a intensa viagem até ao primeiro orgasmo dela, apesar de ele não saber exatamente o quê. Pela maneira como ela o olhava, com os olhos muito abertos refletindo surpresa e serenidade e outra emoção indefinível que parecia evidenciar *amor*, ele conseguiu perceber que ela também o sentira.

Desde o princípio que tivera plena consciência de que se sentia fisicamente atraído por ela. No entanto, parecia também estar a desenvolver uma afinidade romântica. Acreditara imprudentemente que conseguiria controlar os encontros se os mantivesse a um nível superficial. Que poderia apenas dar as suas ordens – para ela se despir, soltar o cabelo, mostrar os magníficos seios – e depois observar tudo com indiferença, um *voyeur* apático e um professor. Mal soubera ele que seria impossível percorrer o caminho distanciado que traçara.

Deitado na cama, imóvel e ausente, fora obrigado a reconhecer o fracasso do seu plano. Nunca, em toda a vida, vira algo tão erótico como Abby a despir-se para o seu exame carnal.

Ao longo dos anos, ele experienciara os atos mais excitantes que um homem poderia imaginar. Mas nada se comparava à fusão de bravata e hesitação de Abby. Virgem e tentadora, inocente mas hábil, expusera-se de forma casual e corajosa – ainda que tímida – até ele ficar duro como pedra, provocado para além da

compreensão e desejando-a e querendo-a para além da lógica e razão.

Era um mistério a maneira como conseguira disciplinar suficientemente os impulsos para não lhe arrancar a roupa e lhe roubar a inocência. Tinham, sem dúvida, chegado demasiado longe para ele considerar a virtude dela destruída. O conhecimento era um peso à volta do seu pescoço, uma pedra que mal era capaz de carregar.

Ao permitir-se ir até ao fim, Abigail depositara em James toda a sua fé e confiança, certa de que ele a levaria em segurança através do assustador caminho da paixão inicial. Tal como ele suspeitara, ela era uma mulher sensual e sem medo da sua luxúria florescente. Estava ansiosa para aprender e, com um pouco de prática, o seu pavor e encantamento iniciais transformar-se-iam em capacidades femininas que utilizaria com um efeito devastador. Ainda assim, ele não conseguia pensar num futuro onde ela pegaria nos ensinamentos e os utilizaria com outro homem, um amante, um marido. A ideia era simplesmente impensável.

No passado, ele insistira sempre de forma veemente em não criar laços nas suas relações, todavia, depois de um punhado de encontros com Abby, ficara completamente ligado a ela de uma maneira que nunca pensara. Apesar de não se ter apercebido, ansiava pela conclusão e ligação que sentia apenas com ela. Deu por si a imaginar como seria ter uma verdadeira esposa, uma família, um lar, filhos. Convencera-se de que não queria amarras, mas, agora, uma ligação familiar – com Abby – não só parecia um objetivo a alcançar, como algo sem o qual não conseguiria viver.

Sentiu uma dor no centro do peito a estender-se. Chocado, percebeu que... que... estava *apaixonado*. Tinha de ser isso. Aquela sensação asfixiante que o incitava a proteger e a cuidar, juntamente com os pensamentos incessantes que tinha sobre ela, a incapacidade de dormir, os sonhos agitados, a luxúria frenética e

extraordinária fizeram-no concluir que a única explicação era o *amor*.

Achou aquilo divertido, desconcertante e apreensivo, pois nunca sentira nada do género. Antigamente, a sua primeira reação a qualquer tipo de desenvolvimento relacional seria fugir à primeira oportunidade, correr o mais depressa possível sem olhar para trás.

Pela primeira vez, e de forma espantosa, não desejou partir; quis ficar. Como a maioria dos rapazes imaturos, ansiava pela oportunidade de confessar a sua devoção imortal, de inundar Abby de presentes, carícias, ternura. Tinha na ponta da língua palavras ternas à espera da oportunidade para saírem e fazerem dele um idiota. Afinal de contas, o que se seguiria depois de falar em amor?

Na sua ingenuidade, Abigail provavelmente professaria o mesmo, pelo que entrariam os dois numa espiral de ardor e emoção da qual parecia não haver saída possível.

– Estás bem? – perguntou ela, como se percebesse que ele estava perturbado.

Ele odiava que ela o lesse tão bem e que reparasse em tanto, pois tal capacidade provinha de um afeto forte, do género que partilhava apenas com a mãe e o irmão. Eles eram as duas únicas pessoas de quem era próximo e que adivinhavam os seus pensamentos antes mesmo de ele os perceber por si próprio, razão pela qual se sentia embaraçado por ela fazer o mesmo.

– Sim – mentiu ele. – Estava apenas a pensar em como te estás a sentir.

– Bastante impressionada.

– Espero que sim. – Ele sorriu, apreciando a forma como ela se encostava descontraída a si, apesar de se conhecerem há tão pouco tempo. O seu à-vontade era muito maior do que devia ser. – É difícil descrever o que está a acontecer.

– Agora percebo. – Ela espreguiçou-se e ronronou como uma gatinha contente.

– E à medida que te habituares ao meu toque, a paixão vai assolar-te mais depressa e com mais facilidade.

De súbito, ele ficou aterrorizado com o facto de, se não tivesse cuidado, poder começar a falar como um idiota apaixonado, incapaz de se conter ao referir-se à importância daquele caso, como ela era diferente das outras, como gostava desses contrastes.

Ele não queria falar! Não queria discutir o que tinha acabado de acontecer! Queria simplesmente livrar-se daqueles impulsos inexplicáveis e errados.

Por isso, beijou-a. Loucamente. Apaixonadamente. Os seus lábios, a sua língua, os seus dentes, chocavam com os dela numa dança tórrida que atordoava o seu intelecto e provocava os seus nervos destroçados até ao limite. Esperava que se continuasse o beijo durante algum tempo, bastante tempo, algumas daquelas reações perturbadoras passassem.

Enquanto brincava com a boca dela, as mãos de Abigail percorriam-lhe o cabelo, os ombros, as costas, até terem coragem para encontrar as nádegas e puxá-lo mais para si. Ele ardia com um fogo descontrolado e as suas ancas começavam a empurrar com uma vontade tão grande de se unir a ela que mal repararam que tinham o tecido como barreira.

Ele concentrou-se nos seios dela, acariciando e beliscando os mamilos inchados e vermelhos até ela estar de novo a respirar pesadamente e a contorcer-se. Depois, enterrou-se debaixo do queixo dela e lambeu-a desde o pescoço e peito, até sugá-la outra vez.

– James... – Ela suspirou. – James... não, não posso fazer isso outra vez.

– *Vais* fazer, só por mim – declarou ele, com o próprio fôlego instável e a voz a soar como se pertencesse a outra pessoa.

Os seus lábios fecharam-se em redor do mamilo e as costas dela arquearam-se enquanto as pernas se abriram para lhe dar as boas-vindas. Ele aceitou o convite, afundando os dedos nas suas pregas

húmidas e, enquanto lhe acariciava os seios, fez-lhe deslizar as cuecas pelas coxas e pelos tornozelos.

Finalmente, ela estava nua e ele observou avidamente cada pormenor.

A pele dela era muito macia, o ventre liso, as suas curvas tentadoras, o cabelo que decorava o seu monte uma almofadinha loura. Era perfeita, radiosa, encantadora e, por agora, era sua e só sua, podia fazer-lhe o que quisesse.

Deslocou-se para cima dela, cobrindo-a com o corpo.

– És tão linda – murmurou ele através de dentes cerrados. – Feita para foder. Feita para *mim*. Meu Deus, desejo-te...

Perante uma encruzilhada perigosa, ele precisava desesperadamente de se concentrar em algo que não o impetuoso caminho para um alívio a todo o custo.

Afastou o pénis do sexo dela e beijou-lhe a barriga, passando pelo umbigo e pela parte baixa do abdómen. Os músculos da barriga dela contraíram-se a cada movimento. Em seguida, a sua língua entusiasta encontrou as dobras macias dela e mergulhou profundamente, separando-a, provando o seu centro húmido e brilhante.

– James, não consigo... Não estou preparada... – Ela tentou protestar, mas o seu corpo reconheceu o seu desejo, pelo que as pernas se afastaram ainda mais.

Ele deteve-se, erguendo-se da sua precária posição.

– Confias em mim, certo?

– Sabes que sim.

– Então, deita-te e fecha os olhos. Não penses! – Devolveu-lhe a ordem que ela lhe dera antes. – Limita-te a sentir. – Recusando-se a ser contrariado, lambeu-lhe o clítoris, torturando-a devagar e escrupulosamente com todos os segundos de carícias.

– Oh, meu Deus... – Ela caiu contra as almofadas. Os seus dedos agarraram os lençóis à medida que ele se enterrava no seu doce refúgio.

Ela cheirava a paraíso; e sabia melhor. O seu almíscar individual era um aroma que o enfeitiçava, um encantamento delicioso que apenas ele conseguia detetar. Explorou meticulosamente, examinando, experimentando, venerando, penetrando as suas profundezas até que o desejo dela se reacendeu, aumentando numa espiral na sua busca pelo fim do tormento.

Resolvido a não ser piedoso, passou as mãos sob os joelhos dela e alcançou os seios, acariciando-os com brusquidão enquanto a língua se ocupava dela, aumentando a força do seu contacto quanto mais próxima ela estava da libertação. Quando sentiu que ela implorava pelo fim da angústia, chupou-lhe o clítoris, provocando-lhe instantaneamente um segundo orgasmo.

Pelo grito que se seguiu e pela tensão que a atravessou foi obviamente dez vezes mais intenso do que o primeiro. Ela lutou para escapar à conflagração, mas ele manteve-a no sítio, desfrutando da oportunidade de a acompanhar naquele momento.

Gradualmente, as sensações foram diminuindo, os músculos relaxaram, ela descontraiu-se no colchão e ele beijou-lhe a barriga e o decote até ficar deitado ao seu lado.

– Como fazes isso? – perguntou ela, ofegante.

– Deduzo que ficaste satisfeita com a minha atuação – retorquiu ele, em tom de brincadeira.

– Não disse nada. – Deu-lhe com o cotovelo nas costelas. – Muito menos quando já tens a certeza do que vales nestas situações.

– Sou muito bom naquilo que faço.

– Oh, homenzinho arrogante! – ralhou ela, a rir. Pôs-se de lado. – Se alguma vez decidires fazer-me o mesmo e se eu disser que não quero, ignora-me. Exijo que faças tudo o que quiseres comigo.

– Como quiser, cara senhora.

Com coragem, ela pegou na mão dele e colocou-a, com a palma para baixo, entre os seios, onde mesmo naquele momento, muito depois de tudo ter acabado, ele conseguia sentir a pulsação acelerada.

– O meu coração pode parar de bater.

– Duvido. – Ele riu-se. – Só as pessoas de idade avançada, ou muito fracas, é que expiram de alegria carnal.

Ela pareceu querer sentar-se, mas os seus membros não cooperaram.

– Os meus ossos ficaram reduzidos a polpa. Não me consigo mexer.

– Não tens de o fazer. – Ele virou-a e aconchegou-se nas suas costas, com um braço debaixo da cabeça dela e o outro à volta da cintura. – Descansa durante uns minutos.

Sendo cruel sem se aperceber, ela encostou o rabo às virilhas dele e o pénis ereto de James agitou de agonia. Segurando-a com firmeza, premiu-se numa única e lânguida flexão contra a o espaço entre as nádegas dela. Depois, cerrou os dentes e esforçou-se para focar a mente noutra coisa qualquer.

– Ainda estás duro. – Ela parecia surpreendida.

– E muito.

Ela tentou virar-se para ele, mas James não deixou. No seu estado, não seria capaz de aguentar nenhuma investigação.

– Isto não foi muito agradável para ti, pois não? – perguntou ela, depois de um longo silêncio.

Um riso surdo ecoou-lhe no peito.

– Querida – murmurou ele ao ouvido dela –, se tivesse sido mais *agradável*, eu teria morrido com o ato.

– Mas tu...

– Chiu. – Ele tentou silenciá-la. – Não tem importância.

– Para mim, tem.

Ela acabou por levar a melhor, virando-se o suficiente para olhá-lo nos olhos. Tal como ele suspeitava, a perspicácia dela fê-lo sentir-se como um veado capturado numa jaula. Mostrava demasiada emoção no rosto.

– Não gosto que a tua experiência tenha sido diferente da minha. Deste-me uma gratificação tão grande e eu não te dei nada em

troca – declarou ela, séria.

– A minha *gratificação* vem da tua.

– Mas terias gostado mais se tivesses lançado a tua semente. Acertei?

– Eu estou bem, Abby – mentiu ele, com dores no pénis e com os testículos a arder.

– Gostaria de aprender a agradar-te – disse ela, com honestidade. – Podias ensinar-me. Deve haver alguma forma de te confortar...

Ele roubou-lhe um beijo rápido e devolveu-a ao seu lugar.

– Falaremos disso.

– No próximo encontro, talvez?

– Talvez...

De forma intencional, ele deixou que a conversa ficasse por ali. Apesar de não querer outra coisa que não fosse sentir as mãos e a boca dela, não sabia o que aconteceria se baixasse as calças. Era evidente que se viria como um adolescente mas estaria ela pronta para um acontecimento desses? E ele, estaria?

– Estou tão cansada... – Ela reprimiu um bocejo.

– Fecha os olhos. Eu fico atento ao relógio.

– Preciso de estar em casa às cinco.

– Ainda tens muito tempo. Eu acordo-te.

– Prometes? – perguntou ela, com o sono a tomar conta de si.

– Prometo... – suspirou ele.

Largou-a, beijando-lhe o ombro e fazendo-lhe festas na anca. O ar tinha arrefecido com o declínio da paixão, pelo que ele puxou um dos cobertores para tapar os dois corpos, embrulhando-os juntos numa espécie de casulo. Completamente à vontade, ela aconchegou-se mais para perto dele, fazendo com que o seu pénis inchado reagisse de imediato, sem querer.

Coitado, pensou ele. Não houvera alívio naquele quarto. *Mas, mais tarde*...

Foi instantaneamente inundado pela habitual onda de repugnância. Como poderia contemplar os seus devaneios noturnos enquanto ela

descansava nos seus braços? Todavia, tendo em conta a sua falta de alívio, que alternativa teria senão sair para procurar outro tipo de libertação? Muito sinceramente, não podia continuar no estado que ela lhe inspirava.

Recusando-se a ser negativo, negou-se todas as oportunidades para refletir sobre o seu terrível caráter – ou falta dele – mudando para o milagroso presente. Abraçava-a enquanto ela dormia!

Ao ouvir a sua respiração lenta e estável, fez um esforço para se lembrar se alguma vez estivera deitado ao lado de uma mulher adormecida. Nunca o fizera com a sua mulher, isso era certo. Ela insistira em dormir em quartos separados e ele concordara de bom grado. Nas poucas ocasiões em que visitara o quarto dela para as relações matrimoniais, saíra logo a seguir, desejando tanto estar o mais longe possível como ela desejava a sua ausência. Com as outras amantes partia sempre pouco depois dos jogos sexuais estarem terminados, pois não queria dar a impressão errada de um certo tipo de intimidade ao dormir com elas.

Por isso... abraçar uma mulher adormecida – uma *Abby* adormecida – era uma experiência nova, algo que ele estava a descobrir ser encantador. Ela cheirava a flores e a sabonete, a suor e a sexo. Ele brincou com os fios suaves do seu cabelo, a macieza da sua pele nua.

Ela moveu-se e murmurou algo que se pareceu muito com:

– ... amo-te, James...

Apesar de ele não ter a certeza de que fora isso que ela dissera, fingiu que tinha sido. Perante aquelas palavras sonolentas, o seu coração saltou de emoção e beijou-lhe a nuca, suspirando uma resposta que ela nunca conseguiria ouvir.

– Também te amo, Abby.

As cinco horas chegaram muito rapidamente, pelo que ele não podia permanecer mais tempo. Apesar de querer despertá-la com abraços ternos, ainda estava demasiado excitado, pelo que se começasse algum jogo erótico nunca conseguiriam sair dali a

tempo. Com o maior dos esforços, levantou-se. Quando ela sentiu o seu abandono, franziu a testa numa expressão bonita.

Já se está a habituar a deitar-se ao meu lado, pensou ele. A perceção foi tão perturbadora como excitante. Como desejava partilhar uma cama com ela sempre que lhe apetecesse!

Afastou a ideia vergonhosa, mesmo quando ela andava em espiral na sua mente. Mas que tolice o assolava? Tinha de controlar todos aqueles devaneios antes que eles o levassem a fazer algo descuidado ou perigoso.

Vestiu-se em silêncio, depois, avançou em bicos de pés até à cama e pôs-se de cócoras ao lado dela.

– Abby... – chamou ele, tendo de dizer o seu nome vezes sem conta até ela acordar.

– Oh, estava a dormir profundamente... – O seu olhar pousou nele, completamente vestido e pronto para partir. – Já são horas?

– Já, querida.

Ela espreguiçou-se e o cobertor caiu-lhe para a cintura. O cabelo louro estava espalhado nas almofadas, os mamilos estavam eretos e os seios tinham arranhões causados pela barba dele. No geral, parecia ter sido muito bem amada.

– Não me quero ir embora já.

Nem eu, pensou ele, mas mordeu a língua para evitar dizê-lo em voz alta. Não valia a pena demorar-se.

– Não deves atrasar-te, se não os outros vão desconfiar.

– Acho que tens razão – disse ela, triste.

Sem a mínima modéstia, ela sentou-se e empurrou os lençóis para o lado, balançando as pernas para fora da cama. Estranho, parecia que tinham participado naquele tipo de *momento depois* inúmeras vezes. Não havia razão nenhuma para embaraço ou reticências e, surpreendentemente, ele não teve pressa de correr em direção à porta como costumava fazer sempre que passava a tarde com uma amante. Apesar dos riscos, gostava de se demorar.

Levantando as mãos, ela grunhiu enquanto os músculos doridos protestavam. A visão dela – os seios a balançar, as costas arqueadas – era mais do que um simples homem mortal conseguia aguentar. O seu pénis abusado voltou a dar de si, ficando de novo dolorosamente ereto.

– Vamos vestir-te – disse ele, preferindo os encantos dela escondidos antes que o enlouquecessem.

– Onde estão as minhas coisas? – Ela olhou em volta, confusa, tal como uma criança que acaba de acordar de uma sesta.

Oh, mas era linda. Demasiado para alguém como ele. Ele procurou nos cobertores e encontrou as cuecas dela.

– Aqui estão – disse ele, dando-lhas.

Ela permaneceu imóvel, depois, sorriu-lhe e riu-se.

– Enfeitiçaste-me, Mister Stevens. Os meus braços não me obedecem.

– Eu ajudo-te. – Ele ajoelhou-se diante dela e passou a roupa interior pelos seus pés. – Para cima – ordenou, ajudando-a a levantar. Colocou as cuecas nas ancas e deu um nó no fio da cintura, depositando um beijo na barriga dela.

Ela passou os dedos pelo cabelo dele, num gesto tão familiar e carinhoso que o fez olhar para cima e surpreendeu-se com a profundidade do afeto e da adoração que via. Pela primeira vez, não fugiu; deixou que a devoção dela o lavasse como uma chuva suave. Em seguida, forçou o fim da delicadeza ao pegar na camisa dela.

Seguiram-se as meias e as ligas. Segurando-as, fez uma pergunta.

– A tua roupa interior é toda branca?

– Sim.

– Quem a cose?

Ela corou com a pergunta impertinente, o que era um absurdo tendo em consideração o que tinham acabado de fazer.

– Uma mulher da minha aldeia.

– Este tom é muito pálido para ti.

Como era a primeira vez que se despia na frente de um homem, era um pouco desrespeitoso da parte dele queixar-se da sua roupa interior, principalmente quando ela não tinha razão nenhuma para se preocupar em parecer sensual aos seus olhos. Pelo que ele vira até ao momento, as roupas íntimas dela eram de uma qualidade superior e suficientemente atraentes numa forma aborrecida e funcional. Contudo, quando estavam sozinhos, tencionava que ela ficasse no auge da sua sensualidade. Depois de um pouco de prática, ela começaria a compreender o quão refrescante uma boa roupa interior poderia ser.

– A tua pele exige tons mais fortes. Vai fazer-te sobressair o cabelo e os olhos. Verde-escuro. Vermelho-vivo. Preto, talvez. Vou pensar nisso e encomendar-te algumas coisas. Fica à espera de uma encomenda.

– James Stevens! Completamente fora de questão! Não quero que me envies roupa interior!

– Ninguém vai saber – assegurou ele – e receio que tenha de insistir.

Ela olhou para ele com olhos severos.

– Consegues mesmo ser mandão e não sei se gosto disso. Além do mais, porque estás tão determinado em presentear-me com roupa interior nova?

Ele riu e passou o polegar pelo lábio inferior dela.

– Simplesmente porque me faria feliz.

– Oh...

– Tens a constituição certa para os ornamentos mais escandalosos, por isso, devias vestir-te de modo mais provocante.

Ela colocou uma mão afetuosa no rosto dele e suspirou, desistindo e aceitando os seus conselhos.

– Como quiseres. Devo preparar-me para receber algo chocante.

Ele ajudou-a com o resto das roupas, observando-a e apoiando-a como nunca fizera com nenhuma outra amante porque nunca sentira vontade. Estava finalmente pronta. Só aí é que o encontro se

tornou estranho, pois nenhum conseguia suportar um adeus. Tinham-se habituado à companhia um do outro de forma rápida e fácil. A separação era inconcebível, o período de tempo que passaria até à reunião seguinte parecia uma eternidade.

– Vou sentir a tua falta – admitiu ela, depois de o olhar longamente.

Ele evitou responder de forma impulsiva, esboçando apenas um sorriso e dando-lhe um beijo rápido.

– O tempo vai passar depressa – disse ele, apesar de não acreditar muito nas suas palavras. Já começava a pensar em como haveria de ocupar os dias. *E* as noites.

– Tenho estado a pensar... – disse ela.

Apesar de ter começado a frase com confiança, não conseguiu terminá-la. Por isso, ele incentivou-a.

– Sobre o quê?

– Bem, temos encontro marcado na quinta-feira, mas na sexta-feira...

– O que acontece na sexta-feira?

Ficou cheio de esperança.

– A minha família vai estar fora da cidade. Parte por volta do meio-dia e só volta no sábado à noite. Vai haver uma festa no campo… de algum conhecido do Jerald… mas eu não vou, por isso...

– Podes escapar – acabou ele a frase. – Podíamos passar toda a noite juntos.

– Sim.

Ele sentia-se como um homem que caíra borda fora de um barco, mas que estava prestes a ser resgatado. Não era o que desejava? Uma oportunidade para tê-la, guiá-la, ensiná-la? Amá-la? Contudo, mesmo quando ela lhe atirava uma corda de salvação, o seu lado racional implorava-lhe cuidado. Um deles tinha de manter a relação sob controlo. Ele não conseguiria disciplinar-se durante tantas horas, pelo que ela acabaria por entregar-lhe a sua virgindade.

Será que ela se importava com isso? E ele?

James avançou para ela, pondo-lhe as mãos em redor da face.

– Compreendes o que estás a sugerir?

– Sim. Não tenho conseguido pensar noutra coisa.

– Se passássemos tanto tempo juntos, os meus impulsos masculinos teriam de acabar por ser satisfeitos.

– Entendo. Principalmente depois de hoje. – Ela pôs as mãos na parte da frente das calças dele, sentindo-o rijo. – É o que mais desejo.

– Tens a certeza?

Ela ergueu-se e depositou-lhe um beijo nos lábios.

– Nunca tive tanta certeza sobre nada.

Ele estudou-a, procurando por dúvidas ou reservas, mas não encontrou nada. Era uma mulher adulta, de vinte e cinco anos. Conseguia tomar uma decisão informada. Quem era ele para dizer não?

Com uma intenção deliberada, ele entrelaçou os seus dedos nos dela e apertou-os com força.

– Até sexta-feira, querida.

– Até sexta.

Ele sorriu e ela sorriu também. Como dois imbecis apaixonados, olharam nos olhos um do outro. O ambiente ficou carregado de tensão sexual, mas também de alegria e de desejo pelo que estava para vir. Seria um encontro milagroso, cheio de encanto, e o seu coração negro agitou-se com algo parecido à felicidade.

– Bem... Vamos embora – acabou ele por dizer, já pensando na longa espera que teria de suportar.

– Adeus – murmurou ela, roubando mais um beijo rápido. Depois, como a Cinderela no baile, olhou para o relógio e arquejou ao ver as horas tardias. Desceu as escadas tão depressa que ele não teria ficado surpreendido se tivesse visto um sapatinho de cristal esquecido num degrau.

Ouviu a porta abrir e fechar. Em seguida, encaminhou-se para a sala e espreitou pelos cortinados, esperando vê-la uma última vez na rua, a entrar para a carruagem. Não conseguiu, por isso,

regressou ao quarto, demorando-se enquanto recolhia os seus pertences. Permaneceu ali, onde sentia fortemente a presença dela. Depois partiu também. Contando os minutos. As horas. Os dias.

12

Barbara colocou o pente no lugar, segurou o chapéu na cabeça e dirigiu-se para a porta do delicado e bem decorado gabinete de provas. Rodou a maçaneta e preparou-se para sair, não sem olhar uma última vez para o papel de parede florido, cadeiras condizentes com um aspeto demasiado distinto para serem usadas, ganchos de latão e molduras de espelhos que alguma pobre tola polira até à exaustão.

Madame LaFarge, a modista mais famosa de Londres, sabia perfeitamente como agradar à clientela com dinheiro e Barbara agradeceu à sua estrela por agora fazer parte desse grupo.

Apesar de não ser das mulheres mais ricas, também não era pobre. O seu falecido marido fora um homem de algumas posses, pelo que ela recebera uma herança avultada, podendo fazer compras onde quisesse, vestir o que desejasse e gastar dinheiro sem contar os cêntimos.

Depois de crescer com um pai com tendência para a bebida e para o jogo, percebeu o que era viver sem dinheiro, sem comida na mesa e sem possibilidade de pagar a renda. Um dia podia ser próspero, mas no seguinte poderiam estar na rua. Muito desgostosa, observava o pai a desperdiçar as suas vidas, por isso, esforçou-se, retirando-se do fundo do poço e chegando ao... bem, não ao topo, embora fosse seguramente uma hipótese que vislumbrava do lugar de onde estava.

Fazendo uso das suas capacidades, juventude e beleza, fora deliberadamente atrás do velho tonto que acabara por casar com

ela. Ele dera-lhe tudo o que ela precisara: segurança, dinheiro, estatuto social e, mais importante do que tudo, liberdade. A morte dele fora uma bênção pela qual ela só tivera de esperar poucos anos.

Nos anos de casada, apercebera-se de que era valente, determinada, cheia de força de vontade e de que nunca falhava. Quando se concentrava num objetivo, não descansava até conseguir alcançá-lo. Era capaz de ser impiedosa e cruel na busca do que queria e Deus ajudasse quem se atrevesse a cruzar o seu caminho, pois, no fim, ela obtinha sempre o que desejava.

Como James Stevens, por exemplo. Ele abandonara-a sem aviso prévio e, passados alguns meses após a separação, ela esperara pela sua oportunidade, planeando com paciência como haveria de fazer para tê-lo de volta. Agora, uma ponta de sorte misturada com bastante preparação tinham-no devolvido e ela tencionava mantê-lo.

Depois de olhar para o salão dourado uma última vez, encaminhou-se para o *hall*, passando pelos outros gabinetes de provas a caminho da frente. Algumas das senhoras mais famosas e infames de Londres estavam abrigadas por detrás daquelas portas, pelo que Barbara não pôde deixar de esboçar um sorriso feroz. Tantas tinham competido pelo afeto de James, pela sua atenção, pela sua riqueza, pelo seu corpo, pelas suas qualidades no quarto. Contudo, só ela triunfara.

Ele ia ter consigo regularmente, três a quatro vezes por semana, sempre com urgência, sempre pronto, vindo-se inúmeras vezes como um rapaz de treze anos. Ela sorriu, de forma possessiva. Não havia uma única mulher em Inglaterra, a não ser ela própria, que fosse capaz de satisfazê-lo com eficácia quando ele se encontrava em tal estado.

Só o facto de se lembrar da brincadeira sexual da noite anterior fê-la corar e deteve-se a meio do corredor para se abanar com o leque. Um homem como James era capaz de ter aquele efeito numa

mulher, era capaz de fazer com que ela se esquecesse de si mesma, do que a rodeava, da sua posição.

Com receio de que alguém a visse a sonhar acordada, Barbara recomeçou a andar quando ouviu o som familiar de uma voz masculina a falar do aposento adjacente. Reconheceu de imediato que se tratava de James.

O que estava ele ali a fazer?

A fazer compras, obviamente, mas para quê? Para quem?

Com uma certeza informada, ela sabia que não havia mais nenhuma amante na vida dele. Nas primeiras horas da noite, quando ele desejava vagabundear, ela vigiava a sua casa e o seu clube. Ele já não procurava por outras mulheres.

Era arriscado escutar atrás da porta; perigoso, também. James ficaria furioso se a descobrisse, contudo, *tinha de* saber o que ele estava ali a fazer. Ao aproximar-se furtivamente pensou nas desculpas inocentes que teria de dar caso a sua presença fosse detetada.

Para seu agrado, a porta estava apenas encostada. Conseguia ver lá para dentro! As mãos de James estavam à vista. Seguravam uma peça de roupa preta e brilhante, passando os dedos carinhosamente por um tecido macio.

– Acho que vou levar este – dizia ele. – E o verde.

– E o vermelho? – perguntou uma mulher com um rouco sotaque francês. – Muito sensual, *non*?

Os olhos de Barbara ficaram chocados quando perceberam que James estava numa audiência privada com Madame LaFarge. Embora tivesse imensos empregados, a estilista preferira encontrar-se pessoalmente com ele!

A distinta costureira era tão famosa que raramente interagia com a clientela. Só numa ocasião especial é que mostraria amostras de tecidos a um cavalheiro. Se o cliente fosse conhecido, um velho amigo ou a encomenda requeresse uma discrição extrema – o que

acontecia com alguma regularidade no negócio da Madame –, ela, então, trataria do assunto em pessoa.

Porque estava a ser cúmplice de James? Era óbvio que se tratava de uma circunstância especial. Que sorte seria ter a oportunidade de saber do que se tratava e usar essa informação como uma vantagem.

Fez-se silêncio. Depois, James murmurou.

– Ah, bolas... Não consigo decidir. Dê-me conjuntos nas oito cores.

– *Magnifique!* – cantou Madame, rosnando de alegria. – A sua amiga... vai ficar muito marota nas minhas criações.

– Espero que sim. – James sorriu e fez um comentário em francês que Barbara não percebeu. Em seguida, fez um gesto que ela não conseguiu ver. Todavia, o que quer que tivesse sido, fez com que Madame se risse a bom rir. – Prometa-me apenas que, pelo menos, um dos conjuntos será entregue sexta-feira de manhã.

– Vou certificar-me de que o primeiro conjunto fica pronto na quinta, *mon ami*. Gostaria de o ver numa modelo antes de ser enviado?

– Não, *chère* – respondeu ele, de forma familiar. – Confio no seu bom gosto para desenhar algo escandaloso.

– *Oui!* Só para si, querido James. – Ela fez uma pausa, acrescentando, depois: – Acho que vou começar com o preto...

– Ooh, eu *adoro* preto... – murmurou ele, num tom que evidenciava uma promessa carnal.

Os dois riam quando Barbara se foi embora em bicos de pés, com o coração aos pulos devido à excitação.

James estava a comprar-lhe *lingerie*! Como presente!

Nunca o fizera, nem para ela, nem para nenhuma das suas outras amantes. Vasculhara profundamente o passado dele e descobrira tudo o que havia para saber sobre James Stevens. Ele *não* agraciava as suas mulheres com presentes, nem sequer para comemorar uma despedida aquando do fim de uma associação.

Era óbvio que aquele era um enorme passo na sua relação! Apesar de ter dito a si própria para ter algum cuidado, não conseguiu deixar de pavonear-se. Nas semanas anteriores, James tinha sido extremamente carinhoso quando estiveram juntos. Ela não sabia o que poderia ter dito ou feito para justificar o gesto dele, contudo, não ia dissecar as razões por detrás da sua boa sorte. Independentemente do que tivesse acontecido, certificar-se-ia de que ele nunca se arrependeria da sua decisão.

Saiu para a rua húmida e chamou uma carruagem, planeando já como haveria de fazer para parecer surpreendida quando o embrulho da loja de Madame chegasse.

Caroline Weston passeava pelo caminho de terra do jardim por detrás da casa citadina do irmão. Ainda era cedo para que a maioria das plantas já tivesse desabrochado, por isso não havia muita vegetação, nem folhas suficientes para poderem esconder a sua ida furtiva ao pavilhão de verão.

O frio fê-la tremer. Saíra secretamente sem um casaco porque, se agarrasse num, alguém iria reparar no seu comportamento e fazer-lhe perguntas. Havia uma neblina matinal, mas ela não podia deixar que humedecesse as suas roupas. Como o explicaria?

Olhou discretamente por cima do ombro na direção da casa. Ninguém a vira sair. Estavam todos demasiado ocupados com preparações de última hora para a ida ao campo. No entanto, para o caso de darem pela sua falta, tinha de parecer descontraída, como se tivesse saído apenas para apanhar um pouco de ar fresco.

O que era verdade, apesar de ela esperar encontrar Charles Stevens pelo caminho. Na noite anterior, Charles suspirara-lhe o seu desejo de um encontro secreto e Caroline concordara de bom grado. Corria um risco enorme ao ir ter com ele, mas, por amor de Deus, estavam a meio da manhã na casa do seu irmão. De certeza que as consequências não seriam assim tão terríveis, caso fossem vistos.

Como era aborrecido ter todos aqueles acompanhantes e guardas intrusivos! Nunca estava sozinha! Não que alguma vez tivesse estado, todavia, pela primeira vez, não queria que ninguém a seguisse. Não podia estar sozinha com Charles por um segundo que fosse. Sentia-se loucamente apaixonada por ele – pelo menos, era o que pensava –, mas, como haveria de sabê-lo com convicção? Mal lhes era permitido conversarem e nunca tinham privacidade para expressar sentimentos mais profundos. A situação era demasiado frustrante!

Ele era, sem dúvida, o jovem mais bonito que ela conhecia, mas também era querido, esperto e divertido. Sempre alegre e animado, era impossível estar na sua presença sem se ficar feliz com a perspetiva de um novo dia. Apesar de só se conhecerem há algumas semanas, Caroline sentia que eram amigos de longa data. Tinham personalidades tão parecidas que um sabia imediatamente o que o outro estava a pensar. Sempre que iam a um baile ou a outro evento, tudo o que ele precisava de fazer para que ela lhe lesse a mente era olhar para ela ou franzir o sobrolho. Estavam muito familiarizados um com o outro.

Quando ele olhava para ela com os seus lindos olhos castanhos e confessava o quanto sentira a sua falta durante o tempo em que tinham estado separados, ela derretia. A sua voz sedutora, ombros largos e corpo esbelto provocavam-na ao ponto de ela se querer atirar para os seus braços e deixar-lhe fazer tudo o que tinha fantasiado – que não era muito.

A sua imaginação era vívida, mas não em *demasia*. Alguns atos estavam, simplesmente, para além do seu discernimento. Tinha consciência de que havia gestos físicos entre homens e mulheres e Abigail prometera explicar-lhe tudo quando chegasse a altura certa. No entanto, e curiosamente, quanto mais Caroline se aproximava de Charles, menos tinha vontade de esperar pelas explicações de Abigail. Queria estar bem informada e queria-o já.

O seu casamento seria combinado com todo o cuidado, contudo, apesar de todas as limitações por que tinha de passar, recusava-se a ter uma vida aborrecida. O seu objetivo principal era partilhar amor, paixão e amizade com o marido. Abigail dizia que era possível ter-se tudo e Caroline acreditava totalmente nela. Ainda assim, à medida que começava a achar que Charles era tudo o que sempre sonhara encontrar num homem, como saberia, ao certo, que estava certa?

Nunca estivera exclusivamente na companhia de um ho-mem. Nunca segurara na mão de um homem. Nunca passeara ao luar, nem dera beijos apaixonados.

Mas queria dar! Oh, como queria. A começar agora.

Com grande receio, avançou para a entrada do pavilhão de verão devagar, apesar de ter vontade de subir os degraus a correr. Margaret sofreria uma apoplexia caso visse o comportamento dela e a sua aflição seria tão grande que provavelmente apoquentaria o pobre Jerald até ele ficar no mesmo estado. Se Caroline os enervasse, talvez nunca mais pudesse ver Charles.

Foi então que ouviu chamar o seu nome. Ficou tão feliz e aliviada que as suas inquietações com Margaret, comportamento e decoro voaram pela janela. Abandonou todos os cuidados e correu escadas acima até ele, que sorria e esperava de braços abertos.

Sem parar para identificar o mais prudente a fazer, correu na sua direção, ficando envolta nos seus braços. Sem querer poupar-se ao prazer, retribuiu o abraço, sendo assolada por uma sensação surpreendente quando o seu corpo se encostou ao dele.

O seu nariz fez pressão contra a camisola de Charles e ela ficou encantada com os aromas masculinos a brande, tabaco e cavalos. Inspirou profundamente, com o desejo de gravar a estimulação sensorial na consciência, de modo a nunca esquecê-la. Enquanto inalava, as suas costelas expandiram-se e os seus seios tocaram no peito dele. Estranhamente, pareciam mais inchados e pesados, com

os mamilos a picarem o corpete e parecendo irritados de uma forma que ela nunca experienciara.

– Receei que não viesses – murmurou ele ao ouvido dela.

– A Margaret estava de péssimo humor – murmurou ela também. Quem sabia até onde chegariam as suas vozes? – Só agora consegui escapar. E só posso ficar um bocadinho.

– Quando partes?

– Assim que a última mala estiver na carruagem.

Havia um banco mesmo atrás dele, pelo que se sentou, afastou as pernas e puxou-a para si, sentando-a no seu colo. Depois de outro puxão, ela encontrava-se deitada sobre o peito dele, com um seio encostado a ele e a sensação era tão maravilhosa que ela não conseguiu evitar esfregar-se nele como um gato a espreguiçar-se.

– Não quero que te vás embora. Nem sequer por um dia – disse ele, com fervor. – Não suporto a ideia de estares fora da cidade.

– A Abigail vai ficar. Não percebo porque não me deixam ficar com ela... – Não concluiu a frase porque percebeu que ele a olhava de uma maneira tão estranha que chegava a assustar. – O que foi? – Não pôde deixar de perguntar.

– Eu... Eu sei que nos conhecemos há muito pouco tempo...

Ele hesitou e o coração dela bateu com força. Iria ele fazer uma declaração de intenções? Encorajada, terminou o pensamento por ele.

– Mas parece que somos amigos há muitos, muitos anos.

– Estava prestes a dizer o mesmo!

Ele mexeu-se, desconfortável, aclarou a garganta, endireitou a gravata, hesitando durante tanto tempo que a enervou ao ponto de ela querer abaná-lo até ele dizer a frase seguinte. Qual seria?

– Queres casar comigo? – acabou ele por perguntar.

Calma! Ele declarara-se! Ela arquejou.

– Oh... oh, meu Deus – gaguejou ela. – Sim... Gostaria muito.

As mãos dela tremiam pelo que ele as agarrou com as suas, partilhando a sua força e calor.

– Fico muito feliz.

– Eu também.

Deu-lhe um beijo casto na testa, um gesto muito diferente do que ela esperava. Ainda assim, esforçou-se por manter a compostura, com medo de reagir como uma libertina.

– Tenho de falar com o teu irmão. Fazes alguma ideia do que ele possa dizer?

– Ele concordou em deixar-me escolher sozinha.

– Um homem muito sensato – disse ele, rindo. – Devo esperar que o meu nome seja mencionado nas tuas conversas?

– Absolutamente.

– Também tenho de falar com o meu pai.

De repente, ela ficou tensa e em pânico. O conde podia não querer que ela fosse a escolha de Charles. Ele casaria para produzir um herdeiro e para proteger o seu título, pelo que a opinião do conde era a mais importante de todas. Se ele achasse que havia raparigas melhores do que ela, Caroline morreria! Nunca tivera motivos para duvidar de si mesma, contudo, de súbito, era o seu futuro que estava em risco.

– Achas que ele vai concordar? – perguntou ela, com prudência.

Charles fez-lhe uma festinha na mão.

– Vai ficar contentíssimo.

– Tens a certeza?

– Como é que ele poderia não gostar de ti?

– Oh, Charlie... – Ela olhou-o com adoração, perante as suas palavras meigas. – Fico tão feliz.

– Ótimo – declarou ele – e, com o passar dos anos, vais sentir-te cada vez mais feliz. Prometo.

Ele encurtou a distância entre eles e beijou-a gentilmente na boca. Os seus lábios eram macios e quentes e o coração dela batia tão alto que tinha a certeza de que ele conseguia ouvi-lo. Vergonhosamente, esperou que o momento se tornasse mais tórrido, sabendo, desde já, que aqueles abraços comedidos não

seriam suficientes. O homem inspirava nela simplesmente toda a paixão do mundo.

Quer gostasse ou não, ela e a irmã haveriam de ter a sua *conversa*. E depressa!

– É melhor regressares – disse ele, acabando com o bonito momento –, antes que alguém dê pela tua ausência.

– Tens razão – disse ela, triste. Levantou-se e recordou-se de algo. – Acabei de me lembrar, o Jerald vai estar fora nas próximas três semanas! Eu e Margaret voltamos amanhã, mas ele tem negócios em Surrey e por isso vai lá ficar. Não vais poder falar com ele durante imenso tempo.

– Não faz mal. Temos muito tempo. – Ele também se levantou. – Vou falar do nosso acordo ao meu pai para que seja tudo combinado com ele. Entretanto, se calhar, é melhor mantermos a nossa decisão em segredo até que o Jerald nos dê a sua permissão.

– O silêncio vai ser extremamente difícil. Quero gritar as boas novas ao mundo!

– Tal como eu. – De forma chocante, ele inclinou-se e mordiscou-lhe o pescoço. A pele de Caroline arrepiou-se e ela ficou muito corada. Todavia, naquele momento, ouviu-se uma espécie de piar no terraço e ele voltou-se. – Mas que raio foi aquilo?

– É a minha criada. – Ela olhou para a casa através da vedação e viu a empregada inclinada sob o balaústre e de olho no relvado. – É o nosso sinal. A Margaret deve andar à minha procura. – Encaminhou-se para as escadas, mas voltou-se para uma despedida final. Quando o fez, Charles tomou-a nos braços e deu-lhe um beijo ardente – do género que ela sempre desejara receber. Foi urgente e invasivo; ele brincou com a sua boca e as suas mãos passearam para cima e para baixo nas costas dela, chegando uma vez ao rabo! Ele gemeu de desejo por ela e o som libertou um frenesim de borboletas loucas a esvoaçarem na barriga de Caroline.

A criada voltou a assobiar, desta vez com mais alarido. Com pena, os seus lábios separaram-se.

– Tenho de ir – disse ela, nervosa e desapontada. Queria beijá-lo de novo, continuar a beijá-lo até... Bem, não sabia o que se seguiria depois do *até*, mas o seu corpo reconhecera inequivocamente a direção correta. Estava perturbada e dorida como nunca dantes estivera e, com uma clareza extrema, percebeu que Charles seria capaz de lhe aliviar a angústia de uma forma masculina que não conseguia definir.

– Vais à missa no domingo? – perguntou ele.

– Sem dúvida.

– Senta-te num lugar onde eu te consiga ver.

– Está bem – prometeu ela. Depois, foi-se embora.

Atravessou o jardim, caminhando devagar como lhe fora ensinado, apesar de a sua carne gritar a plenos pulmões com a sensação que acabara de experienciar. Com uma paciência e um controlo estudados, subiu as escadas que davam para o terraço e entrou pela porta das traseiras.

– Lady Margaret perguntou por si – murmurou a criada, passando por ela.

– Obrigada – respondeu Caroline, baixinho.

Ao passar por um espelho, olhou para o seu reflexo. Tinha o nariz vermelho, o cabelo brilhante da humidade e a pele dos braços arrepiada. Para além daquelas pequenas catástrofes, estava inteira. Parecia fria, mas não desfeita.

Ao aproximar-se da salinha, Margaret apareceu no corredor.

– Onde estiveste? – perguntou ela.

– Achei que um pouco de ar fresco me faria bem. Sabes que detesto andar de carruagem. – Era a mentira perfeita. Enquanto criança, enjoava muitas vezes com o piso irregular.

– Estamos prontos para partir. Vai dizer *au revoir* à tua irmã.

– Está bem.

– E não te demores.

– Está bem, Margaret.

Aliviada pela breve pausa, dirigiu-se às escadas, desejando ficar em Londres com Abigail. Na maior parte das vezes, Margaret conseguia ser bastante desagradável, no entanto, fechada numa carruagem era, basicamente, impossível de aturar. A presença de Jerald era-lhe indiferente – pois raramente via ou estava com o irmão mais velho –, já com Margaret era outra conversa. Jerald, ao menos, *tentava* ser agradável, como era seu costume, mas Margaret parecia que gostava de ser antipática.

Alcançou o andar de cima e encaminhou-se para o quarto de Abigail, triste por não poder contar o seu grande segredo a ninguém. Sobretudo à irmã. Aquele era o dia mais importante da sua vida! Ficara noiva! Mas Charles tinha razão. Ela não podia arriscar o seu futuro revelando-o a uma única pessoa que fosse.

Apesar de Abigail ser uma pessoa maravilhosa, por vezes também era capaz de ser excessivamente conservadora. Caroline não devia ter saído de modo furtivo para se encontrar com Charles e a irmã podia não ficar satisfeita por saber do ocorrido. Poderia contar a Jerald, depois Jerald diria a Margaret e, a partir daí, quem sabe o que poderia acontecer. Seria muito perigoso gerar um alarido quando o seu estado civil estava prestes a ser resolvido.

Bateu à porta do quarto de Abigail, mas não obteve resposta. Entrou, convicta de que a irmã estava lá dentro. Uma vista de olhos rápida deu-lhe a entender que Abigail não estava presente, contudo, em cima da sua cama, encontravam-se duas caixas com o distinto logótipo de Madame LaFarge. As tampas tinham sido abertas, os conteúdos remexidos. Ela olhou para o primeiro para ver o que Abigail recebera da excelente modista.

Bastante surpreendida, Caroline deparou-se com um conjunto interior de uma única peça, com um *design* que nunca dantes vira. Tinha duas alças muito estreitas e fechava-se na zona das virilhas com três pequenos botões. A cor era brilhante e parecia de um preto profundo, todavia, ao passar a mão por baixo do tecido, percebeu

que era quase transparente. Havia copas para o peito, mas muito baixas. Podia ser desatado até à cintura.

Ela pegou na peça e virou-a para a frente e para trás. Era muito pequena, pelo que não cobria tudo o que uma mulher desejava tapar. Se Abigail usasse a escandalosa peça, ficaria nua debaixo do vestido. Caroline não conseguia ver o objetivo de tal vestimenta sórdida.

A menos que Abigail tivesse um homem que...

A ideia apareceu-lhe do nada e era tão chocante que ela não encontrou forma de a acabar. Uma parte feminina de si acabou por concluir que aquele fato escasso de seda era precisamente o que os homens apreciavam num momento de atividade passional. Não podia haver mais nenhuma razão para o vestir.

Aparentemente, Abigail tinha uma vida muito mais interessante do que o resto da família suspeitava.

Margaret ficaria louca se soubesse!

Intrigada, Caroline vasculhou a caixa. Por baixo, havia um roupão fino que chegava apenas até às coxas, ligas pretas, meias pretas e dois sapatos pretos de saltos altíssimos. O seu olhar pousou na outra caixa e viu algo vermelho... um minúsculo roupão vermelho, meias vermelhas, ligas vermelhas e sapatos. A outra peça que lá estivera guardada, desaparecera.

– Meu Deus... – murmurou Caroline.

Abigail movia-se no quarto de vestir adjacente e, como a pior *voyeur*, Caroline avançou em bicos de pés até à porta e espreitou através de uma fresta.

Ela pavoneava-se em frente ao espelho, estudando o seu reflexo. Completamente vestida, mas segurando a peça vermelha contra o tronco, balançava ao ritmo de uma música inaudível. Era óbvio que imaginava como lhe assentaria aquilo.

Tal como as peças pretas na cama, aquela tinha como objetivo seduzir e tentar. Era composto por duas peças em vez de uma, a parte de cima basicamente um sutiã com uma fita de cetim no meio

para o fechar ou para o deixar aberto. A parte de baixo era uma pequena peça de roupa inadequada de cor carmesim, uma espécie de calças compridas que se usavam por baixo da saia e que deixaria as partes privadas de uma mulher totalmente expostas.

Se Abigail estivesse a usar a indumentária, ficaria com a barriga e o rabo desnudos!

Perdida nos seus devaneios, Abigail rodopiou e de súbito as duas irmãs ficaram frente a frente. Olharam uma para a outra em silêncio, ambas a corarem, envergonhadas. Caroline *sabia* porque estava nervosa: fora apanhada a espiar. Contudo, não tinha a certeza da razão pela qual Abigail se sentia tão embaraçada, a menos que as suas suspeitas estivessem certas. Talvez *houvesse* um homem na vida de Abigail.

– Pensei que te ias embora sem dizer adeus – disse Abigail, simpática, como se Caroline não tivesse testemunhado nenhum comportamento anormal. Pousou o fato vermelho, sem tentar escondê-lo, mas também sem intenção que Caroline o visse ao pormenor.

– Vim aqui para isso – respondeu Caroline, tentando agir tão naturalmente como a irmã mais velha. Abigail saiu do quarto de vestir e foi para o quarto, onde guardou a peça vermelha na caixa com os restantes artigos vermelhos, colocando a tampa. Também cobriu as pretas.

– A Margaret já está pronta? – perguntou Abigail.

– Ela diz que sim – referiu Caroline e ambas se riram. A cunhada era a rainha dos atrasos.

Depois, um silêncio apoderou-se do momento, pelo que Caroline se esforçou por quebrá-lo com tato, decidindo perguntar o que estava morta por saber.

– Abigail... estás envolvida com alguém?

– O quê? – arquejou Abigail.

Os seus olhos ficaram de tal forma alarmados que Caroline percebeu logo que acertara, independentemente do que Abigail lhe

respondesse a seguir.

– Bem, meu Deus... – observou Caroline com cuidado –, olha só para essas peças que encomendaste a Madame LaFarge.

– Oh, isso... – desvalorizou Abigail, gesticulando na direção da cama como se não fosse importante. – São apenas uma brincadeira. Deixei que a Madame me convencesse a comprá-los quando passei pela loja dela. – Dirigiu-se para a cómoda e começou a reorganizar as coisas. – Não são apropriados. Acho que vou devolvê-los.

Talvez Caroline tivesse acreditado na mentira caso não tivesse visto a alegria da irmã transformar-se em tristeza e nervosismo.

– Podes dizer-me de quem se trata – implorou ela, calmamente.

– Não há ninguém – repetiu Abigail. – A sério.

– É o Edward Stevens? É por isso que tens receio de dizer?

Abigail forçou uma gargalhada.

– O que te faz pensar isso?

– As pessoas começam a reparar que vocês andam sempre juntos. Há boatos. Até a Margaret comentou...

– Isso é uma patetice. Somos amigos, nada mais.

– Então que outro cavalheiro te põe a dançar em frente ao espelho com a roupa interior?

Por um momento, e apenas um, Abigail revelou uma expressão tão desesperada que Caroline teve quase a certeza que ela ia admitir tudo. O que quer que estivesse a pesar na consciência da irmã parecia um fardo muito pesado, pelo que ela o descarregaria de bom grado.

No entanto, tão abruptamente como veio, o momento desapareceu quando ela esboçou um sorriso sereno.

– Por favor, Caroline! Como se eu te conseguisse esconder o facto de ter um *homem*! Mesmo que desejasse cometer um ato tão atroz como esse, como seria capaz de o esconder? – Ela dirigiu-se para a porta e avançou para o corredor, evitando eficazmente a discussão. – A tua imaginação anda muito fértil. Vamos descer, está bem?

Deixada sozinha no quarto de Abigail, Caroline não teve outra escolha senão seguir a irmã.

13

Abigail jazia na cama contra as almofadas, à espera de James. Tal como ele fizera anteriormente, também ela preparara o quarto de forma sedutora. Acendera velas e a lareira. Lá fora caía uma chuvinha miúda, atirando as gotas contra as janelas. Lá dentro, o ambiente era acolhedor, quente, confortável, um ninho de amor completo com vinho, guloseimas e uma mulher carente e ansiosa.

Escolhera o conjunto preto para o encontro e, antes de se deitar, observara-se durante muito tempo em frente ao espelho. James fora esperto, pensou, ao pedir-lhe que vestisse o fato escandaloso.

Só de olhar para o seu reflexo ficara agitada e excitada e James ainda nem sequer se lhe juntara. A roupa funcionava na perfeição, aumentando-lhe os níveis de agitação e antecipação, e ela não conseguia deixar de contemplar o quão mais excitante seria o encontro com a exposição do seu corpo.

Passou a mão pelo peito mal coberto e pela barriga, pousando-a na coxa nua. O tecido colava-se a si como uma segunda pele e ela adorava a forma como ele deslizava e lhe arrefecia as zonas mais quentes. Mal podia esperar para ver a expressão de James quando ele a visse com o fato de seda, ou para sentir os dedos dele a acariciá-lo, para cima e para baixo.

Na sua pressa de partir depois do encontro prévio, ele esquecera-se do seu precioso portefólio de imagens atrevidas e ela equilibrou-as no colo, folheando-as casualmente. Durante as lições sexuais, nunca tivera tempo para examinar as imagens, por isso, avançou para aquela onde James aparecia despido, observando o seu peito

peludo, o pénis ereto e a forma como Lily tão afetuosamente o acariciava. Todo o seu corpo tremeu perante o pensamento de que tinha chegado finalmente o dia em que ela lhe faria o mesmo.

Olhou para a imagem na diagonal, em seguida, avançou para aquela em que Lily estava a satisfazê-lo com a boca. Ele tinha uma das mãos na nuca dela, como se estivesse a guiá-la. O artista, Pierre, tivera realmente muito talento ao captar a emoção profunda, pois o agrado de James era bem notório. Ele olhava para Lily e observava os seus serviços com uma expectativa incrível.

Abigail pousou os olhos no ponto onde o pénis de James se encontrava com os lábios de Lily e reprimiu um gemido. Odiava ver James com outra mulher, contudo, apesar de desprezar o que via, sentia-se fascinada e extremamente excitada. Enojada consigo própria, não conseguiu parar de olhar, perguntando-se como teria sido – para James e para Lily – e esperando ter a hipótese de experimentar um pouco daquele prazer inegável.

Embora James não estivesse consigo como ela esperara, queria descobrir que aventuras atrevidas aguardavam o casal, por isso, passou rapidamente os olhos pelos outros desenhos. Passou pela imagem onde James chupava os seios de Lily, pela imagem onde os genitais de Lily eram vistos ao pormenor e pela imagem onde James estava posicionado entre as pernas dela, saboreando-a com a língua.

Colocou-as dispostas sobre a colcha até ficar cercada por um mar de imagens indecentes. Era indiscutível que tinha chegado a um novo território, ficando mais ou menos com uma ideia de como decorreriam as relações sexuais.

Lily estava deitada, de pernas abertas e, como um herói, James pusera-se entre as suas coxas afastadas, agarrando-a com força nas ancas, pronto para invadi-la. Lily olhava de forma possessiva para ele, com aprovação e afeto femininos, como se o incentivasse a prosseguir. Por seu lado, James escrutinava-a, confiante e seguro de si mesmo.

Inflamada, Abigail colocou a imagem na cama e olhou para a seguinte.

Os amantes tinham mudado de posição. James estava agora por baixo e Lily por cima. Estava sentada em cima dele, montando-o como um cavalo. Angustiada, tinha as palmas das mãos nas nádegas, os ombros inclinados para trás e os seios espetados para a frente. James cobria-os, com os polegares nos mamilos alongados.

Até ao seu ponto limite, deixou que a imagem a invadisse e a assolasse, contudo, por mais que tentasse desvalorizar a representação, não podia esquecer o facto de que via James a fazer amor com outra mulher. A exibição era extremamente excitante, de uma maneira que a incomodava. Queria pôr a imagem de lado, mas não conseguia.

A busca incessante por ligações mecânicas era uma faceta da personalidade de James que ela não era capaz de suportar, ainda assim, tinha de compreendê-la se quisesse conhecê-lo realmente. Magoava-a pensar que a sua vida de libertinagem o tivesse conduzido a associar-se a qualquer mulher que lhe desse a mínima indicação de interesse, no caso de Lily, a esposa de um amigo. Talvez ela só estivesse a enganar-se a si própria, todavia, recusava acreditar que ele preferia as relações insensíveis nas quais tão frequentemente caía.

Triste, continuou, vendo o casal numa outra pose. Mas quantas formas tinha o ato sexual? Pelo menos três, aparentemente!

O vigor da união aumentara com os amantes a aproximarem-se do final. Lily estava de gatas, como um animal. Tinha a cabeça inclinada, a testa nas almofadas, mordia o lábio inferior, à medida que os bonitos seios balouçavam livremente e os mamilos enormes roçavam a almofada do sofá.

James tomava-a por trás, com os dedos esguios contra a sua pele. O seu pénis encontrava-se junto à entrada dela, ereto e húmido. Apesar de a imagem não ter movimento, era fácil imaginá-lo a

mexer-se, atingindo-a sem piedade, tomando o que desejava e dando-lhe em troca mais do que ela podia suportar. O seu comportamento aparentava uma bela forma de desespero, o corpo tenso, entusiasta, triunfante.

Desgostosa, atirou as imagens para o lado com muita pena de James. Era alegadamente o especialista em homens, mulheres e nos seus atos, contudo, estava convencida de que o tipo de coisas que ele fazia com Lily só deveria ocorrer entre duas pessoas apaixonadas. Os pecados da carne eram demasiado dramáticos, pessoais e intensos para serem cometidos de forma casual.

Naquele preciso momento, ela decidiu que os seus encontros físicos se tornariam em acontecimentos que ele recordaria com alegria e agrado. Quando se separassem, queria que ele guardasse memórias ternas do caso, talvez que se lembrasse dele como a única vez em que fora realmente amado por uma amante. Ela não suportaria se, no final, ele a abandonasse como fizera com todas as outras com quem fornicara. Na verdade, era incapaz de contemplar o futuro, de pensar nas inúmeras mulheres que ele seduziria depois de si, ou de imaginar como ele a veria quando a recordasse.

Ouviu barulho lá em baixo. Ele chegara!

Pegou nas imagens espalhadas de forma caótica e esforçou-se por se recompor, suavizando as suas feições e enterrando as preocupações. Instintivamente, percebeu que ele viera para uma sessão de brincadeiras sexuais, pelo que não estaria com disposição para assistir a aborrecimentos emocionais. Já tornara claro, em inúmeras ocasiões, que não desejava que lhe falassem de assuntos externos. Do pai, da família ou das suas vidas fora daquele quarto.

Se ela fizesse uma referência ao seu estilo de vida, ele protestaria com a invasão da privacidade à medida que insistia, como fazia habitualmente, que não se podia portar de outra maneira por não ter escrúpulos e por ser depravado. Se ela insistisse demasiado, ele seria capaz de se ir embora e a sua noite encantada ficaria

arruinada, uma catástrofe que nunca perdoaria a si própria. Por isso, teria de guardar as dúvidas só para si.

A porta do quarto abriu-se e James entrou. Acompanhado de uma vaga de frio. Com uma atenção minuciosa aos pormenores, ela reparou que ele se livrara do casaco e dos acessórios, que tinha as roupas secas e que o seu cabelo estava húmido. Conseguiu sentir o cheiro da chuva na sua pele. Pensou em ir ter com ele, em cuidar dele enquanto ele se secava em frente à lareira. Contudo, quando fez menção de se levantar, James deteve-a.

– Não te mexas – disse ele, com a voz rouca de desejo. – Deixa-me olhar para ti.

Aproximou-se da beira da cama. Começando pelos pés dela, com os sapatos pretos, fez uma viagem visual avaliando-lhe as meias, as ligas, as coxas nuas. Demorou-se no V entre as suas pernas, depois, prosseguiu para a barriga, costelas, seios e parou nos mamilos. Deu a cada um uma atenção especial, demorando-se enquanto eles endureciam e ficavam doridos. Só depois continuou. Em direção ao peito, ao pescoço e à boca. Só quando o seu olhar pousou no dela é que ele hesitou. Franziu o sobrolho.

– O que se passa? – perguntou ele, repetindo a mesma pergunta que fizera uma vez antes de entrar.

Apesar de ela ter cuidadosamente disciplinado as suas emoções, ele conhecia-a já muito bem. Conseguia ler o seu humor como ninguém, e ela sentiu-se grata, mas nervosa. Como podia agir de forma natural quando ele levara a conversa para outro patamar sem que ela se apercebesse do que estava a ocorrer?

– Nada – mentiu ela. – Estava só a pensar em ti. Quer dizer, à tua espera – corrigiu.

Ele concentrou-se no portefólio de cabedal ao lado dela, no colchão.

– Estiveste a ver as imagens.

– Sim.

– Perturbaram-te?

– Não muito.

Dando a volta à cama, ele sentou-se ao lado dela, com o peso a afundar-se e fazendo-a deslizar para si. Rodeou-a com os braços.

– Nunca me deves mentir – disse ele, com firmeza. – Sei quando me mentes. – Encurtando a distância, deu-lhe um beijo casto. Depois, afastou-se e agarrou no portefólio. – Vamos lá ver o que tanto te perturbou.

Ela não seria capaz de suportar um segundo exame das interações dele com Lily, por isso, colocou a mão em cima da dele, prevenindo a sua tentativa de o abrir.

– Não consigo ver mais. Não gosto de te ver... – Hesitou. Qualquer que fosse a desculpa que usasse, iria sempre parecer possessiva.

– Com outra mulher? – Acabou ele por ela.

– Exatamente. Não gosto nada.

– Fico contente – disse ele, suavemente, espantando-a muito. Beijou-a uma segunda vez, depois abraçou-a e deitou-a sobre o peito. – A Lily era minha amiga, mas as coisas que fiz com ela... não significaram nada. Os homens são assim. E ela também era.

– Mas é disso que eu não gosto – explicou ela. – Não gosto de saber que és capaz de ter relações sexuais com ela, com outra mulher, e comigo, como se eu não tivesse nenhuma importância para ti.

– Oh, querida... – Ele riu-se e roubou-lhe outro beijo. – É isso que pensas que eu ando a fazer?

– Sim – suspirou ela – e assusta-me.

– Eu gosto de ti, Abby – jurou-lhe ele, gentilmente. – É por isso que isto é tudo tão perigoso, porque tenho trabalhado para abrandar o processo. Não consigo determinar como vai acabar. Quando estou contigo, eu... eu...

Apesar de ele não ter sido capaz de terminar o comentário honesto, ela ouvira o suficiente. O suficiente para ter esperança. O suficiente para sonhar. O suficiente para amá-lo ainda mais. Mesmo

que ele nunca encontrasse a coragem para admitir os seus sentimentos mais profundos, ela já tinha ouvido o bastante.

Pousou a palma da mão no rosto dele. Barbeara-se, a sua pele estava macia e suave e ainda fria da rua.

– Mostra-me o que queres dizer.

– Com prazer.

De imediato motivado com a proposta, beijou-a deliberadamente. Como sempre acontecia entre eles, o fogo ateou-se rapidamente. Sem quebrar o contacto, ele encostou-a às almofadas e pôs-se em cima dela, cobrindo-a com o seu peso e com o tecido áspero das suas roupas. Aconchegou-se debaixo do queixo dela e mordiscou-lhe a garganta.

– Obrigado por usares o meu presente – disse, parecendo subitamente tímido e envergonhado.

A sua voz tinha um tom melancólico, pelo que ela não pôde deixar de pensar que ele lhe dera a *lingerie* para provar a si mesmo que ela a recusaria.

– Adoro-a – respondeu. – Como poderia não adorá-la?

Como resposta, ele voltou a mordiscar-lhe o pescoço.

– Ficas linda com ela. Tão linda como eu pensava.

Ele deitou-se de costas, arrastando-a consigo e fazendo-a ficar deitada sobre si, com os seios na sua cara. Ele agarrou-os, apalpou-os e apertou os mamilos rijos. Fê-la gemer com um mínimo esforço. Elevando-a ainda mais, levou o mamilo à boca e chupou-o através da seda. Dentes, língua e tecido combinaram para torturá-la.

Enquanto brincava com os mamilos hirtos, acariciava-lhe as costas, pelo que Abigail começou, ela própria, a fazer algumas manobras. Seguindo a indicação dele, imitou-o na forma como lhe tocava.

Hesitante no início, afagou-o e acariciou-o e ele respondia a tudo. As suas reações guiavam-na, pelo que Abby rapidamente compreendeu que era mais fácil perceber o que ele gostava pela maneira como ele se contraía, gemia ou a abraçava com mais força.

Chegando à conclusão de que ele tinha roupa a mais, ela afastou-se e equilibrou-se nas coxas, demorando-se o mais possível e deixando que a antecipação aumentasse enquanto lhe desapertava os botões e lhe desprendia a camisa. James recostou-se nas almofadas, observando, desfrutando da atenção, acariciando-lhe as ancas, a barriga, as costelas, os seios. Os seus dedos nunca estavam parados, ocupavam-se sempre de alguma tarefa tátil.

Ela também não estava quieta. Despindo-o como se ele fosse uma criança, lutou com a bainha comprida e com os botões de punho até conseguir finalmente tirar-lhe a camisa. O seu magnífico peito era uma autêntica visão e ela explorou-o de forma meticulosa, desvendando montes e vales até ficar familiarizada com todos os centímetros da sua pele.

Atraída pelos seus grandes mamilos castanhos, arrastou a unha por um deles, transformando-o numa pequena e firme saliência. Beliscou-o, incapaz de acreditar que o tinha sob o seu poder tão depressa.

– Gostas disto, não gostas?

– Muito.

Ele praguejou, com os dentes cerrados, quando ela se dirigiu para o outro mamilo e começou a manipular os dois ao mesmo tempo, tal como ele fazia com os dela.

Ela estudou-o cuidadosamente e analisou as suas respostas, até se inclinar e chupar uma das pontas com a boca. À medida que os seus dentes o mordiscavam, foi recompensada com o sibilar violento que a respiração dele deixava escapar. Ele aproximou-a de si, abraçando-a enquanto ela se deliciava com o seu sabor, cheiro e prazer.

Que coisa maravilhosa era aquilo – aquele ato de amor! E pensar que negara a si mesma tal prazer durante tantos anos! Mas não tinha compreendido... Ninguém lhe tinha dito... E também não conhecia James. Fora ele quem inspirara aquela paixão envolvente. Que alegria! Estar em cima dele! Partilhar o seu corpo com ele!

Beijou-lhe o peito e a barriga, descendo devagar até ao umbigo. Depois... deu com as calças. Baixando-se ainda mais, enterrou-se contra a protuberância, o monte desnivelado, os sacos redondos, esticando o tecido para delineá-lo melhor.

Os seus dedos agarraram no botão de cima, contudo, antes de desabotoá-lo, a mão dele agarrou a sua, detendo o movimento. Ela olhou para cima, para o seu lindo rosto.

– Tens a certeza? – perguntou ele, lembrando-a subtilmente de que, se desapertasse o primeiro, todos os outros se seguiriam.

– Sim.

Ele elevou-se e passou o polegar no lábio inferior de Abigail.

– Se desapertares as calças, posso não ser capaz de me controlar. Vou tentar, mas...

Ela interrompeu-o.

– Não te inibas por minha causa. Quero experimentar tudo, James. É por isso que aqui estou.

– Tenho medo que não percebas... que... bem... – Hesitou. Depois, prosseguiu. – Até acabarmos, podes não compreender tudo o que me irás dar. E, depois, pode ser tarde de mais para voltar atrás ou para resolver as coisas.

– Sou adulta. Capaz de decidir sozinha.

– Eu sei. Odiaria que te arrependesses, no final.

– Independentemente do que fizermos, nunca me arrependeria de nada.

Ele olhou-a durante um longo período de tempo, avaliando a sua determinação. Pelos vistos isso bastou. Ele próprio desabotoou o primeiro botão, concedendo-lhe, assim, a sua permissão. Em agonia, colocou mais almofadas debaixo da cabeça para poder observá-la. Apesar de tentar parecer desligado e ausente, parecia frágil como vidro, delicado e quebrável, como se se pudesse partir em mil pedaços.

Ajoelhando-se no centro de James, ela desapertou os botões devagar, desejando que a ansiedade dele aumentasse. O último foi

finalmente aberto e o tecido ficou solto em redor das suas ancas estreitas. Ela sentou-se, quieta, sem saber bem o que fazer.

Apercebendo-se da sua consternação, ele pegou-lhe na mão e enfiou-a lá dentro.

– Acaricia-me – disse. – Assim. – Com os seus dedos a agarrarem os dela, colocou-os à volta do seu pénis.

– Oh... – Ela ficou espantada com o tamanho. Ele era tão grande que o seu pulso mal conseguia rodeá-lo. Tinha a pele de fora quente, macia e flexível, mas, por baixo, estava duro como ferro. A pulsação dele latejava-lhe na mão e a sensação exótica atravessou repentinamente a sua palma, subindo pelo braço e pelo peito, onde se conectou com a sua própria palpitação. Os dois órgãos independentes batiam, juntos e ao mesmo ritmo.

Incapaz de aguentar o *suspense*, ela afastou o tecido, querendo vê-lo, precisando de vê-lo. À medida que ele se foi revelando, ela pensou que nenhum retrato seria capaz de o reproduzir fielmente.

O seu pénis era uma criatura anormal. Comprido, grande, sólido, coberto de veias salientes, apontava na sua direção, reagia de imediato ao seu mais pequeno movimento e ansiava pela manipulação como se tivesse vida própria.

– Acaricia-me – ordenou ele, guiando-a até ela apanhar o ritmo por si própria. – Aperta-me, também. Gentilmente a princípio e mais forte no final. E a ponta... – perdeu o fôlego quando o dedo dela sacudiu a ponta agitada e alongada –, é a parte mais sensível. Acaricia-a sempre. Assim terei uma estimulação maior.

Ainda pairando no meio das ancas dele, ela massajou-o durante um longo período de tempo, testando diferentes velocidades e pressões. Ele aceitou tudo, corajoso, ficando cada vez mais tenso. A sua abertura começou a verter um fluido de cor clara, pelo que ela se deteve.

– É a tua semente?

– Não. – A sua voz estava rouca e ofegante. – É apenas humidade. Significa que a minha semente está quase a chegar.

Excitada com as notícias e expectante em relação ao que se seguiria, ela inclinou-se para baixo e fez o que ansiava fazer desde que vira, pela primeira vez, as incríveis imagens de Lily. Começando pela base, passou a língua pelo comprimento dele, terminando no vértice húmido, onde lambeu todo o líquido que ele derramara. Contudo, mais se seguiu. Incapaz de resistir, apertou-o na boca. Sabia a calor, sal e suor.

Apesar de ele se ter esforçado valentemente por permanecer quieto, a imobilidade era impossível. Por isso, deteve-a e fletiu-se, oferecendo-lhe apenas a extremidade e, depois, cada vez mais. Ela aceitou de bom grado tudo o que ele lhe deu, intrigada pela sua estranha exibição física. Havia algo de muito satisfatório em tê-lo à sua mercê daquela maneira. Tinha muita autoridade! Parecia que o tempo parara, que nada mais importava a não ser a sua boca no pénis dele.

Mudou a atenção para os sacos macios. Eram duas bolas compactas, cobertas por pele de seda mais delicada do que a sua. Ela pegou-lhes, afagando-as à medida que os lábios e a língua continuavam a atacar-lhe o pénis.

Sem aviso prévio, James agarrou-a e puxou-a para o lado. Um brilho de transpiração reluzia-lhe no abdómen e no peito; o seu coração batia tão furiosamente que ela conseguia vê-lo a vibrar contra as costelas. Era óbvio que ele exigia uma paragem imediata, contudo, todo o mundo de Abigail se resumira ao intenso tormento carnal que estivera a infligir, pelo que não queria parar. Voltou a agarrar-lhe o pénis, mas ele afastou-a novamente.

– Espera, Abby! – Apesar de o seu tom ser tenso e forçado, ela não fez caso das suas palavras e voltou a lamber-lhe o sexo, deleitando-se com a forma como o seu pénis saltava e inchava. Ele praguejou, puxando-a para os seus braços e enterrando o rosto na sua nuca. – A tua primeira vez, queria que fosse... – Parou, gemendo e parecendo com dores. – Oh... não consigo aguentar por muito mais tempo!

– Então, não o faças... – retorquiu ela.

O corpo dele estava a comportar-se como o seu, quando ele a provocara sexualmente. Embora estivesse muito próximo do final, ela não compreendia o quão bem tinha desempenhado a sua tarefa. Pelos vistos, destruíra o precioso autodomínio dele. Enquanto ali estava estendido, a observá-la estoica e escrupulosamente, não se sentira, nem de perto nem de longe, tão desprendido como quisera parecer.

– Fode-me – disse ele, rudemente. – Fode-me com a tua mão. – Rápido, pegou na mão dela e colocou-a à volta do seu falo ardente.

Depois de apenas algumas carícias, as suas ancas elevaram-se. Ele emitiu um gemido que ressoou contra a pele e os ossos dela. Um líquido quente e misterioso espalhou-se pela sua barriga e ele abraçou-a tão fortemente que ela temeu que lhe pudesse partir uma das costelas, caso não relaxasse. No momento em que ela percebeu ser incapaz de suportar a enorme pressão que ele fazia, os músculos de James descontraíram-se, o aperto ficou mais leve e a sua carne amoleceu.

Em silêncio, ele abraçou-a, beijou-lhe o peito e o pescoço até encontrar os lábios ansiosos. Com ternura, fez amor com a boca dela e ela aceitou a sua língua, acariciando-a também com a sua. Quando se separaram, permaneceram deitados lado a lado, com a respiração acelerada e os corações a baterem ao mesmo ritmo. Ele olhou intensamente para ela, com afeto.

Próximo do amor, pensou ela, contudo, com um homem daqueles, quem poderia adivinhar?

– Não te magoei, pois não? – perguntou ele.

– Não – disse ela, calmamente, deleitando-se com um beijo próprio.

– Sinto-me tão atraído por ti... Deixas-me tão excitado...

Ele não conseguiu acabar a frase, independentemente do que quisesse dizer. Ou talvez não existissem palavras suficientes para descrever os seus sentimentos verdadeiros. Quanto a ela, sentia

que absolutamente nada poderia tê-la preparado para aquele momento íntimo. Esticou o dedo e desenhou um círculo na barriga dele, explorando os vestígios de líquido. Em seguida, colocou a palma por cima, deixando que a sua essência pegajosa lhe colasse a mão ao ventre dele.

– É a tua semente?

– Sim.

Explorou-a com o dedo, colocando um bocadinho na boca. O sabor era único. A calor, a sal e a ele.

– O que te parece? – perguntou ele.

– Delicioso – respondeu ela, fazendo-o rir. No entanto, o riso curto desvaneceu e o silêncio voltou a imperar.

Estranhamente, ele parecia alterado, demasiado afetado com a intimidade que se permitira ter com ela. Parecia novo e inocente e, embora fosse difícil acreditar que um homem com a sua riqueza e experiência de vida ficasse assim, a verdade é que ele tinha um ar muito vulnerável, como se se tivesse exposto de uma forma que nunca quisera.

– Estou muito contente que me tenhas ensinado – disse ela.

Ele ofereceu-lhe um daqueles seus sorrisos sem os quais ela, começava agora a perceber, não conseguia viver.

– Não tive muita alternativa – respondeu ele. – Tu, minha querida, és fatal.

Ela agradeceu o elogio da mesma maneira provocadora com que foi dito, contudo, ao estarem deitados, a intimidade cresceu. Estudando-lhe os olhos, espreitando para o âmago dele, ela reconheceu o que tinha mudado. A sua raiva feroz e distância imposta já lá não estavam. Era quase como se o simples ato de se despir fosse uma confissão – do seu estado emocional? Da sua aceitação daquela relação? – que não podia proferir em voz alta.

Parecia uma boa oportunidade para ser sincera. Naquele momento, ela podia dizer o que quisesse que ele não se importaria, por isso, avançou com coragem.

– Se tivesses estado dentro de mim, podíamos ter gerado um bebé.

Ele pousou a mão na barriga dela, imaginando de forma clara como seria ter o seu bebé aninhado ali.

– Far-te-ia feliz carregar um filho meu? – perguntou ele.

– Muito. Gostaria de dar-te um filho. Alguém que fosse gerado assim... com esta alegria e... – ela quase disse *amor*, mas deteve-se, mudando o termo para – felicidade. Seria uma criança muito especial. Eu sei...

Ela sentiu-se roubada, como se a criança tivesse estado ali, mas depois acabasse por se perder devido à incapacidade que os dois tinham em encontrar o caminho apropriado. Os seus olhos encheram-se de lágrimas e uma acabou mesmo por escorrer-lhe pela face. Ele limpou-a com o polegar, segurou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-lhe as pálpebras.

– Não chores, querida – murmurou. – Há coisas que não estão destinadas a acontecer.

– Mas isso não quer dizer – ela engoliu em seco para manter as emoções controladas – que eu tenha de parar de o desejar.

– Pois não – concordou ele, suspirando e chegando-a mais para si.

14

James foi para trás do biombo que se encontrava discretamente posicionado do outro lado do quarto. Havia uma bacia, um jarro com água e uma toalha. Molhou a toalha e voltou para junto de Abby. Só de vê-la deitada e a espreguiçar-se nos lençóis fez com que ficasse novamente excitado.

Não tivera a intenção de vir-se em cima da barriga, não quisera que a primeira vez dela com um homem acontecesse daquela maneira. Na verdade, ao chegar, esperara não ter de fazer nada, esperara que a sua participação fosse mínima, além de lhe dar prazer. No entanto, como sempre acontecia na presença dela, não conseguiu resistir à espiral de desejo. Quando ela se ajoelhou diante de si, envergando a peça de roupa erótica que ele escolhera, e brincou com ele, usando habilmente as mãos e a língua, ele foi assolado por uma onda de paixão incontrolável.

Apesar de o orgasmo lhe ter aliviado alguma pressão sexual, ela titilava os seus sentidos como nunca nenhuma outra mulher fizera, pelo que James era incapaz de não a desejar de novo. Se continuasse com aquele nível de estimulação toda a noite, como estaria de manhã? Será que a excitação nunca mais cessaria?

– Sentes-te bem? – perguntou ela, como uma cortesã profissional que passara anos a satisfazer clientes.

– Bastante melhor. – Ele tivera receio de que ela pudesse ficar incomodada ou enojada com o seu final, no entanto, parecia ter lidado muito bem com a situação. Como era uma novata nos jogos

do amor, ele tinha a intenção de ser paciente, contudo, os acontecimentos progrediram de uma forma que ele nunca esperara.

– Fico tão excitado contigo que perco o controlo. Espero que a libertação que acabei de ter me impeça de me comportar como um ogre.

– Ficas *rabugento* quando estás numa situação carnal.

Ela reparava depressa nos pormenores mais insignificantes!

– É um problema masculino. A tensão sexual não libertada pode ser... dolorosa.

– Bem, *deixa-te* mesmo insuportável. – Parecia deliciosa, madura e pronta para o que viesse a seguir. – E devo dizer-te que não gosto nada do teu mau humor, por isso, tens de me deixar aliviar-te sempre que ele aparecer.

– Não achaste a minha... descarga... perturbadora?

– De todo. Porquê? Algumas mulheres acham?

– Às vezes. As mais inexperientes podem ficar... digamos... impressionadas?

– Pelos vistos, eu não fiquei. – Lambeu os lábios como um gato contente. – Gostei particularmente de te ter na minha boca.

Ele gemeu e passou a mão na ereção pronta. Criara um monstro!

– Minha senhora – ofereceu ele, galanteador –, o meu corpo está à sua disposição.

– Isso significa que terei direito a um *encore*? – Estava ansiosa, como uma criança que acabara de ver o seu doce preferido.

Ele riu-se.

– As vezes que eu conseguir.

O olhar libidinoso que ela lhe deu valia todas as incertezas. Pegou na mão dela e limpou todos os vestígios da sua semente. Em seguida, limpou-se a si próprio. Ela observava-o com atenção e, quando ele agarrou no seu pénis e começou a lavá-lo, ela apressou-se para a beira da cama.

– Deixa-me fazer isso. – Pegou na toalha e lavou-o, o que só o fez inchar ainda mais, preenchendo-lhe completamente a mão. – És tão

bonito – disse ela, sorrindo-lhe com uma devoção clara nos olhos verdes. – Adoro ver-te assim.

Acabou. Depois, pousou a toalha no chão e aconchegou a face no monte de cabelo áspero que lhe rodeava o pénis e os testículos. Ele permaneceu quieto, a olhar para ela, incapaz de parar de pensar que ela admitira que gostaria de ter um filho seu.

No passado, ele sempre tivera relações sexuais pelo alívio físico sem nunca se preocupar muito com as parceiras. Não tinha ilusões em relação ao tipo de mulheres com quem estava: o seu óbvio aborrecimento fazia parte da excitação. Elas ficavam fascinadas com a sua falta de atenção e davam-lhe as boas-vindas às suas camas por diversas razões: para poderem gabar-se de o terem tido, para ficarem a saber como era ou para comentarem com as outras as coisas que ele fizera. Ele consentia tudo apenas pelo alívio que lhe proporcionava, mas também por ser uma ótima maneira de passar as horas mortas.

Nunca pensara na hipótese de ter filhos com uma delas! E nunca sentira impulsos paternais. Nem durante os encontros mais intensos e agressivos fornicara a pensar que poderia gerar uma criança. Era sempre prudente, recusava-se a procriar ou a acabar com uma das suas amantes por causa de uma falta de cuidado tão flagrante.

Mas quando Abby mencionara um bebé... A sua declaração instigara um rodopio de ideias perigosas.

Um bebé! Com ela! Um elemento antigo e primitivo gritou-lhe que a *fecundação* era exatamente aquilo que ele devia tentar. Já não podia iniciar os jogos de cama por desporto; agora havia um objetivo claro na proeza do acasalamento. Ela tinha de carregar o seu bebé!

Com um desejo louco, desejou segurá-la e fodê-la até ela ficar tão preenchida com a sua semente que o resultado não poderia ser outro. A ideia era selvagem, feroz, rebelde, e ele não podia arriscar-se a despir mais nenhuma peça de roupa, pois de certeza faria amor com ela e, pela primeira vez, não sabia se seria capaz de se afastar no final.

Pela primeira vez na sua vida, *desejava* com um desespero tão incrível como desconcertante. Não se atrevia a fechar os olhos, pois, quando o fazia, só via crianças. Meninas adoráveis, com o cabelo louro e a personalidade de Abby. Rapazes reguilas, com corpos desengonçados e atitude autoritária. Conseguia vê-los tão bem como se estivessem ali.

Aquela ansiedade era terrível e ameaçadora, mas, mesmo quando pensava assim e entendia que tinha de lutar contra a ideia e contra tudo o que ela pudesse fazer surgir, Abby estava a despir-lhe o resto da roupa e ele a ajudá-la. As botas, meias, calças. Com a perda de cada peça, ele deixou-a acariciá-lo e afagá-lo, enquanto ouvia os seus virginais oohs e aahs. Contudo, o seu comportamento não tinha nada de inocente; era uma mulher decidida a seduzir e sabia exatamente o que fazer.

Quando a última peça de roupa foi removida, ela recostou-se na cama e ele caiu consigo, com o corpo entusiasmado e a mente resistente. Ainda assim, à medida que se esticava e colocava os braços à volta dela, não conseguiu manter-se distante nem desligar-se como fazia sempre durante as suas ligações eróticas. Ansiava demasiado pelo momento e, de forma muito surpreendente, não apenas pelo ato propriamente dito. Se ficassem apenas abraçados, aos beijos e a falar, ele iria para casa com um sorriso de orelha a orelha.

– Tenho de te fazer uma pergunta – disse ela. – Promete que não ficas zangado.

– Podes perguntar-me o que quiseres, Abby – declarou ele. – De certeza que sabes isso.

– Sim, mas isto é pessoal e disseste-me que não fizesse perguntas deste tipo...

Dissera?

Sim, no início, quando ficara tão perturbado com as suas emoções indescritíveis que ela lhe provocava que não soubera o que responder. A distância fora sempre o método que usara com as

amantes, mas, com Abby, não conseguia fingir desinteresse. Como um pateta, estava sempre à caça de notícias sobre ela e a sua conduta tornara-se tão digna de dó que, quando ia ao clube, era frequente beber em excesso nas salas de jogos, mantendo-se perto de Jerald Weston ou dos seus conhecidos, sempre que Jerald comia fora ou visitava as amantes.

Como ouvia poucas vezes o nome de Abby, a mínima referencia a ela fazia-o babar-se como um cão perante um osso. Apesar de insistir para não partilharem informação pessoal, na verdade, era imperativo que soubesse tudo em relação a ela, até ao mínimo pormenor.

Mas com que objetivo?, era a questão que se colocava e, para variar, ele ignorou-a. Não deixaria que essas preocupações perturbassem aquela ocasião especial. O que quer que Abby quisesse aprender, ele ensinar-lhe-ia.

– Desculpa ter dito isso – murmurou ele. – Pergunta o que quiseres.

– Estava a pensar no teu meio-irmão, Charles. Conhece-lo?

– Não. – Ele escondeu bem a sua surpresa. Esperara algo sobre o pai. Talvez a mãe ou Michael. O clube. A casa. – Nunca me foi permitido conhecê-lo – acrescentou com mais amargura do que intencionava.

Charles Stevens, o *outro* filho que recebera tudo – uma vida com o pai deles e todo o respeito e reconhecimento que isso aportava – fora um espinho constante ao longo dos anos, picando-o de forma irritante nos momentos inoportunos quando James fora suficientemente idiota para lamentar a injustiça do mundo.

Não desejava mal ao rapaz; só nunca pensava nele, pois a sua existência era a prova viva do tipo de homem que Edward Stevens era e do modo como falhara com a sua família.

– Tinha tanta esperança – comentou Abby – que tivesses uma opinião sobre ele.

– Porquê? – Não conseguiu evitar um laivo de curiosidade.

– Ele tem estado a cortejar a minha irmã Caroline e ela está encantada com ele.

– Poderão vir a casar?

– É, sem dúvida, uma possibilidade e gostaria de saber mais acerca do seu caráter antes que isto se desenvolva.

James deitou-se de costas, colocando o braço em redor dos ombros dela e o movimento permitia-lhe mantê-la próxima e olhar para o teto, em vez de para os olhos dela.

A informação era bastante desconcertante e ele lembrou-se de um miúdo de rua que vira uma vez. Este tinha estado a olhar para a montra de uma padaria e para as guloseimas ali expostas, sabendo que nunca poderia comprar nada do que via.

James compreendia agora exatamente como o rapaz se sentira.

Assolado por uma onda súbita de ressentimento, odiou Charles Stevens, o meio-irmão rico e privilegiado que nunca conhecera. Porque é que Charles havia de ter tudo, quando James e Michael não tinham tido nada? Charles podia cortejar e casar com uma das irmãs Weston, mas James tinha de se encontrar às escondidas com a outra. Se fossem apanhados, a vida dela estaria arruinada devido, somente, à circunstância do seu nascimento. Nem sequer podiam murmurar um *olá* um ao outro caso se vissem na rua.

Durante bastante tempo, ele examinou uma fenda na parede enquanto lutava contra o seu rancor. A má relação com Edward e Charles nunca o preocupara muito, contudo, desde que começara o *affair* com Abigail, não conseguia suportar as censuras sociais que o declaravam inferior a ela. Ter a consciência disso fazia despertar sentimentos de mágoa há muito adormecidos, nomeadamente a perda e o abandono que continuava a sentir desde aquela noite em que a mãe o acordara para fugirem para Paris.

Tinha trinta anos, era um homem adulto com um negócio florescente, uma bela casa e um rendimento substancial e estável. Ainda assim, as feridas profundas doíam-lhe de vez em quando como se tivessem acabado de ser feitas.

Apercebendo-se da sua angústia, Abigail fez-lhe festas na zona do coração como se soubesse exatamente onde lhe doía.

– Porque te magoa tanto falar sobre o Charles? Sobre o teu pai?

– É uma velha história, Abby – disse ele, mas ela recusou-se a deixar morrer o assunto.

Mudou de posição até ficar deitada em cima dele, cobrindo-o com o corpo, mas ele teve a sensação de que ela também o protegia com a sua força e o seu amor.

– Podes contar-ma?

– Quando eu era jovem, idolatrava o Edward. Ele era o maior e o mais maravilhoso pai que qualquer rapaz gostaria de ter. Era espetacular... Maior do que a vida... – disse ele, sempre com os olhos pregados ao teto. Franziu o sobrolho, lembrando-se de cada instante. – Quando vivíamos em Paris, tinha a certeza de que ele iria ter connosco. Durante anos... anos!... a primeira coisa que eu fazia quando acordava era ir até ao quarto da minha mãe e espreitar lá para dentro, imaginando que esse seria o dia em que o veria de novo com a nossa família.

Fazendo uma pausa, riu-se perante a nostalgia repentina. Não acreditava que lhe confessara tanto e abanou a cabeça.

– Meu Deus, tinha-me esquecido completamente disto. Procurei-o até aos doze, treze anos...

– O que te fez desistir? – perguntou ela, curiosa.

– Comecei a procurar raparigas. – Ela deu-lhe uma cotovelada nas costelas e ele abraçou-a com mais força. – Era mais divertido do que chorar pelos cantos.

– O teu pai sente imensos remorsos por causa disso tudo.

– É fácil para ele dizer isso agora. – Soou mesquinho e rancoroso, mas foi incapaz de se conter. – Ele disse mesmo isso?

– Sim. – Ela assentiu com a cabeça. – Inúmeras vezes. Arrepende-se amargamente de não ter mantido os laços com Michael.

– Tem muitos outros filhos. Porque é que o Michael é assim tão importante?

– Todos os filhos são especiais para ele. Mesmo os que deixou para trás – disse ela, com ternura.

– Então sempre teve uma maneira muito estranha de o mostrar. – Levantando-se, caminhou pelo quarto em busca da comida e do vinho que ela levara. Estava nu e ela observava-o enquanto ele andava de um lado para o outro. Ele gostava da sensação dos olhos dela, da sua curiosidade ávida e da sua falta de inibições virginais.

– Já alguma vez falaste com a tua mãe sobre a separação deles?

– Várias vezes. Porquê? – Mordiscou pedaços de queijo e serviu-se de um copo de vinho.

– Curiosidade. Sei que não gostas do teu pai, mas...

– Eu nunca disse isso – interrompeu ele. – A nossa relação é complicada. Existem muitas coisas por resolver.

– Desculpa. – Ela deu palmadinhas no espaço vazio a seu lado, encorajando-o a voltar. Ele regressou de bom grado, apesar de ela insistir em abordar aqueles assuntos difíceis. – Tenho saído muito com o Edward ultimamente e ele não me parece o tipo de pessoa que faria algo tão horrível à tua mãe e a vocês. – Pegou no copo de vinho enquanto ele se acomodava a seu lado.

Como duas pessoas casadas, pensou ele. *Habituámo-nos a partilhar a mesma cama*.

– Gostava apenas de saber – afirmou ela – a opinião que a tua mãe tem dele.

– Ela sempre lhe guardou afeto. E lhe foi fiel. Nunca a ouvi dizer nada de negativo sobre ele. – Mudou de posição, procurando ficar confortável, no entanto, no meio da conversa cândida, não conseguiu. – Aliás, raramente falamos dele. Desde cedo que isso sempre a magoou e, por isso, eu e Michael decidimos nunca mencionar o seu nome.

– O que achava a tua mãe disso?

– Não sei... – afirmou, pensativo, esforçando-se para se lembrar. – No princípio, ela estava tão triste que nem sequer reparava. Acho

que mais tarde se convenceu de que a ausência dele só fez com que deixássemos de ter saudades dele.

– Que triste. Para todos vocês.

Ela suspirou de forma tão sentimental que ele ficou com um nó na garganta. A emoção chocou-o abruptamente. Fora de facto triste, trágico, até, mas ele passara tantos anos zangado que não se apercebera da tristeza pela qual todos passaram. Essa noção era um peso enorme que enchia o quarto, pressionando-o e afogando-o num dilúvio de memórias antigas e reflexões amargas.

Não queria desperdiçar um segundo que fosse do encontro imerso em acontecimentos anteriores. Pertenciam ao passado. Tinham acabado. Não podia mudar, nem alterar o passado, mas os tormentos familiares estavam perto da superfície e ele não conseguia ultrapassá-los sozinho. Gostaria que Abby o aliviasse um pouco, na esperança de que ao amanhecer parecessem menos negativos.

Ele levou o copo de vinho aos lábios dela, ajudando-a a beber um gole. Depois, pousou-o na mesa de cabeceira ao lado da cama. Quando se voltou para Abby, ela abriu os braços e deu-lhe um forte abraço. Quase grato, ele agarrou-a, aconchegando o rosto no cabelo dela, inalando o calor e a fragrância da sua pele.

– Aborreci-te outra vez – murmurou ela, beijando-lhe o pescoço e o peito.

– Não, não estou aborrecido. Quer dizer, não contigo. Só que às vezes é difícil pensar na minha infância.

– Detesto ver-te sofrer – disse ela, suavemente. – Deixa-me consolar-te.

Nunca tinha ido para a cama com a mulher com o objetivo de obter consolo. Não se conseguia lembrar de uma única ocasião em que desejara mais do que o alívio temporário que o orgasmo lhe dava. Estava prestes a fazer amor com uma mulher que adorava e isso assustava-o. Aquele acontecimento único e singular tinha de ser destacado de todos os outros que ela teria no futuro.

Foder e amar ao mesmo tempo! Como era bizarro nunca ter pensado que tal fosse possível.

Começou por beijá-la, simplesmente porque ela tanto gostava disso. No passado, nunca gostara muito de beijar, sempre mais preocupado em avançar sem rodeios e as suas amantes cansadas e sofisticadas não se importavam com isso. Também elas ansiavam por aspetos mais diretos nas relações sexuais. O tempo fora sempre um elemento. O lugar, igualmente. Tendo em conta o tipo de sítios onde ele já tivera relações sexuais – carruagens, armários, vãos de escadas – beijar nunca fora uma prioridade, nem um objetivo.

Com Abby, descobria um método totalmente diferente de fazer amor. Sentia prazer em vê-la feliz, em deleitar-se com a sua companhia, em experimentar as mudanças progressivas que a satisfaziam e descontraíam enquanto a preparava para o que se seguiria.

Era um novo território, a exposição de todas aquelas camadas de paixão, dos pequenos prazeres disponíveis com a mulher certa. Ele próprio se sentia virgem. Porque é que nunca desfrutara das pequenas alegrias e procurava sempre o resultado final? Começava a considerar que os preliminares eram tão agradáveis como o fim.

– Os teus lábios foram feitos para serem beijados – disse ele, libertando-se.

– Achas mesmo? – Ela corou e sorriu.

– Sim, acho. – Para reforçar a ideia, ele beijou-lhe o nariz, a bochecha e a testa.

– Sinto o mesmo em relação à tua – declarou ela –, mas como és o único homem que beijei, não tenho termo de comparação, por isso não te envaideças.

– Vou tentar não fazê-lo – disse ele, com ironia – e não te atrevas a ir em busca de comparações. – A afirmação foi feita em tom de brincadeira, como ele pretendera, no entanto, ficou espantado com a possessividade do comentário. Nunca se interessara por saber se as suas amantes tinham outros homens ou não. As suas condutas

supérfluas simplesmente não tinham importância. – Não quero os teus lábios em mais ninguém, só em mim.

– Não sei se vou conseguir controlar-me. – Ela pestanejou com ar coquete.

– É bom que o faças – respondeu ele, batendo-lhe no rabo. Era tão fácil estar com ela. Quando não estava a trabalhar para torná-lo um homem melhor, era divertida e despreocupada e, apesar de ter a plena consciência das piores qualidades dele, estava disposta a aceitá-lo… com defeitos e tudo.

Uma grande concessão da sua parte!

– Nunca me interessei muito por beijos – admitiu ele, acariciando-lhe o pescoço e o peito.

– Estás a brincar! Com todas as mulheres que já tiveste?

– Não sabia que podia ser tão bom.

Ela estudou-o, cética.

– Até me conheceres?

– Sim.

Sem acreditar, ela resmungou:

– Não sei dizer quando estás a brincar ou quando estás a falar a sério.

– É verdade, querida. – Para provar o que dizia, beijou-a longa e minuciosamente, sem abrandar até ela estar a arquejar e a contorcer-se de baixo dele. – Gosto muito, muito, muito de beijar-te.

– Sim, eu também começo a achar que gosto muito de fazê-lo, pelo que insisto que me beijes sempre que quiseres.

– Isso, senhora, nunca será uma tarefa complicada.

A conversa ligeira desvaneceu-se e ele ficou ali, metade em cima dela, metade no colchão, ligado dos ombros aos pés. A sua mão massajou-lhe o peito, a sua coxa pousava no sexo dela, o pé fazia-lhe cócegas no joelho e na barriga da perna. Ela acariciava-o e ele já se perguntava como seria capaz de sobreviver sem as suas mãos quentes na sua pele febril. Precisava do toque dela como precisava do ar para respirar!

Desejava marcá-la, gravá-la com aquela noite de ardor. Apesar de ser errado, e de ele saber isso, *tinha* de ser ele a libertá-la da sua virgindade. Independentemente de como ela acabasse, ou com quem, queria que ela se lembrasse para sempre de que ele tinha sido o primeiro.

– Quero fazer amor contigo. Quero tornar-te minha de todas as formas e feitios.

– Oh, James... – disse ela gentilmente, pousando-lhe uma mão no rosto –, sou tua de todas as formas e feitios. Sabes isso, não sabes?

O coração dele inchou e o corpo ficou louco de desejo. Pôs-se em cima dela, cobrindo-a, atacando-a com os lábios, a língua, os dentes. Passou para o pescoço, peito, seios. O tecido da peça de roupa interior continuava húmido por causa da sua língua. James desapertou a renda à frente, devagar, descobrindo-lhe a pele pálida e macia que formava um contraste excitante contra o preto. Submergindo, procurou até encontrar o mamilo. Livre da seda, pele com pele, mordiscou-o e brincou.

Tomou o outro seio. Lambeu-o. Chupou-o. Apertou-o e sugou-o até que as pernas dela se abriram espontaneamente. Os pés dela rodearam-lhe as coxas e prenderam-se atrás das pernas dele, puxando-o para si. A fenda dela estava agora exposta, protegida apenas com o preto, e o pénis dele acariciou-a. O tecido brilhante era fresco e quente ao mesmo tempo. Encontrava-se húmido, com o desejo dela a ensopar a fina camada, implorando pela sua remoção.

– Toca-me aí – pediu ela. – Como fizeste no outro dia...

Enfiou um dedo por baixo da bainha, encontrou o centro dela e deslizou lá para dentro. Ela estava escorregadia e saturada, a pingar.

– Assim? – perguntou ele.

– Sim – gemeu ela.

– E assim? – voltou ele a perguntar, adicionando mais dois dedos ao primeiro.

– James, por favor...

Ele roçou-lhe o clítoris.

– Vem-te para mim – ordenou. – Vem-te agora.

E ela assim fez, atingindo o orgasmo na mão dele, contraindo-se à medida que gritava o nome dele e se torcia em êxtase. Quando finalmente regressou ao presente, reparou que ele lhe tinha desapertado os botões da cueca e que as suas partes íntimas se encontravam expostas para sua inspeção. O seu sexo chorava, os lábios inchados e os pelos púbicos húmidos e escorregadios.

Ajoelhando-se entre as suas ancas macias, James inclinou-se para a frente e lambeu-lhe o suco do amor, implantando-o nos lábios e embebendo-lhe permanentemente o gosto. Brincou com Abby até ela começar de novo a contorcer-se. Estava dilatada, vermelha, muito estimulada pelo rescaldo do seu primeiro orgasmo, mas ele não se importou. Fodeu-a com a língua, sentindo a sua tensão crescer, o tronco a contrair-se e a sua fenda a apertar-se.

Concentrou-se no seu clítoris, chupando-a. O pequeno botão já estava inchado e ansioso devido à sua renovada minuciosidade.

– Não, James. – A sua agonia era aparente. – É demasiado cedo... Não consigo...

– *Nunca* é demasiado cedo para repetir – declarou ele. Ergueu-se, agarrando-lhe nas ancas e colocou-se em posição. Com a mão no pénis ereto, colocou a ponta nas dobras molhadas.

– Olha para mim! – ordenou ele.

– Não estou preparada – declarou ela, aparentemente apreensiva, contudo, ele recusou dar-lhe a hipótese de mudar de ideias. Já tinham ido longe de mais e ele avisara-a. Tinha sido ela a decidir brincar com o fogo, pelo que poderia não haver retorno. Ele ia tê-la!

– Mas tu estás *pronta*, querida – disse ele de forma meiga e firme. Empurrou a ponta. Mais ainda. Parcialmente enterrado, na barreira dela, o mais pequeno movimento enterrá-lo-ia completamente. James deteve-se, colocando as pernas dela por cima das suas coxas.

– Tenho medo de... de um repentino...

– Não tenhas. Estarei contigo... – Ele amparou-a enquanto o suor lhe escorria pela testa. – Olha para mim – repetiu ele. – Continua a olhar para mim. – Com aquilo, fletiu-se e entrou. A abertura dela estava tão ansiosa por aquele momento que James mal sentiu a barreira, no entanto, ela retesou-se furiosamente contra a invasão. As suas costas arquearam-se para fora da cama; os olhos derramaram algumas lágrimas.

– Dói – sussurrou ela.

– Só um bocadinho. Já passa.

Ele estabilizou o seu peso, cobrindo-a de novo, embainhado no seu túnel estreito. O seu sangue virgem e fluxo sexual conspiravam para produzir um oceano de sensações fulminantes. O pénis flutuava nele, escaldado por ele, implorando por impulsos, mas ele controlou-se, segurando-a e beijando-a. Com meiguice. Ela sabia a vinho e ao seu sémen e ele moldou os seus lábios aos dela para que Abigail pudesse provar o sabor do seu sexo misturado com o dele.

De forma gradual, ela aceitou-o. Descontraiu-se, e os seus braços rodearam-no, com os dedos a acariciarem-lhe as costas. O sinal para ele recomeçar.

– Esta é a nossa dança, minha senhora. – Ele enterrou-se o mais que pôde, retirou-se e empurrou novamente. – Deixa-me mostrar-te os passos.

Não teve cuidado com o seu estado virginal. Explorando, testando, sem nunca se afundar como precisava, não conseguia simplesmente aproximar-se como queria, e ela tinha de perceber, desde o início, que seria sempre assim entre eles.

Nunca teriam o sexo dos novos amantes, tépido, sem esplendor ou com pouco interesse. Existiria sempre aquele impulso frenético e enlouquecedor, a busca desesperada pela culminação que, depois do êxtase, os deixaria com fome de mais.

Ele impeliu-se contra ela, as coxas a baterem nela e as ancas encontrando-se num desespero louco. Suavam, com os corações a bater, ofegantes e os músculos contraídos, voando em direção ao objetivo. Ele enfiou a mão entre eles e roçou-a com o polegar.

– É demasiado, James... – Ela arqueou-se na mão dele, as suas paredes interiores contraindo-se à volta dele. – ... demasiado...

– Sim... demasiado – concordou ele. – Contigo, é sempre demasiado. – Ela estava à beira do precipício e ele também. – Segue-me, querida – implorou ele. – Vem-te agora... – Torturando-lhe o mamilo e o clítoris, levou-a ao céu.

– James... – gritou ela, de uma longa distância. A sua vagina apertada atraía a semente dele e esta jorrou numa rápida torrente, por isso ele impeliu-se uma vez, outra, mais outra, depois, usando todas as suas forças, retirou-se e derramou-se na barriga dela, espalhando-se na sua pele ardente.

Soçobrou em cima dela, o seu sémen um resíduo pegajoso a colá-los. O ar estava pesado com o aroma a suor e a sexo e, quando os seus braços a envolveram, os ombros dela tremiam e o calor das suas lágrimas queimou-lhe o peito.

– Porque estás a chorar, querida? – perguntou ele, limpando-as.

Ela olhou-o, com uma expressão reverente.

– Foi tão bonito. Não sabia...

– Não, nem podias. – Ele sorriu e rolou para o lado, abraçando-a. – Chiu... está tudo bem – murmurou. Ao consolar uma mulher pela primeira vez, reparou que se tratava de uma circunstância extraordinária.

– Abraça-me com força – implorou ela. – Não me soltes.

– Não solto – declarou ele. – Nunca te soltarei.

Barbara agitou-se no banco duro da carruagem alugada, esfregando a parte inferior das costas. Sofria as consequências da longa noite de observação paciente e não havia conforto que as aliviasse. Não tinha nenhum relógio com ela, pelo que só podia

adivinhar as horas exatas, contudo, com o Sol tão alto no céu e o comércio tão animado, deviam ser perto das nove horas.

Lá fora, o cavalo abanou-se e destabilizou a carruagem, pelo que o condutor lhe murmurou algo. O patético animal já estava pronto para o calor do estábulo, no entanto, o condutor não se iria embora até Barbara dizer. Com o dinheiro que ela lhe dera, ele ficaria satisfeito por não fazer descansar o cavalo até ao Natal, caso fosse preciso.

Ela espreitou para a casa anónima ao fundo da rua. Não era diferente, nem melhor ou pior do que as outras, pelo que não dava qualquer indicação sobre quem lá vivia, todavia, se tivesse de permanecer ali por alguns dias – ou semanas – passaria a conhecer a identidade da mulher que se escondia lá dentro com James.

No dia anterior, enervara-se e ficara furiosa, perguntando-se por que razão Madame LaFarge se atrasara com o seu presente. Se por acaso James se tivesse dignado a aparecer, Barbara queria ter vestido as peças. Contudo, à medida que as horas iam passando, acabou por perceber que a tinham feito passar por tola. Era óbvio que não seria feita nenhuma entrega por parte da modista, nem chegaria nenhum presente de James especialmente para ela.

Como uma adolescente tonta, foi até à loja de Madame LaFarge tão segura em relação ao seu sucesso pessoal com James que nunca lhe passou pela cabeça que este pudesse ter uma segunda amante que ela não conhecia.

Assim que o choque amainara, ela reorganizara as ideias. Fora até ao clube dele, esperando lá fora até vê-lo escapulir-se pela porta das traseiras. Estava tão concentrado no seu encontro amoroso que nunca sequer olhou por cima do ombro, pelo que o condutor facilmente o seguiu até ao seu destino.

Depois de ter entrado discretamente, ela esperara poder ver a mulher que se lhe juntaria. Todavia, como não chegou mais ninguém, percebeu que a amante já se encontrava na casa, por isso, decidiu esperar que saíssem. Torturando-se a si própria, sentara-se na carruagem fria e escura, vendo a luz do quarto lá em

cima acender-se e uma sombra ocasional passar pela janela. O tormento foi maior quando o candeeiro se apagou e James não saiu. A perceção de que ele passaria a noite toda com aquela amante desconhecida, uma rival que disputava a sua atenção, quase a fizera explodir de ódio.

Ele tinha outra mulher! O canalha!

Quem quer que ela fosse, Barbara fumegava. James já estava com ela há umas boas dezasseis horas! Fora ter com ela na tarde anterior, fodera-a copiosamente, dormira com ela e, ao permitir-lhe passar a madrugada nos seus braços, favorecia-a com o mais precioso dos momentos, aquele que Barbara sempre quisera reservar para si própria.

Uma outra mulher sem nome e sem rosto despertara ao lado dele!

Ele nunca tinha dormido com uma mulher; Barbara tinha a certeza disso. Sempre que escolhia uma amante, ia para a cama *dela* – nunca para a sua –, fodiam, e ele voltava para casa. Se a sua parceira se atrevesse a tocar no tema de passar a noite, ele *nunca* ficava interessado e, qualquer uma que fosse suficientemente estúpida para insistir, nunca mais o voltava a ver.

O que só significava uma coisa: formara uma ligação perigosa. Era uma situação que Barbara, simplesmente, não podia tolerar.

– Mas, quem? – murmurou para si própria, batendo com a unha arranjada no banco de pele barata. – Quem poderá ser?

De repente, a porta da casa abriu-se e James saiu, muito bem arranjado e limpo, sem qualquer vestígio de horas de deboche. Apenas a luz dos seus olhos e a alegria do seu andar o denunciavam. O filho da mãe quase saltitava de felicidade.

Desceu os três degraus, pronto para se ir embora, não sem antes parar para olhar demoradamente para a janela do andar de cima. A sua companheira invisível escondia-se por detrás dos cortinados e James teve a audácia de beijar os dedos e de mandar um beijo à sua nova querida. Ao testemunhar aquela visão, a fúria de Barbara

cresceu de tal forma que ela teve de se agarrar à carruagem, caso contrário, saltaria para fora e enfrentaria os dois.

Paciência, aconselhou-se. A paciência e uma boa planificação fariam com que triunfasse no final.

James saiu. Contudo, ela não precisou de o seguir. Já sabia como passava os dias. Voltaria para a casa que partilhava com a prostituta da mãe e o irmão descuidado e voluntarioso. Ali, dormiria durante horas, depois, iria para o clube, onde contaria os lucros da noite anterior.

Agora, só precisava de saber como passava realmente as noites – quando não estava com ela.

Muitos minutos depois, a porta voltou a abrir-se fazendo emergir uma mulher. Magra, pequena, loura, vestida com tecidos caros, uma capa de lã fina e sapatos elegantes. Trancou a porta e começou a descer a rua. A idiota tinha um capuz, mas olhou para cima na direção do nevoeiro que caía. Sorrindo, inspirando o ar puro, levava uma expressão de pura alegria no rosto.

Barbara observou, chocada, depois, começou a rir. Cada vez com mais força.

– Abigail Weston! – sibilou. Então... a solteirona aborrecida e arranjadinha tinha um amante.

Barbara pensou no irmão pomposo e conservador de Abigail, Jerald, com os seus pudores públicos e depravações privadas. Na mulher, Margaret, com as suas atitudes superiores e ensinamentos morais. Na Weston mais nova, Caroline, a pequena virgenzinha que faria o maior casamento do ano.

Era demasiado bom para ser verdade!

Por debaixo dos narizes empinados, Abigail escolhera o mais desprezível e deplorável dos homens. Pensou em mil coisas ao mesmo tempo: como se tinham conhecido? Como se tinham envolvido? Como aquilo se arrastara?

Apesar de as perguntas lhe atravessarem a mente, ela afastou-as. Nenhuma das ligações que Abigail estabelecera com James tinha

qualquer importância. Apenas o futuro contava – o tal que ela não teria com ele, pois Barbara nunca permitiria que uma nobrezinha arrogante lhe arruinasse a oportunidade.

O que pensariam Jerald e Margaret se descobrissem o que estava a acontecer? E qual seria o melhor método para lhes contar?

Bateu no telhado da carruagem, pronta para ir para casa, onde poderia formular um plano contra Abigail enquanto tomava um banho quente.

15

Abigail atravessou as portas do teatro de braço dado com Edward Stevens. A multidão de sábado à noite estava tão apinhada na entrada que ela teve medo de se perder caso lhe largasse o braço. Do outro lado da sala, conseguiu ver as escadas que davam para os camarotes, contudo, como era pequenina, não sabia se conseguiria fazer o trajeto sozinha.

Olhou por cima do ombro. Charles e Caroline continuavam atrás deles, já separados por uma parede de gente. Através de vários pares de pernas, conseguia apenas ver o tecido cor-de-rosa da saia da irmã. Charles era um jovem responsável, pelo que acompanharia Caroline em segurança entre a multidão, e decerto que se voltariam a reunir, apesar de Abigail mal conseguir tolerar o pensamento de ficar no camarote de Edward. Estava desesperada para ter alguma privacidade!

Só tinham passado poucas horas desde que estivera com James? A diferença entre o encontro privado e aquele espetáculo público de livre acesso era tão grande que ela quase não conseguia acreditar que o *rendez-vous* mágico tinha realmente acontecido.

Mas tinha e não conseguia encontrar a temeridade para se arrepender. Uma alegria tão grande não podia ser estragada. Desejava poder bradar ao mundo o seu entusiasmo, em vez de ruminar naquela quietude sufocante e pesada. Se em breve não desse voz à sua excitação, era capaz de se despedaçar.

Seria que ninguém reparava? Como podiam olhar para ela sem perceber as mudanças?

Caroline quase descobrira o seu segredo nessa manhã, enquanto Abigail se deleitava ao ver e ao sentir os trajes que James lhe enviara. Oh, como queria confessar a sua relação com James. Já não era uma mulher incapaz de amar, uma solteirona, irmã, uma mulher aborrecida sem vida própria.

Nascera para um único propósito – amar James – e não queria pensar em mais nada, nem falar ou fazer outra coisa que não fosse ficar sentada no seu quarto a refletir sobre as glórias que lhe tinham sido desvendadas.

Quando aquele convite de última hora chegou da parte de Charles, pedindo-lhes que assistissem à última peça da moda, ela quis recusá-lo. Com toda a excitação de uma mulher que se dirige para a forca, vestira-se e arranjara-se, preparando-se e acalmando a mente. No entanto, nada a faria concentrar-se no evento social.

Estivera com James! Ele reivindicara-a e tomara-a como sua de todas as formas possíveis e imaginárias! Como era possível que ela fosse aos seus compromissos sociais quando a sua vida fora completamente virada do avesso?

Ainda conseguia cheirá-lo na pele, saboreá-lo na boca, sentir o suspiro dos seus lábios na boca, nos seios. Dorida e com nódoas negras, tinha arranhões na barriga, os mamilos ásperos e a pele suave das coxas queimada por causa da barba dele. A sua fenda era a que se encontrava em pior estado, a área delicada e virginal tendo recebido toda a atenção de James e do seu sexo inúmeras vezes. Com os músculos doridos, algumas das partes do seu corpo gritavam de agonia sempre que se mexiam, lembrando-lhe constantemente o seu comportamento decadente e libertino.

A experiência fora bastante gratificante! Ele excitara-a até ao pico da paixão – com as mãos, a língua, o falo – de maneira perfeita, completa e em muitas ocasiões. Virando-a e montando-a, ensinando e acariciando, tinha-a maravilhado com o seu corpo, personalidade, adoração. O melhor momento ocorrera logo de manhã, quando ela o acordara devagarinho, brincando com ele e fazendo uso de todas as

técnicas que ele lhe transmitira. Quando ele finalmente acabou por entrar dentro dela, Abigail estava dolorosamente inflamada e ele moveu-se lenta e docemente, com a emoção a flamejar com tanta força entre eles que ambos tinham lágrimas nos olhos, no final.

O que iria ela fazer?

Abominava todas as pessoas que insistiam em socializar! A conversa de conveniência estava a deixá-la doida. Gostaria de estalar os dedos e fazê-las desaparecer, de modo a poder ficar sozinha com os seus pensamentos e recordações.

A sua mente regressou à tarefa presente – caminhar por entre a multidão – pois tinham ficado parados durante alguns minutos. Um homem enorme bloqueava o caminho e, de forma a poderem passar, Edward contornou-o. E... ficaram frente a frente com James.

Ela ficou sem fôlego. Surpreendida. Contente. Receosa.

Ele estava bastante bem vestido, com *smoking* preto, camisa branca e gravata com um nó perfeito. Tinha o cabelo puxado para trás, deixando a sua beleza à vista para que todos a apreciassem. Estavam tão próximos um do outro que as saias dela batiam nas pernas e sapatos dele. Abigail conseguia contemplar as partículas douradas dos seus olhos, um sítio onde ele se cortara a fazer a barba. Ali, mesmo por baixo do colarinho, estava a orla de uma dentada que ela lhe dera.

Tinha o pulso acelerado e a respiração ofegante. Nunca esperara encontrá-lo ali! Assim!

Aterrorizada devido ao que ele podia dizer ou fazer, procurou freneticamente o método próprio de lidar com a situação. Não podia mostrar que o conhecia nem sequer pelo mais pequeno dos sorrisos. Buscou uma solução, mas a sua surpresa e pânico eram tão grandes que não conseguiu encontrar nada.

Ao mesmo tempo, ele olhava para ela com uma expressão de raiva, desafiando-a a reconhecer que se conheciam, com um acenar de cabeça ou com qualquer outra forma. Todavia, cobarde como era, Abigail não conseguiu reagir. Respondeu como lhe ensinaram:

adotou uma expressão de desinteresse, fingindo indiferença para o homem que tinha diante de si.

James hesitou, dando-lhe uma nova oportunidade. E outra, depois dessa. Esperou... esperou... esperou... por um pequeno sinal de reconhecimento que não apareceu.

Envergonhada como nunca, ela chumbou no teste dele, permanecendo silenciosa e serena ao lado do pai dele, de braço dado, percebendo o quanto o magoava, o quão profunda era a ferida e o quão terrível e rude era o seu comportamento.

Ela amava aquele homem! Mas não podia, nem conseguia, revelar a sua ligação a ele com o mais pequeno pestanejar. Naquele momento, quis cair morta. Quis que o chão se abrisse e a engolisse. Pois era certo que a sua vida tinha terminado.

Os olhos de James abriram-se um pouco, com um movimento lúcido a comunicar a sua desilusão e sofrimento com o repúdio dela, o desencanto que sentia com a sua rejeição.

Rapidamente, o seu tormento transformou-se em fúria, escolhendo como alvo o pai.

De pé, eram da mesma altura, cópias exatas um do outro. Bonitos, influentes e dinâmicos, havia uma estranha corrente de energia que fluía entre eles. Uma aversão palpável da parte de James. Uma afeição poderosa da parte de Edward.

– James... – disse Edward, contente. – Que bom ver-te. O que te traz aqui?

– Podia perguntar-lhe o mesmo, já que nunca aparece em Chelsey – respondeu James. – É claro, não teria como saber...

– Saber o quê? – perguntou Edward, com um interesse claro em James.

– A mãe vai atuar hoje.

Abigail tinha a certeza de ser a única pessoa capaz de sentir a reação de Edward. Um tremor atravessou-lhe o corpo e a sua mão apertou a dela com tanta força que Abigail pensou que lhe partiria

os ossos. Contudo, para além disso, ele não apresentou qualquer outro sinal de reação à notícia.

– Que bom – disse ele, cordialmente. – Fico ansioso por ver. Que papel é que ela vai desempenhar?

– O principal. A atriz habitual ficou doente e por isso a mãe teve de substituí-la. – Era óbvio que James apreciava o facto de as outras pessoas mais próximas se voltarem para ouvir a confrontação sumarenta. – É o papel de uma mulher *enganada*. Tenho a certeza de que irá reconhecê-la.

Edward suspirou, uma vez, triste – aquela era uma discussão infinita e aborrecida –, depois, recuperou a postura e sorriu.

– Vai estar fabulosa. Como sempre.

Com um olhar excecionalmente furioso na direção de Abigail, James virou-se lentamente, transmitindo-lhe uma visão que ela não apreciara previamente.

Estava acompanhado de uma mulher!

Era alta, de cabelo escuro e envergava um fabuloso vestido vermelho com um grande decote de modo a exibir o esplêndido busto e a cintura fina. Infelizmente, era linda, mas o que esperara Abigail? A beldade exuberante era precisamente o tipo de mulher que ela pensava que saía com James quando se dava ao trabalho de pensar neste tópico depressivo.

– Eddy – James deu ênfase à alcunha, como se desejasse que os que os rodeavam se chocassem com a saudação –, apresento-lhe a minha acompanhante, Barbara Ritter, Lady Newton.

A mulher avançou para cumprimentar o conde, mas antes deteve-se de forma impercetível em frente de Abigail para olhá-la com um ódio tão venenoso que Abby sentiu como se tivesse sido esbofeteada. Ela até recuou um pouco como se tivessem estabelecido contacto, contudo, quando a outra mulher saudou Edward, mostrou um belo sorriso, sendo a imagem viva da simpatia e do decoro. A estranha sensação de repugnância passou, pelo que Abigail o atribuiu ao nervosismo do encontro.

Lady Newton fez uma vénia a Edward, dirigindo-se a ele de forma tímida e soando meiga e educada. No entanto, ao endireitar-se, Abigail percebeu a reprovação de Edward. Ele parecia conhecê-la – ou saber algo *sobre* ela – pelo que olhou causticamente para ambos até chegar perto do limite da falta de educação. Era claro que avaliava o filho, a sua conduta e a escolha de acompanhante, porém, tal como Abigail, foi incapaz de dizer aquilo em que estava a pensar.

– E quem é a sua linda e *jovem* amiga? – perguntou James, brindando Abigail com um olhar furioso. – Ouvi dizer que andava a ver uma pessoa. Que os sinos da igreja podem estar no seu futuro. É ela que vai ser a minha nova *mãe*?

– James! – exclamou Edward, mortificado e zangado. Moveu-se um pouco, olhando James de soslaio como se o seu filho caprichoso fosse capaz de fazer algo explosivo, caso não o observasse com cuidado. – Peço desculpa, Abigail.

– Não é necessário, Lorde Spencer. – Corou de vergonha e abriu o leque, na esperança de se refrescar, contudo, não havia ar suficiente na sala. – Mas o seu colega parece transtornado – acrescentou ela. – Talvez pudesse apresentar-nos.

– Sim, *Lorde* Spencer – concordou James, claramente ridicularizando o pai, com as próprias bochechas vermelhas e os olhos a brilharem com amargura –, por favor, apresente-nos.

Edward respirou fundo e lentamente. O mundo inteiro esperava pela sua resposta. Acabou finalmente por dizer a Abigail.

– Não, desculpe, minha querida. Isso não pode ser.

Houvera alguma frase mais cruel na História?

A afirmação do conde foi como uma bomba que os matou aos três. Edward cambaleou um pouco, perdendo alguma da sua vitalidade. Abigail encolheu-se como se lhe tivessem espetado uma faca afiada nas costas. A sua agonia jorrava de todos os poros e o grupo de curiosos que os rodeava e se acotovelava foi capaz de analisar os seus pecados terríveis à medida que eles escorriam para o chão. No

entanto, por mais ofendida que se sentisse por estar exposta, as feridas de James eram bem piores.

O comportamento ultrajante dela e do pai em relação a ele era mais do que um simples golpe no seu orgulho, apesar de ter sido enérgico e intenso. A recusa de Edward em apresentá-lo feriu-o ainda mais, despedaçando ilusões, desfazendo sonhos, arruinando expectativas, obliterando o amor. Agora e para sempre.

James! Desculpa. Desculpa, a sério, quis ela gritar. No entanto, para seu embaraço, não disse nada. Nem fez nada.

Ele riu com malevolência, não esperando mais nada de nenhum deles. Abigail arrepiou-se, desconfortável, com o que o confronto significaria para ele.

Querendo desaparecer da cena, ela olhou em volta em busca de uma fuga e viu Charles e Caroline a aproximarem-se. Sem saberem o que tinha ocorrido, juntaram-se ao círculo que rodeava James e a amante. Os espectadores, desejosos de saberem o que se seguiria, ficaram mais do que felizes por deixá-los passar.

– O que se passa? – perguntou Charles, testemunhando a discussão tensa. O seu olhar pousou em James e ele ficou hirto ao reconhecê-lo. – James... – Murmurou o nome e olhou para o seu meio-irmão mais velho com algo semelhante a adoração. Repetindo a pergunta que Abigail fizera momentos antes, implorou: – Pai... pode apresentar-nos?

Terrivelmente dividido, Edward olhou para os filhos, e depois para Abigail e Caroline, mas a sua presença inocente e feminina impedia qualquer reconciliação familiar. Edward recusava-se simplesmente a apresentá-los, pois James era uma pessoa muito pouco indicada para ser apresentada às duas raparigas. Um ambiente cataclísmico – uma mistura de dor antiga, mágoa e desilusão – pareceu envolver Edward quando ele negou publicamente o filho pela segunda vez num intervalo de minutos.

– Não, Charles. Lamento.

– Pai – Charles começou a protestar, mas Edward interrompeu-o.

– Agora, não – disse ele, calmamente. – Acompanha as meninas Weston ao camarote, por favor.

– Mas eu quero... – Charles voltou a tentar.

– Imediatamente, Charles.

A autoridade na voz de Edward não tolerava qualquer tipo de discussão, pelo que o seu filho mais novo obedeceu, contrariado. Com a mão de Caroline ainda no braço, estendeu o outro a Abigail. Ela hesitou, querendo dizer alguma coisa, *qualquer coisa*, contudo, não soube o quê. Edward e James pareciam estar quase a chegar a vias de facto e ela desejou poder acalmar a situação. No entanto, aquela era uma guerra antiga, uma guerra em que não poderia tomar partido, pois não compreendia quem era o inimigo ou quais os motivos por que lutavam. Só sabia que ninguém sairia vencedor.

Charles prosseguiu na direção das escadas e a multidão dividiu-se para lhe abrir caminho. Ao passar por James, ela implorou-lhe visualmente que ele olhasse depressa na sua direção para que pudesse ver as suas desculpas silenciosas, no entanto, ele manteve o olhar fixo no pai. Qualquer comentário que ela fizesse só iria atiçar mais boatos, por isso, deixou-se ir.

Subiram as escadas estreitas como se estivessem num cortejo fúnebre, transpondo, depois, a cortina do camarote. Como bonecos mecânicos que ela uma vez vira num museu, deslocaram-se em silêncio e escolheram um lugar. Nos camarotes adjacentes, já se dissecava o incidente. As pessoas apontavam e riam de maneira discreta atrás das mãos. Apesar de todo o público parecer estar a olhar para eles, Abigail, Charles e Caroline mantiveram-se dignos e de cabeça erguida.

O esforço era tão grande que Abigail pensou que começaria a gritar, no entanto, não tinha qualquer forma de aliviar a tensão. Não podia mencionar o que ocorrera a nenhum dos seus dois acompanhantes. Como não era suposto conhecer James, nem o seu passado sórdido, não podia falar dele como se fossem amigos.

Pela reação de Charles na entrada, era óbvio que ele estava totalmente ao corrente de quem James era, contudo, não seria insensível ao ponto de começar uma conversa acerca de um irmão ilegítimo – o derradeiro erro do pai – diante da jovem que desejava desposar. No seu mundo bizarro, James não existia.

Caroline era a mais perplexa de todos, sentando-se muito direita e contraída na cadeira, enquanto fingia um fascínio pelo espaço e pela onda de anónimos que inundavam as filas.

Quando Charles acabou por encontrar uma tia e dois primos no lado oposto, Abigail deu graças a Deus pela saída do jovem casal. Ficou sozinha, vendo, minutos depois, Charles e Caroline entrarem num camarote no outro lado do recinto.

Aconchegaram-se, sussurrando de forma íntima um ao outro e, pelas suas posições, era evidente que tinham ficado mais íntimos do que alguém suspeitava. Charles parecia estar a explicar os acontecimentos infelizes que tinham ocorrido lá em baixo, o que só reforçava a ideia do quão íntimos se tinham tornado. Abigail tinha quase a certeza de que estavam a dar a mão no escuro, protegidos pelas saias de Caroline.

Iriam casar? Faziam um casal feliz e elegante e ver a sua ligação deixou-a com inveja. Com o coração despedaçado, não suportava a ligação deles. Ficou com lágrimas nos olhos.

Onde estava Edward? Porque não subia? Ainda estaria com James? Estariam a discutir? Se soubesse do paradeiro deles, tê-los-ia procurado. Não aguentava pensar que era a causa das suas desavenças. O culpado por toda aquela confusão fora o seu comportamento desprezível e o pobre Edward tinha ficado sozinho a resolver as coisas, sem fazer a mínima ideia do que provocara a calamidade. James estava alterado, pelo que não poderia haver uma discussão civilizada. Precisava de explodir e Edward era um alvo fácil, por isso, descarregaria no pai quer ele merecesse, quer não.

Ela esperava que Edward fosse suficientemente forte para as palavras azedas de James. Tinham uma relação frágil e Abigail nunca se perdoaria caso fosse a razão pela destruição total da pouca afeição que partilhavam.

Caroline e Charles encostaram as cabeças um no outro e Caroline sussurrou-lhe suavemente. Abigail não conseguiu suportar aquilo. Tinha de escapar dos vizinhos curiosos e observadores nos outros camarotes e das manifestações públicas de carinho de Caroline. Foi para o *hall*, perguntou a um arrumador e recebeu indicações para a casa de banho das senhoras.

Ansiosa pela oportunidade de se acalmar, apressou-se para o porto de abrigo. Uma vez lá dentro, avançou para o espelho, fingindo verificar o penteado, quando reparou, para seu horror, que se encontrava com a acompanhante de James, Lady Newton, no pequeno espaço.

Enquanto Abigail a estudava através do espelho brilhante, foi agraciada, novamente, por um fulgor inquestionável de hostilidade. Todavia, a outra mulher disfarçou-o com um sorriso simpático. Ainda assim, Abigail sabia que a sua inquietude era verdadeira. Por alguma razão, Barbara Ritter desprezava-a e ela não podia deixar de ter a impressão de que a mulher era uma rival perigosa.

– Eles ainda não voltaram? – perguntou Lady Newton, sem sequer fingir que Abigail poderia não saber de quem ela estava a falar.

– Não – respondeu Abigail, hesitante. Era incapaz de tolerar aquela pessoa desconhecida e rancorosa, contudo, não sabia como sair de forma adequada. E, apesar de não querer conversar, não pôde deixar de perguntar: – Para onde foram?

– O conde sugeriu que fossem lá para fora para terem mais privacidade. – Arranjou o cabelo. Parecendo aborrecida, perguntou: – Sabe que eles são parentes, não é verdade?

– Bem, sim – respondeu Abigail, insegura, sem querer revelar demasiado. – Ouvi dizer que James é filho do conde. De uma relação anterior.

– *Adoro* quando eles discutem. O James é sempre tão selvagem na minha cama depois de ter tido uma boa discussão. – Verificou de novo o seu reflexo, mostrando o veneno. – Esta tarde foi muito vigoroso, mesmo antes de ver o pai. Mal posso imaginar como será mais logo. Não vou conseguir acompanhá-lo...

– Perdão? – Os ossos de Abigail pareciam ter cristalizado; transformara-se em pedra. Decerto que os seus ouvidos a tinham enganado. Ela estivera com James naquela manhã. Ele não podia ter estado com aquela... criatura à tarde!

– Ofendi-a? – perguntou Lady Newton, de forma casual, ao ver a aflição patente no rosto de Abigail. Riu timidamente. – Oh, por favor, diga-me que não está chocada. O conde nunca se sentirá intrigado por esse tipo de pudor.

– O quê? – Abigail não conseguia formar um único comentário coerente. James fora para a cama daquela mulher? Passadas poucas horas de terem tido uma noite de pura paixão?

– Tenho de admitir que conheço muito bem Edward Stevens. Tal pai, tal filho, como se diz. – Lady Newton piscou os olhos. – Edward gosta das mulheres um pouco selvagens. Tal como o James.

– Acha que o conde e eu... que o conde e eu... – Nem sequer conseguia contradizer a chocante alegação sexual diante daquela mulher detestável.

– Minha querida, somos ambas adultas. Não tem de mo negar. Sou *extremamente* próxima dos senhores Stevens. Ora... assim que casar com Edward, e eu com James, faremos parte da mesma... – ergueu o sobrolho – família...

– A senhora e James vão casar? – Eram as notícias mais pavorosas que recebera e, tendo em conta tudo o resto que acontecera nessa noite, era mais do que podia suportar.

– Claro – disse Lady Newton, sorrindo. – Estamos a planear há meses. Não ouviu?

– Não. – Abigail sentiu-se enjoada.

– Temos sido muito discretos e é exatamente por isso que estou numa excelente posição para lhe dar conselhos. Se espera prender o conde, deve ouvir-me. Pode acabar com um anel no dedo, mas nunca o manterá na sua cama se agir de forma pudica e reservada. – Tocou ao de leve nos lábios com um batom vermelho. – O James, por exemplo. Adora a oportunidade de seduzir qualquer mulher inocente. Não há nada de que goste tanto. Brinca, atrai, cativa. E acaba por – encolheu os ombros, despreocupada – a foder. Contudo, volta sempre para mim quando se sente satisfeito. Sabe porquê?

– Porquê? – Abigail engasgou-se.

– Porque ele detesta a inexperiência. Virgens ingénuas são divertidas, mas, a longo prazo, gosta de uma mulher como eu. Alguém que compreende o que precisa realmente. Não é diferente dos outros homens: gosta da caça, mas, assim que a rapariga é caçada... – Voltou a encolher os ombros. – Este mês, o canalha levou-me ao limite das minhas capacidades por causa de uma nova conquista. Mas, ontem, foi finalmente para a cama com ela. Ainda bem que acabou! Esteve toda a tarde a gabar-se, dizendo que correu muito bem. Acredita que tenho de ouvir todos os pormenores?

James falara sobre ela e sobre o que tinham feito com aquele ser vil?

– Está a brincar...

– Não, não estou. O canalha comportou-se como se fosse o melhor galo do galinheiro. Eu até me senti mal pela pobre coitada. Todas se apaixonam e ele nem sequer tem a decência de as deixar com suavidade. Mas, lá está, só está preparado para uma *verdadeira* mulher. – Ela estremeceu de contentamento e antecipação. – Depois desta discussão com o conde, nem sei o que me vai fazer.

– Tenho de ir. – Abigail cambaleou até ao *hall* conseguindo, sem saber como, avançar pelo corredor. A sua visão falhava, tudo ficara

escuro; parecia estar dentro de um túnel. O seu coração batia com tanta força que ela se perguntou se não lhe sairia do peito.

Não podia ser verdade! Não podia ser!

Desesperada, entrou no camarote de Edward, aliviada por vê-lo calmamente sentado como se nada tivesse acontecido. Querendo apenas fugir, ir para casa e aconchegar-se na segurança da sua cama, sentou-se ao lado dele no momento em que as cortinas se abriram. Surgiu um homem que anunciou que o papel principal no espetáculo dessa noite seria interpretado pela maravilhosa Angela Ford. Fez uma pequena vénia e retirou-se.

O público ficou em silêncio durante alguns segundos, a digerir a informação. Depois, a notícia espalhou-se pela plateia como uma chama imensa, alguns homens gritaram e o lugar foi assolado por um enorme aplauso. Um testemunho da sua fama e popularidade – após ter abandonado o palco durante tanto tempo –, a ovação ainda continuava quando as cortinas foram abertas. A atenção dos espectadores centrou-se na atriz que se encontrava num dos lados do palco a cheirar umas flores.

Incrivelmente bonita, era elegante e voluptuosa ao mesmo tempo, mantendo-se assim, paciente, até que todos olhassem para ela. Em seguida, os seus maravilhosos olhos azuis atravessaram a audiência. Num gesto sedutor, atirou a gloriosa cabeleira loura para cima do ombro, expondo o peito magnífico e ouvindo inúmeros assobios. Era tão talentosa a representar uma rapariga de dezoito anos que, se Abigail não soubesse que Mrs. Ford já se encontrava na casa dos cinquenta, teria pensado que se tratava de uma jovem à espera do primeiro amor.

Quando os fãs a reconheceram, o teatro voltou a ser invadido por um grande aplauso. Abigail inclinou-se para Edward e perguntou-lhe se podiam ir-se embora.

Com a sua habitual perspicácia, ele reparou no seu nervosismo.

– Está aborrecida?

– Não. Só quero ir embora. Se não for um grande incómodo.

Edward pegou-lhe na mão; ela tinha a pele fria e suada.

– A culpa é toda do James, não é? Gostaria de lhe torcer o pescoço! Às vezes porta-se tão mal... Não o percebo de todo.

– Não foi o James – insistiu ela, olhando para o colo enquanto mentia. – Pode ter sido algo que comi ao jantar. Não me sinto bem.

Ele observou-a, evidentemente percebendo a mentira.

– Peço desculpa pelas coisas que ele disse. Não tinha percebido que a conduta dele a ofendera tanto. Se lhe serve de consolação, mandei-o para casa, como um menino mal-comportado. Disse-lhe, muitas vezes, que não devia estar em sociedade se não consegue disciplinar-se.

– Oh, Edward... – suspirou ela. Tendo em conta os sentimentos contraditórios de James, não conseguia pensar em pior crítica do que a que o pai lhe fizera. – Por favor... podemos ir embora?

No entanto, a atenção dele já estava no palco. Em Angela Ford, o reputado grande amor da sua vida, com quem convivera, chocara, se deleitara, e, enquanto jovem, tivera dois filhos. Estava tão concentrado nela que parecia ter-se esquecido da presença de Abigail.

Finalmente, acabou por desviar os olhos do palco.

– Pode aguardar um pouco? Depois do que aconteceu lá em baixo toda a gente tem os olhos postos em nós. Se eu sair agora, vão pensar que é por causa de Angela. Nunca poderia envergonhá-la dessa maneira.

A agitação de Abigail era tão grande que não pensara que outras pessoas podiam ser afetadas pelos terríveis acontecimentos. Já causara transtorno que chegasse por uma noite, por uma vida, pelo que ficaria com Edward até que o inferno gelasse, se ele assim lhe pedisse.

– Compreendo – murmurou ela. – Não me importo de esperar.

– Podemos ir depois do primeiro ato – disse ele, soando como um menino de escola ansioso. – Se ainda for essa a sua vontade...

A alegria dele por ver Mrs. Ford era tão grande que Abigail não teve coragem para lhe pedir que partissem. Apesar da sua tristeza, já causara demasiados estragos à família Stevens. Não queria infligir mais sofrimento.

– Podemos ficar o tempo que quiser.

Aliviado, a sua concentração intensa regressou à mulher divertida, sensual e talentosa que se encontrava no palco e que fazia rir os espectadores de forma continua. Minutos mais tarde, quando Abigail se atreveu a olhar de novo para ele, havia lágrimas no rosto do conde.

16

Edward sentou-se na feia carruagem alugada e ignorou os aromas persistentes que tentava a todo o custo *não* identificar. Quando o cavalo se abanou e fez com que o veículo pobremente construído tremesse, ele percebeu que ou descia ou seguia.

Estava parado em frente à casa de Angela havia meia hora, demasiado ansioso para partir e demasiado cobarde para bater à sua porta. Precisamente por essa razão, não levara a sua própria carruagem. Preferira não ser visto na vizinhança com receio de não conseguir tomar uma decisão, por isso, alugara uma carruagem. Agora, esperava, minuto após minuto, agonizando enquanto pensava no que aconteceria caso fosse avante. Ela recebê-lo-ia ou bater-lhe-ia com a porta na cara? Sinceramente, não sabia qual das duas opções era a pior.

A moradia de dois andares, integrada na rua estreita de casas idênticas, parecia acolhedora e confortável, o tipo de lar que ele sempre pensara que Angela escolheria para si. A apenas três quarteirões do teatro, um pouco mais da casa de jogos de James e Charles, estava estrategicamente localizada a meio caminho dos sítios que ele costumava frequentar com ela quando eram jovens, tolos e completamente apaixonados um pelo outro.

O mundo deles fora excitante, encantador, repleto de felicidade e de prazer. A sua casa estava sempre cheia de amigos e de colegas de trabalho – quase todos dela. As pessoas rodeavam-na de forma constante. Ela tinha um brilho e um carisma que fazia com que os

outros quisessem estar perto dela, desfrutar do seu esplendor e da sua energia, de ser alvo de alguma da sua atenção.

James adquirira um pouco da sua chama natural e, ao que parecia, Michael também recebera uma bela dose. Embora fossem dois rapazes bonitos, altos como o pai, fisicamente viris e inteligentes, ele não tinha qualquer dúvida sobre a razão pela qual meio mundo os procurava. Era a capacidade de sedução que tinham herdado de Angela que os transformara em adultos fortes e admiráveis.

As mulheres cercavam-nos, desejando ligações e mais do que isso. Os homens diziam ser seus sócios, parceiros. Era simplesmente impossível estar na mesma sala de um deles sem sentir a sua atração. Ambos tinham uma semelhança muito forte com Angela e, tal como ele aprendera no início, o encanto dela era irresistível.

Oh, que homem sortudo e azarado ele era! Tinha dois filhos magníficos e robustos! No entanto, lamentava ter testemunhado apenas uma parte do seu desenvolvimento e vê-los agora à distância.

O que iria fazer em relação a James? Depois da discussão que haviam tido na noite anterior, com a assistência da nata londrina, não sabia como ficaria a ligação, já de si tensa e intermitente. Não ficaria surpreendido se nunca mais voltassem a falar. James estava sempre zangado, por ser incapaz de lhe perdoar os pecados do passado, e, com a última troca amarga de palavras, Edward achava pouco provável progredirem.

Ao longo da década anterior, tentara, sem sucesso, ser amigo de James e uma espécie de figura paternal. Apesar de este insistir que não precisava dele, era demasiado difícil fingir serem mais do que dois estranhos a tentar partilhar uma afeição que James claramente não sentia. Edward não sabia ao certo o que acontecera na infância do filho para que ele o detestasse daquela maneira. Independentemente do que fizesse, ele era incapaz de transpor a distância que os separava.

Ser odiado pelo primogénito era um grande fardo, contudo, o seu segundo filho parecia desprezá-lo ainda mais, gerando uma carga demasiado pesada de suportar. Era óbvio que Michael nutria uma imensa antipatia que não podia – ou conseguia – pôr de lado.

Que confusão criara ao rejeitar os filhos, ao separar-se de Angela. Na altura, parecera a coisa mais apropriada e sensata a fazer, mas quem é que podia ter essa certeza com uma idade tão jovem? Era pouco mais do que uma criança, incapaz de prever o sofrimento interminável e a dor que a sua decisão repentina causaria. O seu comportamento em relação aos três permanecera um caldeirão fervente de culpa e de vergonha que ele não era capaz de controlar.

– Oh, Angie – suspirou, enviando a sua afeição até à porta dela. As suas transgressões começavam a pesar-lhe, pelo que sentiu um enorme desejo de se redimir. Quis ter uma oportunidade para falar com ela em privado e para partilhar um pouco da sua angústia, especialmente depois de ter discutido mais uma vez com James. Ela era a única pessoa a quem podia recorrer para desabafar sobre as suas preocupações e os seus receios.

Mas, o que diria ela caso ele fosse ter consigo? Conseguiriam começar de novo, como nos velhos tempos? Angela fora a sua companheira, a sua cara-metade, a parte que faltava. Seria isso ainda verdade? Ou, sentir-se-ia ele desencorajado devido à incapacidade de cura das suas feridas, tal como as dos filhos?

Desde o primeiro momento em que a vira que ficara afetado. Durante os meses que se seguiram, e o punhado de anos demasiado breves, o seu ardor florescera num amor maduro que, aparentemente, durara os vinte e cinco anos que haviam estado separados. Ele tentara negá-lo, dizer a si próprio que tinha construído uma vida boa e sólida sem ela e sem os filhos. Que tinha seguido em frente – tal como ela – e que tudo correra pelo melhor.

Contudo, não acreditava verdadeiramente nisso.

Ainda se lembrava muitas vezes daquela quarta-feira longínqua quando regressara a Londres para ficar a saber que a sua pequena

família desaparecera sem deixar rasto. Depois da morte do irmão mais velho, Edward tornara-se conde e, por isso, era esperado que casasse. Na sua cabeça, Angela racionalizara a nova responsabilidade, contudo, no seu coração, nunca a aceitara.

Declarara firmemente que não podia ficar a vê-lo casar-se com outra, mas ele não prestara atenção quando ela insistira que iria abandonar Inglaterra. Ele nunca levara a sua angústia a sério, nunca a ajudara nos seus esforços para encontrar uma solução exequível. Ingenuamente, assumira simplesmente que o amor dela era tão grande que seria impossível ir-se embora.

Muitos meses mais tarde, depois de uma extensa investigação, ficara a saber o paradeiro deles. Inicialmente, pensara ir até Paris para os trazer de volta, mas dera ouvidos a conselhos mais velhos – e aparentemente mais sensatos. Dos tios. Dos amigos do pai.

Com o casamento marcado para daí a poucas semanas, argumentaram que nada haveria a ganhar. Para quê infligir tal humilhação à sua noiva, principalmente quando havia de dar o nome a um próximo herdeiro? Disseram-lhe que era melhor Angela e os miúdos estarem fora do caminho; que tinham sido apenas uma indiscrição juvenil. Com o futuro a bater-lhe à porta, declararam, acabaria por ultrapassar as relações ilícitas e os filhos bastardos. Era a oportunidade perfeita para mostrar aos seus pares que se estabelecera como um homem maduro.

Indecentemente, deixara que eles o convencessem a não fazer nada – uma falha que o atormentava havia quase três décadas. Pois no seu íntimo, o seu amor por Angela não era nem imaturo nem errado. Apesar de nunca se ter casado com ela, sempre a considerara sua mulher e nunca vira os filhos como ilegítimos. Eram fruto de pais dedicados, eram queridos e adorados, uma grande alegria.

Para sua vergonha infindável, a sua única resposta fora criar um fideicomisso para ela. Os seus advogados contactaram-na e ele esperou impacientemente notícias de que ela extraíra um pouco do

dinheiro que ele quisera partilhar. No entanto, ela nunca o fizera. Nem um cêntimo sequer, pelo que ele teve de encarar o facto de que eles viviam perfeitamente sem a sua presença. A sua família forte e capaz, aquela que ele criara com tanto entusiasmo e impetuosidade, nunca precisara realmente dele. Era um golpe amargo difícil de engolir.

Ao longo dos anos, mantivera-os debaixo de olho, sabendo pormenores da sua vida e é claro que os seus conhecidos estavam sempre desejosos de lhe dizer que a tinham visto num palco parisiense. Ela conseguira florescer em França como nunca imaginara, pelo que fora um choque maravilhoso e surpreendente saber que ela regressara a Londres. Contudo, ele estava casado e tinha outros filhos, por isso nunca a visitara, mas esforçara-se logo por corrigir alguns erros do passado.

Tentara estabelecer uma ligação com James, o que nunca fora fácil. O rapaz lembrava-se muito pouco do carinho que, um dia, os unira. Ainda assim, era um filho obediente e leal, trabalhador, esperto e enérgico. Edward dera-lhe a casa de jogos por saber que James seria capaz de gerir o negócio e ganhar muito dinheiro que depois serviria para cuidar de Angela.

O seu apoio financeiro à mãe tinha permitido que ela continuasse a representar sem a pressão de um salário. A sua paixão pelo teatro nunca desvanecera e estava mais acesa do que nunca, podendo agora envolver-se por prazer e não pela obrigação de pôr comida na mesa.

Ao vê-la na noite anterior... enquanto ela cativava e improvisava, rodopiava e flutuava através do palco... Aquela voz! Aqueles olhos! Era como se não tivesse passado nenhum dia desde a última vez que a vira e não conseguia perceber por que motivo demorara tanto tempo a compreender isso.

O que diria ela, torturou-se pela enésima vez, *se abrisse a porta e me visse?*

Cansado de pensar sobre a resposta dela, forçou-se a sair da carruagem e disse ao condutor que seguisse o seu caminho. Decidido, avançou pela rua e subiu os degraus. Com mão trémula, bateu violentamente à porta. Não ouviu nada, pelo que voltou a bater e foi recompensado por passos. A fechadura foi destrancada, a maçaneta rodou, a porta recuou e...

Ali estava ela, tão vibrante e adorável como ele se lembrava. O seu cabelo tinha agora alguns fios prateados e havia umas quantas rugas em redor dos seus belos olhos e boca. No entanto, para ele, ela continuava a ser tão maravilhosa como o fora na manhã em que se conheceram, quando era apenas uma rapariguinha de dezassete anos, uma atriz desconhecida, talentosa e trabalhadora com grandes planos e sonhos, e um entusiasmo pela vida como ele nunca vira.

– Eddy? – Ela sorriu na sua maneira extremamente atraente. – És mesmo tu?

– Sim, Angie. – Ele fez uma pausa, repentinamente tímido como um adolescente na sua primeira conquista. – Posso entrar?

– Pensei que nunca mais perguntavas.

Ela desviou-se para lhe conceder passagem, depois, fechou a porta e abraçou-o com força. Foi como se ele nunca tivesse estado ausente, nem por um dia.

Michael avançou a passo lento para casa, aliviado por ver o pequeno pórtico. Tresandava à taberna das docas onde encontrara James. Fora difícil arrancar o irmão mais velho dali, portanto, ele estava coberto de sujidade, tinha a manga do casaco rasgada e a camisa manchada com o sangue de algum desgraçado. Os seus dedos estavam doridos por causa dos murros que dera e as costelas doíam-lhe no sítio onde tinham sido atingidas. Ansiava por um banho quente, depois iria para a cama por algumas horas de modo a descansar a mente antes de regressar ao clube para o início do serão de jogos.

James vinha algures atrás, mas Michael recusava-se a olhar por cima do ombro para ver se o seu irmão incorrigível o seguia. Naquele momento, James podia desaparecer da face da Terra que Michael não se importaria muito com a perda.

O incidente de sábado à noite no teatro tinha despachado clientes e conhecidos para a casa de jogos de modo a poderem comentar os pormenores mais sórdidos. Já era suficientemente mau James ter tido um encontro público com Edward Stevens, contudo, o facto de ele ter exposto assuntos privados da família daquela forma vulgar era absolutamente imperdoável. Ninguém tinha nada que ver com o conflito constante deles com Edward, principalmente aqueles snobes filhos da mãe – os pedantes e arrogantes da alta sociedade – a quem Stevens chamava pares.

James era a única pessoa que compreendia o quão profundamente Michael abominava o pai, pela simples razão de também ele ter sobrevivido ao abandono de Edward. Apesar de Michael jurar a pés juntos que não se lembrava de Edward na sua infância, mentia. Guardava algumas memórias preciosas e nítidas do pai que amara perdidamente, o que só servia para aumentar o seu desprezo pelo homem.

James sabia – ele sabia! – quão perturbador seria qualquer espécie de altercação, contudo, não quisera saber e envolvera-se numa discussão. A opinião de Michael era a de que deviam manter Edward Stevens longe das suas vidas, prosseguindo como se não tivessem pai. Afinal de contas, era o que Edward tinha querido. Todavia, James insistia em impingir a presença do canalha nas suas existências pacíficas.

Michael não sabia o que Edward dissera a James em privado, depois de terem saído da mira dos olhares da entrada, no entanto, quaisquer que tivessem sido os comentários, tinham feito com que James entrasse numa espiral decrescente. Michael não se preocupara quando ele não voltara ao clube sábado à noite. Domingo de manhã também não o preocupara muito. Todavia,

quando continuara sem notícias dele no domingo à noite, começou a ficar inquieto e enviou alguns dos seus empregados mais discretos para as ruas escuras. Porém, James não estava em nenhum dos seus lugares habituais.

Precisaram quase de toda a segunda-feira para encontrá-lo. Bêbedo e rabugento, estivera a apostar numa taberna rasca, conhecida pela sua clientela desprezível e pelos passatempos nojentos praticados nos quartos das traseiras. Com uma prostituta no colo, e tendo perdido alguns milhares de libras para um marinheiro italiano, que provavelmente fazia batota, recusara abandonar as instalações e os seus companheiros de jogo só ficaram satisfeitos por vê-lo sair depois de ele saldar as suas dívidas. Com a ajuda dos três empregados que o acompanharam – e nenhuma do irmão –, Michael arrastara James à força dali para fora, mesmo enquanto se perguntava por que razão não o deixava simplesmente ali.

Não foi capaz de deixar de pensar no que tinha realmente sucedido a James. O irmão já tivera inúmeros desentendimentos com Edward, tantos que já lhes perdera a conta, por isso, o seu estado não parecia adequado à reprimenda do pai. Havia algo mais para além daquilo, algo que o deixava louco, frustrado e completamente fora de controlo.

A culpa era da mulher, suspeitou Michael. Da tal Abigail Weston. Desde a discussão no teatro que a maldita rapariga se atrevera a enviar cinco mensagens anónimas para o clube, dirigidas a James. Apesar de não estarem assinadas, Michael sabia perfeitamente quem as escrevera. Em todas, ela implorava-lhe um encontro.

James continuava a enganar e a mentir, mas Michael descobrira a verdade: embora o irmão estivesse envolvido com ela, ela passeava por Londres no braço de Edward e corriam rumores de que era o seu novo amor. Não havia dúvidas de que Abigail era a explicação para a recente depressão de James e Michael planeava lidar com

ela o mais depressa possível de modo a fazer com que o irmão encontrasse uma espécie de situação estável.

Se a maldita mulher não tivesse o bom senso de deixar James em paz, Michael tencionava certificar-se que a fazia percebê-lo. Era completamente impensável que a mãe deles suportasse uma segunda calamidade como o casamento de James com a princesinha mimada. Michael tinha inúmeros métodos à disposição para fazer com que Lady Abigail desse ouvidos ao bom senso e experimentá-los-ia a todos até conseguir alcançar o seu objetivo. A nobre idiota precisava de regressar à sua torre de marfim antes que o seu comportamento irresponsável causasse alguma tragédia.

Bastante fatigado, assustado pelo irmão e ansioso por algum tempo a sós, meteu a chave na fechadura e entrou. Era estranho estar em casa a uma hora tão tardia; caso a mãe ainda estivesse acordada, ficaria decerto surpreendida por vê-lo. Àquela hora ele estava normalmente a trabalhar, a fazer contas, a verificar o inventário das bebidas ou a cumprir qualquer um dos milhares de tarefas que precisavam de ser feitos antes de os clientes abastados chegarem.

Sem querer preocupá-la em vão, não lhe dissera que James tinha fugido, nem que o encontrara em circunstâncias inaceitáveis. No entanto, o seu filho mais velho estava prestes a aparecer com um olho negro, um lábio inchado, roupa rasgada e um odor a perfume barato e a álcool azedo. A sua querida mãe era capaz de suportar muitas coisas, mas até *ela* tinha os seus limites e tinha de ser avisada sobre o apuro de James.

Um dos criados apressou-se a pegar-lhe nos pertences. Depois, ele subiu as escadas. Ao fundo do corredor, na sala de jantar, a mãe conversava alegremente e o som da sua voz consolou-o um pouco, apesar de ele ter ficado curioso por saber quem os visitava. Não estava preparado para lidar com convidados.

Ainda assim, tinha de falar com ela antes da chegada indesejada de James. Pensando em chamar-lhe a atenção, avançou para a

porta pé ante pé e espreitou lá para dentro. O que viu gelou-lhe o sangue nas veias.

Edward Stevens! O canalha estava sentado na cadeira da cabeceira da mesa, como se aquele tivesse sido sempre o seu lugar! Envergava apenas um dos roupões de James e nada mais. O roupão estava aberto e o peito visível. Michael sentiu-se um idiota por pensar, antes de mais nada, que o pai parecia muito mais velho do que devia. Os pelos do seu peito eram grisalhos, salpicados apenas de alguns fios castanhos.

Angela estava sentada no seu colo, também envergando apenas um roupão. Igualmente aberto, tornava visíveis o seu colo e grande parte dos seios. Usava o cabelo comprido solto. O seu peito estava pressionado contra Edward enquanto lhe dava um morango que ele alegremente mordiscava.

Pareciam exatamente o que eram: um casal de amantes que acabara de desfrutar de um longo período de brincadeiras sexuais. Encontravam-se despenteados, sorridentes e a olhar nos olhos um do outro com uma afeição tão grande que deixou Michael aterrorizado e enojado.

Não fazia ideia de quantos amantes a mãe tivera ao longo dos anos; embora suspeitasse que tivessem sido alguns. Ela sempre tivera amigos do sexo masculino, mas a sua vida sexual só a ela dizia respeito, pelo que ele nunca lhe perguntara quão íntima era a relação que partilhava com eles. Evidentemente nunca apanhara nenhum a sair do quarto com as calças na mão, nem muito menos tivera de enfrentar algum à mesa do pequeno-almoço!

Acontecia agora, naquela tarde terrível! E logo com aquele homem! Qual o jogo que Stevens estava a jogar que arriscava acabar com a tranquilidade daquele lar? Não precisavam dele, nem o queriam! Depois de tudo o que ele fizera, tinha uma lata incrível para conseguir falar com Angela, quanto mais fornicá-la!

Angela agarrou numa taça de champanhe e levou-a aos lábios de Edward. Ele bebeu, estabilizando o copo quando ela bebeu do

mesmo sítio que ele. Riam, beijavam-se e sussurravam como recém-casados loucos de paixão.

– Tire as patas imundas de cima dela! – sibilou ele, entrando de rompante na sala a tremer de raiva.

Saltaram com o susto mas não se separaram, como se já estivessem tão ligados que não os pudesse separar.

– Michael – repreendeu Angela, mas estava a rir-se ao dizer o seu nome –, pregaste-me um susto de morte. – Depois, apercebeu-se do seu estado e fechou as lapelas do roupão. – Oh, meu Deus – corou como uma menina inocente –, isto é tão embaraçoso. Não esperava que nenhum de vocês estivesse em casa...

Edward endireitou-se na cadeira enquanto ela também fechava o seu roupão. Manteve uma mão possessiva na cintura dela e murmurou algo ao seu ouvido, fazendo-a rir uma vez mais. Apesar de ele também ter corado, não mostrou qualquer sinal de remorso pela sua conduta obscena e escandalosa.

– Olá, Michael – disse ele.

Mostrou-lhe um sorriso com uma afeição tão genuína que Michael explodiu de fúria. Como se atrevia a ir ali?! Como se atrevia a fazer aquilo?!

– Saia de junto dele, mãe – ordenou, mas ela não obedeceu. – Disse para sair de junto dele! – gritou.

– Não posso acreditar que me estejas a dar ordens – respondeu ela. – Como é possível que as tuas boas maneiras tenham voado pela janela?

Ele voltou o olhar furioso para Edward e gritou:

– Largue-a!

Como nenhum deles prestou atenção às suas ordens, Michael dirigiu-se à mesa, agarrou no braço da mãe, levantou-a e puxou-a para longe dele.

– Michael! – berrou o pai, erguendo-se. A sua cadeira caiu para trás. – Não trates a tua mãe assim.

Michael sentia-se como se tivesse enlouquecido. Nunca na vida levantara a voz à mãe. E certamente nunca lhe tinha dado ordens! No entanto, a sua irritação ao vê-la com Edward foi tão grande que uma espécie de animal selvagem pareceu ter emergido do seu corpo.

– Não fale comigo sobre como tratar a minha mãe. – O seu tom era frio e mortífero. – Não tem nada que ver com ela. Não tem nada que ver *comigo*.

– Tem calma, filho – disse Edward, gentilmente.

Ser chamado de *filho* por aquele homem era mais do que ele podia suportar. Avançou e agarrou Edward pelo roupão, agitando-o uma vez e encostando-o à parede.

– Eu não tenho pai e não sou seu filho.

– Michael! – exclamou a mãe, com firmeza. – Pede desculpa, imediatamente.

– Não!

Em seguida, ela fez o pior que poderia ter feito: voltou-se para Edward e refugiou-se a seu lado. O braço dele pousou de forma protetora nos ombros dela, puxando-a para si. A resposta mútua parecia ser uma traição – a ele e a James, à família que tinham criado sozinhos, sem a ajuda de Edward.

– Bem, se não pedes desculpa – reprimiu ela –, faço-o eu por ti. – Olhou com ternura para Edward. – Não o eduquei para que ele se comporte de forma tão abominável.

– Eu sei que não – disse ele, sorrindo como se ambos partilhassem uma piada privada. Depois, concentrou a sua fúria em Michael. – A tua mãe e eu queremos falar contigo sobre alguns assuntos. Mas não vou permitir que a magoes, por isso, peço que te acalmes. Vamos prosseguir como adultos racionais ou não vamos prosseguir de todo.

Michael não tinha qualquer intenção de conversar com Edward Stevens. Não conseguia pensar num único tópico que pudesse ser

digno da sua atenção, pelo que não retribuiu o olhar desafiante de Edward. Em vez disso, concentrou-se em Angela.

– Mãe, vá para o seu quarto.

– Oh, pelo amor de Deus – resmungou ela. – Não vou! Estás a agir como uma criança petulante e voluntariosa. É esse tipo de pessoa que queres que o teu pai pense que és?

– Não me interessa o que ele pensa de mim! – gritou Michael. O seu mundo estava a desmoronar-se e ele perdia o equilíbrio cada vez mais depressa. – Vai deixar que ele lhe faça isto outra vez?

– O quê? – perguntou ela, quase imediatamente. – Ele não *fez* nada antes.

– Usou-a! – berrou Michael. – Brincou consigo, tal como está a fazer agora, e vai destroçar-lhe o coração pela segunda vez. Ele está noivo! De uma daquelas raparigas. Não quer mais da vida do que fazer de prostituta dele enquanto ele vai para casa e se enrosca com uma da sua laia? Será que não tem orgulho?

Angela esbofeteou-o com toda a sua força. Como nunca lhe batera, a não ser quando lhe dava palmadas no traseiro em pequeno, foi um momento impressionante para ambos. Ela ficou com os belos olhos azuis cheios de lágrimas e cobriu a boca.

– Oh, Michael... – implorou. – Desculpa. Perdoa-me...

– Não implores pelo seu perdão quando ele te tratou tão mal – interrompeu Edward. – Se não lhe tivesses batido, tê-lo-ia feito eu. – Intensificou o abraço que lhe dava. Já se tinham transformado numa só unidade. Pensavam de forma idêntica, separada e distinta da do filho, e Edward deslocou-a de forma a ela se encontrar atrás do seu corpo, protegida da raiva de Michael.

– A tua mãe e eu decidimos casar.

Michael abanou a cabeça, atordoado, e deu um passo atrás. Depois, outro.

– Não... Não pode ser.

– É verdade, Michael – disse Angela. – Devíamos tê-lo feito há anos...

– E vamos fazê-lo agora. – Edward terminou a frase dela.

– Isto não pode estar a acontecer... – Michael sufocava com a sua negação. – Por favor, diga-me que não é verdade. – Contudo, pela conduta compassiva da mãe, soube que era.

– Não queria que ficasses a saber desta maneira... – Ela estendeu a mão como uma trégua, mas ele olhou-a como se fosse uma cobra envenenada.

Só aí é que James apareceu. Todavia, Angela estava tão enfeitiçada por Edward que não reparou no seu desalinho.

Quando viu a cena e a expressão de espanto de Michael, o olhar de James pousou no pai.

– Porque está aqui?

Antes que um dos seus pais pudesse responder, Michael interrompeu cruelmente.

– O patife veio até cá quando estávamos fora e enfiou-se na cama dela como o verme que é. – Bufou, rindo. – Diz que vai casar com ela desta vez.

– Somos ou não somos uns sortudos? – murmurou James. Observou os pais, a forma como estavam vestidos, o brilho dos seus olhos, a admiração patente e a evidência de que tinham estado a fazer durante os últimos dois dias inconfundível. Enojado, deu uma ordem ao pai.

– Saia.

– Não me lembro de pedir-lhe para sair – disse Angela, furiosa.

– Talvez seja melhor – retorquiu Edward, com calma, para Angela. Parecendo triste, mas apaixonado, olhou-a com adoração. – Podemos tratar disto quando estivermos mais calmos.

– Não – respondeu ela. – Esta casa é *minha*. Não te vais embora a não ser que eu to peça.

– Não ouviu, Eddy? – ameaçou James. – Não é bem-vindo aqui.

– É, sim – anunciou Angela, com firmeza – e será sempre.

– Nunca! – gritou James. – Não nesta casa, onde causou tanta dor e sofrimento.

– Esta casa é minha ou não, James? – pressionou Angela. Depois de um longo e pesado silêncio, prosseguiu. – Sempre disseste que a compraste para mim, por isso, sempre a considerei minha. E eu digo que ele fica.

– Mãe... – pediu James, suavemente –, não nos faça isto, ao Michael e a mim. Não o faça a si própria.

– Então não me obrigues a escolher entre vocês. A minha decisão já está tomada. E não creio que gostem dela.

– Não *precisa* dele na sua vida.

– Oh, preciso sim, James. Sabes que preciso. Quero ser feliz. Foi tudo o que sempre quis. – Esperou uma eternidade pelo mais pequeno sinal da aceitação dele em relação à sua nova escolha de vida, mas nada aconteceu. Os seus dois filhos estavam contra o pai e demasiado inflexíveis em relação aos seus próprios sentimentos. Finalmente, mostrando a sua desilusão e indignação, encolheu os ombros, triste. – Muito bem. Vou começar a fazer as malas...

– Não... – murmurou James, chocado e perturbado.

– Vem, querido – disse ela a Edward, dando-lhe a mão. Juntos, dirigiram-se para a porta.

– Mãe, não pode fazer isto! – continuou James. – Não o vou permitir.

– Não é uma decisão tua – declarou ela.

Continuaram a andar e, ao passarem, Edward pousou uma mão carinhosa no ombro de James.

– Lamento – admitiu ele – o que aconteceu entre nós, no sábado à noite. Eu estava transtornado e nervoso e não quis dizer o que disse. Passa pelo clube amanhã para podermos falar melhor.

James desembaraçou-se do toque.

– Deixe-me em paz.

Com um suspiro coletivo, os pais continuaram. No último instante, Angela disse por cima do ombro:

– Se me quiseres contactar, vai ao Carlysle. Ficarei lá até estar tudo resolvido...

Fechou a porta de forma decidida, uma saída perfeita e fabulosa como sempre.

No silêncio absoluto que se seguiu, Michael virou-se para James.

Por alguma razão – não sabia como, nem porquê – aquilo fora tudo culpa de James. O irmão abriu a boca para falar, mas Michael olhou-o com tanto rancor que não lhe saíram palavras nenhumas.

– Não te atrevas a dizer nada.

Pegou numa jarra da cómoda, lançou as flores para o chão e atirou-o contra a lareira, onde se partiu em mil pedaços. Como se sentiu muito bem depois de tê-lo feito, avançou para a mesa e removeu toda a porcelana e todos os cristais, atirando-os, igualmente, ao chão. Frenético, arremessou todos os objetos quebráveis da pequena sala até decidir não causar mais estragos. A sua respiração acalmou-se e o coração desacelerou no meio de um monte de cacos.

Incapaz de esconder a fúria abrasadora e as lágrimas, correu para a porta. James, que observara aquele descontrolo com uma tolerância reticente, quis detê-lo, mas Michael acelerou o passo.

– Michael... espera... – chamou James. – Não vás.

No entanto, ele continuou, descendo o corredor e as escadas e saindo para a rua. Correu. Correu o mais depressa que pôde.

17

Com mão trémula, Abigail bateu à porta da casa de James. Como já era tarde, ele estava a trabalhar, a preparar-se para a noite. No entanto, ela não fora vê-lo. Não que isso não lhe tivesse passado pela cabeça, todavia, se ele soubesse que esperava à sua porta, não lhe teria permitido a entrada.

O mais certo era os criados da casa serem tão eficientes como os do clube. Lá, a sua competente equipa impedira muitas vezes a entrada dela até que, à quarta tentativa, um cavalheiro lhe dissera gentil, mas diretamente, que tinham ordens – do próprio James Stevens – para impedir a sua passagem.

Já tinham passado quase duas semanas desde o seu terrível encontro no teatro. Ela enviara-lhe muitos recados a pedir um encontro, mas todos haviam sido em vão. Ele respondera com silêncio.

Todas as segundas e quintas-feiras à tarde, ela fora ao seu refúgio na esperança de que ele aparecesse. Não se teria importado se ele tivesse a raiva como motivação, pois precisava absolutamente de falar com ele. Para além de ter de se desculpar pelo seu comportamento abominável, tinha de lhe perguntar sobre Lady Newton e sobre o que a sua detestável amante lhe contara.

Tinha de saber a verdade! As palavras da mulher atormentavam-na. Durante os dias e as noites intermináveis que agora se alongavam com a ausência de James, a verborreia odiosa de Barbara Ritter era uma ladainha incessante que a agitava

continuamente até fazê-la pensar que poderia enlouquecer só de a ouvir.

Seria que James, ao ter dormido com ela, estava a jogar uma espécie de jogo diabólico e malvado? Teria sido uma farsa cruel da sua parte? Ela recusava-se a acreditar; *não* acreditaria até confrontá-lo cara a cara.

A porta abriu-se e um criado olhou grosseiramente para ela. Estava um horror, com um fato escuro, sem carruagem nem acompanhante e com a escuridão do dia a cair.

– Posso ajudá-la? – perguntou o homem.

– Gostaria de falar com Mistress Angela Ford.

– Não creio que ela esteja a receber visitas. Tem um cartão?

– Não... Eu...

O velho criado reprovou a aparente falta de boas-maneiras.

– Nesse caso, minha senhora, tenho quase a certeza de que ela não se encontra em casa – disse ele, começando a fechar-lhe a porta na cara.

– Mas não vou demorar nada. Por favor... – acrescentou.

Parecia desesperada, e estava-o, realmente. Não conseguia pensar noutra forma de agir. James amava e respeitava muito a mãe, por isso, Abigail tencionava impor-se a Mrs. Ford, pedindo-lhe que dissesse a James para ir a um último encontro. Um *rendez-vous* final permitir-lhe-ia pedir desculpas e fazer perguntas que a estavam a deixar louca. Para além disso, esperava apaziguar a sua consciência pesada e o seu coração aflito.

Por detrás do homem insensível, soou uma voz feminina, rouca e intensa. Abigail reconheceu-a imediatamente como sendo a voz de Mrs. Ford.

– Quem é, Arthur? – perguntou ela.

– É uma visita, senhora. Como não tem cartão, não sei o seu nome. – Ele bloqueou Mrs. Ford com a porta e olhou para fora, dando a Abigail a oportunidade de se mostrar, mas ela recusou com um pequeno abanar de cabeça.

– Eu trato disto – disse Mrs. Ford.

– Tem a certeza? – Arthur pareceu extremamente preocupado, como se Abigail pudesse fazer algo de nefasto à sua patroa, caso ela a deixasse entrar.

– Fico bem, Arthur. A sério. – Ela apareceu e o criado retirou-se quando ela lhe deu uma ordem. – Estão duas caixas no quarto das traseiras. Podes ir buscá-las, por favor?

Quando olhou para Abigail, esta sentiu-se trespassada pelos seus olhos de um azul intenso e sofreu uma súbita falta de ar. No teatro, com a peruca e a maquilhagem, fora difícil perceber a sua semelhança com James, contudo, de perto, as parecenças eram únicas. Ela era tão bela como o filho atraente e sedutor. Ou ainda mais, se é que tal era possível.

Mais alta do que Abigail, era esbelta, mas cheia de curvas, de uma beleza estonteante a tentar ocultar o seu bom aspeto por detrás de roupa de andar por casa. Ridículo. O carisma de Angela Ford era simplesmente demasiado latente para ser escondido atrás de um vestido cinzento, de um avental branco e de um penteado conservador. Parecia pronta para explodir para fora do traje a qualquer momento e revelar a pessoa majestosa que se encontrava lá dentro.

– Obrigada por me receber – disse Abigail.

– Veio por causa do James? Ou do Michael? – perguntou ela, sem rodeios. – Se quer vê-los, digo-lhe que o Michael está fora de Londres e que James está temporariamente hospedado no clube.

– Não sabia... – murmurou Abigail, perturbada com o desenrolar dos acontecimentos.

– É uma longa história – comentou Mrs. Ford, gesticulando de forma dramática como se estivesse a adorar a conversa. – Mas vamos sair da entrada, está bem? É óbvio que quer falar discretamente. Não precisamos que os vizinhos saibam de tudo.

Mrs. Ford exibiu um sorriso confidente e sábio, tão esplendoroso e deslumbrante que Abigail ficou paralisada por um instante. Voltou à

realidade quando a outra mulher entrou em casa. Ou a seguia ou perdia a sua oportunidade.

Entraram numa sala do primeiro andar e Mrs. Ford sentou-se num grande sofá, indicando a Abigail o outro que estava próximo. Abigail fingiu demorar-se a endireitar as saias, quando, na verdade, estava a analisar furtivamente o aposento bem decorado. James vivia ali, passava as horas íntimas ali! Provavelmente, gostava daquela cadeira ao pé da janela e punha troncos na lareira. Ela saboreou o momento, esperando memorizar todas as cores, formas e imagens de modo a lembrar-se de todos os pormenores depois de se ir embora.

Era nitidamente uma residência agradavelmente decorada, desenhada para o uso de uma família robusta. Os cortinados e os tapetes eram de tecidos caros em tons de vermelho e verde vivos e a mobília confortável. As paredes estavam cobertas com aguarelas de Paris, fazendo Abigail pensar se não teriam sido pintadas por Pierre, o amigo de James, responsável pela sua famosa coleção de desenhos eróticos. Estava desejosa de ver a assinatura do artista, contudo, controlou-se e obrigou-se a concentrar-se na sua tarefa.

Vários caixotes encontravam-se encostados a um canto. Estavam repletos de objetos domésticos. Vendo a curiosidade de Abigail, Mrs. Ford explicou alegremente.

– Vou sair de casa.

– O quê? – Abigail não estava segura de que ouvira corretamente. Ficou um pouco desanimada, sem perceber porquê. Agora, a sua tarefa já não lhe parecia muito apropriada.

– Vou sair – repetiu Mrs. Ford. – Tive uma grande discussão com os meus filhos e vou deixá-los. Tenho a certeza de que sobreviverão sem mim. – Entrou uma criada com um tabuleiro. Mrs. Ford olhou para Abigail, mas esta estava demasiado nervosa para pôr o que quer que fosse no estômago, pelo que a empregada se retirou. Quando ficaram novamente sozinhas, Mrs. Ford enfrentou Abigail.

– Muito bem, comecemos – disse ela. – Trata-se do James ou do Michael?

– Do James – respondeu Abigail.

– Está grávida? – inquiriu Mrs. Ford sem rodeios.

Abigail engasgou-se e corou bastante. Ao decidir aparecer, nunca lhe ocorrera que a mãe de James pudesse formular uma opinião tão baixa a seu respeito.

Enquanto ela pensava numa resposta, Mrs. Ford prosseguiu.

– Pois, se estiver, não sei o que posso fazer. O James é adulto e o que eu penso tem muito pouca influência nele. Além disso, já foi casado após um breve namoro e as coisas não correram nada bem. Nunca lhe pediria que passasse pelo mesmo e seguramente nunca o pressionaria para casar com alguém que não amasse.

– Não estou grávida – assegurou-lhe Abigail, apesar de uma parte de si desejar que a visita fosse sobre aquele assunto. Não conseguia pensar em maior milagre do que carregar o filho de James no ventre.

– Bem, então – Mrs. Ford meditou brevemente como costumava fazer –, o que a traz por cá?

– O James é um amigo meu.

Mrs. Ford franziu o sobrolho, desconfiada.

– A sério? Não sabia que ele tinha *amigas*. Tenho a certeza de que a intenção dele para com as suas companheiras femininas é outra.

– Seja como for – avançou Abigail –, é um amigo próximo. Talvez o melhor que eu já tive.

– Desculpe... – Angela encolheu os ombros, incrédula –, mas ele nunca me falou sobre essa *amizade*.

– Não sei porque o faria – persistiu Abigail. – A nossa ligação tem sido... bem...

– Clandestina?

– Sim.

– Que encantador – murmurou Mrs. Ford de forma sarcástica.

– Estou muito preocupada com ele.

– Eu também – confessou a mãe. – E estou já há bastante tempo.

Abigail ficou apreensiva sobre o que dizer, contudo, queria que toda a história sórdida fosse revelada.

– Fui ao teatro, no último sábado, com o conde Spencer – A atenção de Mrs. Ford foi captada ao ouvir o nome de Edward – e provoquei uma discussão entre James e o pai. Não pretendi fazê-lo – disse ela imediatamente. – De repente, o James estava à minha frente e eu fiquei tão chocada que me comportei muito mal ao fingir que não o conhecia, depois, ele exigiu ao conde que nos apresentasse, e depois... depois...

– Sim, sim – interrompeu Mrs. Ford, não querendo ouvir a informação adicional – já muitas pessoas me contaram. – Confusa, deduziu: – É uma das irmãs Weston, não é verdade? Uma das irmãs de Jerald Weston?

– Sim. – Abigail não viu qualquer razão para esconder a sua identidade, agora que fora descoberta. Ficou imensamente aliviada por admiti-la à mãe de James.

Chocada, Mrs. Ford fumegou.

– Está a ter um caso sexual com James?

– Temos tido... – sussurrou Abigail.

– Oh, meu Deus – Mrs. Ford grunhiu. – Há quanto tempo é que isso dura?

– Há algumas semanas – reconheceu Abigail.

– Bem... isso explica muita coisa.

– Como o quê?

– Como o estado de desordem da minha família – respondeu Mrs. Ford, irada. – Se conhece realmente as preferências de James como diz, então deve ter consciência dos sentimentos que ele nutre pelo pai. Porque o provocaria ao pavonear-se pelo braço de Edward? Tem a noção do mal que fez?

– Nunca planeei magoá-lo!

– Mas fê-lo – repreendeu ela –, entre outras coisas. No entanto, suponho que lhe ganhou afeto.

– Estou tão apaixonada por ele que mal consigo respirar.

– E quais são os sentimentos dele em relação a esse *amour* que nunca me confidenciou?

– Ele também me ama. Muito – insistiu ela. Contudo, depois de ter dito aquilo, apercebeu-se de que parecia ter exagerado.

– Perdoe-me o ceticismo, senhora – mudou de posição na cadeira –, mas entendo muito bem as motivações do meu filho. Obviamente melhor do que vós. O James *não* se apaixona, *não* tem relações sérias e seguramente *não* fornica com mulheres bonitas com outros propósitos que não sejam físicos.

– Não o faça parecer tão vulgar – pediu Abigail. – Há muito mais entre nós do que uma simples luxúria.

– Em que estava a pensar – troçou ela – ao envolver-se na vida do meu filho? Tem ideia do furor que irá causar se tudo isto vier a público? Diz que gosta do James. Se é verdade, por que razão o faria passar por isso?

– Não sei por onde começar... – Abigail tentou elucidá-la, mas percebeu rapidamente que não estava a ser muito persuasiva. – Desde que o conheci que sou incapaz de lhe resistir. A cada dia que passa, o meu amor por ele cresce e faz-me ver que a minha vida não faz sentido sem o James.

O silêncio prolongou-se e Mrs. Ford estudou-a. Em seguida, levantou-se e dirigiu-se ao aparador, onde se serviu de um pouco de brande.

– Também quer? – ofereceu, mas Abigail recusou.

Enquanto a mulher mais velha bebericava pensativamente, Abigail observava-a, invejosa da sua liberdade e confiança, da sua capacidade de fazer algo tão chocante como desfrutar de bebidas espirituosas a meio do dia.

Angela Ford era uma mulher que sempre vivera como quisera, sem se importar com a opinião dos outros. Fizera coisas e visitara lugares sobre os quais Abigail só podia fantasiar. Enquanto Mrs. Ford era autónoma e aventureira, Abigail lutava com a rotina, o

dever e o aborrecimento. Tinha vinte e cinco anos e mal podia sair da casa sem autorização do irmão.

Como desejava ser mais como Angela Ford!

Enquanto Abigail a olhava com inveja, Mrs. Ford demorou-se ao pé da parede, bebendo o brande até o silêncio se tornar ensurdecedor. Depois, regressou ao sofá e Abigail não resistiu a preencher o vazio.

– Peço desculpa pelo subterfúgio. Não queria ser... ser...

– Ser vista à minha porta, sim, eu entendo o seu dilema. A senhora e a sua maldita espécie – resmungou Mrs. Ford, mas não de forma antipática, como se já lhe tivessem feito a mesma crítica centenas de vezes. – Perdoe-me, Lady Abigail, mas não a compreendo. Está aqui, aparentemente por causa da sua preocupação com James, mas, tendo em conta que não quer que ninguém saiba que se conhecem, tenho uma certa dificuldade em criar alguma empatia por si. O meu filho é um homem muito dinâmico e distinto...

– Eu sei, eu sei – apressou-se a concordar Abigail. – É mesmo.

– Qualquer mulher devia sentir-se orgulhosa por estar na sua companhia. O facto de ter vergonha dele, e de tentar esconder que o conhece, bem... – Ela engoliu o que restava de líquido no copo e pousou-o na pequena mesa com um som estridente. – Não tenho grande simpatia pelo seu problema. *Qualquer* que ele seja.

Abigail compreendeu como deveria parecer aos olhos de Mrs. Ford: uma mulher snobe, rica, mimada e nobre, sem integridade, escrúpulos, e nada para fazer com o seu tempo a não ser estabelecer ligações imorais e destrutivas. Tal como aprendera recentemente, de maneira dolorosa, ela *era* o tipo de mulher desprezível que seduzia um homem de posição inferior em privado, mas que não falava com ele em público. Logo, algumas das opiniões que Mrs. Ford formara dela eram indiscutivelmente merecidas.

Mas eu não quero ser este tipo de pessoa, quis gritar. Gostava de ser mais como Angela; independente, suficientemente corajosa para

fazer o que quisesse, impulsiva e orgulhosa do seu amor por James. Mas, para quê?

A relação deles nunca passaria de uma diversão física para ele. Nunca casaria com ela e Abigail não era assim tão ingénua ao ponto de pensar que ele o faria. Se James se deixasse convencer a recomeçar os seus encontros, continuariam como amantes até ao terrível dia em que ele se aborrecesse e decidisse continuar com a sua vida, abandonando-a e deixando-a de coração destroçado.

Entretanto, ela teria sido repudiada pela família, totalmente banida, afastada de tudo e de todos. Nunca mais poderia ver a sua querida irmã, ir à sua casa ancestral ou visitar os parentes com quem privara em pequena. Rotulada como uma mulher de baixos valores morais, tornar-se-ia invisível, ninguém lhe dirigiria a palavra, ninguém se associaria a ela.

Talvez uma mulher mais forte avançasse, despreocupada com as consequências e indiferente a um futuro terrível. Talvez uma mulher mais capaz pudesse aguentar um transtorno tão extremo e interminável. Contudo, se ela avançasse para a sua perdição, sofreria incessantemente, ano após ano, pelo ato isolado e precipitado de amor desesperado. Seria para sempre uma pária e não conseguia tolerar a ideia de passar o resto dos seus dias como uma marginal solitária e desprezada.

– Não sou a mulher que pensa – disse ela, assertiva. – Independentemente do motivo pelo qual aqui estou, e da minha aparência, *não* tenho vergonha do James ou do que aconteceu entre nós. Sinceramente, não sei como vou continuar sem ele. Amo-o com todas as minhas forças, mas compreendo que nunca case comigo...

– Receio que tenha razão em relação a essa última parte... – concordou Mrs. Ford com gentileza.

– ... e sou bastante cobarde para enfrentar, sozinha, as consequências do nosso romance, caso ele se torne público. Se

soubesse que o James ficaria a meu lado, tentaria ultrapassar qualquer barreira.

– Já é alguma coisa, creio – murmurou Mrs. Ford. – Então... o que quer de mim?

– Por favor... fale-lhe em meu nome. Encoraje-o a encontrar-se comigo na quinta-feira. Ele saberá quando e onde.

– E a razão para este encontro seria...

– Para eu lhe pedir desculpa e dizer-lhe quanto o amei.

– Presumo que também queira outra oportunidade para estar na intimidade com ele. – O comentário cândido provocou outro rubor nas bochechas de Abigail e Mrs. Ford continuou: – Até agora tem tido sorte, mas da próxima vez pode acabar grávida. E depois?

Abigail inclinou-se e estendeu o braço, pegando na mão de Mrs. Ford.

– Ele está com tanta raiva. Dele próprio. Do pai. Não suporto que tenha sido a minha atitude irresponsável a piorar toda esta situação. Detesto que tenha acabado assim.

Mrs. Ford afastou-se e dirigiu-se novamente ao aparador, servindo-se de outro brande. Contudo, não bebeu qualquer gole. Rodou o conteúdo do copo vezes sem conta.

– Se me fosse concedido um desejo – acabou por dizer –, seria ver James casado com uma mulher que gostasse realmente dele. Se me fosse concedido um segundo, gostaria que ele tivesse filhos que lhe dessem alegria, tal como os meus me deram a mim. No entanto, começo a duvidar que tal felicidade lhe aconteça. Não sei... – abanou a cabeça, abatida –, talvez se tivesse feito as coisas de maneira diferente naquele tempo...

– Não repense as suas ações – insistiu Abigail, com compaixão. – Fez o que achou melhor na altura.

– Sim, pois foi – concluiu Mrs. Ford, sem entusiasmo –, mas nunca fiquei convencida em relação ao caminho que escolhi, embora, olhando para trás, talvez não houvesse uma escolha *correta*. Só havia vítimas; principalmente os meus filhos. – Com um suspiro,

como se tivesse decidido carregar um fardo insustentável, endireitou os ombros. – Perdoe, Lady Abigail, mas receio que tenha perdido o seu tempo ao vir até aqui. Não falarei ao James em seu nome. Ele não me ouviria e não posso dizer que quero que o faça.

Abigail pensara erroneamente que estavam a fazer progressos e viu, agoniada, a sua última oportunidade com James a voar pela janela.

– Por favor... – implorou ela.

– Não – interrompeu Mrs. Ford. – Embora deseje que o meu filho alcance alegria na vida, sei que não é a senhora quem lhe proporcionará isso.

– Eu amo-o!

– Tenho a certeza de que *pensa* isso.

– Amo-o mais a ele do que à minha vida.

– Mas não disse nada para me convencer de que o James partilha a vossa ligação sentimental e, tal como sublinhou, ele nunca a desposará. Sabe muito bem que essa união seria desastrosa. – Com um rodar de pulso, bebeu o brande, olhando para Abigail com uma expressão severa que lhe dizia, silenciosamente, que a visita terminara.

Abigail sentiu-se como se estivesse atada a um navio a afundar, a perder rapidamente o controlo da situação.

– Prometo que eu e ele só falaremos.

– Entendo o comportamento do meu filho. Sei bem o tipo de *encontro* que terão e nada farei para que possa criar um bebé juntos. Não quero que outra criança sofra o que os meus filhos sofreram. – Avançou para a porta do aparador. – Esqueça o James, Lady Abigail. Apesar de o desejar muito agora, ele não é homem para si. Volte para casa e não regresse. O Arthur irá acompanhá-la à porta.

Abigail andava de um lado para o outro no quarto, com os ouvidos pregados às escadas. Naquele momento, exatamente às duas

horas, a porta principal abriu-se e o seu coração deu um pulo. Apesar das afirmações de Mrs. Ford, ela devia ter dito qualquer coisa a James. Tal como Abigail esperara que ela fizesse.

Ele viera! Ele realmente viera!

Querendo parecer calma e controlada, correu para a cama e recostou-se nas almofadas. Não deixando nada ao acaso, decorara o quarto de modo a seduzi-lo. A lareira estava acesa, havia vinho e comida na mesa e velas aromáticas nos parapeitos.

Esperando tentá-lo para além dos seus limites, vestira o fato vermelho que ele lhe enviara. Envergando apenas cuecas, meias e sapatos escarlates, prescindira do top que lhe segurava o peito de um modo muito erótico, deixando os seios nus, com os mamilos eretos visíveis somente através do tecido vaporoso do roupão. As lapelas estavam abertas ao centro de forma a revelarem o decote e o abdómen.

Tinha o cabelo solto, tal como ele gostava, escovado e encaracolado em redor das ancas, e os lábios pintados de uma cor rosácea. Sentia uma ansiedade crescente que lhe ruborizava as bochechas. Parecia sensual, atraente e pronta para proporcionar um imenso prazer ao homem que estava prestes a entrar naquele quarto.

Se ele ao menos permitisse que ela o fizesse!

James estava furioso com ela e provavelmente recusar-se-ia a conversar de forma cândida, pelo que Abigail tinha de ter um método para quebrar as barreiras que ele erguera. Fazer amor era indubitavelmente a forma perfeita de concentrar a sua atenção e de garantir o desvanecimento da sua raiva. Com um pequeno esforço da sua parte, ele voltaria a ser a pessoa carinhosa e encantadora por quem ela se apaixonara.

Como a relação que tinha com James era a sua única alegria na vida, e a sua primeira tentativa de sedução, nunca lhe ocorrera não ser bem sucedida. A possibilidade de James estar demasiado magoado para aceitar o seu pedido de desculpas não lhe passara

pela cabeça e declinou pensar que o desenlace poderia ser negativo. James perdoá-la-ia! Amava-a, ela amava-o, e na sua ingenuidade estava convencida de que aquelas fortes emoções poderiam curar todos os males.

A porta abriu-se e ela preparou-se quando ele entrou. Parecia tão triste como ela, o que devia ser um ótimo sinal. Era óbvio que estava em sofrimento! Com certeza se preparara para resolver as diferenças entre eles.

O casaco impecável, as calças de corte perfeito e os sapatos muito bem engraxados tinham desaparecido. Envergava uma simples camisa larga, um colete de pele, calças de lã e um par de botas usadas, dando a impressão de que estivera a caçar ou a montar a cavalo. O cabelo estava um pouco comprido e a precisar de um corte; não se barbeara e os pelos escureciam-lhe o rosto.

Sem falar, encaminhou-se para a beira da cama e pôs-se a avaliar Abigail. Começando pela cabeça e descendo pelo corpo, examinou rudemente tudo o que ela expusera. Antes, olhara para ela com desejo, uma mistura de afeto e carinho, mas agora havia uma apatia estudada, dando a Abigail a impressão de que poderia ser ela ou outra qualquer ali tão escandalosamente deitada. Com um medo crescente, ela reconheceu que já era uma das mulheres do passado dele.

Antes de chegar, ensaiara uma dezena de discursos, contudo, agora, olhando para ele de uma distância tão vasta como um oceano, as suas palavras elaboradas voaram pela janela. Nada parecia apropriado.

– Olá, James – acabou finalmente por dizer, confusa e assustada.

– Foste falar com a minha mãe.

Aquele indivíduo frio e duro não era alguém que ela conhecesse. Sentada diante dele, quase nua como no dia em que nascera, sentiu-se tola e idiota. Imaginaria a sua afinidade ardente? Aquelas carícias teriam realmente acontecido? Talvez tivessem sido apenas um sonho dela.

Era evidente que confundira o ardor físico dele com outra coisa. Lady Newton insinuara o mesmo e Angela Ford insistira descaradamente que qualquer ideia sobre James ter desenvolvido uma ligação afetiva era pura fantasia. Pelos vistos, as duas mulheres estavam certas. Aquele estranho, que se encontrava tão aborrecido com ela, nunca podia ter possuído uma ponta de sentimento.

No que pensara ela ao oferecer-se daquela maneira? Não era uma das suas prostitutas. Desejando escapar – do quarto, da casa, *dele* – deslizou para a ponta da cama. Todavia, as suas roupas estavam atrás do biombo, tão longe como a América. Como desejava ter a capacidade de fazer um golpe de mágica e poder reaparecer noutro lado, escondida da vista dele.

Infelizmente, não havia magia capaz de resolver a situação. Teria de se levantar e de passar por ele, perseguida pelos seus olhos calculistas. Só a ideia de ele a observar quando a sua imprudência era tão visível aos dois era demasiado, pelo que não conseguiu obrigar as pernas a darem um único passo.

Então... ficou sentada, de ombros curvados e com o cinto do pequeno roupão à volta da cintura, sem esconder muito. Apesar de as lágrimas ameaçarem cair, ela não permitiu que se derramassem, pois nunca lhe daria a satisfação de descobrir o quão agitada estava.

Ele contornara a cama, mas ela só reparou quando viu as suas botas ao lado dos seus pés descalços.

– O que queres? – perguntou ele, irritado.

– Já não importa. – Ela fingiu um fascínio pelas botas dele, reparando nas marcas de idade e no calcanhar um pouco gasto. Esforçou-se para imaginar onde é que ele estivera com elas calçadas e o que fizera, qualquer coisa que lhe ocupasse a mente de modo a não pensar insistentemente no sítio onde ele estava naquele momento.

– Foste suficientemente corajosa para visitar a Angela. Na minha casa… – estava muito zangado –, por isso, deve ter sido algo importante. O que quer que tenha sido, *vossa senhoria*...

– Não me chames isso.

– Não te chamo o quê? *Lady* Abigail? Não é isso que és? – Ela foi capaz de senti-lo a encolher os ombros, com o olhar furioso a percorrê-la como uma toalha quente. – O que quer que tenhas a dizer, diz! Diz tudo! Desabafa. Livra-te do peso. Não quero que voltes a incomodar a minha mãe. Nunca mais.

– Eu só pensei que... – Contudo, mal começou a dizer a frase, soube que não seria capaz de terminá-la. O que pensara, exatamente? Os seus planos astutos eram totalmente idiotas tendo em conta a situação em que se encontrava.

– O quê?

– Tinha esperança de que pudéssemos falar – acabou ela por dizer. – Queria pedir-te desculpa pela forma como me comportei no teatro.

– Lamentas?

– Não sejas cruel, James. – Apesar de ela ter suspirado carinhosamente o nome dele, soava como se estivesse a partir gelo. – Sabes que lamento.

– Eu não sei nada. Pela minha experiência, os membros da tua *estirpe* – a sua reprimenda era cortante – comportam-se como bem entendem. Já me tinhas dito que me tratarias com desinteresse se me visses em público. Não esperei nada de diferente da tua parte.

– Bem, eu esperei mais de mim própria. Magoei-te e lamento ter-te irritado.

– Não te iludas por pensar que tens alguma influência no meu dia a dia. O estado de espírito em que me encontro agora não tem nada a ver contigo.

– Então, tem a ver com o quê? Porque estás a agir assim? Porque falas comigo dessa maneira tão horrível? – Encontrou coragem para olhá-lo nos olhos e ficou espantada com o que viu. Por breves

instantes, observou transtorno, tristeza e sofrimento, muito mais dor do que aquela que ela poderia ter causado no teatro. Tão depressa como ela percebeu a agonia dele, James escondeu-a por detrás de uma máscara de raiva e aborrecimento.

– O que aconteceu para te deixar nesse estado? Foi o teu pai? – perguntou ela, com calma.

Ele virou-se, com medo que ela visse uma pouco mais da sua angústia. Dirigindo-se para a mesa, serviu-se de um pouco de vinho e bebeu-o de um trago.

– O meu pai está ótimo. E a minha mãe, também. Tal como toda a minha maldita família. – Pousou o copo na mesa com tanta força que o vidro estalou. – Mais alguma coisa?

– A tua mãe disse que ia sair de casa. – Ela tocou nos pontos mais sensíveis com a intenção que ele respondesse. – Discutiste com ela?

– Eu não discuto com a minha mãe.

– Com quem foi, então?

– Com o meu irmão. – Ela ficou surpreendida com a declaração e, pelos vistos, ele também. Agitado, dirigiu-se à janela, afastou a cortina e olhou para a rua. – Os meus pais decidiram casar...

Ela ficou tão chocada que não conseguiu responder logo. O conde Spencer ia render-se finalmente e casar com Mrs. Ford! O que precipitara a decisão? Quando seria o casamento? Onde morariam? Quando enviariam os convites? Que explicações dariam?

Edward mantivera aquilo em segredo e ela perguntou-se se já o teria dito aos seus outros filhos e se as reações deles teriam sido como aquela!

Estava desejosa de pedir a James todos os pormenores, mas não se atreveu. Ele estava tão perturbado que isso só acabaria por piorar a situação. No entanto, não se dispôs a falsear a sua opinião só para lhe fazer a vontade.

– É uma decisão maravilhosa, James. Para ambos.

– Era de esperar que pensasses assim – meditou ele, franzindo-lhe o sobrolho por cima do ombro. – Sempre foste a grande defensora do Eddy. Acho que te vou apresentar ao meu irmão para que o convenças das intenções *honradas* dele. E não me esquecerei de te chamar para segurares a mão da minha mãe quando o Eddy lhe partir outra vez o coração.

– Isso não vai acontecer.

– Fico contente que um de nós tenha tanta certeza. – Deixou o seu lugar na janela e aproximou-se da cama. Sem fazer mais comentários, tirou a camisa de dentro das calças, passou-a pela cabeça e atirou-a para o chão.

Ao olhar para cima, ela viu os pelos ondulados e escuros do peito dele. Conseguia sentir-lhe o suor e um aroma que associou ao desejo. Estando com os olhos ao nível das virilhas dele, não pôde deixar de reparar que ele estava excitado. Desejava-a. Queria o que ela ansiava por partilhar com ele.

– Deita-te – ordenou ele, puxando a parte da frente das calças, abrindo-as.

Embora ela ansiasse pela oportunidade de abraçá-lo, ficou apreensiva. Sobre os motivos dele. Sobre os seus próprios motivos. Sobre o seu próximo passo.

Era uma novata nos jogos do amor. Outras mulheres, mais experientes, poderiam estar disponíveis para saltar da animosidade fria para as relações físicas num abrir e fechar de olhos, no entanto, ela não era uma delas. Não era capaz de progredir para a intimidade a não ser que houvesse afeto no ato da união. Ainda assim, se fizessem amor, tinha a certeza de que os poderia levar de novo para aquele lugar especial, onde desesperava por estar. Mas...

– Não sei se posso.

– Porquê?

– Parece errado.

– Então porque estás aqui, vestida dessa maneira?

Ela ficou bastante corada.

– Pensei que quisesses...

– E quero – insistiu ele. – Deita-te.

– Responde-me a uma pergunta primeiro. – Ela mudou de posição para poder olhá-lo nos olhos. – Estiveste na cama de outra mulher? Pois, se estiveste, eu nunca poderia fazer amor contigo. – Acrescentou, rapidamente. – Não me mintas.

– Estive no campo, à procura do meu irmão. Há um bordel em Surrey de que ele gosta muito.

– Oh...

– Mas não estava lá – tirou uma das botas e depois a outra – e eu não estive com nenhuma mulher. Voltei logo para Londres.

Acenando e hesitando, ela tentou ocultar as suas emoções. Estava tão confusa sobre o que era melhor! Queria tanto aquilo – ele também, pelos vistos – ainda assim, não era capaz de prosseguir sem saber a verdade.

– Com quantas... – Engoliu em seco e corou. Em seguida, esforçou-se para fazer sair as palavras. – Com quantas virgens é que já te deitaste?

– Duas. Tu e a minha mulher. – A resposta dele foi honesta e sucinta, enquanto olhava para ela. – Porque me fazes uma pergunta tão absurda?

– Alguém me disse uma coisa... – Não completou a frase, incapaz de descrever a conversa estranha e odiosa que tivera com Barbara Ritter.

– Quem? – pressionou ele.

– Foi... uma das tuas parceiras.

– Qual delas? – perguntou ele, recusando-se a deixar a conversa morrer.

– Lady Newton. – Ela estremeceu; dizer o nome de uma das suas amantes era demasiado doloroso. – Conversei com ela na noite do teatro. Disse que tu normalmente seduzes virgens e as levas para a cama, apenas por desporto.

– Acreditaste nela?

– Não devia ter acreditado? – perguntou ela, veemente.

Ele fez-lhe uma vénia.

– Não há dúvida que pensas que eu sou um homem desses.

Não, não, claro que não! quis gritar ela, contudo, o que saiu foi:

– Estou tão desconcertada, James. Já não sei o que é a verdade. E o que não é.

Ele tocou-lhe nos ombros e tirou-lhe o roupão, destapando-lhe os seios. Com o polegar e o indicador, manipulou-lhe o mamilo e toda a reação do corpo dela foi instantânea. Como se nunca tivessem estado afastados, como se tivessem acabado de fazer amor, ela sentiu uma grande fome por ele e por tudo aquilo que ele lhe podia dar.

Ele agarrou na cintura das suas calças e começou a empurrá-las para baixo.

– Quero-te agora. Deita-te.

18

James estava à frente dela, nu, completamente excitado e sem vergonha da sua virilidade. A sua beleza masculina era irresistível e, sem parar para pensar no melhor caminho a seguir, encostou o rosto aos seus pelos púbicos. Quando James a desejava daquela forma, e exigia gratificação, ela não podia negar-lha.

Qualquer que fosse a animosidade que ainda restava, ou os problemas que os separavam, poderiam ser resolvidos mais tarde. Por agora, tudo o que existia era aquela sensação extraordinária.

Beijando-lhe o ventre, encheu a mão com o pénis de James, sentindo o latejar do seu pulso acelerado através do remoinho de veias enormes. Pegou nos testículos e acariciou os sacos macios. Ele gemeu em aprovação e ela recompensou-o com a boca.

O sabor dele era bastante intenso, uma mistura de suor e homem feitos especialmente para inflamá-la. Automaticamente, as ancas dele começaram a fletir-se ao ritmo que ela tanto gostava. A sua mão estava na nuca dela, a controlá-la. Abigail aceitou de bom grado as indicações, tomando-o o mais que podia. A satisfação dele serviu apenas para aumentar a dela.

A ponta do falo verteu o seu suco sexual, fazendo crescer o nível de antecipação de Abigail. Durante a última noite de amor, ele recusara derramar-se na boca dela, insistindo que não estava preparada. Contudo, ela sabia o quanto ele gostava de o fazer, pelo que esperava que a deixasse dar-lhe prazer até ao fim.

Todavia, no momento em que ela concluiu que aquela seria a ocasião em que suportaria tudo, ele afastou-se e recostou-a às

almofadas. O corpo pesado e soberbo de James empurrou-a contra o colchão, com o pelo do peito e das pernas a roçar nela e a fazê-la contorcer-se de antecipação.

Não a beijou, o que a deixou terrivelmente desapontada, no entanto, não se queixou. No estado em que estava, não conseguia prever a sua reação, por isso, forçou-se a contentar-se com o que quer que ele estivesse disposto a partilhar com ela.

Com a boca nos mamilos de Abigail, chupou-a, levando-a a contorcer-se e a combater a estimulação. Sem nunca parar, tocou-a em todo o lado: ombros, braços, seios, barriga. Meteu a mão nas cuecas dela e arrancou-as, atirando o tecido vermelho para o chão. Depois, inseriu os dedos, com rudeza e determinação, e as ancas dela impulsionaram-se instintivamente ao ritmo que ele impôs.

Ele viajou devagarinho ao longo da barriga dela, deixando um rasto tempestuoso e encorajando-a a abrir-se para ele. Lambendo-lhe o clítoris, soterrando-se nas suas dobras, enterrou-se, lambendo a fenda saturada e deleitando-se com o seu sabor, como se o impregnasse na alma.

Ela queria vir-se, *precisava* de se vir, contudo, ele deixou-a pendurada num penhasco pavoroso de excitação, a pedir e a implorar por mais.

Afastou-lhe as pernas e agarrou-lhe as coxas, colocou a ponta do pénis no centro dela e hesitou, olhando para o local onde as suas partes quase se juntavam, o seu pénis inchado e ansioso, e os pelos louros dela que o convidavam.

– Vou foder-te com todas as minhas forças – disse ele, apertando-lhe as ancas.

– Sim, James – incitou ela, pois, naquele momento, já não era capaz de lhe recusar nada. – Tudo o que quiseres... Por favor...

– Nunca te esqueças – declarou ele – de que fui eu o primeiro. O único.

Submergiu, com o membro a trespassá-la tão furiosamente que pareceu um castigo, todavia, um que ela desejava. Abigail arqueou-

se e abriu-se, dando-lhe todo o acesso que ele conseguia ter. As ancas de James batiam como pistões de uma grande máquina, empurrando-a contra a cama até a encostar à cabeceira, com o impacto do seu impulso. Lutando para se estabilizar, ela agarrou-se à beira do colchão enquanto recebia mais daquela invasão brutal.

Ela foi esticada até ao limite, com o pénis dele a bombeá-la a cada impulso. Ele não abrandou, nem ela queria que o fizesse. Aquela união frenética e selvagem era tão distinta do que ela fantasiara que esperou que ele nunca chegasse à conclusão. Havia algo tão prazenteiro no desejo desesperado que James parecia nutrir por ela que Abigail quase se assustou com a sua intensidade.

A transpiração cobria a testa dele e a sua pelve batia na dela. O coração de Abby batia com tanta força que ela era capaz de o ver através das costelas. Ele apoiou-se ao lado dos ombros dela, com os músculos muito tensos, e agarrou as almofadas com os punhos. Pelo seu nível de agitação, ela percebeu que ele chegara ao pico e que deveria derramar a sua semente. No último segundo, quando ele teria retirado a sua emissão sexual de dentro dela, Abigail prendeu os pés em redor dos calcanhares de James e os braços à volta das costas dele, segurando-o o mais que pôde.

Surpreendido e aflito, ele olhou para ela, no entanto, era demasiado tarde para que se contivesse. Mergulhou profundamente, mais do que parecia possível, e esvaziou-se. Ela sentiu o esguicho flamejante da semente dele ir contra o seu ventre.

Fechando os olhos, suspirou uma pequena oração. *Por favor, Deus, faz com que tenhamos feito um bebé*.

Naquele preciso momento, não se importou com o futuro, com a sociedade, com as suas atitudes morais, os seus estigmas ou a desgraça em que mergulharia a família. Era simplesmente uma mulher que fora muito amada pelo homem dos seus sonhos e com o corpo a gritar para que a consequência natural se concretizasse.

Com uma imersão final e feroz, ele estremeceu e tombou, pousando a testa no peito dela, o hálito quente a derramar-se sobre

a pele suada e ensopada de Abigail. À medida que ele se foi descontraindo, ela aproveitou para se acalmar.

Com certeza que, depois de tudo aquilo, qualquer animosidade e frustração que ainda persistissem teriam sido purgadas!

Esperou que ele falasse, mas, para seu espanto, James não disse nada. Quando ele se afastou, tinha uma expressão imperscrutável. Ela ficou assustada. Tivera tanta certeza de que veria finalmente amor nos seus olhos. Ansiosa, molhou o lábio inferior, e o canto da boca dele levantou-se, formando um quase sorriso. O coração doía-lhe. Ele era lindo quando sorria.

– Não devia ter terminado daquela forma – disse ele, agraciando-a com um beijo casto. Encolheu os ombros. – Sou sempre mais cuidadoso. Peço desculpa pela minha falta de controlo.

Dito aquilo, James virou-se e pôs-se de pé. Apanhou o roupão dela e atirou-lho, em seguida, pegou nas calças e começou a vesti-las.

– O que estás a fazer? – Ela observava-o, petrificada.

– Tenho de ir a um sítio – respondeu ele, enigmático, fazendo uma miríade de imagens horrendas surgir na mente dela, ao pensar no lugar onde ele *tinha* de ir. E com quem tinha de estar.

– Mas... pensei que devíamos falar...

– Sobre o quê?

– Bem... sobre nós... sobre...

– Lady Abigail – interrompeu ele, destroçando-a por usar o título –, não existe nenhum *nós*. Nunca existiu. Já devia ter percebido.

– James, por favor. Já te pedi desculpa. Diz-me que me perdoas.

– Com certeza, minha senhora. Está tudo perdoado. – Agarrou na camisa e vestiu-a.

– Mas... ainda estás muito zangado comigo.

– Não estou, a sério. Só que tenho inúmeros compromissos. Agora… – encontrou uma bota, calçou-a. Encontrou a outra, calçou-a também – se me dá licença, tenho de me retirar. Obrigado por me ter convidado para a sua cama. A experiência foi... – Deteve-se,

buscando a palavra apropriada. Acabou por dizer: – Muito compensatória.

O sexo deles fora tão dramático; ela estivera tão convencida do resultado! Depois do que acontecera, como é que ele podia pensar em retirar-se?

– Vais-te embora? Assim, sem mais nem menos?

– Sim, Abby – respondeu ele, com mais gentileza. – E tenho de pedir-te que não me procures mais. Não incomodes a minha mãe; não me mandes mais cartões. Não responderei e não voltarei aqui. Os meus encontros contigo foram muito divertidos, mas não podem continuar. Não podia haver nenhuma conclusão viável para qualquer um de nós. – Quando parecia que ela ia contrapor, James acrescentou: – Sabes que tenho razão.

– Mas... eu amo-te – murmurou ela, abalada. Para seu desgosto, começou a chorar.

– Tenho a certeza que sim – respondeu ele –, mas foi um erro grave da tua parte, pois eu não retribuo o teu amor. – Inclinou-se, roubou-lhe um último beijo rápido e ergueu-se. – Adeus – murmurou. Depois, virou-se e saiu do quarto.

Deitada no meio de um silêncio sepulcral, Abigail foi incapaz de se mover e de respirar, ouvindo os passos dele a descerem as escadas e a porta a abrir-se. Ao escutar o trinco, conseguiu levantar-se. Vestiu o roupão, correu para a janela e abriu as cortinas. Viu-o a descer a rua e gritou.

– James! James!

O tráfego era barulhento e movimentado, com inúmeras pessoas e veículos a passar, por isso, ninguém lhe ligou. Voltou a chamá-lo, contudo, se ele a ouviu, fingiu não tê-lo feito. Continuou.

– Então? – perguntou Barbara Ritter quando a cortina da janela da carruagem desceu. – O que pensa agora da minha história, Lady Marbleton?

Durante algum tempo, Margaret Weston não respondeu. Continuou a olhar para a janela do primeiro andar onde a cunhada acabara de fazer uma figura muito triste, apesar de parecer que ninguém na rua tinha reparado.

Abigail estava um desalinho, com o cabelo despenteado e os seios à mostra, debaixo de um roupão translúcido que James comprara a Madame LaFarge. Com o braço esticado em jeito de súplica, a chorar e a gritar o nome dele, não poderia ter sido mais comovente se estivesse em cima de um palco a representar uma peça melodramática. Nem Barbara teria conseguido um final tão bom, mesmo que tivesse sido ela a planear tudo.

Margaret vira o que havia para ver.

Fora necessária muita persuasão para convencê-la a entrar na carruagem e ainda mais conversa para convencê-la a ficar. Abigail aparecera pouco depois de elas terem chegado, chocando Margaret, pois ela não acreditara verdadeiramente na estranha denúncia de Barbara até James também ter aparecido e entrado em casa. Ainda assim, Margaret permaneceu cética, vendo e esperando em silêncio à medida que as horas passavam. Se Abigail não tivesse terminado com o seu *affair* sexual de forma tão espalhafatosa, Margaret continuaria a desconfiar da sua veracidade.

No entanto, com o adeus frenético de Abigail, não restavam quaisquer dúvidas, suposições ou incertezas. Enquanto a virginal Caroline Weston desfilava por todos os salões mais abastados de Londres, a sua irmã alegadamente casta e solteirona passava as horas de lazer a fornicar com James Stevens. Aos olhos de Margaret, Abigail não poderia ter escolhido homem mais sórdido com quem cometer pecado tão monstruoso.

Abigail acabou por poupá-las ao seu espetáculo ao entrar e fechar as cortinas. Testemunhando o seu desespero, Barbara quase sentiu pena dela. Quase. Todavia, não pôde conter o sorriso jubiloso que implorava para se fazer mostrar, e teve de o esconder atrás do

leque, para que Margaret não descobrisse quão feliz ela estava com o desenrolar dos acontecimentos.

Margaret observou a casa durante mais trinta e dois minutos – Barbara contou todos os segundos agonizantes – até Abigail sair pela porta da frente. Abatida, desceu a rua até chegar a um fiacre e entrou.

Assim que o transporte contornou a esquina e desapareceu da vista delas, a mão de Margaret largou a cortina e pousou no seu imenso colo no assento. Ficou com o rosto muito corado.

– Devo dizer-lhe, Lady Newton – respirou fundo e exalou um grande suspiro – que, quando me contou, não acreditei. A Abigail sempre foi uma jovem tão digna e honrada que não aceitei que isto pudesse ser verdade. Dar com ela assim! Com *aquele* homem! De entre todos os canalhas do mundo! – Estremeceu de desgosto.

– Lamento ter sido a portadora das más notícias – disse Barbara, humilde, exibindo a docilidade servil que Margaret esperava. – Fiquei tão chocada quando os vi que decidi que a senhora *devia* saber.

– Fez bem em ter vindo ter comigo, querida – concordou Margaret. Depois, queixou-se. – Lições de pintura à tarde! Pois sim! – Olhou novamente através da janela, apesar de não ver nada.

– O seu pobre marido – disse Barbara, com pena. – Detesto pensar quanto vai sofrer com estas notícias.

– Vai morrer – meditou Margaret, triste e emocionada. Fazendo estalar a língua, acrescentou: – Se não o tivesse visto com os meus próprios olhos... bem... *nunca* teria acreditado. – Olhou para Barbara. – Vamos embora? Não me estou a sentir muito bem.

– Claro, Lady Marbleton – respondeu Barbara. – Levamo-la já para casa.

James agitou-se desconfortavelmente na cadeira da sala de estar da suíte do hotel da mãe. Era dura e magoava-lhe as costas e desejou que a mãe estivesse em casa, onde era o seu lugar, para

que se pudesse esticar num dos sofás confortáveis que tinha na sala, em vez de estar ali, à espera da entrada triunfal da mãe, que só seria feita quando bem lhe apetecesse.

O aposento era um pouco garrido para o seu gosto, mas correspondia exatamente ao tipo de casa pretensiosa e vulgar que Angela apreciava. Ela gostava de exibir a sua riqueza, desafiando os outros a ver o quanto subira na vida. Enquanto os membros da sociedade se recusavam a impressionar-se, as pessoas comuns, que eram a maioria dos seus admiradores, adoravam-na e todos os criados do hotel se atropelavam para lhe satisfazer os desejos.

Ele conseguia ouvi-la a passear e a vestir-se no aposento adjacente – provavelmente um dos seus trajes escandalosos – destinados a chocar quem quer que lhe pusesse a vista em cima mais tarde.

Provara a sua posição: estava tão furiosa que condenou os filhos e o seu comportamento insensível e se foi embora da casa que tanto amava. Quer eles quisessem, quer não, iria casar-se com o seu querido Eddy. Independentemente do transtorno que causava a todos, faria o que bem lhe apetecesse.

Ela tinha esse direito, pensou ele. Depois do choque inicial, James começava a aceitar a difícil situação. Não ficara muito contente, mas aceitava-a. Amava Angela e também gostava de Edward quando o homem não se comportava como um autêntico canalha. James achava que ele e o pai se poderiam suportar um ao outro de forma a deixarem Angela satisfeita.

Angela era uma mulher adulta, capaz de tomar as suas próprias decisões sobre a união com Edward. James pedira-lhe inúmeras vezes para regressar a casa e não compreendia porque ela não o fazia, contudo, a mãe insistia que os seus aposentos eram muito bons e que tencionava manter-se ali até ao casamento.

De modo a diminuir o furor que a ligação criaria, a cerimónia seria adiada até ao final da temporada, assim que os pares de Edward estivessem nas suas casas de campo. Depois, planeavam escapar

para a costa italiana para uma longa lua de mel, na esperança de que os escândalos subsequentes ocorressem nessa altura e já tivessem acabado quando regressassem.

O seu plano secreto e complexo servia muito bem a Edward. Angela não se importava com os membros da sociedade. Há muito que não se deixava influenciar pelas suas convicções, no entanto, por Edward e pela sua preciosa reputação faria qualquer coisa.

A ideia de que ela ainda estava tão apaixonada deixava James com o estômago embrulhado.

Ele inspecionou mais uma vez o aposento e não pôde deixar de suspeitar que ela saboreava o caos que precipitara. Gostava de tê-lo à sua espera enquanto ele se retorcia como um menino prestes a levar um sermão.

Na altura em que ele decidiu ir embora, ela passou através da porta num rodopio de cor vermelha intensa. O vestido tinha um decote pecaminoso de tão baixo que era, uma cintura pequena e uma saia comprida que lhe favorecia a figura voluptuosa. Tinha o glorioso cabelo louro penteado para cima e a cara maquilhada. Estava linda, confiante, segura, cheia de travessura, pelo que ele ficou feliz por não ser o homem que teria de lidar com ela para o resto da vida. Chegou quase a ter pena de Edward. O pai não vivera com ela durante vinte e cinco anos e James esperava que ele soubesse realmente onde se estava a meter.

– Tiveste notícias do teu irmão? – começou ela, sem sequer pensar em pedir desculpa por tê-lo forçado a esperar uma hora enquanto ela se arranjava.

– Sim. Mandou um recado. – Passou-lho e observou-a enquanto ela o lia.

Era muito pouco convencional quando comparada com outras mães que ele conhecia. Como nunca fora extremamente *maternal*, ele não podia deixar de pensar que tipo de pessoa seria se não tivesse crescido com aquela figura exibicionista e carismática como único progenitor.

O seu gosto pela vida, e visão do mundo, tinham-no tornado um homem assertivo, poderoso e próspero, contudo, no fundo, ele continuava a ser o miúdo que sempre a idolatrara. Desejava desabafar os seus problemas, porém, reconheceu que, se revelasse o mais pequeno indício, não sabia como ela reagiria.

– Ele não sabe quando volta? – Angela franziu o sobrolho. – Que raio quer ele dizer?

– Não se preocupe, mãe. Ele está só a acalmar.

– Onde?

James encolheu os ombros.

– Não faço a mínima ideia. Mas diz que está bem, por isso, não estou preocupado. De qualquer forma, não o quero por perto quando está com os azeites. Precisa de se acalmar.

– E o trabalho dele no clube? Vais desenrascar-te sozinho até que ele se digne a aparecer para assumir as suas responsabilidades?

– Não faz mal. A sério. – Mentia. Michael tinha grandes obrigações no clube e todos sentiam a sua falta quando ele lá não estava. No entanto, não era por isso que James não gostava da sua ausência. Michael era o seu melhor amigo e, quanto mais não fosse, a sua presença dar-lhe-ia a impressão que a vida continuava nos eixos. De que não tinha conhecido Abigail Weston. De que Angela não iria juntar-se a Edward.

– Presumo que regressará – disse ela – depois de ter a certeza de que nos enlouqueceu a todos de preocupação.

– E não antes – disse ele. – Sabe como ele é. Não vale a pena inquietar-se. – Ambos sorriram perante a teimosia de Michael.

Com um suspiro, Angela dirigiu-se ao espelho e verificou a sua aparência. Parecendo pouco à vontade, um lado que raramente mostrava aos outros, perguntou, calmamente:

– Achas que ele algum dia me vai perdoar por ter feito isto?

Tendo em conta a teima de Michael, James não conseguia prever o comportamento do irmão, todavia, não o confessaria à mãe.

– Acho que sim.

– Se pensasse que ele não o faria, não sei se iria adiante com o casamento.

– Mãe, se casar com o Edward a faz feliz – impressionante, estava a defender o pai –, então, é isso que tem de fazer. Não negue isso a si própria por causa de Michael.

Suspirando novamente, ela voltou a virar-se para o espelho e ajeitou o penteado.

– E tu? – perguntou ela de forma casual. – Que é feito da rapariga que me veio visitar?

– Não faço a mais pequena ideia.

Ela abriu muito os olhos.

– Diz-me que não te foste encontrar com ela.

– Fui, mãe. Fui.

– Pedi que não fosses! – Preocupada, franziu o sobrolho. – És um homem esperto. Porque entrarias nessa loucura? A não ser que... – Ela enfrentou-o, observando-o de uma maneira que o fez tremer, tal como em criança. – Ela tinha razão! Gostas dela!

Ele moveu-se, desconfortável.

– Não. Só lá fui porque achei que alguém lhe devia dar alguns conselhos.

Quando ele não desenvolveu a resposta, ela grunhiu.

– E...?

– Terminei tudo.

– Como é que ela reagiu?

– Bem – respondeu ele, misteriosamente.

– Perfeitamente amigável? Sem ressentimentos, nem nada disso?

– Sim.

– Dormiste com ela primeiro?

Ela gostava de chocar com palavras vulgares, pelo que ele não ficou surpreendido com a pergunta. Todavia, ele corou de embaraço.

– Claro – respondeu, tentando não parecer incomodado. – Agradeço tudo o que me oferecem livremente.

– És um libertino, meu querido. – Ela reprovou e abanou a cabeça. Em seguida, atravessou o quarto e aproximou-se da cadeira dele. – Não me mintas, James Stevens. A rapariga dizia-se apaixonada por ti. Muito apaixonada. Deves ter-lhe partido o coração. Por isso, não te sentes aí a declarar que ela foi uma das tuas amantes, porque não foi. Era uma verdadeira senhora, em todos os sentidos. Ainda não acredito que te tenhas deitado com ela e que tenhas sido cruel ao ponto de abandoná-la depois de fazerem amor. Quando é que a informaste? Quando estavas a vestir as calças?

Como fora aquilo que basicamente acontecera, James dirigiu-se ao aparador e serviu-se de um brande, deitando-o no copo enquanto olhava para a janela de modo a ver outra coisa que não a mãe.

– Não foi assim tão mau – mentiu ele.

– Tens razão – disse ela, sarcástica. – Tenho a certeza de que foi muito pior. Como pudeste ser tão insensível? O que te deu para tratares uma rapariga doce desta maneira? Não foi assim que eu te eduquei.

– Fi-lo por ela, mãe – insistiu ele, desejando confessar-lhe a tragédia que de facto tivera lugar.

Pensou em Abby, em como ela se lhe oferecera generosamente e em como esperara ingenuamente consertar a situação. Até ao final, ela nunca compreendeu quão canalha ele era capaz de ser.

Dirigira-se à casa com o objetivo nobre de terminar definitivamente com ela, no entanto, assim que a vira, não conseguira afastar-se. Apesar de ter agido como um autêntico patife por ter tido relações sexuais com ela, a sua união fora magnífica e espetacular, o encontro mais intenso e dramático que já tivera com uma mulher. Por isso, estava contente por tê-la tomado uma última vez. Levá-la para a cama fora insensível e errado, contudo, ele não se arrependia.

– Fizeste-o por *ela*? – zombou Angela, incrédula. – Agora já ouvi tudo. Aquela rapariga ama-te. Teria feito qualquer coisa por ti.

– Ela não me *amava*, mãe. Eu fui o único homem que lhe deu atenção. Só isso. Ficou encantada e intrigada, confundiu amor com desejo. Mas não se preocupe. Ela vai esquecer-me rapidamente. – Encaminhou-se para a cadeira e sentou-se, tentando parecer confortável enquanto esperava desesperadamente que a mãe mudasse de assunto.

Não queria falar sobre Abigail Weston! Nem com a mãe, nem com mais ninguém. Ela era como um inseto irritante, a zumbir-lhe à volta do coração e a ocupar-lhe a mente. Ele não era capaz de comer, dormir ou pensar sem que a sua imagem aparecesse.

– Não posso acreditar que estejas a dizer esses disparates. – Angela foi para junto dele, ajoelhou-se e pousou os braços no seu colo. O seu leve perfume assolou-o. – Jamie –, murmurou ela, docemente –, tu ama-la?

– Claro que não! – insistiu ele, inflexível. Amava Abby mais do que conseguia descrever por palavras, precisava dela como da água ou do ar, contudo, não se imporia na sua vida quando era óbvio que ela não o queria lá.

Durante o último encontro, ele esperara por um gesto, um sinal, uma revelação – qualquer coisa – que indicasse que ela estava preparada para assumir uma relação fora do refúgio. Dera-lhe todas as oportunidades, porém, ela não as aproveitara para refazer o mal feito. Pedira desculpa pelo seu comportamento no teatro. Quisera ter relações sexuais, mas não mostrara a mínima vontade de levar aquele *amour* para fora das quatro paredes.

Apesar de não gostar de o admitir, no fundo, ela não era diferente das outras mulheres fúteis e imaturas da sociedade. Enraizara tanto as normas sociais que passara vinte e cinco anos numa redoma de vidro, logo, nunca poderia trocar o seu mundo delicado e ordenado pelo dele.

James queria odiá-la por isso, criticá-la, mas não era capaz. Uma vez, quando era jovem – e mais idiota – assumira que poderia ultrapassar todo o tipo de fardos que uma mulher como Abby era

forçada a carregar, contudo, a transformação era impossível. Jurara que nunca mais haveria de fazer uma mulher passar por aquilo e pretendia cumprir a sua palavra. Se, por algum acaso do destino, acabassem juntos, ela sentir-se-ia muito triste, o que significava que ele ficaria triste e James recusava-se a infligir tamanha infelicidade aos dois.

Por isso... desiludira-a brutalmente. Abusara dela de uma maneira terrível e inconsciente. Ela estaria triste durante algum tempo. Depois ficaria furiosa. E a seguir... acabaria por esquecê-lo e seguiria em frente.

Embora ficasse magoado por imaginá-la com alguém, a casar e a constituir família com um homem aceite pela sociedade, não se permitia demorar-se nesse tipo de pensamentos. Comportara-se corretamente ao acabar com tudo, apesar da opinião contrária da mãe. Desde o início que soubera que não se deveria ter envolvido com Abby. Na sua mente, comportara-se com dignidade pela primeira vez na vida ao salvá-la de um sarilho no qual ela nunca deveria ter-se metido.

Angela encostou a mão à face dele enquanto buscava nos seus olhos a emoção que tão frequentemente conseguia encontrar.

– Estás outra vez a mentir, Jamie. Consigo ver que a amas. Porque não consegues deixar que o teu amor floresça? Porque é tão assustador para ti?

– Não é uma questão de *amor*, mãe. Ela simplesmente merece alguém melhor do que eu.

– Melhor do que tu! Oh, por amor de Deus, para! – Ela agarrou na parte da frente da camisa dele e abanou-o. – Onde foste buscar essa falta de confiança? A mim é que não foi, de certeza! Desde quando é que deste para ser tímido?

– Não estou a ser tímido – respondeu ele. – Só quero o melhor para ela.

– Mas, se a amas de verdade, és o *melhor* para ela. Percebes? – Ela mexeu-lhe no cabelo como fazia quando ele era criança. – Vai

atrás dela, Jamie. Convence-a a ficar contigo. Podes recuperá-la se te dispuseres a isso.

– É mais fácil dizer do que fazer, mãe. Ela não é capaz de ver para além das nossas posições sociais para me aceitar como sou. Já uma vez tentei uma relação assim e viu o desastre que foi.

– Mas tu não amavas a tua mulher e ela não te amava! Desta vez, será diferente. Sei que será!

Apesar dos seus modos sofisticados, ela era uma romântica incurável, pelo que ele não pôde deixar de sorrir.

– O amor não conquista tudo.

– Isso é o que tu pensas, meu menino – disse ela. – Ficarias surpreendido com as proezas que um pouco de amor é capaz.

Nesse momento, bateram à porta. Ela franziu o sobrolho pelo facto de a sua conversa ter sido interrompida.

– É o Eddy – explicou, oferecendo-lhe a mão para que ele a ajudasse a levantar. – Exijo que sejas cordial com ele. Não estou com disposição para discussões entre os homens da minha vida.

– Vou tentar controlar-me.

– É bom que sim! – avisou ela.

Correu para a porta, abriu-a e momentos depois estava nos braços de Edward e beijava-o apaixonadamente. James observou-os por um instante, depois forçou-se a olhar para a rua. Nas suas memórias de infância, lembrava-se vivamente que os pais gostavam da companhia um do outro e que as suas vidas tinham sido preenchidas com risos e alegria. No entanto, não se recordava daquela corrente de desejo tão descarada e visível que fluía entre eles.

Devia ter existido sempre, contudo, quando jovem, podia não ter reparado que ela lá estava. No decorrer das semanas anteriores, estivera com eles inúmeras vezes e a sua ligação era tão óbvia que ele sinceramente não compreendia como é que tinham conseguido ficar separados durante tanto tempo. Se havia duas pessoas destinadas a estarem juntas eram eles. Contudo, isso não

significava que ele teria de gostar de vê-los a comportarem-se como dois pombinhos. Havia algo de extremamente perturbador em relação às demonstrações de afeto por parte dos pais.

A voz de Edward chamou de novo a atenção de James para o quarto.

– Alguma notícia do Michael? – perguntou ele.

– Enviou uma carta ao James – respondeu Angela. – Ele está bem, só que, por agora, não vem para casa. Pelos vistos, o nosso filho ainda faz birras.

– Espero que um dia isso acabe – disse Edward, desgostoso.

– Falaste com as tuas filhas? – perguntou ela. Ele assentiu. – Como reagiram às novidades?

– Não reagiram bem. Deixei-as num estado lastimável. Disseram que não vão ao casamento.

– Fedelhas! Como se as tivéssemos convidado! – censurou ela. Como sinal de devoção a Angela, Edward limitou-se a rir com o comentário. – E o Charles? Ele também ficou irritado?

– É difícil dizer. Acho que se recusa a tomar uma decisão sem te conhecer primeiro.

– Bem, isso não será difícil. Hei de conquistá-lo com a minha personalidade doce. – Pestanejou várias vezes, fazendo-o rir novamente. Em seguida, foi buscar a mala, e fazer sabe-se lá mais o quê, ao outro compartimento, deixando James e o pai num estranho silêncio.

– Olá, James – acabou por dizer Edward.

A sua interação fora muito desajeitada desde a noite do teatro. Os comentários agressivos ainda pairavam no ar e produziam uma nuvem de antagonismo e desconfiança – pelo menos, da parte de James. Por sua vez, Edward ultrapassara o serão atroz e parecia pronto a esquecer tudo para o bem de todos. James ainda não estava ao seu nível de cordialidade, mas esforçava-se. Apesar de querer fazer a vontade a Angela, havia muitas coisas em jogo e já nada parecia fácil. A mistura de acontecimentos recentes tinha-o

deixado muito desgastado, ao ponto de se sentir como um lobo esfomeado que fora aprisionado numa jaula e a quem picavam com paus afiados. Estava preparado para morder quem quer que se aproximasse.

– Olá, Edward – responde James.

– Tendo em conta tudo o que aconteceu, será que não me podes chamar *pai* de vez em quando?

James contraiu os lábios, fingindo uma tentativa de pronunciar o nome.

– Não – disse ele, finalmente –, acho que essa palavra não existe no meu dicionário.

Edward suspirou, exausto.

– Ao menos deixa de me olhar como se me tivessem nascido chifres na testa. Hoje já tive discussões que cheguem com os meus filhos.

– Pobrezinho – murmurou ele, rudemente, no momento em que Angela regressou. – As tuas *filhas* magoaram-te?

– Não te armes em espertinho – repreendeu ele. – Já te disse que não estou com disposição.

– Perdão – disse James. Estava a agir de modo mais petulante do que Michael, mas não podia refrear o seu comportamento. O irmão fora suficientemente esperto para se ir embora e não voltar. James ficara, no meio de tudo. Que Deus ajudasse o homem que se metesse no seu caminho, fosse ele o pai ou não.

– Na verdade – continuou Edward –, ainda bem que aqui estás, James. Ia procurar-te ao clube depois de visitar a tua mãe.

– Porquê?

– Recebi uma mensagem muito estranha. De Jerald Weston. – Retirando o papel do bolso, não reparou o quão contraídos Angela e James ficaram. – Tu conhece-lo, não é verdade? – perguntou Edward. – O conde Marbleton?

– Sim, é nosso cliente – respondeu James, mantendo a expressão cuidadosamente neutra. – O que quer ele?

– Exige que eu vá ter com ele esta tarde – olhou para a carta – e insiste que tu vás comigo, mas não diz porquê. Detesto ir sem saber ao que vou. Por acaso, ele contraiu uma dívida astronómica que não quer pagar?

Angela olhou para James. Ele retribuiu o olhar sem fazer comentários.

– É melhor contares-lhe – acabou ela por dizer. – Se não, conto eu.

– Contar-me o quê? – perguntou Edward, totalmente no escuro.

Um músculo contraiu-se na face de James e os seus olhos brilharam de fúria. Era óbvio que ele e Abby tinham sido descobertos. Mas, como? E por quem?

O silêncio prolongou-se. Edward observava-os, desorientado, e Angela esperava que James confessasse os seus pecados. Quando pareceu que ele seria incapaz de fazê-lo, ela falou.

– James seduziu a irmã mais nova de Marbleton. O homem deve ter ficado a saber.

– Caroline? – Edward engasgou-se e sentou-se numa cadeira. – Meu Deus... deitaste-te com Caroline? O Charles ama-a! Vai casar com ela! Isto vai deixá-lo de rastos!

Era tão típico que a preocupação principal de Edward fosse Charles e o que poderia magoar o seu *filho*. Aquela apreensão deslocada era precisamente a razão pela qual James não queria que Angela casasse com ele. A lealdade de Edward seria para sempre para com os outros.

– O Charles pode ficar com a sua virgenzinha – comentou James, cruel. – Eu nunca me interessaria por ela.

– Ele corrompeu a outra – disse Angela sem hesitar, fazendo os dois homens estremecer. – Como se chama? Abigail? A rapariga está completamente apaixonada por ele, Eddy. É quase doloroso de se ver.

– Tu conhece-la? – perguntou Edward a Angela, chocado e espantado.

– Ela foi lá a casa! Com um grande descaramento! À procura dele – apontou na direção do filho indisciplinado –, mas ele não tem juízo nenhum. Também a ama, apesar de o negar. Já tentei convencê-lo de que teria muita sorte se se casasse com ela, mas ele não me ouve.

– Seduziste a Abigail Weston? Oh, James... – Edward gemeu, desencorajado e horrorizado, passando uma mão preocupada pelo sobrolho. – Não aprendeste nada com a tua experiência anterior?

– Tivemos um pequeno caso. Foi só isso. – James encolheu os ombros, afastando Abby com palavras demasiado frias e estudadas para descrever o que realmente ocorrera. – Já acabou.

– Mas quais são os teus planos em relação a ela? – pressionou o pai.

– Não tenho nenhuns.

– E se houver um bebé?

– Não há – declarou ele, embora tivesse de apagar uma estranha chama de expectativa de que o último encontro tivesse provocado um, o que seria um desastre para todos. Um filho obrigaria Abigail a casar e ele não se ligaria a ela a não ser que ela realmente o quisesse como marido. Como ela já tivera inúmeras oportunidades para decidir se ele seria o par certo, James não tinha quaisquer ilusões sobre o seu papel. Independentemente do quanto todos bradassem, nunca conseguiriam convencê-lo a tomar uma ação corretiva.

– Oh, filho... – Edward abanou a cabeça, consternado. – O que vais fazer?

– Nada.

– Como queres que explique isso ao Jerald?

– Não *espero* que lhe explique nada. Sou um homem adulto. Consigo defender-me sozinho sem ter nenhum de vocês a apoiar-me.

– E a Abigail? É uma mulher maravilhosa. Não suporto a ideia de teres abusado dela desta maneira. – A censura era difícil de tolerar.

– Estou bastante indignado com a forma como a trataste. O que te deu... para te comportares assim quando não tens escrúpulos para corrigires o que fazes de errado? Tu, melhor do que ninguém, tens noção das consequências.

James esforçou-se para parecer indiferente, tendo aprendido há anos a nunca deixar o pai perceber o quão profundo era o seu desapontamento.

– Fomos muito discretos. A reputação dela não está arruinada.

– É óbvio que *alguém* vos descobriu! – disse Edward quase a berrar. – O Jerald vai pedir a tua cabeça!

– Bem, não poderá tê-la – respondeu James.

– Não tens honra? Vergonha?

– Nem por isso. – Ergueu-se de forma casual, apesar de estar a morrer por dentro e começou a encaminhar-se para a porta.

– Onde vais? – exigiu saber a mãe.

– Acho que devo ter uma conversinha com o Jerald Weston. Sempre detestei aquele sacana pomposo e de repente sinto-me pronto para uma briga. – Saiu do quarto e atravessou o *hall*.

– Vai com ele, Eddy – exclamou a mãe, atrás dele. – No estado em que está não se sabe o que pode fazer.

– Sim, querida – disse o pai –, mas não sei se serei uma grande ajuda.

– Não o deixes fazer mais disparates.

James prosseguiu, sem abrandar enquanto o pai tentava alcançá-lo.

19

Abigail sentou-se junto da janela no seu quarto e observou os jardins, sem no entanto conseguir tirar partido da vista. Os pássaros cantavam, as flores desabrochavam, o céu estava azul com nuvens brancas fofas. Embora fosse primavera, tudo o que ela via era cinzento.

James não a amava!

Fechou os olhos e encostou a cabeça à parede, desejando parar de respirar, de pensar, de existir, pois não conseguia ultrapassar mais um dia que fosse. O seu coração estava tão destroçado que era capaz de parar de bater. Não que ela se importasse.

Durante as semanas em que ele se recusara a encontrar-se com ela, Abigail mantivera a sanidade por ter esperança de uma reconciliação. Acreditara piamente que ele lhe perdoaria, que continuariam a fazer o mesmo, que ficariam mais ligados e unidos até James chegar à mesma conclusão a que ela chegara havia muito: tinham sido feitos um para o outro.

Deus, que parva fora! No decorrer daquele último encontro dramático, maravilhoso e terrível, deitara-se com ele e permitira que a sua magnífica presença e anatomia fabulosa esmagassem a razão e a sanidade. Enquanto ela fantasiara e sofrera com os seus sonhos tolos de menina, ele sentira-se tão aborrecido que, quando o ato sexual terminara, vestira logo as calças e se fora embora. Dissera que nunca mais regressaria e tencionava cumprir a sua palavra. Ela nunca mais o veria e essa ideia magoava-a muitíssimo!

Todos os seus planos, todas as suas visões de uma vida perfeita, foram destruídos num abrir e fechar de olhos. Tudo o que lhe restava era um vazio do amor que sentia por ele e nem sequer sabia o que fazer com o sentimento, agora que James o rechaçara. Aquela montanha enorme e notável de afeto estava a deixá-la muito em baixo, a sufocá-la, a esmagá-la até ao ponto de ela não conseguir respirar com o seu peso imenso.

– Oh... o que devo fazer agora? – lamuriou-se ela.

Bateram à porta e Caroline entrou sem aguardar resposta.

– Abigail, estás doente? Nos últimos dois dias tens estado um pouco pálida – disse ela vendo a irmã do outro lado do quarto.

– Não... Estou bem. – Proferindo a mentira óbvia, esfregou a testa. Não queria falar com Caroline! Não queria falar com ninguém! Queria simplesmente estar sozinha enquanto pensava no que tinha acontecido.

Caroline encaminhou-se para junto dela e sentou-se a seu lado.

– O que é, Abigail? Podes contar-me.

Abigail olhou para a irmã e, para seu horror, ficou com os olhos cheios de lágrimas. O que mais desejava no mundo era desabafar com alguém sobre o que acontecera às mãos de James Stevens. Não poder falar sobre isso parecia a maior tortura de todas.

– Estou apenas cansada, Caroline – insistiu ela, limpando agressivamente a única lágrima que lhe conseguira escorrer pela face.

– Aquele homem fez-te alguma coisa?

– Qual homem? – Abigail olhou lá para fora.

– Aquele que tens visto. O que te enviou os trajes.

Abigail voltou a fechar os olhos, pressionando um dedo contra as pálpebras numa tentativa de anular um dilúvio de emoções enquanto pronunciava as seguintes palavras:

– Não há homem nenhum.

Caroline ficou em silêncio durante algum tempo.

– Se alguma vez precisares de falar, eu estou aqui – disse então.

– Lembrar-me-ei disso – murmurou Abigail, vigilante, com receio de confessar toda a história. O arrependimento, a amargura e a tristeza estavam-lhe na ponta da língua, implorando a oportunidade de saírem e fazerem-na compreender que tinha de se controlar. Se não tivesse cuidado, também ali teria Margaret, apesar de ela ter estado ausente nos últimos dias.

Abigail queria que todos se fossem embora de modo a ter alguma paz, contudo, naquele casarão enorme, a privacidade era algo precioso, pelo que não podia permitir que a sua melancolia induzisse nos outros uma especulação sobre o seu desespero. Caroline já percebera que alguma coisa não estava bem, por isso, os outros também repariam se ela não fosse mais prudente.

Endireitou-se, mexendo nas saias enquanto desfazia as rugas de preocupação que lhe apareciam no rosto.

– O que te traz cá acima? – perguntou, calmamente. – Tu e o Charles tinham ido andar a cavalo.

– Tu não te estavas a sentir bem, por isso, vamos mais tarde.

– Tenho a certeza de que estarei pronta. Avisa-me quando quiseres sair. – Um passeio no parque poderia ser a resposta à sua depressão. Ficaria afastada dos familiares curiosos e poderia dar uma volta na carruagem, atrás dos dois pombinhos. Continuaria sozinha com os seus pensamentos solitários.

– Abigail, posso contar-te um segredo maravilhoso? – implorou Caroline de forma hesitante.

– O quê?

– Tens de jurar que não dizes a ninguém até à altura própria.

– Juro.

– O Charles pretende pedir a minha mão ao Jerald. – Ela sorriu com ansiedade. – Hoje à noite, a seguir ao jantar.

Já não era segredo nenhum! O casal tornara-se inseparável, ao ponto de os outros rapazes terem parado de a convidar para sair, certos de que tinham perdido a oportunidade.

– Fico contente por ti – declarou ela, no entanto, não conseguiu deixar de sentir uma ponta de inveja, que surgiu com a perceção de que nunca partilharia a mesma notícia fabulosa em relação a James.

– Tenho pensado... na nossa conversa. – Caroline moveu-se, nervosa, com a luz do Sol a clareá-la. Parecia tão jovem e bonita, tão desejosa de ver chegar o seu futuro, que Abigail desejou que Charles valorizasse aquela menina inocente e gentil, de modo a que ela nunca passasse por nada parecido ao tipo de desespero terrível que corria agora nas veias de Abigail.

– O que espera Charles de mim? – persistiu Caroline. – Prometeste dizer-me.

Abigail fugira várias vezes das questões de Caroline, porém, e muito sinceramente, não era capaz de conversar sobre algo tão pessoal no estado em que estava. Qualquer descrição só serviria para lembrá-la de James. Não havia forma de explicar o ato sexual sem que a imagem dele surgisse e ela não podia deixar que isso acontecesse deliberadamente. Era como ferir-se vezes sem conta com a ponta de uma faca afiada.

Só o sussurro do nome dele na sua mente lhe provocava dores no coração. Estava implantado na sua consciência de forma permanente, e as suas memórias eram tão autênticas que conseguia cheirá-lo, saboreá-lo, sentir a sensação do pelo áspero do seu corpo a tocar na sua pele macia e nua. As imagens ainda eram tão intensas que ela estremeceu contra as almofadas.

Não conseguia conversar sobre nada daquilo naquele momento! De todo!

– Esta tarde não posso – acabou por dizer. – Mas fá-lo-ei. Em breve.

– Quando?

– Podes dar-me alguns dias?

Caroline acenou afirmativamente com a cabeça, na altura em que uma das criadas entrou com a notícia de que Jerald estava na

biblioteca e exigia a presença de Abigail o mais depressa possível. Ambas as irmãs se levantaram.

– Há muito tempo que não vejo o Jerald. Acompanho-te – disse Caroline.

– Perdão, senhora – respondeu a criada ouvindo a decisão de Caroline –, mas o senhor conde pede que Lady Abigail compareça sozinha. E imediatamente.

Caroline rolou os olhos, sem que a criada percebesse. Abigail sorriu-lhe levemente ao retirar-se. Desceu as escadas e encontrou Jerald atrás da secretária, a franzir o sobrolho, sem papéis à frente e com as mãos pousadas na madeira polida.

– Fecha a porta – ordenou ele. Ela obedeceu, em seguida encaminhou-se para uma das cadeiras mesmo em frente a ele.

A forma como ele a olhava deixou-a muito pouco à vontade. Abigail não o conhecia assim tão bem. Ele já era crescido, e com uma casa bem estabelecida, quando o pai enviuvara e casara com a mãe dela. Como a diferença de idades era enorme, tinham muito pouco em comum. Com interesses, amigos e estilos de vida completamente diferentes, o único laço que verdadeiramente os unia era terem o mesmo pai, porém, essa ligação nunca florescera. Eram irmão e irmã, mas não eram chegados.

O facto de ele estar a avaliá-la tão meticulosamente era bastante desconcertante. Não tinham o tipo de relação que permitia a partilha de intimidades e, tendo em conta o seu estado de espírito, Abigail não estava em condições de aprofundar nenhum tema sério.

– Foi-me chamada a atenção para uma coisa – disse ele, bruscamente. – É chocante e delicada, mas não pedirei desculpa por discuti-la contigo.

Jerald levantou-se e deu a volta à mesa. Embora não fosse muito alto, a posição em que estava punha-o em vantagem sobre Abigail.

O seu físico demasiado inchado e expressão zangada davam-lhe um ar ameaçador.

– O que foi? – perguntou ela, apreensiva.

– Tens estado a alimentar uma relação ilícita com um homem chamado James Stevens?

Os olhos dela abriram-se, perplexos, o coração começou a bater depressa e os ouvidos zumbiram. Tinham sido descobertos! O seu pior medo concretizara-se! O seu primeiro pensamento foi proteger James da censura excessiva. Aquela situação fora ideia sua, não dele. Naquela altura do campeonato, não lhe poria as culpas em cima.

Abriu a boca, mas não saiu palavra nenhuma, pelo que Jerald falou no seu lugar.

– Se pensas mentir, pensa duas vezes. A Margaret viu-vos e tem estado *doente* desde então.

Margaret? Onde? Como? O único sítio onde se encontrava com James era na casa alugada. Porque é que Margaret iria a um bairro desses?

– Quando? – perguntou, tola, incapaz de formular um comentário mais forte.

– Então... – disparou ele, com ódio –, admites.

Antes que ela pudesse perceber o que ele ia fazer, Jerald esbofeteou-a com tanta força que quase a derrubou do assento. Ela só não caiu porque estava a segurar fortemente o braço da cadeira. Soluçou.

– Jerald... por favor...

– Sua putazinha! – sibilou ele. – Fazes ideia do tipo de criatura desprezível que ele é?

– Não... não... – Ela abanou freneticamente a cabeça, incapaz de permanecer em silêncio quando James estava a ser atacado. – É um bom homem. Um homem delicado...

Jerald voltou a esbofeteá-la com mais força, fazendo-a cair de joelhos e sentir como se todos os seus ossos tivessem derretido. Nunca na vida fora tratada daquela maneira, pelo que estava bastante chocada.

– Não o defendas! – gritou Jerald. – Nunca!

Abigail conseguia ouvir a respiração ofegante do irmão, à medida que ele tentava controlar o seu temperamento. Ela estava caída no chão, à frente dele, a chorar e com uma mão protetora pousada na face, enquanto se preparava para o golpe – físico ou verbal – que se seguiria.

Ele acabou por dirigir-se à janela, distanciando-se. Depois, virou-se para ela.

– Durante todos estes anos tolerei que permanecesses solteira. Confiei-te a educação de Caroline e olha o que fizeste! Que tipo de orientação lhe tens dado? Ela também se tornou uma prostituta sob a tua tutela sórdida?

– Eu amo a Caroline – protestou ela, no entanto, a sua declaração ardente saiu na forma de suspiro. – Nunca a magoaria.

– Sua promíscua nojenta, já a magoaste mais do que pensas – zombou ele. – Neste momento, as tuas responsabilidades para com a Caroline acabaram.

– Não, Jerald, tudo menos isso. – Acabou por encontrar coragem para olhá-lo nos olhos e encolheu-se quando viu a repugnância com que ele a observava. – Imploro-te.

– *Querida* irmã – declarou ele, mordaz –, os teus dias de súplica terminaram. – Voltou a dirigir-se para trás da secretária e sentou-se, abanando a cabeça na direção da cadeira dela. – Levanta-te! Endireita-te!

Ela usou a cadeira para se equilibrar, mas as suas pernas pareciam papa, pelo que não se conseguiu erguer. Quando demorou demasiado tempo a levantar-se, Jerald voltou a ficar impaciente e Abigail receou que ele pudesse dirigir-se a ela e agredi-la uma segunda vez. Com um esforço sobre-humano, fez deslizar as ancas para o assento e segurou-se o melhor que pôde.

– O que decidiste? – conseguiu perguntar.

– Vais ter aquilo que mereces, nada mais – respondeu ele. – O James Stevens, esse canalha, chantagista, patife e grande *amante* de mulheres, deve estar a chegar para te pedir em casamento.

– O James virá até aqui? – Ela gemeu, envergonhada e embaraçada com a possibilidade de ele a ver daquela maneira, com o irmão enraivecido e as suas defesas em baixo. Oh, como é que o seu imenso amor por ele os tinha conduzido àquele desenlace tão terrível?

– Espero-o a qualquer momento. Amanhã à tarde já serás sua noiva. Nunca mais regressarás a nenhuma das minhas casas, nunca mais falarás com ninguém da nossa família...

– Jerald, não faças isto. Estás zangado agora...

– Silêncio! – berrou ele. – Estás prestes a ver o que realmente fizeste. O James Stevens é um homem sem honra, sem lealdade, que fará qualquer coisa... qualquer coisa... *foda-se* – ela encolheu-se ao ouvi-lo pronunciar a palavra desprezível – e fá-lo-á a ti ao longo dos anos, enquanto tu agonizas, assistes e lamentas a cama que fizeste para ti própria. Não consigo pensar num castigo melhor ou mais apropriado para esta desgraça impossível que nos infligiste a todos.

– Ninguém sabe...

– Ficarias surpreendida com quem *sabe*. – Ele riu maldosamente, perturbado com a possibilidade. – Não acredito que a cidade não esteja ao corrente. Presumo que se saberá em breve e, quando as pessoas perceberem que tenho uma *prostituta* por irmã, terei de me esforçar muito para arranjar um marido a Caroline. Estás satisfeita, Abigail, com o que fizeste?

Ela começou a chorar, pois não tivera intenção de magoar ninguém, em especial, Caroline. No entanto, o que Jerald dissera era verdade. Assim que se soubesse da sua ligação com James, ele teria muita dificuldade em encontrar um companheiro adequado para a irmã. Provavelmente, teria de lhe aumentar o dote para níveis exorbitantes, um ato que Abigail duvidava que ele fizesse, por isso, ou Caroline não casava ou terminaria numa união tão atroz que o resultado seria desastroso.

E tudo por causa do seu comportamento impetuoso e descuidado! Quem lhe dera poder voltar atrás no tempo e apagar tudo!

– O James não se casará comigo – murmurou ela, precisando de preparar o irmão para a eventualidade.

– Isso é o que vamos ver! – declarou ele, obsequioso.

– Nem eu lhe pediria que o fizesse.

– Tu, Abigail – respondeu ele, sarcástico –, não tens absolutamente *nenhum* querer neste assunto.

Mantiveram-se calados, tendo como pano de fundo o tiquetaquear dos ponteiros do relógio. Finalmente, o mordomo anunciou que o conde Spencer e James Stevens tinham chegado. Abigail ficou tão mortificada por encontrar os dois – um de que gostava como amigo, o outro que amava – em tais circunstâncias aterradoras que não conseguiu olhar para cima quando eles entraram na sala, apesar de ter sentido os olhos de James pousados em si quando ele passou.

Com um aceno de Jerald, o mordomo fechou a porta e o estranho quarteto ficou preso entre quatro paredes. Edward e James aproximaram-se da secretária ao mesmo tempo. Jerald levantou-se para confrontá-los.

– Serei breve – começou. – Tomei conhecimento por uma fonte de confiança que James Stevens mantém relações carnais com a minha irmã Abigail há já algumas semanas. As suas ações irresponsáveis arruinaram as hipóteses matrimoniais dela e podem tê-la deixado grávida. Comprometeu-a, pondo em risco a reputação da minha família, e destruiu as expectativas nupciais da minha irmã mais nova, Caroline. O que diz em resposta?

– Eu próprio acabei de ficar a par da situação, Jerald – disse Edward, esforçando-se para ser racional. – Vamos sentar-nos e rever as circunstâncias calmamente, está bem?

– Não nos vamos *sentar*. Não tenciono ter esse indivíduo – apontou rudemente para James, sem olhar na sua direção – debaixo do meu teto mais tempo do que o necessário para ele fazer a proposta de casamento. Vocês vão-se depois embora, enquanto

eu arranjo a licença especial. O arcebispo está à espera das minhas instruções. A cerimónia privada terá lugar na minha casa, amanhã às onze da manhã. Quero Abigail fora daqui por volta do meio-dia.

Edward suspirou e olhou para James.

– Então? – perguntou ele.

– Já dei a minha resposta – retorquiu James, como se nada fosse.

Como Edward era o único que sabia a resposta de James, seguiu-se um longo e perigoso interlúdio. Jerald quebrou-o ao dar um murro na mesa.

– Peça-lhe a mão, maldito! – ordenou ele, com a voz trémula.

Os três homens viraram-se para Abigail. As bochechas de Jerald estavam tão escarlates que ele pareceu a ponto de sofrer uma apoplexia. Edward parecia triste, compreensivo e desgostoso. James parecia completamente impávido, como se aquilo nada tivesse que ver consigo.

Ela examinou-o, procurando o mais pequeno indício de afeto, o mais pequeno indício de carinho. Se tivesse visto uma ponta de estima, teria sido capaz de se atirar aos seus pés e implorar-lhe que a salvasse de um destino às mãos do irmão. No entanto, ele observava-a com apatia e desinteresse. Podiam ser dois estranhos acabados de encontrar na rua.

O coração dela, já destroçado, quebrou-se em mil pedacinhos.

– Não acredito que Lady Abigail queira desposar-me – disse James. – Nunca quis.

– Não cabe a ela decidir! – insistiu Jerald.

– O que diz, senhora? – perguntou James, ignorando Jerald. O seu tom era de desrespeito e de gozo. – Está preparada para se *rebaixar* casando com alguém como eu?

O trio susteve coletivamente a respiração. Uma pequena palavra – *sim* – e tornar-se-ia esposa de James. Algum tempo antes, ela teria feito de tudo por uma oportunidade daquelas, todavia, quando ele a olhou de modo insultuoso e desprezível, ela não conseguiu aceitar.

James não só não a amava, como, pelos vistos, não *gostava* dela. Como é que Abigail o poderia obrigar a casar quando ele nutria por si um sentimento tão baixo? Se concordasse, passaria o resto da vida a lutar contra a noção de que ele nunca a quisera e definharia enquanto ele correria atrás de todas as mulheres disponíveis.

Que tipo de existência seria essa?

– Não. – Ela abanou a cabeça ao olhar para o rosto amado de James. – Seria um erro terrível.

Por um breve instante, Abigail imaginou uma onda de arrependimento e desespero a assolá-lo. Ele cambaleou um pouco como se tivesse acabado de receber um duro golpe, contudo, tão rapidamente como veio, a impressão desapareceu. A sua mente obstinada estivera apenas a pregar-lhe partidas cruéis.

– Aí têm – disse James, alegremente. – Minha senhora, recorda-se do nosso acordo, não é verdade?

– Que acordo? – perguntou Jerald, indignado.

– Quando começámos a nossa relação – James mudou a sua atenção para Jerald –, informei-a de que nada faria para salvar a sua reputação, caso fosse exposta. Ela percebeu os termos e as condições do meu envolvimento. Desde o início, decidi brincar, mas nada mais do que isso. – Encolheu os ombros como se tivesse acabado de explicar os enigmas mais complexos do mundo.

– Informou-a desde o início – Jerald quase se engasgou de espanto – que apenas queria brincar? Que tipo de homem é?

– Sou o ser completamente desprezível que pensa que sou.

– James! – repreendeu Abigail. Ela odiava quando ele se desvalorizava daquela forma. – Não ajas assim. – Mas ninguém a ouvia.

Jerald voltou a sua animosidade para Edward.

– Independentemente de como foi criado – enfatizou Jerald, sério –, James Stevens continua a ser seu filho. Vai deixar que o seu comportamento fique impune? Tolera a sua recusa em corrigir os seus atos?

– Ele é adulto, Jerald – respondeu Edward. – Já tentei falar com ele, mas não posso obrigá-lo a fazer o que está certo. Quem me dera que fosse possível, mas não posso *obrigá-lo* a casar. Sabe disso.

– Ele é do seu sangue! Deu o parentesco a este... a este... – com os olhos inchados e o nariz vermelho, apontou um dedo ameaçador a James – desprezível exemplo de homem. Como suporta estar na mesma sala que ele?

– Não dignificarei isso com uma resposta – disparou Edward.

– Saia da minha casa! – berrou Jerald, alterado para além dos seus limites. – Leve o seu bastardo e saia! E, já agora, certifique-se que o Charles nunca mais mostra a sua cara aqui outra vez.

– Não, Jerald – murmurou Abigail –, não castigues a Caroline. Ela ama o Charles!

– Cala a boca, Abigail! – gritou ele. – Quem sai aos seus não degenera, pois não, Spencer? Bem, não vou tolerar que mais nenhum dos seus detestáveis descendentes se volte a meter com as mulheres da minha família.

James contraiu-se e avançou.

– Sabe, *pai* – enfatizou –, não quero saber o que este paspalho pensa de mim, mas incomoda-me muito que denigra o Charles. Quer que o esmurre por si? Teria muito gosto em fazê-lo.

– Não, James –, murmurou Edward, triste. – Jerald, sei que está irritado, mas, por favor, não tome uma decisão precipitada em relação aos miúdos.

– Vão! – voltou a gritar Jerald. – Antes que eu chame os meus criados e os atire para o meio da rua, como os animais que são.

– Anda, James – suspirou Edward, miserável. – Já causaste danos que cheguem.

Dirigiram-se para a porta, mas, para espanto de todos – especialmente de Abigail –, James foi ter com ela. Ela sentia-se demasiado humilhada – pela atitude e comentários do irmão e pelo seu próprio comportamento libertino que os conduzira àquela cena

deprimente – para o olhar. James colocou-lhe a mão no queixo, ergueu-lhe o rosto e acariciou-lhe a bochecha. Estava quente e inchada.

– Ele bateu-te? – perguntou em voz baixa, mas com um tom ameaçador.

Com receio da sua reação caso dissesse a verdade, Abigail não respondeu. Todavia, não precisava de o fazer. A prova era demasiado visível. Ele deu meia volta, voou em direção à secretária e agarrou Jerald pelas lapelas do casaco.

– Com a quantidade de dinheiro que me deve, Marbleton – avisou ele –, faço questão de estar ao corrente de tudo o que se passa na sua vidinha. Se alguma vez volto a ouvir que encostou a mão em Lady Abigail, trago cá alguns dos seus bastardos e apresento-os à Margaret – os olhos deles espantaram-se com a afirmação, os de Jerald mais que todos –, depois, mato-o, devagar, com as minhas próprias mãos. – Levantou Jerald do chão, até os pés dele balouçarem no ar e as costuras começarem a ceder. Em seguida, atirou-o para a cadeira. – Pense nisso – ameaçou.

James começou a andar depressa, mas deteve-se diante de Abigail.

– Se ele te voltar a tocar, manda-me logo um recado. Eu trato dele. – Surpreendendo-a, pegou-lhe na mão e deu-lhe um beijo carinhoso, contudo, não a olhou nos olhos. – Agora tenho de dizer *au revoir* e pedir desculpa por todo este aborrecimento. Espero que um dia me possas perdoar. – Endireitou-se, olhando para o pai, por cima do ombro dela. – Vamos, pai.

Alcançaram a porta da biblioteca no exato momento em que o mordomo a abriu. Caroline esperava do outro lado.

– O que se passa? – perguntou ela, ansiosa.

– Desculpe, Caroline – disse Edward.

– Porquê? O que aconteceu? – Estava cada vez mais nervosa.

– O seu irmão irá explicar-lhe.

Edward deu-lhe uma palmadinha no ombro, com pena dela. Depois, ele e James saíram à medida que um ambiente pesado se apoderava da casa.

Jerald endireitou-se e ergueu-se.

– Volta para o quarto, Caroline.

– Não! – respondeu ela. – Não até que...

– Não volto a repetir! – gritou ele. Como Jerald nunca levantara a voz, o berro teve o efeito desejado. Olhando de forma carinhosa para Abigail uma última vez, ela foi-se embora.

O mordomo fechou a porta e Abigail ficou presa no compartimento com Jerald, mais uma vez.

– Compreendes agora o tipo de homem a quem entregaste as nossas vidas? – perguntou Jerald, furioso. – Vês?

– Ele não é assim – insistiu ela, recordando-se das conversas que haviam tido, dos momentos tranquilos, das confissões comoventes, das discussões ardentes. – A sério, ele não...

Jerald interrompeu-a.

– Vai já para o teu quarto. Vais lá ficar fechada toda a noite.

– Não terias coragem!

– Ou vais a bem ou deixo-te inconsciente e arrasto-te até lá. – Estava suficientemente zangado para cumprir a ameaça, preocupando-se, mais tarde, com alguma retaliação por parte de James. – Nunca mais voltarás a falar com Caroline.

– Não podes impedir-me!

– Ai, não? – perguntou ele, severo. – Vai ser imediatamente retirada desta casa de modo a não estabelecer mais contacto contigo. De manhã, partirás para o campo. No próximo mês, contratarei um marido para ti. Para evitar escândalos, vais ter a cerimónia mais esplêndida que se possa organizar.

Nunca lhe passara pela cabeça uma consequência tão drástica como aquela. Casar com outro! Enquanto gostava de James! Depois do que tinham partilhado, nunca poderia casar com outra pessoa. A noção parecia um pecado atroz.

– Não o farei! Nunca terás o meu consentimento!

– Se fosse a ti, não teria assim tanta certeza. – Apontou para a porta. – Vai-te embora! Fico enjoado só de olhar para ti.

20

A carruagem de James parou a alguns quarteirões do clube. Afastando a cortina, ele olhou lá para fora. Os estabelecimentos circundantes faziam bom negócio na movimentada rua principal. A área estava bem iluminada, sendo fácil ver que o tráfego estava parado numa grande extensão. O ar frio da noite chamava-o e ele decidiu fazer o resto do caminho a pé. Fez um sinal ao seu cocheiro e este abriu a porta e baixou o degrau.

Havia grandes grupos de pessoas na rua, a maioria de cavalheiros abastados que se encontravam na cidade para a temporada, pelo que o pequeno passeio era suficientemente seguro. No entanto, ele quase desejou que a rua estivesse escura e deserta. No estado em que estava, James teria adorado cruzar-se com um ou dois rufias. Nada lhe teria dado mais prazer do que bater com toda a força em algum ser desprezível que o merecesse.

Tinham passado duas semanas desde a terrível confrontação com Jerald Weston, mas o seu coração continuava a sangrar com as feridas profundas que não saravam. Sentia-se tão furioso que mal conseguia funcionar. Depois de sofrer o rude golpe da confissão de Abigail de que casar com ele «seria um erro terrível», tentara estoicamente seguir em frente com a sua vida, contudo, as suas palavras amargas ainda lhe assolavam os ouvidos. Tendo em conta a forma como ele a tratara, o que esperara? Amor e beijos? Promessas de devoção? Com as palavras dela, ele tivera o que merecera.

Ainda assim, James não era capaz de deixar de pensar que deveria tê-la pedido em casamento, quer ela quisesse, quer não. Pelo menos estaria sob sua proteção e longe da fúria de Jerald. Sempre que se recordava do inchaço no seu rosto, ficava fora de si. A razão pela qual não batera em Jerald por ter encostado os dedos imundos nela era um mistério, no entanto, já se convencera de que causara danos suficientes, por isso, não se atrevera a ir mais longe com Jerald, com receio de acabar por matá-lo. Pois, sem dúvida, se desse um murro, não conseguiria parar.

Mais à frente, havia uma folga no trânsito e o seu coração sobressaltou-se quando pensou ter visto a carruagem do pai. Como desejava que Edward aparecesse no clube, para que reatasse a relação, tomasse uma bebida tardia no escritório de James, tal como fizera em muitas ocasiões anteriores. No entanto, o carro preto descreveu a curva e ele percebeu que, afinal, não se tratava do pai.

Tinha saudades do pai, não via Edward desde que ele descera da sua carruagem em frente à sua grande moradia, depois da abominável visita aos Weston. A desilusão de Edward fora tão grande que ele pedira a James que não o contactasse durante algum tempo – até que a situação melhorasse. Saíra sem dizer adeus e sem um último olhar, pelo que James se sentira mais uma vez abandonado, como se ainda fosse o rapazinho de seis anos num apartamento de Paris, a escutar os passos do pai a descerem as escadas.

A relação com o pai sempre fora frágil e ele não sabia como haveriam de ultrapassar aquela última adversidade.

Como agora Edward era unha e carne com Angela, James também sentia falta da mãe, pois nunca mais a vira. No meio de tudo aquilo, ela tornara-se o aliado silencioso de Abigail. Ela não lhe falava nem o recebia no hotel por estar furiosa com o facto de ele se ter recusado a pedir a sua mão. Nunca na vida James tivera uma zanga

tão duradoura com a mãe, pelo que não fazia ideia de como resolvê-la.

Não podia convencer os pais de que agira de forma adequada, de que fizera o que era melhor para Abigail. A verdade era que ela podia ter casado com ele, mas não quisera, pelo que ele não se importava com as opiniões de Edward e Angela. Abby escolhera a única opção válida.

Ela era dura, uma sobrevivente. A humilhação e a desgraça acabariam por desaparecer e ela continuaria com a sua vida. No futuro próximo, ele não seria mais do que uma memória constrangedora, uma indiscrição pateta do seu passado. Se essa noção fosse perturbadora, paciência. Ele não podia reclamar Abigail Weston, nem o seu afeto. Nunca pudera.

Uma voz feminina chamou-o de uma das carruagens imóveis. Ele reconheceu-a de imediato como pertencendo a Barbara Ritter. Depois de ultrapassado o choque inicial criado pela descoberta de Jerald Weston, ele agonizara muito ao pensar como tinha envergonhado Abby. Não demorara muito tempo a concluir que fora Barbara a portadora de tais indiscrições. Abby referira a conversa com Lady Newton que não fazia sentido nenhum, a não ser que ela já estivesse a par da ligação.

Enquanto ele se encontrava com outras mulheres suficientemente cruéis para provocarem os danos que Barbara tinha provocado, só ela poderia prosseguir com a sua vida como se nada tivesse acontecido. Desde o dia fatal que ela tentava, sem sucesso, arranjar um encontro que teria sido uma excelente oportunidade para James a confrontar, no entanto, a sua fúria era tão grande em relação à duplicidade dela que ele não sabia se era capaz de controlar o seu formidável temperamento, caso se cruzassem. James esperara que a passagem do tempo o acalmasse de forma adequada para conseguir acabar com a relação com algum civismo. Todavia, depois de a ouvir, percebeu que qualquer laivo de cortesia seria completamente impossível.

Porque estava ela sentada à porta do clube, à espera que ele chegasse? Talvez tivesse sido assim que ficara a saber sobre o seu *amour* com Abby. Há quanto tempo o seguia? Decerto compreendia que ele não era um homem que pudesse ser facilmente enganado.

– James – Barbara pôs-se do lado de fora da janela enquanto ele se aproximava, segurando a porta da carruagem, obviamente à espera que ele entrasse –, que agradável termo-nos encontrado.

– O que estás a fazer aqui?

– Estava só de passagem.

– A sério? Vais a caminho de onde?

A pergunta espantou-a, mas apenas por um instante.

– Receio que me tenhas apanhado. – Corou, devidamente. – Não estou «de passagem». Vou a caminho da festa de Lady Carrington. Gostarias de acompanhar-me?

– Há algum motivo que me faça querer acompanhar-te?

– Bem, não te vejo há séculos. – Naquele momento, dois bêbedos saíram da taberna do lado, fazendo com que a luz do estabelecimento iluminasse o rosto dele. Só aí é que ela pôde ler a sua expressão. Hesitou. – Pensei que... se quisesses...

– Se quisesse o quê? – perguntou ele com desdém, inclinando-se para a porta para lhe dar a oportunidade de ver de perto o seu rosto e fazer com que a sua fúria preenchesse o espaço em que ela se encontrava.

– Querido... o que foi? O que aconteceu?

– Parece, minha senhora, que se intrometeu nos meus assuntos pessoais.

– O quê? Quem te contou tal mentira? – Ela mexeu-se, desconfortável. – Não sei o que te disseram... mas é tudo falso! Juro!

– Ninguém teve de me *dizer* nada. As tuas ações bastaram para que eu ficasse a saber tudo. – Tencionando assustá-la, apertou-lhe a parte da frente do pescoço, sem nunca deixá-la com falta de ar.

– James... por favor...

Ela retorceu-se, com olhos muito abertos. James conseguiu sentir o seu gole seco na palma da mão.

– Já te avisei, Barbara – ameaçou ele, calmamente –, mas tu tens o péssimo hábito de não ouvir. Não és minha dona. – Abanou-a levemente e libertou-a. Ela encostou-se ao assento e esfregou a garganta.

– Nunca mais me abordes na rua. Não gosto que se aproximem de mim como se eu fosse uma prostituta de Covent Garden.

– Não precisas de ser rude. – Fingiu estar ofendida.

– Pelo contrário, Barbara, a *rudeza* parece ser a única coisa que compreendes. Por isso, entende isto: nunca mais solicites a minha companhia.

– James... O que estás a dizer?

– Que está tudo acabado entre nós. Não me incomodes. Não o tolerarei.

– Não podes estar a falar a sério!

– Estou, sim – garantiu ele –, mas como duvidei que acreditasses em mim, adquiri um pouco de segurança para garantir a tua conduta futura. – Ele remexeu nos bolsos, retirou um bloco de notas e acenou-lho. – Estive muito ocupado nestas duas últimas semanas. Andei por toda a cidade e comprei todos as tuas notas promissórias.

Espantada, ela mentiu.

– Não sei do que estás a falar.

Incapaz de se afastar das mesas de jogo, Barbara era uma cliente habitual dos estabelecimentos que permitiam que as mulheres jogassem.

– Se voltares a abordar-me – com medo de que algum transeunte ouvisse o que ele estava prestes a dizer, James enfiou a cabeça na carruagem e murmurou: – Se voltares a falar de Lady Abigail outra vez, vou exigir que me pagues todas as tuas dívidas. Não tens dinheiro suficiente para isso, minha querida. Atirar-te-ei para debaixo da ponte de bom grado, sem pensar duas vezes sobre o teu destino.

– Depois de tudo o que significámos um para o outro! Como és capaz de te comportar de forma tão mesquinha?

Ele soltou uma gargalhada e retirou-se.

– Seria uma vergonha se perdesses a tua casinha... as tuas roupinhas.... as tuas coisinhas...

A ameaça relativa às suas posses afetou levemente Barbara e a sua personalidade verdadeira veio ao de cima.

– O que te importa se os outros ficam a saber do teu pequeno caso com ela? – perguntou ela, amarga. – Porque é ela tão especial? Teve vergonha de revelar que te conhecia! A cabrinha não se rebaixou para te cumprimentar em público! Eu estava contigo! Eu assisti a tudo!

A resposta fora excelente, atingindo as vulnerabilidades dele. Contudo, James era perito em esconder feridas profundas.

– Adeus, Lady Newton.

– Ela não merece a tua lealdade! – gritou Barbara. – Não te merece! – Ele deu outro passo atrás, e ela inclinou-se para fora, acalmando-se e tentando parecer racional. – Não faças isto, James. Nós pertencemos um ao outro!

– Nunca, minha senhora – declarou ele, firme. – Nunca pertencemos um ao outro.

James começou a afastar-se e ela gritou o nome dele. As pessoas que passavam repararam na discussão e pararam para olhar.

– Componha-se, minha senhora! – ordenou ele, em seguida, olhou para o condutor. – Sabe quem eu sou? – perguntou ele.

– Sim, senhor. É Mister James Stevens.

Ele assentiu.

– Esta mulher – apontou para Barbara – tem estado a vigiar o meu clube. Incomoda-me a mim e aos meus clientes. Se voltar a vê-la nas redondezas, confiscarei a carruagem e o cavalo de quem estiver com ela. – O homem engoliu em seco, assustado. – Espalhe a notícia aos outros condutores.

– Sim, senhor – disse o homem. Abanou as rédeas e avançou para o meio das outras carruagens, afastando James da desagradável presença de Barbara o mais depressa que o tráfego permitia. Alguns quarteirões depois, ela ainda estava a insultá-lo.

Enojado e perturbado, James percorreu a distância que faltava para o clube, entrou pelas traseiras e encaminhou-se para os seus aposentos privados. O negócio prosperava, os empregados apressavam-se no corredor e ele desejou que Michael já tivesse regressado a Londres. Se havia noite em que não queria ter de supervisionar os jogos, era aquela.

Sem sucesso, tentou rever alguma papelada, mas não se conseguiu concentrar. Os empregados interrompiam-no constantemente para pedir conselhos ou fazer perguntas. Rendendo-se ao inevitável, dirigiu-se às salas públicas, onde arbitrou duas disputas entre clientes, evitou uma briga e substituiu um dos empregados nas mesas que estava a ter problemas com um grupo de jogadores.

Descontente, voltou para o escritório, serviu-se de um brande e relaxou na cadeira com os pés em cima da mesa, a saborear a bebida cor de âmbar e a pensar se o pai apareceria. Pensar em Edward fê-lo pensar em Angela, em Michael, em Abby, e em toda aquela confusão sórdida, contudo, ficou tão submergido no miserável nó que, quando olhou para a porta, era tarde de mais.

Como nunca ninguém sabia o que poderia acontecer no seu escritório, todos estavam cientes de que tinham de bater antes de entrar. Era uma regra inquebrável, pelo que se alguém a transgredisse tinha de se ver com ele. Irritado, olhou em volta e, ao perceber a identidade do seu convidado, quase ficou fora de si.

O seu meio-irmão, Charles Stevens, estava ali, de porte orgulhoso, a olhá-lo com uma mistura de trepidação e ofensa. Era alto, magro, bem-parecido e tinha olhos e cabelo escuros. James percebeu que era muito semelhante a si quando era daquela idade.

– O meu nome é Charles Stevens – disse ele, de forma sucinta, apresentando-se e fazendo uma pequena vénia.

– Sim, eu sei – respondeu James, esforçando-se para se compor à medida que refletia na razão que poderia estar por trás da ida do rapaz ali, contra as instruções explícitas de Edward. Edward sempre dissera que a proibição se devia ao seu desejo de ele não crescer num ambiente de jogo, todavia, James também pensava que ele esperara prevenir qualquer afinidade com os seus irmãos mais velhos e vividos.

– Não vais entrar?

Ele entrou e fechou a porta atrás de si.

– Senta-te. – James indicou uma das cadeiras.

– Esta visita não é social.

– Ainda assim, queres tomar um brande? – Apontou para o seu copo, no centro da mesa.

– Não.

– Está bem. – Lenta e deliberadamente, baixou as pernas da sua cadeira para o chão, tirou os pés da secretária e preparou-se para qualquer ataque que pudesse ser feito à sua pessoa.

– O que posso fazer por ti?

– Exijo saber – a fúria de Charles estava bem à vista – que injúrias cometeste contra Lady Abigail.

Abby era o último tema que James esperara que Charles abordasse. Hesitante, manteve a expressão cuidadosamente neutra à medida que a sua mente era assolada com perguntas. O que tinham dito a Charles? Que boatos ouvira? Que tipo de comentários poderiam James e Edward fazer? Também tinha de ter em conta a reputação de Abby. Estava quase certo que não existiam quase boatos nenhuns acerca deles, pelo que a discrição era fundamental.

Decidiu deixar Charles liderar a conversa até ter mais factos em cima da mesa.

– Porque *me* perguntas sobre Lady Abigail?

– Não te faças de tolo. Tiveste um caso amoroso com ela.

James não admitiu nem negou a acusação. O silêncio prolongou-se.

– O que foi que fizeste?! – gritou Charles.

James levantou-se e contornou a mesa, na esperança de acalmar os nervos do rapaz, enquanto pensava numa resposta adequada. Era óbvio que o seu irmão mais novo recolhera informação – totalmente errada – e que insistiria que ele lhe desse algumas explicações.

– Porque não te sentas, Charles?

– Não quero!

– Está bem – disse ele, calmamente, encostando a anca à ponta da mesa, cruzando os braços e tentando parecer imperturbado.

– Estou bastante surpreendido por estares aqui. Porque vieste?

– Nas duas últimas semanas tenho tentado perceber o que aconteceu entre o nosso pai e Jerald Weston, o conde Marbleton, para terem cancelado a minha corte a Lady Caroline Weston.

– Estou a ver.

– Não estás, não! Tu não *vês* nada! – Os seus punhos fecharam com hostilidade e as bochechas ficaram vermelhas de raiva. – Há algum tempo, ouvi dizer, em confidência, que Lady Abigail poderia estar a ter um *affair d'amour*...

James contraiu-se.

– Quem espalhou um rumor tão enganoso?

– Nunca o confessaria – declarou Charles, conciso. – No entanto, só hoje fiquei a saber que estavas envolvido no que quer que tenha acontecido no lar Weston e, na minha busca por pormenores, tenho agora a resposta. Comprometeste Lady Abigail, não foi? E Lorde Marbleton descobriu tudo. Foste tu que destruíste as minhas hipóteses com Caroline.

Para grande surpresa de James, os olhos de Charles encheram-se de lágrimas, prova de que amava muito a rapariga e de que tinha ficado bastante magoado com o desenrolar dos acontecimentos.

James lembrou-se vivamente de todas as palavras dolorosas que o pai proferira durante a tensa viagem de carruagem que fizeram depois de abandonarem a mansão Weston naquele dia horrível.

Se não pensas em ti, nem na tua futura felicidade, repreendera Edward, *se não pensas em Abigail, nem na família dela, pensa, ao menos, em Charles, e no que acabaste de lhe fazer.*

Estás orgulhoso de ti próprio?

Charles, o seu precioso filho, muito parecido com James, mas a quem ele nem sequer poderia ser apresentado, pairava nos seus pensamentos desde então. Sinceramente, não tivera a intenção de magoar ninguém. Especialmente o irmão mais novo, que devia agora odiá-lo como tantos outros. Essa ideia incomodava-o muito.

– Sim – surpreendeu-se a si mesmo por confessar –, sou totalmente responsável.

– Ao menos és homem o suficiente para admiti-lo – reparou Charles, com desprezo. – Porque não casaste com Lady Abigail, como mandam o dever e a honra?

– Não tinha qualquer desejo em desposá-la – disse James, calmamente, colocando, pela primeira vez, a culpa toda nos ombros. Era óbvio que Charles não ouvira outra versão da história, por isso, James optou por fazer de mau da fita.

– Sempre me disseram que eras um *canalha*. Nunca quis acreditar. Agora, sou forçado a reconhecer que o rótulo é completamente verdadeiro. O que me intriga – avançou até ficarem cara a cara e de olhos nos olhos –, é saber porque é que Lorde Marbleton não te pediu nenhuma satisfação.

– O assunto nunca surgiu. – Sem mostrar qualquer emoção, acrescentou, insolente: – Mesmo que ele quisesse fomentar um duelo, de nada teria servido. A pontaria dele não é assim tão boa.

– Bem, garanto-te que a *minha* é excelente.

Antes que James pudesse perceber o que ele dizia, Charles esbofeteou-o com força na face, com uma das suas luvas de pele de montar. A cabeça de James rodou, com a face a latejar.

– Mas que...

– Como, aparentemente, Lady Abigail não tem quem a defenda – declarou Charles, severo –, fico muito satisfeito por poder fazê-lo eu. Escolhe os teus termos.

– Não podes estar a falar a sério.

– Nunca falei tão *a sério* na vida. Encontramo-nos ao amanhecer.

Consternado, James equilibrou-se em bicos de pés, estendendo-se na sua altura máxima e percebendo que era uns três ou quatro centímetros mais alto que Charles. Precisando de um instante para refletir e digerir a informação, avançou casualmente para o aparador e reencheu o copo com brande.

– Não sejas ridículo – disse ele. – Não me encontrarei contigo ao amanhecer, nem a outra hora qualquer.

– Não fico surpreendido por recusares – declarou Charles. – Um homem que arruína a reputação de Lady Abigail e que depois não deseja retificar a sua conduta não tem qualquer senso de decência. Talvez sejas apenas um cobarde.

James suspirou, triste.

– Tu não me conheces para fazeres esses comentários.

– A tua rejeição ao meu desafio dá-me a informação de que preciso.

– Seria incapaz de te matar, tal como ao nosso pai.

– O que te faz ter tanta certeza – zombou Charles, sarcástico –, que a tua pontaria é mais certeira que a minha?

– Eu sou um atirador, Charles.

– Também eu.

– Nunca seria capaz de erguer uma arma contra ti. Independentemente dos meus sentimentos ou dos acontecimentos. Nem sequer acredito que me tenhas feito essa proposta.

– É a tua decisão final?

– Sim, é.

– Muito bem – Charles assentiu com a cabeça de modo amistoso, com um brilho estranho e intenso nos olhos –, então, matar-te-ei

aqui e agora.

Levou a mão ao casaco e retirou uma pistola. O cano era longo, preto e muito brilhante, o cabo era cor de pérola e tinha inscrições bonitas gravadas. A arma parecia pesada, cara, carregada e pronta a matar.

– Estás louco? – James estava atónito e chocado. Não deixando nada ao acaso, reagiu de imediato, atirando a bebida à cara de Charles e desviando-se para o lado enquanto lhe agarrava no pulso. Apertou-o com força, apontou o cano da arma para o chão e lutou com ele, contudo, Charles era forte como um touro, ágil e rijo e não largava a arma. James começou a ficar preocupado com a hipótese de ter de lhe partir o braço de forma a obrigá-lo a ceder.

– Larga-a! – ordenou ele.

– Nunca!

– Larga-a! – repetiu, agitando-se energicamente. Acabou por conseguir que ele a soltasse sem disparar. – Senta-te! – ordenou. Quando o irmão não obedeceu, ele atirou-o para uma cadeira. – Não estou a pedir, estou a mandar! Senta-te!

Observando cuidadosamente Charles, contornou a mesa, abriu uma gaveta e trancou a arma lá dentro.

– Por amor de Deus, podias ter-me matado!

– Quem me dera que o tivesse feito! – confessou o jovem. Depois, dobrou as pernas, escorregou na cadeira e sentou-se na ponta. Apareceram mais lágrimas. – Lorde Marbleton vai anunciar o noivado da Caroline amanhã à tarde. Nunca te perdoarei pelo que fizeste.

Gaguejou as últimas palavras e as lágrimas transbordaram. À medida que as limpava, James observou o seu sofrimento e a camada de gelo que lhe rodeava o coração começou a derreter.

– Desculpa, Charles – murmurou ele. – Não tive intenção de te magoar, nem a Lady Caroline. Não pretendi magoar ninguém.

– Então e a Abby? – perguntou Charles calmo e não zangado. Baixar a arma anulara-lhe a bravata. Apenas a angústia persistia.

– Ela não quis casar comigo, Charles. Tê-la-ia feito muito infeliz. Ela já sabia isso.

Pelos vistos, aquela era uma reviravolta que nunca ocorrera a Charles.

– Sempre a pediste em casamento?

– Ela disse-me que o casamento seria um erro *terrível* – disse ele com uma careta.

– Ela usou essas palavras?

– Sim.

– Bem, agora que te conheci – um dos cantos da sua boca subiu numa espécie de sorriso típico dos Stevens –, devo dizer que ela provavelmente estava certa.

– Estava mesmo – concordou James, muito sério.

Subitamente envergonhado, Charles olhou para as suas mãos como se elas pertencessem a outra pessoa.

– Não creio que teria apertado o gatilho.

– Fico contente.

Charles mexeu-se, desconfortavelmente. Em seguida, perguntou, triste.

– Que faço, James? Lorde Marbleton está a preparar-se para casar a Caroline com outro e eu nem sequer vou poder despedir-me dela.

– Ela sabe porque é que as tuas visitas acabaram?

– Não sei se foi informada – respondeu Charles, desesperado –, mas assim que Lorde Marbleton anunciar o noivado dela, não pode voltar atrás com a palavra.

– Infelizmente, tens razão – concordou James, desanimado, sentindo uma estranha empatia em relação à angústia do rapaz e desejando fazer algo, qualquer coisa!, para ajudá-lo. Estava bastante incomodado com aquelas sensações poderosas de desejo – de estar próximo, de ser amado, de ganhar a atenção do irmão. Eram novas e estranhas, e James não gostava delas, pois sabia que elas o encorajariam a tomar uma decisão arriscada em nome de Charles.

– Já falaste com o pai? – Mantinha outro sentimento fervoroso que o fazia desejar partilhar o título paternal de Edward.

– Até ao meu limite – respondeu Charles. – Implorei-lhe e pedi-lhe que interviesse junto de Lorde Marbleton, mas ele disse simplesmente «esquece-a».

– É fácil para ele não se preocupar – murmurou James, adorando a oportunidade de ficar do lado do irmão contra o pai –, quando não é ele quem está a perder Caroline.

– Exato – concordou Charles. – Vai voltar a casar, com aquele que, pelos vistos, é o grande amor da sua vida, por isso, não posso acreditar que espere que eu simplesmente deixe a Caroline sem lutar. Está a ter tudo o que sempre desejou. – Charles corou com a referência inesperada a Angela.

– Ainda não conheceste a minha mãe, pois não?

– Não – disse Charles, abanando a cabeça.

– Não dês ouvidos aos boatos. Ela é espetacular e espero... – James queria muito que Charles gostasse de Angela –, espero que fiques agradavelmente surpreendido.

– Vi-a em palco naquela noite, no Chelsey – admitiu ele. – Tem uma certa aura, não tem?

– Isso é dizer pouco.

– É mais fácil perceber porque é que o pai... bem... – Ele voltou a corar.

– Ele diz que nunca a esqueceu. Mesmo depois de tantos anos.

– Falaste disso com ele?

Charles estava com ciúmes! Estava claramente incomodado com o facto de James e Edward terem o tipo de relação em que falavam sobre assuntos privados. James nunca pensara que a sua ligação com Edward fosse diferente, ou mais profunda, do que aquela que ele tinha com o filho legítimo. Essa perceção encheu-o de alegria, misturando-se furiosamente com o resto das suas emoções até começar a provocar-lhe tonturas.

– Estão muito apaixonados – acabou ele por dizer, com objetividade na voz. – Quando os vemos juntos, é bastante evidente.

– Já estiveste com eles nessas circunstâncias? – perguntou Charles, sem rodeios. – Em casa, ele fez apenas um anúncio imperial das suas intenções, mas, depois, as minhas irmãs explodiram. Arranjaram uma discussão tal que ele agora já não fala dos seus assuntos connosco.

– Pois, é típico do Edward. – James estava bastante intrigado por ver o pai através dos olhos de Charles.

– Gostava de ter conhecido a tua mãe naquela noite, no teatro – disse Charles. – E gostava de te ter conhecido, também, mas o encontro foi tão estranho.

– A Caroline estava lá – lembrou-lhe James, incapaz de compreender como se tinha transformado no defensor de Edward. – E a Abby. O pai não nos podia ter apresentado ali, mesmo que quisesse.

– Consegui perceber que isso te irritou. Às vezes, não entendo porque é que ele age daquela maneira. Desde sempre que te quis conhecer.

– A sério? – James envaideceu-se, como uma criança a quem é dado o doce favorito. – Também já lho tinha pedido, mas o Edward sempre se recusou. Receava que eu e o Michael fôssemos uma má influência para ti.

– Ele disse mesmo isso?

Charles ficou furioso e James corou enquanto uma onda de carinho lhe inchava o coração ao ponto de já quase não caber no peito.

– Não exatamente por estas palavras, mas nunca sabe bem o que fazer connosco.

– O Michael está aqui? – Charles olhou em volta, expectante, como se esperasse que o outro irmão aparecesse. – Também gostava de conhecê-lo.

– Não. Quando soube da notícia do casamento dos nossos pais, fugiu da cidade.

– Gostava de ter ido com ele! – murmurou Charles, tão triste, que James se riu.

Dirigiu-se ao aparador e encheu de novo o copo, servindo também um brande a Charles. O irmão aceitou a oferta e os dois beberam juntos. Sorriram um ao outro, de uma maneira quase idêntica, e James ficou comovido.

Estava tão contente com a visita de Charles, tão feliz com o facto de ele ter partilhado os seus problemas, que não conseguiu deixar de lamentar a proibição de relações que lhes fora imposta.

Voltaram a sorrir, a sua nova amizade a cortar como estilhaços de vidro. De uma forma muito simples, James percebeu que a sua ligação com Charles era permanente, sólida e verdadeira, uma lealdade familiar indestrutível que lhe incutia o dever de o proteger, de mantê-lo seguro e feliz.

– Então, rapaz – deu-lhe uma cotovelada –, se agora pudesses pedir um desejo qualquer, qual seria?

– Casar de imediato com Caroline – declarou Charles, sem pensar duas vezes.

– Atrever-te-ias a enfrentá-los a todos? Ama-la assim tanto? – Aquela questão era desnecessária. O sentimento do rapaz transparecia de modo bastante visível.

– Sem dúvida – sorriu Charles. – Não sabes como ela é.

– Não. – Porém, conhecia Abby intimamente e, se Caroline tivesse metade do encanto dela, Charles nunca conseguiria esquecê-la.

James não suportava que Charles sofresse a agonia por que ele próprio estava a passar.

– Gostava de apresentar-ta – disse Charles –, para que compreendesses.

James *compreendia* perfeitamente. Melhor do que Charles pensava.

Lentamente, começou a emergir uma estratégia. Era escandalosa, perigosa, atrevida, e, caso fosse bem sucedida, seriam afrontadas inúmeras pessoas de forma perpétua. Não que James se importasse. A sua única preocupação era Charles. Ajudá-lo parecia tão natural como todas as ocasiões em que ouvira os desabafos de Michael ao longo dos anos. Para além disso, estava pronto a fazer todas as pequenas correções que pudesse para que ao menos uma pessoa ficasse contente no fim.

– Acho que existe uma forma de tu ganhares a Caroline – disse ele, prudente –, mas tens de pensar muito bem na tua decisão. Isto vai afetá-la mais do que a ti. Tens a certeza de que ela retribui os teus sentimentos?

– Absoluta. Eu e ela...

Parecendo envergonhado, não completou a frase, o que fez com que James se perguntasse se ele conhecia Caroline Weston assim tão bem. Talvez estivesse a fazer um favor a todos se os juntasse.

– Vocês...? – perguntou ele, delicadamente.

– Nunca! Ela é uma senhora! – respondeu ele, firme. Depois, deteve-se ao lembrar-se do comportamento de James para com Abby e o que incitara a sua visita ali. – Desculpa... Não estou a sugerir que...

– Não faz mal – disse James, afastando a frustração de Charles. – Não sou um exemplo nesses casos.

– Só quis dizer que eu e ela já nos encontrámos algumas vezes às escondidas. Mas sempre tencionei esperar pela nossa noite de núpcias.

James assentiu, considerando o rapaz um mártir ou um tolo, aliviado por ele ter uma mentalidade diferente da sua.

– A tua vida vai ficar completamente alterada e não será possível voltar atrás. Nem tu. Nem Caroline.

– Faço qualquer coisa para que ela seja minha! – jurou Charles.

James aceitou a gravidade da promessa do irmão. Ele teria feito o mesmo por Abby – se ela tivesse dado a mais pequena indicação de

que o queria.

– Temos de agir rapidamente. Esta noite. Com o noivado tão próximo, não podemos esperar até amanhã. Se tens a certeza de que...

– Tenho.

James avançou para o corredor e chamou um dos seus empregados. Sussurraram um ao ouvido do outro, o homem saiu e regressou alguns minutos mais tarde, continuando a sussurrar ao patrão, enquanto Charles os observava, curioso.

– Excelente – acabou por dizer James. – Manda cá a Mary, está bem?

O homem foi buscá-la.

– Mary? – perguntou Charles.

– Trabalha para mim, normalmente como empregada doméstica, mas, tal como todos os meus outros empregados, é bastante versátil. – Vestiu o casaco.

– Onde vamos?

– Lorde Marbleton e a família vão a uma *soirée* em casa do conde Rosewood. É a primeira vez que a Caroline sai desde há semanas. – Pousou a mão no braço de Charles. – Os Weston querem que ela seja vista em público com o noivo, uma espécie de antestreia para o anúncio de amanhã.

– A Caroline sabe dos planos deles? – perguntou Charles, espantado.

– Isso... não sei. Mas calculo que ela prefira estar noutro sítio. Vamos sair para descobrir, está bem?

21

Caroline Weston olhou para a sala de baile de uma ponta a outra. Tivera esperança de encontrar Charles no meio das pessoas, porém, até àquele momento, ainda não o tinha visto. Se não conseguisse aproximar-se para falar pessoalmente com ele, enviar-lhe-ia uma mensagem através de algum amigo comum, contudo, não tivera sorte. Era óbvio que Charles decidira não comparecer.

Mesmo que desse com ele, duvidava que tivesse oportunidade para conversar. Durante toda a noite, Margaret estivera ao seu lado como se fosse sua dona. Jerald também andava próximo, contudo, acabara por se afastar depois de lhe dizer que ia à procura de um jovem que queria que ela conhecesse.

Jerald poderia aparecer com um dos príncipes, com o herdeiro do trono ajoelhado e a pedi-la em casamento que ela não olharia duas vezes para o rapaz nascido em berço de ouro. Queria apenas falar com Charles! Só Deus sabia a história que o irmão inventara e não queria que ele pensasse que ela tinha mudado de ideias. Longe disso.

Não sabia ao certo o que acontecera no dia em que Edward fora à biblioteca de Jerald, juntamente com o seu filho James. No entanto, não era preciso ser-se um génio para juntar as peças do quebra-cabeças. Tinha havido uma grande discussão e Abigail fora posta fora de casa, a meio da noite, sem qualquer justificação. Depois, como se tivesse sido Caroline a responsável por tudo, fora confinada aos seus aposentos e Charles banido da casa.

Durante semanas, Caroline percebera que Abigail estava a ter um caso, contudo, suspeitara que fosse com Edward. Em vez disso, fora com o perigoso e desavergonhado filho do homem! Meu Deus, ela não sabia como Abigail tivera coragem para fazer algo tão precipitado.

Caroline só vira James Stevens em duas breves ocasiões, contudo, foram suficientes para perceber como ele era bonito. Claro que não era tão atraente como Charles, mas tinha o seu próprio estilo. As suas feições eram mais ousadas, a sua figura mais larga e tinha uma aura envolvente que fazia com que qualquer mulher de bom senso fugisse.

Apesar de ter crescido num ambiente extremamente fechado, ainda conseguira ouvir alguns boatos acerca dele. Charles também contribuíra com vários rumores interessantes. Segundo o que se ouvia, o seu irmão mais velho era um canalha, um vilão de integridade e reputação duvidosas. Embora Charles já tivesse ouvido as histórias todas, tendia a não acreditar nelas, confiando na opinião do pai que dizia que James era um homem forte, justo e honrado, para quem a vida fora madrasta.

Independentemente da educação inocente de Caroline, ela não precisara que ninguém lhe dissesse que James tinha muito jeito com as senhoras. Na noite do teatro, todas as mulheres que lá se encontravam o observaram sorrateiramente. Como Abigail o conhecera, como se aproximara e iniciara uma ligação, ou até como encontrara coragem para prosseguir, era um segredo que Caroline desejava conhecer, contudo, não fazia ideia de quando a desgraça da irmã acabaria para que ela lhe pudesse contar todos os pormenores sórdidos.

Jerald recusava-se a falar dela, tal como Margaret, e ninguém explicava o que o futuro reservava. Tudo o que Caroline sabia era que Abigail tinha desaparecido, Charles fora expulso e ela passava inúmeras horas deploráveis e solitárias na casa citadina do irmão.

Uma criada que passava chocou levemente com ela e o movimento quase deitou os copos que ela levava num tabuleiro ao chão. Com medo de que caíssem e derramassem o líquido, Caroline inclinou-se para o lado, estendeu a mão e ficou surpreendida quando a empregada lhe sussurrou:

– Charles e James Stevens estão lá fora e pedem que se junte a eles.

– O quê? – Caroline engasgou-se.

– Não fale tão alto – disse a mulher, prudente. – Acompanha-me?

– Claro! – verbalizou calmamente Caroline, com os olhos muito abertos.

– Pergunte-me onde são os lavabos das senhoras.

Caroline virou-se para Margaret e fez o delicado pedido, referindo, depois, de forma casual:

– Esta criada pode mostrar-me o caminho.

– Não demores! – insistiu Margaret. – Vem ter comigo a este canto assim que te despachares.

– Para onde mais iria? – perguntou ela, docemente. Em seguida, foi-se embora depressa, mas tentando parecer natural.

Seguindo a criada, atravessou a multidão e dirigiu-se para a entrada. Assim que lá chegaram, subiram as escadas, cruzaram um grande *hall* e foram ficando cada vez mais sozinhas. A empregada pousou o tabuleiro numa mesa, acelerou o passo e desceu outro lanço de escadas, mais estreito e silencioso.

– O que se passa? – implorou Caroline à medida que desciam.

– Mister Stevens irá explicar-lhe – respondeu a criada, enigmática.

Momentos depois, abriu a porta das traseiras e Caroline avançou para o ar fresco da noite.

– Siga-me – disse a mulher. Caroline acompanhou-a, obediente. Ao refletir sobre aquelas circunstâncias furtivas, o seu coração começou a bater com mais força.

Passaram pelo jardim, conseguindo iludir todas as pessoas que Caroline conhecia. A criada deteve-se em frente do grande muro.

– James? – chamou ela, com uma voz pouco audível.

– Estou aqui, Mary.

James Stevens surgiu por detrás da vedação. Parecia mais alto do que Caroline se recordava. Todo vestido de preto, desde a camisa até às botas, e meio escondido pelas sombras, tinha um ar bastante sinistro.

– Olá, Lady Caroline – disse ele educadamente e fazendo uma vénia.

– Mister Stevens – respondeu ela, com cuidado. Não estava com medo, apenas precavida e com esperança de que as descrições de Charles sobre o caráter do irmão fossem corretas. – O Charles está aqui? – perguntou, ansiosa.

– No beco. Na minha carruagem. – Gentil, mas firme, falou.

– Peço desculpa por todo este drama, mas devo contar-lhe algo perturbador que descobrimos recentemente.

– O quê?

– Esta noite, o seu irmão, Jerald, tenciona aceitar uma proposta de casamento em seu nome, que anunciará amanhã.

– Não! – Ela ficou repugnada, incapaz de acreditar no que acabara de ouvir.

– Mais baixo, minha senhora, por favor – precaveu ele. – Compreendo que a informação seja um grande choque.

– Quem foi o escolhido?

– O filho de Lorde Welby.

– Não posso casar com ele – declarou ela, levando os dedos à boca e pensando que poderia adoecer. Não tolerava aquele tolo egoísta. – Já me prometi ao Charles.

– Fico contente por ouvi-la dizer isso – murmurou ele. Apesar de estar muito escuro, Caroline conseguiu ver-lhe o brilho nos olhos. – De forma a evitar esse futuro, o Charles pede-lhe que tome uma decisão drástica com ele.

– Qualquer coisa... – disse ela, séria. Faria qualquer coisa por Charles. – Diga-me apenas o quê.

– Fiz alguns preparativos de última hora para que vocês os dois fujam esta noite. Para a Escócia. Depois, irão para a minha casa de campo, onde ficarão até que eu vos diga que é seguro reaparecerem em Londres. – Ficaram tensos quando ouviram passos no outro caminho, contudo, tratava-se apenas de um casal de namorados. O par foi-se embora e Mr. Stevens prosseguiu. – Infelizmente, não tem tempo para refletir sobre a sua decisão. Se quiser avançar, temos de nos ir embora.

– Agora? – Ela estava chocada com a velocidade dos eventos.

– Lamento, mas sim – explicou ele. – Tem de ser neste preciso momento.

Caroline olhou para a mansão iluminada, apercebendo-se que tinha apenas alguns minutos antes que Margaret desse pela sua prolongada ausência. Poucos até que os outros começassem a procurá-la. Um punhado de minutos precários e valiosos, durante os quais poderia ser detetada pela pessoa errada a vaguear pelo jardim.

No entanto, ali estava, pressionada a tomar uma decisão rápida sobre o seu futuro. Se partisse com Mr. Stevens, deixaria a sua vida toda para trás. Nada seria como dantes. Margaret e Jerald deserdá-la-iam, os amigos nunca mais poderiam voltar a contactá-la e a maior parte das portas de Londres fechar-se-iam.

Importava-se?

A resposta era um redondo *não*, não se importava. Não quando Charles estava à sua espera do outro lado do muro. Todavia, enquanto pensava, surgiu-lhe na mente uma pessoa, um rosto, Abigail.

Como é que Abigail veria a sua escolha precipitada?

Caroline olhava para o homem que levara uma autêntica tragédia para a sua vida, para o homem que Edward admirava e que Charles adorava. Lembrou-se vivamente de Abigail e do dia em que ela dançara, encantada, em frente ao espelho, com uma alegria e devoção intensa. Não havia dúvidas de que amara James Stevens.

Ela não era o tipo de mulher que se entregasse livremente. Só uma emoção desesperada a poderia ter influenciado nesses momentos.

Imaginou Abigail, abandonada e deprimida no campo, separada para sempre do homem que mais amava no mundo, e percebeu que ela compreenderia a sua determinação. E, quem sabe? Talvez quando estivesse estabelecida com Charles pudesse procurá-la pelos seus próprios meios e mandar Jerald e os seus moralismos às urtigas!

– Leve-me até Charles – declarou ela, sentindo-se imprudente e destemida.

– Com prazer – disse Mr. Stevens.

Ofereceu-lhe o braço e juntamente com a criada – Mary – avançou para o portão. Passaram despercebidos. A carruagem encontrava-se a poucos metros. Quando se aproximaram, a porta abriu-se e Charles apareceu, envolvendo-a num abraço terno.

– Caroline – suspirou ele, com o seu aroma a assolá-la e a encantá-la com êxtase. Deu-lhe um beijo longo e lento, na presença de Mr. Stevens e de Mary e ela não se coibiu de retribuir a atenção. O alívio que sentia por estar nos braços dele era tão grande que nada mais importava.

Só o som de Mr. Stevens a aclarar a garganta os deteve.

– Podes beijá-la à vontade – avisou James – quando estiverem em segurança.

– Claro, tens razão – concordou Charles. Virou-se para ela. – Tens a certeza, amor?

– Oh, sim. Absoluta. – Ela sorriu e ele sorriu também.

– Então, vamos embora. – Agarrou-a pela cintura e ajudou-a a entrar. Mary subiu depois e sentou-se discretamente a um canto.

– Vem connosco? – perguntou Caroline, surpreendida.

– Sim, senhora – disse Mary. – O James pensou que a viagem pudesse ser difícil para si e não quis que fosseis obrigada a viajar sem uma criada.

Caroline franziu o sobrolho perante a revelação, espantada com a atenção do homem enigmático e feliz por ele estar disposto a ser útil e bondoso quando nem sequer tinham sido apresentados.

Mary sorriu maliciosamente, desfrutando da oportunidade de aventura.

– Tendo em conta as circunstâncias – acrescentou, levemente –, a sua criada não podia acompanhá-la.

– Pois não. – Caroline riu, depois, ficou séria quando se lembrou de que se estava a ir embora apenas com o vestido do corpo. – Como vou fazer com a roupa?

– Os primeiros dias serão duros – disse Mary –, mas tenha paciência, o James pediu-me que lhe arranjasse roupa apropriada assim que fosse possível.

– Tenho a certeza de que nos daremos bem. – Estava ansiosa por se ir embora, entusiasmada pelo começo da viagem. Olhando pela janela, viu Charles a conversar com o irmão. Ao vê-los assim, tão elegantes e dinâmicos, o seu coração encheu-se de alegria e de orgulho. Deixou cair a cortina, fechou os olhos e tentou descontrair-se, preparando-se para o começo do resto da sua vida.

– Tens o saco de moedas que te dei? – perguntou James. Precisavam de se apressar, contudo, ele estava desejoso de prolongar aquele momento. Agora que conhecera Charles, não queria vê-lo ir-se embora.

– Sim – respondeu Charles, dando pancadinhas no casaco.

– E a indicações para chegares à casa?

– Tenho-as.

– Escreve-me assim que lá chegares.

– Prometo.

– E a combinação do cofre?

– Já a tenho. – Voltou a dar pancadinhas no bolso.

– Não te esqueças de fechar logo a certidão do casamento lá dentro – avisou ele.

– James – Charles riu-se, calmamente –, pareces uma mãe galinha.

– E com razão. Estamos com pressa, o que faz com que seja fácil negligenciar os pormenores importantes.

– Vou proteger as nossas provas matrimoniais com a vida.

James fez uma pausa, imaginando o que mais poderia ter esquecido.

– Não regresses a Londres até teres a certeza de que ela está a grávida. Não podes dar a Jerald uma desculpa para desfazer o que tu fizeste.

– Darei o meu melhor – disse Charles, convencido e arrogante – para garantir que ela fica grávida o mais depressa possível.

– Isso é que é falar – murmurou James. – Estou a ver que o teu nome é mesmo Stevens.

Nesse instante, Caroline olhou pela janela, observando-os com ar expectante. Em seguida, retirou-se para trás da cortina e James não conseguiu deixar de pensar como ela parecia jovem e inocente. De repente, foi assolado por um sentimento de afeto e de proteção em relação à rapariga. Charles era um bom rapaz, porém, tendo em conta as duras regras de cortejamento, Caroline mal o conhecia.

Não pôde deixar de olhar muito sério para o irmão.

– Já alguma vez te deitaste com uma mulher?

– James!

Mesmo na escuridão, James foi capaz de perceber que Charles corava.

– Então?

– Muitas vezes – respondeu ele.

– Presumo que eram prostitutas.

– A maioria.

– Então... tem cuidado com ela. *Tenta* conter-te. Demora o tempo que for preciso para iniciá-la.

– Terei cuidado – jurou Charles.

– Pela irmã – foi incapaz de não se referir a si próprio – e por *mim*, sê gentil com ela.

– Prometo – proclamou Charles, honesto –, amá-la todos os dias.

– É bom que sim – disse James como um pai rabugento –, caso contrário terás de te haver comigo.

Seguiu-se um silêncio que se tornou incomodativo. Depois, para seu grande espanto e contentamento, Charles avançou e deu-lhe um forte abraço.

– Obrigado – murmurou Charles ao ouvido dele. – Por tudo.

– De nada. – James lutou para permanecer calmo e desligado, mas o seu coração batia a mil quilómetros por hora. Charles afastou-se e apertaram as mãos. – Se precisares de alguma coisa – disse James –, manda-me logo um mensageiro.

– Assim farei – respondeu Charles.

– Se decidirem regressar a Londres e não tiverem um lugar para ficar... – engoliu em seco e forçou uma declaração invulgar –, a minha porta estará sempre aberta.

Ouviram mais passos e vozes no jardim atrás do muro e imobilizaram-se.

– Adeus – sussurrou Charles.

James retribuiu a despedida e Charles subiu para a carruagem. O condutor, já ciente do seu dever, arrancou. O coche ganhou vida e os passos dos cavalos ecoaram para fora do beco sombrio e em direção à rua. No último instante, Caroline pôs a cabeça de fora e acenou alegremente, atirando beijos a James. Dobraram a esquina e desapareceram. De um momento para outro, James viu-se sozinho. Ficou parado, incapaz de se mexer depois de o veículo ter desaparecido na noite.

Caminhou lentamente para a avenida iluminada enquanto ponderava para onde seguir. Pensou em ir para casa, contudo, perante o seu estado de espírito depressivo, o silêncio e a quietude do lar pareciam uma opção melancólica. Sem conseguir digerir a ideia de um confinamento solitário, alugou uma carruagem e deu a

morada do clube, onde o barulho e o movimento o ajudariam a manter os demónios afastados.

Abigail andava distraidamente de um lado para o outro no pátio da casa ancestral da família. A mansão estava majestosamente localizada em cima de um monte, a dominar o vale, e a sua cor branca brilhava com a luz do Sol. As cores e os aromas dos jardins cuidados e perfeitos assolavam-lhe os olhos e o nariz sem que ela lhes desse atenção. Os terrenos da propriedade Marbleton estavam sempre bonitos, principalmente no verão, contudo, ela mal reparava nas flores ou nos arbustos.

Já estava no campo há quase um mês. Jerald enviara-a para ali como se ela fosse uma espécie de criança mal-comportada, todavia, ela não se importara. Depois do choque inicial começar a desvanecer, Abigail desfrutou do isolamento e passou todas as suas horas a tentar decidir o próximo passo.

Infelizmente, tinha pouco imaginação. O dinheiro não era um problema, pois podia movimentar os fundos da sua conta. Podia ir onde quisesse e fazer o que lhe aprouvesse, a questão era que não sabia o que lhe apetecia fazer.

Enquanto estivera em casa, Jerald enviara-lhe uma carta sarcástica, avisando-a de que estava ocupado a tentar arranjar-lhe um marido e que ela seria obrigada a casar assim que os acordos estivessem finalizados. A ideia de Jerald escolher um marido era hilariante e aterrorizadora. Conseguia imaginar o tipo de homem que ele achava adequado, por isso, escreveu-lhe, insistindo claramente que nunca casaria e que ele não precisava de se esforçar inutilmente. Porém, ele não respondera.

Devido à sua idade avançada, ele não poderia obrigá-la, contudo, que mais hipóteses tinha?

Enquanto mulher solteira, não tinha opções. Assim que recusasse a seleção de futuros maridos de Jerald, seria forçada a sair depressa daquela casa e já sabia que não podia permanecer na

região de Marbleton. Quando ali chegara no auge da temporada, os boatos entre vizinhos sobre a sua suposta imoralidade já circulavam. Nem sequer podia ir a uma loja sem deparar com desaprovação maliciosa.

Logo, a sua única escolha viável seria voltar para Londres, onde poderia desfrutar de um grande anonimato, mas onde teria uma existência miserável. Podia comprar uma casa, arranjar uma dama de companhia e viver o resto dos seus dias como solteirona reclusa. O conceito era tão deprimente que ela não suportou pensar nele.

Com a perda dos laços familiares, e das portas abertas da sociedade, teria de fazer novos amigos entre as mulheres mundanas e este novo estilo de vida boémio levá-la-ia até ao mundo de James. Para onde quer que fosse, o nome dele acabaria por surgir, as mulheres rir-se-iam das suas travessuras e – Deus a livrasse! – poderia encontrá-lo na rua com a sua última amante.

Não restavam dúvidas de que havia vantagens em estar exilada, em ter caído em desgraça e em estar escondida de tudo e de todos. Nunca teria de ouvir uma palavra sobre ele. Mas em Londres... oh... nunca estaria a salvo.

Na sua reclusão, podia iludir-se ao acreditar que a sua relação fora uma indiscrição absurda. No entanto, reencontrá-lo, ao vivo e em carne e osso, acabaria com ela. Com uma certeza assustadora, sabia que seria assim. Enfrentar o seu desdém, ser atingida novamente pela sua indiferença, era de mais para ela.

– O que fazer... o que fazer... – De forma incessante, refletiu sobre a questão que não tinha nenhuma resposta.

Dirigiu-se para o terraço no momento em que uma criada apareceu à sua procura.

– Minha senhora – disse ela –, tem uma visita.

– Uma visita? Para mim? – Ficou surpreendida e alarmada. Como os boatos desenfreados acerca da sua ruína só estavam agora a chegar ao campo, teria de ser alguém da cidade. Com a diminuição das festas da temporada, ninguém importante perderia o que

restava da ação, logo, devia ser algum mensageiro com outra mensagem zangada de Jerald.

Já lhe teria o patife escolhido um marido? Quais seriam as consequências assim que ela declinasse a sua decisão? Seria imediatamente expulsa de casa? Ser-lhe-ia permitido fazer a mala?

– Quem é? – perguntou ela.

– Não disse o nome, mas está na entrada. O mordomo explicou-lhe que a senhora não estava a receber visitas, mas a mulher teimosa não lhe deu ouvidos. – A criada entrelaçou a mão trémula na outra. – Forçou a entrada!

Depois de perceber que a visita era uma mulher, a sua apreensão acalmou.

– Não se preocupe – disse ela, irritada. – Não contarei ao meu irmão que deixou uma visita entrar sem permissão. – A criada teve a graciosidade de corar com o comentário de que a criadagem que rodeava Abigail não era a sua guarda privada.

Atravessando o corredor, ela entrou na sala e deteve-se quando viu Angela Ford a caminhar de um lado para o outro. Linda, como sempre. Mrs. Ford envergava um vestido leve de cor vermelha que tinha como objetivo chocar e atrair olhares. A forma como lhe esculpia a figura voluptuosa era quase pecaminosa.

– Aí está! – disse ela, sorrindo e indo na sua direção. – Só ia dar mais um minuto àquele mordomo arrogante antes de começar a vasculhar este mausoléu!

Angela Ford estava ali? Na sua sala? Sentindo-se como se estivesse a sofrer uma alucinação bizarra, Abigail sacudiu a cabeça na tentativa de aclarar a sua visão.

– Devo confessar – disse ela, muito desconcertada – que é a última pessoa que esperava ver aqui, Mistress Ford.

– Trate-me por Angela – sugeriu ela. – E, agora, é Mistress Stevens. – Exibiu os dedos para que Abigail pudesse ver o grande diamante.

– Desde quando? – Abigail sorriu também, avançando até ficar em frente a Angela. De forma surpreendente, Angela abriu os braços e abraçou-a como se fossem grandes amigas. Abigail nunca tivera muita experiência com pessoas que expressavam os sentimentos em público, por isso, não soube o que fazer a não ser retribuir o abraço. Juntaram as mãos e sentaram-se no pequeno sofá.

– Desde há dois dias – respondeu ela. – Foi tão romântico. Não contámos a ninguém. Saímos e casámos.

– Fico muito contente – disse Abigail. – O Edward veio consigo?

– Não. O teimoso recusou-se a acompanhar-me. Se quer a minha opinião, tornou-se muito obstinado durante os anos em que estivemos separados. Vou ter de o amansar outra vez. – O brilho dos seus olhos desmentia o desabafo. Era óbvio que ela daria as boas-vindas a todos os minutos de *amansamento* de Edward.

– Onde está ele?

– Na taberna da vila.

– Mas, porquê? Adorava tê-lo visto.

– Foi o que eu lhe disse! – Rolou os olhos ante a estupidez dos homens. – Mas ele não faria nada que pudesse irritar ainda mais o seu irmão.

– O Jerald está *assim tão* irritado? – Abigail ficou triste por saber que ele ainda estava zangado. Tanta exasperação não podia augurar nada de bom para o futuro. – De certeza que agora já se deve sentir um pouco mais calmo.

– Não me refiro à sua situação. Falo do que aconteceu na semana passada. Com a Caroline e o Charles. – Angela hesitou, observando a perturbação de Abigail. – Ainda não sabe!

– O quê? Não tenho sabido nada desde que aqui estou.

– O seu irmão preparava-se para casar a Caroline com um menino rico qualquer quando ela fugiu com o meu enteado, Charles Stevens. O escândalo já está por toda a cidade.

– A Caroline fugiu?

Nas horas que passara a refletir sobre o seu futuro, nunca lhe ocorrera pensar na irmã, nem no destino que Jerald escolheria para ela. Era claro que ele tinha a intenção de castigá-la pelos erros de Abigail, no entanto, Abby não tivera oportunidade de planear um estratagema de modo a salvá-la. Não quando Jerald era o seu guardião financeiro e legal.

Embora estivesse aliviada por Caroline ter ficado com Charles, sentia-se triste pelos danos causados à família. Se não tivesse embarcado num romance com James, Caroline estaria na casa onde pertencia a planear uma grande boda de fecho de temporada, em vez de estar escondida numa cidade estranha qualquer, a começar uma nova vida solitária e furtiva.

Nesse momento, o mordomo entrou na sala e Angela deu-lhe uma ordem.

– Lady Abigail está perplexa com as notícias que eu lhe trouxe. Traga-nos uma garrafa de uísque e dois copos. Imediatamente.

O homem ficou ofendido por receber ordens da mulher forte e exuberante.

– Minha senhora – rosnou ele –, Lady Abigail não bebe bebidas espirituosas.

– Agora bebe. Vá buscá-las! – Angela estalou os dedos e ele saiu depressa enquanto ela massajava, simpaticamente, as costas de Abigail. – Está bem?

– Não – admitiu ela. – Estou absolutamente chocada. Sempre pensei que a Caroline tivesse um casamento de sonho. Só de imaginar que foram as minhas ações que provocaram isto!

– Se fosse a si, não me sentiria tão mal – comentou Angela, sabiamente. – O Charles Stevens tem uma excelente aparência e é mais ou menos da mesma idade que o Eddy era quando nos juntámos da primeira vez. Ela não se vai arrepender das suas escolhas.

O mordomo voltou a entrar, carregando um tabuleiro com os artigos que Angela pedira. Ela atravessou a sala e tirou-lho das

mãos, empurrando-o para a saída e fechando-lhe a porta na cara. Serviu dois copos da forte bebida e estendeu um a Abigail, que lhe pegou com dedos trémulos, bebeu e deixou que o potente elixir lhe queimasse o caminho para o estômago.

– Como conseguiram fugir? – perguntou ela, mais calma.

– Foi o James quem preparou tudo.

– O James? – Abigail engasgou-se, adorando e detestando a oportunidade de referir o seu nome. – Porque faria isso? Ele e Charles nem se conhecem.

– Também pensava que não, e o Eddy continua a dizer o mesmo, por isso não tenho a certeza de como tudo se passou. Acho que o James raptou Caroline de uma festa debaixo do nariz da Margaret. Depois, ela e o Charles fugiram para a Escócia na carruagem do James.

– Onde estão agora?

– Ninguém sabe, mas diz-se que o James os escondeu nalgum sítio. – Bebeu um longo gole da sua libação. – Se é verdade, ele não admite. O Eddy quer torcer os pescoços dos dois rapazes e o Jerald está prestes a ter uma apoplexia, por isso é que o Edward se recusou a vir. Tendo em conta o estado do seu irmão, ele acha que é melhor os membros da família Stevens ficarem escondidos até a tempestade passar. – Fez um sorriso maroto. – Pessoalmente, acho que devíamos todos dizer ao Jerald para ir à... – deteve-se. Depois, riu. – Bem... deixe estar.

Angela acabou o uísque enquanto Abigail bebericava o seu. Depois, a mulher mais velha reencheu os dois copos à medida que falava.

– Não me faz perguntas sobre o James?

– Não. – Abigail mexeu-se desconfortavelmente. – Porque faria isso?

– Pensei apenas que quisesse saber como ele está, o que tem feito.

– Quer dizer, para além de planear a fuga do irmão?

– Sim... para além disso...

Ambas as mulheres sorriram. Abigail desfez depressa o seu sorriso, levantou-se e avançou para o fundo da sala. Incapaz de enfrentar Angela, ou o tema acerca do qual ela queria falar, olhou para a janela, interessando-se estranhamente por um dos jardineiros que estava ajoelhado a cuidar da terra e a tratar das flores.

– Não quero falar dele.

– Quando apareceu à minha porta, em Londres –, as saias de Angela fizeram barulho quando também ela se levantou e atravessou a sala –, disse que o amava. Que o amava mais do que à vida. Foram estas as suas palavras.

Abigail encolheu os ombros.

– Sentimentos tolos – murmurou ela – de uma rapariga ingénua e estúpida.

– Eu sei que ele se preocupou o suficiente para ir ter consigo quando eu lhe disse para não o fazer. O que foi que ele lhe disse?

– Não disse nada. Avisou-me de que ele não sentia nada por mim, nem por outra mulher qualquer, e eu devia ter-lhe dado ouvidos.

Angela pousou gentilmente a mão no ombro de Abigail.

– Ele disse realmente que não a amava?

– Sim – ela suspirou, recordando-se de todos os comentários odiosos e humilhantes que tinham saído dos lábios dele naquele tarde terrível. – Disse exatamente isso.

– E acreditou nele?

– Porque não haveria de acreditar?

– Não sabe nada sobre o meu filho? Ele pensou que estava a ser nobre! – Ela resmungou baixinho e encostou os punhos fechados ao peito, como se estivesse a representar uma cena melodramática em palco. – Mandou-a embora porque se sentiu *inferior* a si.

– Eu *nunca* achei que ele não me *merecia*!

– Bem, o James acha que é assim que pensa. E porque não haveria ele de achar? – perguntou ela, zangada. – O que fez para

que pensasse o contrário? Iniciou um caso clandestino, ficou envergonhada por ser vista com ele, não quis que os outros soubessem que se conheciam...

– Isso não é verdade! – Abigail explodiu de indignação.

– Na única ocasião em que poderia tê-lo reconhecido, a noite no teatro, deu-lhe uma «bofetada» em público. Como é que ele deve interpretar o vosso comportamento?

– Nunca tive intenção de tratá-lo mal!

– Ai, não?

A pergunta ficou pendurada no ar e Abigail corou de vergonha, incapaz de mentir à mãe dele. Ela nunca fizera nada para mostrar o quão James era importante para si. No fundo, tinha-o negado.

– Diga-me a verdade: ainda o ama?

– Sim. Sim, amo – confessou ela.

– Então, porque está aqui, fechada nesta casa?

– Foi o meu irmão que me mandou para aqui!

– E então?

– Não podia recusar!

– Porque não? Que idade tem? Vinte e cinco? Com a sua fortuna pessoal e a vida toda pela frente! – resmungou sarcasticamente. – Oh, se eu pudesse ter começado com metade da vossa sorte!

Abigail desejou poder explicar o quão apreensiva estava em relação àquelas alternativas estranhas e drásticas. O futuro parecia um buraco enorme e vazio, ansioso por engoli-la e sugá-la.

– Não é tão fácil como imagina!

– Não é? – perguntou Angela. – O Jerald trata-a como se fosse um bebé. Ele diz que tem de ir para o campo e a senhora vai correr para onde ele diz!

– Não havia razão nenhuma para eu ficar em Londres! O James não me quis!

– Oh, está enganada – disse Angela. – Está muito enganada. Gostava de abaná-los aos dois! – Pegou nas mãos de Abigail. – Abigail, querida, quais são os seus planos? Ficar aqui até o Jerald

querer? Até ele escolher um palerma qualquer para seu marido, que a vai desprezar até ao fim dos seus dias?

– Não sei o que é melhor – resmungou, triste. – Estou muito confusa.

– Querida, não tem de ser assim – consolou Angela. – Deixe-me dizer-lhe uma coisa: quando eu tinha a sua idade, deixei o Eddy. Era teimosa, vaidosa, e estava completamente convencida que tinha razão, embora quando nos tivéssemos envolvido eu soubesse que ele teria de casar um dia e que não seria comigo. *Sabia* como seria, mas não consegui conter-me. Depois, o destino dele assolou-nos como uma onda poderosa e eu deixei-me guiar pela arrogância. Estivemos separados durante vinte e cinco anos e tive a sorte de o destino nos dar uma segunda oportunidade. Fugimos e casámos sem sequer convidarmos os nossos filhos para a cerimónia.

– Nenhum deles?

– Não. Estávamos fartos das suas lamúrias. E, sabe uma coisa? Não me incomoda nada que não tenham estado connosco. Estou bastante aliviada por o Eddy ter voltado. Desde que ele esteja comigo, nada mais importa. O resto do mundo pode cair de um precipício.

– Mas eu não sou como a senhora – insistiu Abigail. Angela tivera uma vida inteira para pôr em prática o que desejava, enquanto o único ato singular de Abby fora amar James. E o que lhe trouxera isso! – É assustador pensar em atirar tudo para trás das costas. Tenho medo do que possa acontecer.

– Medo de quê? A pior situação de todas seria não conseguir dar a volta ao coração do James e acabar com o seu coração destroçado. Contudo, já é assim que se sente! Tomar uma atitude não pode piorar as coisas! – Acariciou o rosto de Abigail. – Vai ficar aqui sentada enquanto o Jerald lhe prepara uma vida insuportável? Ou quer correr atrás do que realmente quer?

– Não sei como fazê-lo – declarou suavemente Abigail.

– Sabe, sim – declarou Angela. – É simples. Engula o seu orgulho e vá ter com o James. Pois ele não virá ter consigo! Tem de arriscar este passo inicial. Compreendo que possa ser assustador, mas, se conseguir, não valerá a pena? Que alternativa tem? – Gesticulou em redor da sala perfeita e estéril. – Renunciará a uma casa sua? A filhos? Ao James? Já passei por isso, Abigail, quando abandonei o Eddy e fugi para Paris com os nossos filhos; não foi agradável. Nem sequer por um dia.

O relógio no corredor bateu as horas, Angela endireitou-se e suspirou.

– Tenho de me ir embora, se não o Eddy vai ficar preocupado. – Dirigiu-se para as escadas laterais, pegou na estola e colocou-a aos ombros. – Por favor, prometa-me que vai pensar no que lhe disse.

– Prometo.

– Se decidir ir até Londres, o meu mordomo, Arthur, ainda está em casa, a cuidar do James por mim. Informei-o que poderia aparecer. Ele irá deixá-la entrar e ajudá-la-á a instalar-se. – Ela riu-se. – Mude-se para a maldita casa, pouco me importa. Já é uma mulher *desgraçada*, por isso, vá em frente e *desgrace-se* um pouco mais. Prometa-me, apenas, que não se vai embora até o James ter a oportunidade de lhe pedir para ficar.

– Onde estará a senhora? – A voz de Abigail estava tão trémula como as suas pernas, pelo que ela se sentou numa cadeira próxima.

– Vamos para a costa italiana, em lua de mel. Esperei que pudéssemos visitar Paris para que o Eddy tivesse a oportunidade de ver onde eu e os rapazes vivemos, contudo, com todos os tumultos, não podemos lá ir. Ofereci-me para escrever a Bonaparte...

– É amiga de Napoleão Bonaparte?

– Claro – respondeu ela, olhando para Abigail como se estivesse confusa. – Fui a *querida* – pestanejou várias vezes – de Paris durante quase duas décadas. Ele garantiu-nos passagem segura, mas o Eddy nem sequer quis ouvir falar disso. Por causa da sua

posição. Aquele homem e as suas convicções! – Piscou o olho com ar travesso. – Vou ter de me esforçar muito para mudá-lo durante a longa viagem de barco. Há de ir ao «sítio». – Inclinou-se e beijou Abigail na testa. – Adeus, minha querida.

– Adeus, Angela. Muitas felicidades.

Angela olhou para ela e pousou a palma da mão na sua cabeça, como se lhe desse uma bênção.

– Que seja feliz, Abigail. Decida o que quer e corra atrás desse objetivo. Não seja tímida! Ficaria surpreendida com os pequenos milagres que podem acontecer.

Desapareceu, no meio de um rodopio de saias. Abigail ficou sentada, demasiado perturbada para acompanhá-la até à porta. Ainda sentindo o perfume leve da mulher, o seu riso alto e a presença carismática, Abigail deixou-se ficar no silêncio que Angela deixara. Com uma vazio cego a envolvê-la, só conseguia pensar numa coisa.

James! James estava sozinho, e em Londres, e com saudades dela! Angela garantira-lho!

O que estava preparada para fazer?

Desejava, de todo o coração, sair daquela casa, ir até à cidade e exigir o seu lugar ao lado dele. Angela Ford Stevens fazia tudo parecer muito fácil, contudo, na realidade, não era assim tão simples apagar um passado e avançar para um futuro sem garantias nenhumas. Todavia, a mulher mais velha acendera um rastilho que se transformava rapidamente numa torrente extraordinária de desejo por James. Em quaisquer termos. Sem condições.

Poderia ela, ou atrever-se-ia, a fazer uma loucura pela felicidade? Se se atirasse do precipício em direção ao grande desconhecido que se estendia à sua frente, e se James não se dignasse a apanhá-la, como ficaria quando atingisse o chão? Importaria isso?

Com o pulso a bater acelerado, a sua mente pensava freneticamente em todas as possibilidades. Deixou a sala e subiu as escadas que davam para os quartos.

22

James regressou a casa ao amanhecer. A sua longa noite de trabalho terminava quando o resto de Londres despertava e se preparava para enfrentar o dia. Atravessou a soleira e fechou a porta, no meio da procissão de carruagens e vendedores que iniciavam lentamente os seus negócios.

Por sua vontade, ninguém estava a pé para recebê-lo. Era a única pessoa acordada na grande casa e não via motivo para que Arthur, ou qualquer outro empregado, saltasse da cama para cumprimentá-lo, vê-lo pendurar o casaco e comer alguns ovos. Tratou da roupa de forma competente e permaneceu durante um momento na entrada silenciosa.

Devido à natureza dos seus empregos e interesses, a família sempre fora notívaga. Normalmente, àquela hora da manhã, ele e Michael chegavam juntos, animados com as balbúrdias do clube. Angela chegava ao mesmo tempo, depois de uma noite de representação e festas. Em inúmeras ocasiões, trazia amigos consigo, um grupo barulhento, conversador e interessante que tomava o pequeno-almoço na sala de jantar.

Mais frequentemente, tinham sido apenas os três. Exaustos do trabalho, mas incapazes de descansar, descontraíam-se a contar os acontecimentos, a comentar boatos, a trocar informações e a desfrutar da companhia uns dos outros.

Agora, havia apenas uma quietude terrível. Que ele odiava.

O tiquetaque oco do relógio ecoava nas paredes vazias e lembrava-o a toda a hora de que estava sozinho. Angela fugira com

Edward e partira com ele para Itália sem se despedir. Assim que regressassem a Londres – quando quer que isso fosse –, residiriam na casa dele, por isso, ela nunca mais voltaria. O espírito e a vitalidade com que ela preenchia a casa tinham desaparecido de vez.

Michael continuava com a sua birra e dizia-se que se envolvera com uma mulher, todavia, James não se arriscava a decifrar o significado do comentário. Ninguém sabia quando ele regressaria e James perguntou-se se não deveria ficar no clube a tempo inteiro, evitando assim aqueles depressivos regressos a casa.

Subiu as escadas devagar, com a mente e o corpo fatigados. Pensou em Charles e Caroline. Pelo menos, algo correra bem. Estavam a salvo na sua casa de campo e isso fazia com que ele se sentisse um pouco melhor. No entanto, por um breve momento, Abby assolou-lhe o pensamento, quando ele refletiu sobre o seu paradeiro e sobre o que estaria a fazer. Ficou logo afundado num grande sofrimento. Recusando-se a pensar nela, afastou-a da mente.

Não vale a pena ir por aí!

Parou ao cimo das escadas e escutou a quietude avassaladora que agora ocupava os espaços onde, no passado, se tinham ouvido tantos risos e conversas. Era estranho, mas parecia que era capaz de ouvir alguém cantar. Abanou a cabeça. O irmão e a mãe estavam ausentes apenas há algumas semanas e os fantasmas já começavam a pairar.

Contudo... ao atravessar o corredor, não pôde deixar de sentir que não estava sozinho, que estava ali alguém cuja presença alterava o ambiente. Quem seria, não fazia ideia. Com os sentidos completamente despertos, entrou no seu quarto.

Os cortinados estavam fechados, havia velas acesas, comida e vinho em cima de uma das mesas e a cama estava aberta. Um aroma a rosas flutuava desde a porta parcialmente aberta do quarto de vestir. Água gotejava dos dedos de alguém.

Por amor de Deus! Eram seis horas da manhã, ele estava cansado, desejoso de algumas horas de solidão e repouso e estava ali uma mulher desconhecida a tomar banho na sua banheira! Era certamente mais do que um homem podia suportar!

Que mulher se atrevia a violar a santidade do seu lar? Quem quer que fosse, era desavergonhada, atrevida e incrivelmente corajosa ou absolutamente estúpida. Tendo em conta o seu estado de irritação, só um louco se meteria com ele. A fúria e o aborrecimento lutavam entre si ante a noção de que ele tinha de se aborrecer para obrigá-la a sair.

Embora estivesse disposto a tolerar muitas coisas do sexo mais fraco, não estava habituado a que as mulheres entrassem no seu quarto e se metessem na sua banheira e na sua cama. Porém, ao passar a porta, o seu pénis agitou-se quando ele pensou na nudez que estava prestes a ver. Desde o dramático e último encontro com Abigail que não visitara o leito de nenhuma mulher. Não porque não tivesse oportunidade, mas porque nenhuma das interessadas lhe despertara a vontade.

Já tinham passado quase dois meses desde que desfrutara de uma libertação carnal e essa falta adicionara efeitos secundários à sua personalidade. Estava mal-humorado, fatigado, irado e pronto para atirar aquela intrusa para fora dali, contudo, antes de o fazer, tencionava usufruir cruelmente do que ela oferecia. Uma rapidinha erótica podia ser o segredo para lhe aliviar o stresse e para uma boa e tão necessária noite de sono.

No seu quarto de vestir, o cheiro a rosas era ainda mais forte. A mulher despira-se ali e as suas roupas estavam espalhadas por todo o lado. A banheira encontrava-se protegida por uma cortina decorada. Uma lamparina ardia e iluminava-lhe o perfil, oferecendo a James uma visão erótica e encantadora de uma mulher, quando se colocou de joelhos e se ergueu.

A água bateu nas paredes da banheira quando ela saiu. Inclinou-se para pegar numa toalha e ele ficou ainda mais excitado ao ver o

seu rabo exuberante e redondo. Começando pela cabeça, esfregou o corpo languidamente, passando a toalha pela garganta, peito, ventre liso, fenda, ancas, barrigas das pernas e dedos dos pés. Em seguida, enrolou-a ao corpo, depois de ele reparar que os seus seios eram perfeitos, erguidos e rijos e que os mamilos eram dois botões de rosa. Atando-a, o pano comprido passava-lhe os joelhos como se fosse o vestido de uma índia.

Ele susteve a respiração. Ansioso. Pronto.

Ela saiu de trás da cortina.

– Olá, James. – Abby sorriu. – Ainda não tinha percebido que já estavas em casa.

Ele não sabia ao certo quem esperar, mas não era, com certeza, Abigail Weston. Teria ficado menos surpreendido se a própria Virgem Maria tivesse passado por ali.

Porém, estava nua sob a toalha, com a pele húmida, escorregadia, bem cheirosa. Era a visão mais bonita que ele alguma vez vira e, como transparecia sempre que ela estava próxima, o seu corpo reagiu na máxima força. A ereção expandiu severamente e ele ficou tão afetado que teve de agarrar-se a uma cadeira de modo a permanecer de pé. Lutou para esconder a sua surpresa e o seu ardor.

Sentia-se furioso por ela ali estar, furioso por colocá-lo na posição de desejá-la com tanta voracidade e de ter de negá-la mais uma vez. Não sabia se tinha a força necessária para ser cruel de novo.

– O que estás a fazer aqui? – perguntou, zangado.

– Estou a tomar banho. – Declarou o óbvio como se o facto de ele a encontrar nos seus aposentos fosse a coisa mais natural do mundo. Como ele não se aproximara, ela tomou a iniciativa, encurtando a distância até ficarem bastante próximos. James foi assaltado por uma miríade de cheiros femininos, de perfume, sexo e vapor.

Abigail passou a língua pelo lábio inferior, captando-lhe tão fortemente a atenção que ele não foi capaz de desviar o olhar.

– A água ainda está quente. Queres tomar banho? Eu podia lavar-te.

A voz rouca, aquela que soava mais indecente do que qualquer prostituta cara que ele tivera, fluiu sobre o corpo dele como se ela o estivesse a lamber com palavras. Conseguiu imaginar-se a tirar a roupa, a deslizar para a água quente e a deixá-la massajá-lo. Com esse pensamento, os seus testículos contraíram-se e pediram misericórdia.

– Não te quero na minha casa – acabou ele por dizer.

– A sério? Parece-me que tens sentido a minha falta.

Ela pousou a mão na parte da frente das calças dele, onde o pénis inchara até um comprimento normal e as ancas traiçoeiras fletiram, por vontade própria, com o toque. Ela fechou a palma na ponta sensível antes de ele conseguir afastá-la.

– Não te envaideças – disse ele, maldoso. – Percebi que estava uma mulher nua na banheira. Estava pronto para foder quem quer que estivesse por detrás da cortina.

– Tenho a certeza que sim. – Ela eliminou o vazio que ainda os separava e a sua toalha roçou na roupa dele. – Não tenho sorte por ser eu essa mulher?

– Estou à espera da minha amante – disse ele, soltando-se e recuando.

– Não tens amante nenhuma – respondeu ela, recusando-se a valorizar os protestos dele. – O Arthur disse-me que há semanas que não dormes com uma mulher. Fiquei muito contente por saber – afastou a gloriosa madeixa de cabelo do ombro – que tiveste finalmente o bom senso de mandar a Ritter às urtigas. Nunca gostei que estivesses com ela e tenho a certeza de que foi ela quem causou esta confusão toda. – Com um ar muito inocente, perguntou. – Secas-me as costas?

Abigail virou-se e deixou cair a toalha.

Ele olhou para ela, para os altos e baixos da sua coluna, para as duas covinhas no fundo das costas, a fenda do rabo e o traseiro

macio. Os dedos dele formigaram e as narinas dilataram-se, no entanto, não fez qualquer tentativa de lhe ceder.

– Não me parece – acabou ele por dizer.

– Não importa. – Ela encolheu os ombros e afastou-se, dirigindo-se para o quarto.

Chocado, não a seguiu, demorando-se ao pé da banheira durante alguns minutos enquanto pensava no que fazer. Não a queria nos seus aposentos privados! Não suportava vê-la tocar nas suas coisas e andar de um lado para o outro no seu ambiente!

O que queria ela? Seduzi-lo, claro, mas para quê? O que esperava conseguir?

Refletiu nas inúmeras possibilidades, mas não conseguiu pensar em nenhuma razão válida para a sua presença ali. À medida que procurava explicações, reparou, de forma gradual, que muitos dos seus pertences tinham sido remexidos. Num dos roupeiros, o seu material da barba fora empurrado para trás e tinha agora por companhia algumas escovas trabalhadas e pincéis. Num outro, a caixa com os seus botões de punho fora colocada de lado para dar lugar a um guarda-joias. Uma das gavetas estava cheia de meias, ligas e outros acessórios femininos. Dirigiu-se para outro roupeiro, espreitou lá para dentro, e viu que as suas camisas estavam postas ao lado de alguns vestidos.

– Mas que raio...? – Olhou em volta, sem se importar com os artigos femininos. Pronto para a batalha, foi para o quarto.

Um fogo acolhedor ardia na lareira, com um sofá em frente, onde ela se encontrava confortavelmente reclinada. Estava deitada contra as almofadas, com a coleção das imagens de Pierre no colo, folheando-a como se tivesse todo o tempo do mundo para que ele se juntasse a ela.

Enquanto ele se demorara e irritara no quarto de vestir, ela calçara meias pretas, chinelinhos de salto alto e vestira um roupão preto transparente. No entanto, não atara o cinto, pelo que as lapelas se encontravam abertas e os seios e a barriga expostos para bel-

prazer de James. Se ele não estava enganado, também rapara os pelos das partes privadas! Com um joelho em cima do outro, o pé delicado a balançar para trás e para a frente e o sapato a dançar, a sua vagina completamente rapada olhava para ele por entre as suas coxas.

Tentado e encantado por deleites secretos, avançou para ela, mas deteve-se quando percebeu que estava a ser atraído como um peixe em direção ao isco. Parou, imediatamente.

– Porque vieste? – exigiu saber ele.

Ela desviou o olhar do desenho que estava a ver e olhou para ele com os lindos olhos verdes. James já se esquecera de como eram bonitos, cativantes e de como podiam realmente ver as suas emoções ocultas. Talvez não se quisesse lembrar. Cobarde, desviou o olhar concentrando-se na sua boca voluptuosa. Outro erro.

– Fui expulsa de casa do meu irmão. Não tenho mais nenhum sítio para onde ir.

– O que te fez pensar que não havia problema em vires aqui?

– Bem... foste *tu* que me arruinaste – disse ela, como se explicasse a sua condição de pária. – Decidi que era mais do que justo dares-me abrigo. Afinal de contas, não queres que o Jerald me atire para debaixo da ponte, pois não? Ficaria sozinha, sem ninguém para tomar conta de mim.

– Não és bem-vinda aqui! – sibilou ele.

– Por acaso, até sou. A tua mãe convidou-me. Insistiu para que ficasse o tempo que quisesse. – Voltou para o portefólio de imagens eróticas.

– A minha mãe? – A maldita da mãe metera outra vez o nariz na sua vida privada? Mas porque é que aquele assunto a perturbava tanto? – A Angela não mora aqui. Para além disso, esta casa é minha. Ela não tem nada a dizer sobre os meus convidados.

– Queres que me vá embora? – Aborrecida, tinha aparentemente vontade de ir, no seu fato pouco apropriado. O que lhe acontecera?

No que ele pensou ser um gesto estudado, a perna dela caiu para o lado, expondo-lhe o centro. Tinha razão. Estava rapada! Quando avançou para ela, Abigail não teve o bom senso de se proteger do olhar furioso.

– O que fizeste a ti própria? – perguntou ele, zangado.

– O que queres dizer com isso?

Piedade, dali a nada estaria a pestanejar com ar coquete!

– Rapaste-te!

– Contratei uma nova criada. É francesa. Também me depilou as pernas e as axilas. – Olhando-o nos olhos e recusando-se a ceder, colocou sedutoramente a mão num dos seios, passou-a pelo mamilo e tirou o roupão de cima do ombro. – É muito estranho estar tão macia. Mas gosto. – Levantou as sobrancelhas de forma sugestiva, tentando fazer com que ele desse a sua opinião.

– Pareces uma prostituta – disse ele, cruel, mentindo, achando-a muito sensual e perigosa e desejando magoá-la por isso.

– É tudo para ti, querido. Outras amantes tuas disseram-me que gostas que as tuas mulheres sejam um pouco atrevidas. – Pestanejou e olhou para as imagens. Ele não foi capaz de não seguir o seu olhar.

Lily estava de joelhos a agarrar a cama. Ele encontrava-se atrás dela, completamente inserido. As suas expressões faciais eram tensas, à espera da libertação.

– Sabes, James – comentou Abby –, nunca acabámos de ver as imagens juntos. Vês esta? – Mostrou-lha. – Nunca me tomaste desta maneira e eu...

Ele arrancou-lhe as imagens das mãos e atirou-as para o outro lado do sofá. Depois, agarrou-a por debaixo dos braços e abanou-a… com força.

– Porque te estás a comportar assim tão estupidamente? O que queres?

– Já te disse: não tenho sítio para onde ir. Eu...

– Para! – ordenou ele, abanando-a novamente, com os polegares enterrados na carne macia que lhe rodeava o pescoço. – Para! Não suporto ver-te agir assim! Ou ouvir-te falar assim! Ou ver-te ofereceres-te como se fosses uma... uma qualquer!

– Eu até gosto do meu novo «eu» – comentou ela, casualmente. – Acho que estou muito mais interessante. Tu não?

Abigail agarrou nos pulsos dele e guiou-os até ao seu peito. Por um instante, ele ficou lá com as mãos, cobrindo os montes suaves e sentindo os mamilos a tocarem-lhe nas palmas. Depois, saltou para trás como se se tivesse queimado.

Afastou-se, passando as mãos pelas calças, desesperado para eliminar a sensação que ainda tinha da pele dela. Sentindo-se ridículo, percebeu que tinha de se acalmar, por isso, dirigiu-se à mesa e serviu-se de um copo de vinho, apertando os dedos à volta do cálice. Bebendo avidamente, aproveitou a oportunidade para decidir a sua próxima declaração, contudo, não lhe ocorria nada de adequado.

– Não podes ficar – acabou por murmurar.

– Não pertenço a mais lugar nenhum.

– As pessoas vão descobrir que estás aqui.

– É isso que espero – disse ela. – Pedi ao Arthur para avisar o resto do pessoal que me mudei...

– O quê? – grunhiu ele, confuso com a loucura dela. Teria enlouquecido?

– Neste momento, a notícia já se deve estar a espalhar.

– Mas toda a gente vai pensar que és minha amante!

– Sim, imagino que sim. – Ela sorriu e mexeu-se como um gato preguiçoso. – A não ser que estejas preparado para fazer de mim uma mulher honrada.

A afirmação fez com que o coração de James batesse com força e com que o sangue lhe rugisse nos seus ouvidos. Subitamente de joelhos fracos, desejou ter uma cadeira próxima para se poder apoiar.

– *Nunca* me casarei contigo.

– Então, serei tua amante. – Encolheu novamente os ombros, como se ser casada ou não não tivesse qualquer importância. – E devo acrescentar que, pela maneira como o Arthur disse que tens andado rabugento, estás a precisar de uma!

– Ai sim?

– Sim. Estou disponível. – Baixando-se, apanhou as imagens do chão e recomeçou a folheá-las. – Não percebo porque estamos a discutir – comentou ela –, quando poderíamos estar a fazer amor. Temos os nossos problemas, mas eles perdem valor quando estamos juntos na cama.

– Não existe nenhum *nós*.

– Se insistes... – Ela avançou para a última ilustração, suspirando profundamente como se tivesse acabado de ler o final feliz de um romance. Na imagem, James estava reclinado na cama, acariciando Lily numa óbvia serenidade pós-coito. – Nunca tinha ido até ao fim – reparou ela. – Vocês parecem tão satisfeitos, só os dois, deitados. A forma como estás tão em *sintonia* com ela é... é...

– A Lily era uma grande queca – concordou ele, querendo magoá-la. – Mas sempre gostei mais das mamas. Eram extremamente sensíveis e, às vezes, chupava-as durante horas.

Ela voltou a suspirar, ignorando o que ele dissera. Depois de observar longamente a última imagem, o seu olhar encontrou lentamente o dele.

– Sinto falta desta proximidade – admitiu ela, baixinho, passando a mão pela folha como se, por magia, pudesse passar para a ilustração e *tornar-se* Lily. – Quando estive fora... do mais que senti falta foi de te ter agarrado a mim desta forma.

O coração de James voltou a bater com mais força perante a confissão dela. Ficou com milhares de palavras na ponta da língua. Palavras bondosas. Palavras cruéis. Palavras carinhosas. Todavia, não articulou nenhuma delas. Queria que ela se fosse embora!

– Vou tomar banho – disse ele – e depois vou para a cama. – Encaminhou-se para a casa de banho, onde a água do banho dela ainda estaria quente.

– Também estou cansada. – Bocejou de forma pouco elegante. – Não estou habituada a ficar acordada até tão tarde, mas acho que vou ter de alterar o meu horário se te quiser dar as boas-vindas sempre que chegares a casa.

A mulher estava completamente louca. Não havia outra explicação.

– Por favor, não estejas aqui quando acabar. O quarto da minha mãe é na porta ao lado e também há um quarto de hóspedes ao fundo do corredor. Vou dormir algumas horas, depois, quando acordar, arranjo-te instalações adequadas.

Forçou-se a ir para o quarto de vestir, fechou a porta e ficou aliviado pela forma como lidara com ela. Não mostrara qualquer emoção, exceto raiva, e praticara suficientemente o controlo do seu corpo para ignorar a sedução dela. Não havia dúvida de que Abigail compreendera a mensagem e que iria embora em breve.

Decidido, despiu-se, à escuta de sons no quarto. No entanto, não ouviu nada. Nu, entrou na banheira e esfregou rapidamente o corpo. Gostaria de ter tomado um banho mais demorado, mas, como estava muito perturbado, teria sido impossível relaxar.

Saiu, pisou o tapete e, quando alcançou a toalha, reparou que uma mão lhe pegara primeiro.

– Deixa-me ser eu a fazê-lo – ofereceu-se ela. Virado de costas, contraiu-se quando ela se inclinou e o abraçou, ficando com as mãos um pouco acima da sua ereção. Sem hesitar, nem pedir permissão, ela acariciou-o com uma mão e pegou-lhe nos testículos com a outra. Tirara o roupão e encostara o peito nu às costas dele. Foi nessa altura que James aceitou que ela vencera.

Desde que não o tocasse intimamente, ele era capaz de mantê-la afastada, contudo, não podia simplesmente resistir ao desejo avassalador quando ela se encontrava tão próxima e a manipulá-lo daquela forma.

– Abby... por favor, não... – suspirou ele, por entre dentes cerrados. Foi uma fraca tentativa de detê-la. Não teria feito diferença se nem tivesse falado.

James amaldiçoou a sua fraqueza no silêncio enquanto ela o estimulava meticulosamente até as suas ancas fletirem, os músculos contraírem e o pénis começar a pingar. Abigail contornou-o e ajoelhou-se, acariciando-lhe os testículos e lambendo o caminho da base até à ponta, até inseri-lo completamente na boca. O impulso de prazer foi tão grande que James temeu vir-se logo. Por isso, afastou-se depois de uma só penetração.

– Não me mandes embora – disse ela –, porque não obedecerei. E não me peças para deixar de te amar, pois também não o farei.

Ele olhou para ela, nua e de joelhos diante de si. Os seus expressivos olhos cor de esmeralda estavam muito abertos, pelo que James podia ver claramente a emoção neles. Era tão tola: confiar nele, desejá-lo, adorá-lo.

Como a odiava naquele momento! Por vir a sua casa e forçá-lo a lembrar-se de quanto gostava dela. Por lhe avivar a memória de que tinha sentido falta dela no período em que haviam estado separados. Mas, mais importante que isso, odiava-a por ela lhe fazer ponderar se seria capaz de amá-la, de a ter.

Uma onde de raiva e frustração assolou-o. Precisava de explodir, de mandá-la embora. Com o seu corpo forte e sólido. Com as suas palavras dolorosas e severas. Que jogo era aquele em que ela o tratava tão cruelmente? Ela sabia *quem* ele era, e o *que* era, no entanto, estava ali, a exigir que ele lhe desse uma parte de si que não existia, à espera que fingisse ser um homem diferente do que era na realidade.

Agarrando-a pelo antebraço, levantou-a, girou-a e dobrou-a sobre a banheira. Ela apoiou-se à borda, ele afastou-lhe as pernas e posicionou-se entre elas. Passou a mão pelo flanco dela, pelas nádegas e inseriu-a na fenda. Rapada, a vagina dela encontrava-se suave e macia e ele estimulou-a até ficar molhada. Depois, enfiou

dois dedos lá dentro. Os músculos interiores dela rodearam-no. Ele podia sentir o aperto, o calor.

O seu pénis empinou-se e suplicou por entrar, com a ponta preparada para seguir. Com um pequeno empurrão, poderia enterrar-se no ventre dela. Mais alguns impulsos e atingiria o clímax, a sua semente a espalhar-se nela e, quem sabia, a fazer um bebé.

Os pensamentos poderosos passaram-lhe pela mente, ele gemeu e afastou-a. Apesar de Abigail se ter desequilibrado, e quase caído, ele não a ajudou a levantar-se.

No meio da pior agonia da sua vida, voltou-se para o quarto como um cego e cambaleou para a cama, apoiando-se ao poste. Com a pulsação acelerada, o corpo a ferver e a paixão a atingir níveis críticos, fechou os olhos e esforçou-se para estabilizar a respiração. Todavia, não tinha o ânimo para recuperar o controlo. O seu desejo por ela era tão grande que acreditava piamente ser capaz de parti-la em duas se ela não desistisse.

Ouviu-a aproximar-se, mas não se virou para ela.

– Vai-te embora, Abby – ordenou. – Estou a avisar-te. Para teu próprio bem. Deixa-me em paz!

– Não – respondeu ela, serena e a desafiar o perigo, sem compreender obviamente a situação em que se colocava. – Não me vou embora. Independentemente do que digas ou do que faças, vou ficar aqui.

– O que queres de mim? – gemeu ele, angustiado, movendo-se para olhá-la.

– Apenas isto. – Apontou para o espaço entre eles. – Nós os dois. Aqui, juntos. Sejam quais forem as circunstâncias. – Aproximou-se. – Gostava que tivéssemos a oportunidade de constituir uma família, por isso ficaria muito contente por casar contigo, se mo pedires. Se não puderes, ficarei aqui na mesma. Serei a tua amante. Durante uma semana, um mês, um ano. Ficarei até este inferno passar, depois, vou-me embora. Mas só nessa altura.

– Não quero constituir uma família contigo. – Ele tentou dizê-lo com firmeza, mas a hesitação na sua voz declarava a sua negação. – Não posso ser o homem que idealizas!

– Não estou a *idealizar* nada, James. És o melhor homem que conheço!

– Não sou! – gritou, veemente, contudo, a perturbada mulher deu outro passo em frente. Depois, outro, até ficar suficientemente próxima para pousar as mãos no peito dele e passar-lhe os dedos pelo cabelo grosso.

– Eu não te amo – mentiu ele, fervorosamente.

– Não precisas de me amar – respondeu ela, calma. – O meu amor chega para os dois. – Abraçou-o, juntando a sua nudez à dele. – Não me mandes embora outra vez. Posso suportar tudo, menos isso.

Os seus seios espalmaram-se contra o peito dele. O pénis de James começou a escalar a barriga de Abigail. O seu calor e o aroma suave da sua pele envolveram-no. Com um movimento, pegou nela e deitou-a na cama, dirigindo-se para o topo. Abriu-lhe as pernas com força, determinado a tê-la, sem pensar em voltar a resistir-lhe.

Sem mais demoras, mergulhou completamente. Ela gemeu e arqueou-se na cama, com o corpo impreparado para receber a pujança e a grandeza de James, contudo, ele não seria negado, pelo que a segurou enquanto se impulsionava vezes sem conta dentro dela, abrindo caminho e debatendo-se como um homem louco. Não fez nada para aliviar a invasão, só pensava que se fosse capaz de sondar fundo o suficiente, descer o mais possível, poderia acabar por conseguir livrar-se daquela urgência mortífera e encontrar alguma paz.

Durante o processo, Abigail gemeu, tranquila, e murmurou palavras carinhosas. Acarinhando-o, aceitando-o. Amando-o. No seu modo sereno e paciente, recebeu tudo o que ele tão brutalmente lhe dava, deixando-o preenchê-la até ao limite com a

sua solidão e desespero até ele se libertar de todas as suas frustrações.

Com um movimento ardente, ele derramou-se e permitiu intencionalmente que a sua semente se espalhasse no ventre dela, como se um lado seu animalesco desejasse plantar um bebé. Gritou o nome de Abigail, esmagando-a com a força do seu abraço, sem se importar.

– Não te amo... – insistiu ele. – A sério! – Enterrou a face na nuca dela à medida que lágrimas escaldantes lhe enchiam os olhos.

– Não faz mal, James – respondeu ela, gentilmente, passando-lhe as preciosas mãos pelas costas. – Está tudo bem, agora.

– Não, não está... – Esforçou-se para relaxar o corpo e o aperto, mas sentia-se como se ela fosse a última tábua de salvação que o ligava ao mundo, por isso, não se atrevia a soltá-la, com medo de ficar à deriva. – Não me faças amar-te. Vais arrepender-te.

– Não, nunca. Nunca me arrependerei. – Pousou a mão na face dele. – Nem tu.

Queria acreditar nela, mas não conseguia. Tê-la na sua vida, ter a certeza de que seria sempre sua, era uma alegria grande de mais para ser verdade. E se ela se fosse embora? E se ele lhe desse o seu coração e ela o despedaçasse? Como conseguiria ultrapassar a perda? O medo intenso e corrosivo, instalado pelo pai quando ele era criança, assustava-o muito para que pudesse aceitar o que ela oferecia.

Só conhecia uma maneira de tê-la, uma maneira segura.

Baixando-se, encontrou o mamilo dela, acariciando-o e envolvendo-o como um filho faz com a mãe. Aconchegado ali, chupou durante um longo período de tempo, deixando que o aroma e o sabor dela o consolassem. No entanto, ao dirigir-se para o outro, já não tinha vontade de consolo. Nem ela.

Ainda lá dentro, o seu pénis aumentou num abrir e fechar de olhos. Pronto para ela. Para aquilo.

Queria vê-la contorcer-se e gemer, gritar em êxtase. Ele percebia de satisfação física. Não tinha qualquer problema em partilhar prazer carnal. Por isso, traçou um caminho na barriga dela até ao seu centro de mulher e enterrou a língua no seu recanto maleável e húmido. O almíscar e o sal do sexo dela excitaram-no, atraíram-no, fazendo com que ele desejasse coisas que nunca poderiam acontecer.

Precisando que a pele dela estivesse junto da sua, desapertou-lhe as ligas e tirou-lhe as meias. Saboreou-lhe as canelas, os joelhos, as coxas. Encontrou-lhe novamente o centro, lambeu-o e tocou-o, fazendo com que ela se agitasse no meio da sua boca. Venerando-a com os lábios e as mãos, ele viajou pelo seu abdómen, demorando-se nos seios. Depois, prosseguiu.

Finalmente, beijou-a. A sua doçura e perfeição assolaram-no. Quando se voltou a concentrar, baixou-se para se colocar lá dentro, no entanto, ela tinha lá a mão, pronta para ser a sua guia estável e constante.

Entrou nela, diligente e cuidadoso, e as ancas de ambos encontraram de imediato um ritmo concordante. Os olhos verdes de Abigail fixaram os dele e James recebeu uma infusão tão grande de devoção descontrolada que o seu coração bateu com mais força. Ela começou a atingir o orgasmo enquanto sussurrava o nome dele e ele não teve outro remédio senão vir-se com ela, deslizando para aquele reino para além do espaço e do tempo, demorando-se e afastando-se. Os dois juntos.

Quando a realidade voltou, ela estava a chorar e o coração de James contraiu-se ao ver as suas lágrimas.

– O que foi, amor? – Calmo, o afeto ocupou o lugar da sua fúria.

– Sinto-me tão feliz por estar aqui contigo – murmurou ela com a voz embargada. – Talvez tenhamos acabado de fazer um bebé. Não aconteceu da última vez e a sua perda deixou-me muito triste...

– Oh, Abby...

Ela interrompeu-o.

– Não digas que pensas que seria errado.

Ele não imaginava uma bênção maior.

– Não – respondeu, abanando a cabeça e olhando para ela, com o seu amor visível –, não seria errado.

Perante a declaração, a certeza de Abigail aumentou.

– Não suporto ver-te tão tenso como tens estado. Promete que não voltas a mandar-me embora.

– Prometo. – James suspirou, desistindo, perdendo a batalha. Perdendo a guerra. – Quem é vivo, sempre aparece – disse ele, sorrindo. – Não me consigo livrar de ti.

– É porque aqui é o meu lugar. Contigo.

– Sim, amor, parece que sim. – Ele mudou de posição para que ela se pudesse esticar e moldar o corpo ao dele. Encaixaram como duas partes de um todo e, quando ela colocou a mão por cima do coração dele, a sua batida abrandou e estabilizou. Ele sentiu que a última peça de um quebra-cabeças acabava de ser colocada no sítio.

Aquele sentimento de finalização era o que sempre quisera. Amor. Uma família. Uma mulher e filhos de quem cuidar. Todavia, nunca se atrevera a imaginar um futuro melhor, crendo que as suas fantasias seriam impossíveis de realizar.

– Tens a certeza? – arriscou ele, entrelaçando os seus dedos nos dela.

– Como podes perguntar?

– Sabes mesmo o que estás a deixar para trás?

– O que estou a deixar para trás? – perguntou ela. – Uns poucos conhecidos que nunca se tornaram meus amigos? Um irmão que se recusa a aceitar que te amo? – Lançou-os todos para uma pilha que estava rapidamente a transformar-se no seu passado. – Na minha opinião, não é uma grande perda.

– Mas a tua família...

– Vamos construir a nossa.

– Nunca te deixarei – prometeu ele, veemente. – Se me disseres *sim*, é para sempre.

– Isso é um pedido de casamento, Mister Stevens? – Ela ergueu-se e cobriu-o com o corpo, pousando os punhos no peito dele. – Porque se não é, terás de fazer melhor do que isso. Terás de te casar comigo.

Nada o deixaria mais feliz. Nada o deixaria mais orgulhoso, contudo, as feridas antigas eram difíceis de curar.

– Diz que será para sempre – pediu ele.

– Diz que me amas – replicou Abigail. Quando ele hesitou, ela riu. – Não é assim tão difícil. O mundo não acaba se o disseres.

– Eu sei, mas depois de tantos anos é difícil mudar as minhas convicções de um dia para o outro. Não acreditei que o verdadeiro amor existisse.

– Compreendo que penses assim, James. É por isso que o teu lugar é ao meu lado.

O último tijolo da sua parede invisível partiu-se. Era impossível mantê-la de pé com Abigail por perto.

– Amo-te, Abby.

– Eu sei que sim. Sempre me amaste e eu amo-te também.

– Então... é para sempre? – Ele parecia expectante como uma criança.

– Sim, James. É para sempre.

– Aceitas-me, Abigail?

– Até ao fim dos meus dias... e para além disso. – Beijou-o, ternamente.

Suspirando de contentamento, James aconchegou-se nela e a respiração quente de Abigail atravessou-o. Deitou-se nas almofadas e uma onda de exaustão apoderou-se de si. Com a tensão aliviada, o peso do mundo que transportara aos ombros desapareceu. Ficou inesperadamente sonolento. Não conseguiu reprimir um bocejo.

Abby ergueu-se e sentou-se no colo dele.

– Estás muito cansado, não estás?

– Bem, pedir alguém em casamento rouba-nos alguma energia...

– Bolas – murmurou ela, rindo-se. – Quero que comas um pouco e que descanses, vais ter um longo dia pela frente.

– A fazer o quê?

– Primeiro, temos de ir ver as montras de Bond Street, depois, vamos dar um passeio de coche no parque. Num coche aberto.

– Mas assim todos nos vão ver juntos!

– É esse o meu plano – disse ela, movendo as sobrancelhas marotas. – Quero que todos comecem a dar à língua. Quando anoitecer, seremos o tema de conversa da cidade.

– Que Deus me ajude – queixou-se ele –, mas começas a parecer-te muito com a minha mãe.

– Que elogio tão bom – alegrou-se ela. – A donzela tímida que eu era quando nos conhecemos desapareceu completamente. – De súbito nervosa, mordeu o lábio inferior. – Não ficas triste por ela ter desaparecido, pois não?

James olhou para ela, para o seu belo rosto e corpo nu e atraente, que conhecia tão bem. Abigail sorria de forma travessa, com ar confiante e ele percebeu que ela lhe iria dar bastante trabalho.

Como tivera tanta sorte?

– Não – exclamou, contente –, não fico triste.

Abraçou-a com força, acariciando-a e amando-a. Pela primeira vez na vida, cheio de esperança e de sonhos.

Índice

CAPA
Ficha Técnica
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22